



ILÍADA:
A GUERRA DE TROIA
menelaos stephanides



traduzido por Luiz Alberto Machado Cabral

MITOLOGIA HELÊNICA

Ilíada: a guerra de Troia

Recontada por Menelaos Stephanides

Tradução e notas Luiz Alberto Machado Cabral

Quarta Edição

Primeira Edição Digital 2016



Ilíada: A Guerra de Troia

Título Original: ΙΛΙΑΔΑ: ΤΡΩΙΚΟΣ ΠΟΛΕΜΟΣ

Autor: Menelaos Stephanides

Editor: Stylianos Tsirakis

Tradução e notas: Luiz Alberto Machado Cabral

Preparação de texto: Cely Arena

Revisão: Pedro Ulsen

Projeto gráfico: Isabella Lotufo

conversão Digital: Tiago Cirilo

Ilustrações internas: Iannis Stephanides

Todos os direitos desta edição reservados à:

© 2000 Odysseus Editora Ltda.

Odysseus Editora Ltda.

Rua dos Macunis, 495 - CEP 05444-001

Tel./fax: (011) 3816-0835

e-mail: contato@odysseus.com.br

www.odysseus.com.br

ISBN: 978-85-7876-055-7

Quarta Edição

Primeira Edição Digital: 2016

A GUERRA DE TROIA

Uma década de guerra por causa de uma mulher é algo impossível de acontecer. Assim dizemos hoje em dia. No entanto, eis como os homens daqueles tempos antigos falavam e cantavam a respeito da Guerra de Troia, ocasionada pelo rapto da bela Helena – e nisso acreditavam. Talvez tivessem razão. Difícil é compreender seus pensamentos: outros tempos, outros costumes. Tempos míticos, tempos heroicos e fabulosos. Tempos inesquecíveis.

Sumário

A guerra de Troia

ANTES DA GUERRA

Aqueus e Troianos

Antiga História de Troia

A fundação de Troia

O nascimento de Páris

O pomo da discórdia

A escolha de Páris

A partida para Esparta

A bela Helena

O rapto da bela Helena

Odisseu

Aquiles

Os Atridas

Os dois Ájax

Heitor

Eneias

Cassandra

A primeira expedição fracassa

O SACRIFÍCIO DE IFIGÊNIA

Ártemis ultrajada

O casamento de Ifigênia

A descoberta da verdade

Aquiles resiste

Ifigênia é oferecida em sacrifício

NOVE ANOS DE GUERRA

A partida e a escala em Delos

Um grave acidente

Comitiva a Príamo

Protesilau é o primeiro a morrer

O primeiro combate

Muralhas intransponíveis protegem Troia

Expedições contra cidades vizinhas

Criseide e Briseide

A guerra prolonga-se

Palamedes

Trama indecente

A ILÍADA DE HOMERO

A querela entre Aquiles e Agamémnon

Aquiles extravaza a sua cólera

Zeus decide ajudar os troianos

As verdades de Tersites

Prontos para a batalha

[Menelau e Páris duelam](#)
[Os troianos violam o juramento](#)
[Diomedes triunfa](#)
[Heitor e Andrômaca](#)
[Heitor propõe um duelo](#)
[Zeus confirma sua decisão](#)
[Heitor persegue os Aqueus](#)
[Odisseu combate bravamente](#)
[O combate na muralha dos Aqueus](#)
[Zeus dá novas ordens](#)
[O terrível combate nos navios](#)
[A morte de Pátroclo](#)
[O combate pelo corpo de Pátroclo](#)
[Tétis promete novas armas a Aquiles](#)
[Aquiles reconcilia-se com Agamémnon](#)
[Aquiles ingressa no combate](#)
[Possêidon salva Enéias](#)
[Heitor fica sozinho fora das muralhas](#)
[A morte de Heitor](#)
[Aquiles pranteia Pátroclo. Os troianos pranteiam Heitor](#)
[Os funerais de Pátroclo](#)
[Príamo suplica a Aquiles](#)

OS ÚLTIMOS DIAS DE TROIA

[As Amazonas](#)
[Aquiles e Mémnon](#)
[A morte de Aquiles](#)
[O lamento pela morte de Aquiles](#)
[Odisseu ouve as profecias](#)
[Odisseu entra secretamente em Troia](#)
[O cavalo de madeira](#)
[A difícil decisão dos troianos](#)
[A horrível morte de Laocoonte](#)
[A grande destruição](#)
[Menelau diante de Helena](#)
[Eneias chega a Itália](#)

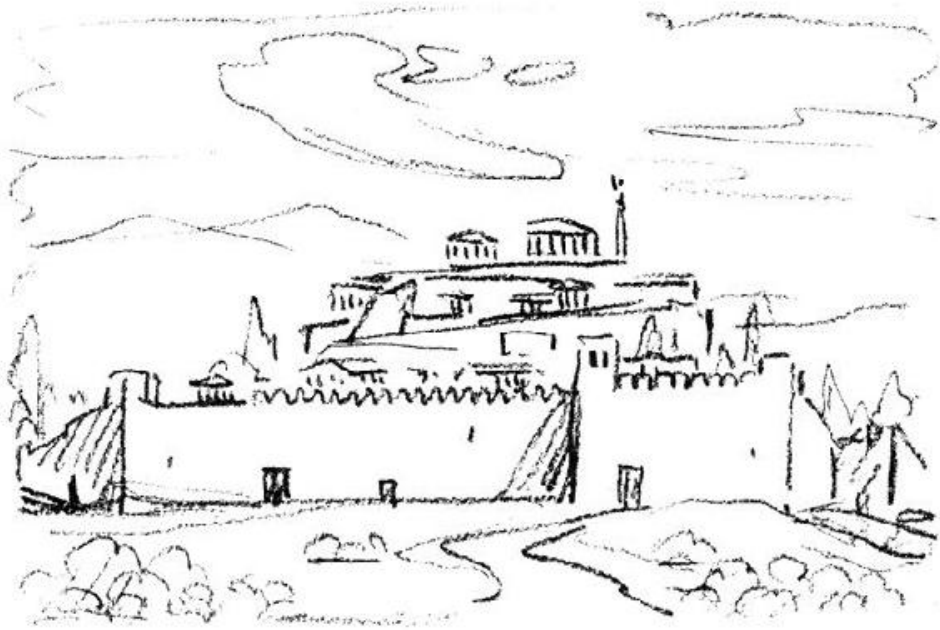
[O poeta da Ilíada e da Odisseia \(por Menelaos Stephanides\)](#)

[Os poemas homéricos \(por Luiz Alberto Machado Cabral\)](#)

[A versão de Stephanides \(por Luiz Alberto Machado Cabral\)](#)

[Sobre o autor](#)

[Coleção Mitologia Helênica](#)



ANTES DA GUERRA

Naquela época antiga e mítica, quando a célebre raça dos heróis ainda vivia na Terra, erguia-se, na margem oriental do mar Egeu, uma cidade governada pelo rei Príamo, a renomada Troia. A cidade, entretanto, estava predestinada a conhecer a maior e mais terrível guerra provocada pelas discórdias dos deuses e dos homens, pois, ao redor de suas muralhas, perderam a vida incontáveis heróis de ambos os lados, aqueus e troianos, até que a poderosa Troia fosse reduzida a cinzas e seus valorosos defensores morressem. E qual foi a causa dessa grande tragédia? A beleza da mulher do rei de Esparta! E, diga-se, que beleza! Pois quem, ao ver a bela Helena, não repetiria as palavras pronunciadas pelos anciãos do conselho de Troia, quando a viram surgir no alto da torre das Portas Ceias?(1) “Têm razão os troianos e os aqueus em por tal mulher suportarem tanto tempo tão grande guerra!”

Aqueus e troianos

Mas quem eram os aqueus e os troianos?

Os aqueus eram todos aqueles que viviam na Hélade(2), os quais atualmente são chamados de gregos ou helenos. Mas naquele tempo eles não eram conhecidos por esses nomes. Os únicos que Homero, o grande poeta da guerra de Troia, denominava “helenos” eram Aquiles e os mirmidões. Todos os outros que lutavam ao lado deles eram chamados “aqueus”, algumas vezes “argivos” ou “dânaos”, mas nunca “helenos”.

E os troianos? O mais provável é que também fossem gregos, como os aqueus. É o que contam a mitologia e os estudos atuais. De fato, Troia era a amada cidade do maior deus de todos os gregos, o todo-poderoso Zeus. Suas muralhas foram construídas por dois dos mais autênticos deuses gregos, Apolo e Possêidon. Quanto ao Paládio, a sagrada estátua que protegia a cidade, fora presente da própria deusa Atena. Além disso, os troianos não só adoravam os deuses do Olimpo, mas também falavam a mesma língua que os outros gregos e com eles mantinham estreitos vínculos. O que era bastante natural, pois Troia situava-se no Heles-ponto e no berço da civilização da Grécia, a bacia do mar Egeu. Nessa guerra, os troianos tiveram numerosos aliados: desde povos vizinhos e aparentados até povos asiáticos, que

falavam outras línguas e por esse motivo foram denominados “bárbaros”.(3) Assim, prevaleceram estes significados: quando nos referimos aos aqueus, dânaos ou argivos, queremos dizer “gregos”; quando nos referimos aos dardânios e teucros, queremos dizer “troianos”.

Vale a pena examinarmos o que nos diz a mitologia grega a respeito da história de Troia.

Antiga história de Troia

Por mais curioso que seja, a história de Troia começa em Creta. Certa vez, numa época muito distante, essa grande ilha foi devastada por uma seca terrível. Foram dois anos sem chuva, e as pessoas começavam a morrer de fome. Grande parte dos cretenses embarcou nos navios, decidida a procurar uma nova pátria. Liderados por Escamandro,(4) filho de Oceano, chegaram à entrada do Helesponto, onde ficaram deslumbrados com a beleza e a luxuriante vegetação da margem asiática.

– Eis o local que se tornará nossa nova pátria – disse Escamandro. Aqui construiremos nossos lares e altares em honra a nossos deuses. Vamos atracar para oferecermos um sacrifício a Zeus Salvador em terra firme e depois começaremos a trabalhar.

Um terço dos cretenses fixou-se naquela nova terra. Escamandro, que foi o primeiro rei a governá-los, permaneceu para sempre em seus corações, não só por tê-los salvado, mas também porque, quando morreu, por ser filho de Oceano, tornou-se um deus-rio, que irrigava com água em abundância a terra de sua nova pátria, para que o povo não voltasse a conhecer a seca e a fome. Desde então, esse novo deus-rio teve dois nomes: para os deuses, Xanto; para seu povo, permaneceu Escamandro.

Os troianos eram, portanto, cretenses. Assim afirma o mito ao qual nos referimos. Certamente, os nomes cretenses que sobreviveram nessa região, como o do rio Escamandro, o do monte Ida e muitos outros, constituem um testemunho de que esse mito revela uma boa parcela de verdade. Além disso, o que poderia ser mais natural para Creta, naquela época uma potência naval, do que colonizar essa região localizada no estreito que conduz à Propôntida e ao Ponto Euxino?

Entretanto, também os atenienses reivindicavam para si uma

parte na fundação de Troia, visto que Teucro, um de seus primeiros reis, era, dizia-se, ateniense de um antigo demo da Ática, o demo dos troianos.

Qualquer que seja a verdade a respeito dessas reivindicações conflitantes, o fundador da linhagem que forneceu a Troia todos os reis subsequentes até Príamo (o último a governá-la) não foi cretense nem ateniense. Seu nome era Dárdano, e dizia-se que ele viera da Arcádia, na Hélade meridional, ou então que nascera em Troia.

Dárdano não era um simples mortal. Era filho de Electra, filha de Atlas, e seu pai era o próprio Zeus. Dárdano criou um império poderoso, a Dardânia, que submeteu todos os povos vizinhos, da Europa e da Ásia, a seu poderio. Sua capital situava-se no estreito que, desde aquele tempo, recebeu o nome de seu fundador: Dardanelos. O nome Helesponto, pelo qual foi posteriormente designado, só passou a vigorar depois que Hele, irmã de Frixo, caiu e afogou-se ali.(5)

No início, Dárdano havia escolhido outro lugar para construir sua cidade, uma colina onde mais tarde seus descendentes construiriam Troia. Não o fez, contudo, porque um oráculo de Apolo previa que os habitantes sofreriam grandes desgraças se a construíssem naquele local, pois foi ali que Ate, a deusa que personifica o engano, caiu, depois de Zeus tê-la lançado do alto do Olimpo para a Terra.

A fundação de Troia

Troia, também denominada Ílion, recebeu esse nome de seu fundador, Ilos, filho de Trós e neto de Dárdano. A fundação da cidade ocorreu em curiosas circunstâncias.

Certa vez, Ilos participou de competições atléticas que foram organizadas na Frígia e venceu em todas as modalidades. Cheio de admiração, o rei da Frígia concedeu-lhe cinquenta moças e cinquenta rapazes como prêmio e, em seguida, o presenteou com uma vaca malhada, dizendo:

– Siga este animal sagrado. Ele te conduzirá para um lugar onde você deverá fundar sua cidade.

Agradecido, Ilos partiu junto com os cinquenta rapazes e as cinquenta moças, seguindo o animal sagrado. No começo, a vaca

vagueou por vários lugares e, por fim, atingiu a colina de Ate, subiu até o topo e, ali, esgotada, estatelou-se, mostrando assim que aquele era o lugar no qual deveria ser construída a nova cidade.



Ilos então refletiu profundamente:

– Que fazer? Devo construir a cidade no mesmo local em que Dárdano certa vez pretendeu edificar a capital de seu reino e foi impedido pelo oráculo de Apolo? Ou devo ignorar a escolha feita pelo animal sagrado e procurar outro lugar?

A decisão não era nada fácil. O oráculo dissera: “Os homens que habitarão no interior das muralhas da cidade que será construída sobre a colina de Ate sofrerão grandes calamidades”. O oráculo era bastante claro, mas Ilos pensou e repensou a esse respeito. “Será que não entendi o verdadeiro significado?”, perguntava a si mesmo. Por fim, meditou no significado exato da frase: “que habitarão no interior das muralhas”, e a resposta lhe surgiu como um clarão: “Existem cidades desprovidas de muralhas”, pensou, “então assim também construirei a minha. E que a proteja Atena, a deusa defensora das cidades”. Tendo decidido isso, chamou os cinquenta rapazes e as cinquenta moças para iniciarem o trabalho imediatamente. Antes de tudo, ofereceu um sacrifício à deusa e, depois de ter lavado as mãos,

ergueu-as para o céu e pronunciou as seguintes palavras:

– Protege-nos, filha de Zeus, e construiremos para ti um templo resplandecente onde serás sempre honrada e glorificada por nós.

Em breve começou a escavação para a construção da base. Ilos foi o primeiro a erguer a picareta e cravá-la na terra. Mas que coisa curiosa! Junto com o primeiro pedaço de terra retirado, veio fincada na ponta da picareta uma estátua de madeira que representava uma deusa. Sua mão direita segurava uma lança, e a esquerda, um fuso.⁽⁶⁾ Ilos compreendeu que a deusa ouvira sua prece. A nova cidade, mesmo sem muralhas, não teria nada a temer.

Entretanto, Ilos interrogou o oráculo para saber ainda mais sobre essa descoberta. Por fim, soube que a estátua de madeira era o Paládio. Ela havia sido feita pela própria Atena em memória de Palas, sua companheira inseparável, que morreu na flor da juventude, quando a deusa a atingiu acidentalmente com a lança num torneio de guerra. Desejando perpetuar a aparência da amiga, Atena esculpiu sua imagem em madeira; para ter a certeza de que jamais a esqueceria, antepôs o nome da amiga ao seu e, desde então, passou a ser chamada Palas Atena. Mas o fato mais importante revelado a Ilos pelo oráculo foi que a deusa havia aceitado proteger a nova cidade, mas com uma condição: a de que o Paládio fosse sempre mantido ali, “pois se ele um dia desaparecer”, disse o oráculo, “com ele também desaparecerá a cidade inteira”.

A nova cidade foi construída rapidamente, e Ilos batizou-a com o nome de Troia, para honrar o nome de seu pai, Trós. Muitos, porém, chamavam-na de Ílion, por ter sido Ilos seu fundador.

Troia tornou-se uma bela cidade, com ruas bem amplas. Num platô elevado, Ilos construiu o palácio e, no ponto mais alto, edificou o templo de Palas Atena. Nele foi guardado o Paládio, a estátua que protegia a cidade sem muralhas.

Depois da construção de Troia, o país foi dividido em duas partes: Ilos reinava na própria Troia, e seu irmão, Assáraco, tornou-se rei da Dardânia.

Quando Ilos morreu, Troia foi governada por seu filho, Laomedonte. Zeus demonstrou seu grande favor para com o jovem rei ao ordenar que Apolo e Possêidon construíssem as

torres e as inexpugnáveis muralhas da cidade. Mas Laomedonte, em vez de reconhecer a afeição que lhe demonstrava o grande soberano dos deuses e dos homens, maltratou os dois deuses que tanto o ajudaram. Foi duramente castigado e acabou perdendo a vida por causa de sua tremenda ingratidão. Foi morto por Hércules, quando este conquistou Troia. Hércules havia salvado Hesíone, filha de Laomedonte, de morte certa e terrível. (7) Depois que Laomedonte morreu, tornou-se rei de Troia seu filho Príamo, que até então se chamava Podarces.

Podarces, que fora capturado como escravo por Hércules, devia sua liberdade à irmã, Hesíone, e o trono de Troia à magnanimidade do grande herói. Antes de partir para Salamina, onde se casaria com Télamon, Hesíone implorou a Hércules que libertasse seu irmão, oferecendo em troca a única coisa que possuía: seu peplo.(8) Hércules ficou tão comovido com o gesto que não somente o libertou, como também fez com que ele se tornasse o novo rei de Troia, dando-lhe o nome de Príamo, que em grego significa “aquele que foi resgatado”. O jovem rei jamais se esqueceu do quanto devia à irmã.

O nascimento de Páris

Príamo, que foi o último e o mais trágico dos reis de Troia, reinou durante muitos anos e já era um ancião na época da guerra. Ele teve muitos filhos: cinquenta homens e doze mulheres, dezenove deles com sua mulher legítima, Hécuba. O primogênito foi Heitor, que mais tarde se tornaria o maior de todos os chefes troianos. O segundo filho foi o belo Páris, que possuía um corpo esplêndido. A seu respeito, tanto o pai como a mãe diriam muitas vezes: “Seria melhor que ele não tivesse nascido”; e tinham razão, pois foi o causador da terrível guerra.

A história de Páris começa de modo dramático, e mais dramático ainda é o modo como termina.

Um dia antes de seu nascimento, sua mãe, Hécuba, sonhou que toda a cidade de Ílion havia sido consumida pelo fogo. Acordou assustada e contou o sonho ao marido. Ele então resolveu consultar o oráculo e ficou sabendo que aquele filho que viria ao mundo seria a causa da destruição de Troia, e o único modo de salvar a cidade seria sacrificá-lo.

Hécuba não queria sequer ouvir algo semelhante, mas Príamo, com a intenção de salvar seu povo, ordenou que o bebê fosse entregue a um pastor, Agelau, encarregando-o de matá-lo. Mas Agelau era um homem tão afável e compassivo que não poderia fazer mal nem a uma mosca, quanto mais matar o inocente filho do rei. Por isso deixou-o intacto no meio da floresta que ficava no alto do monte Ida. Feito isso, o pastor não conseguia tranquilizar-se. Temendo que os animais selvagens devorassem o bebê, voltou à montanha e lá o encontrou no momento em que uma urso o amamentava. Satisfeito com o que viu, entendeu o acontecimento como um sinal de que os deuses desejavam que o menino vivesse; colocou-o em um cesto e levou-o para sua cabana, para que crescesse junto com seu filho, também nascido poucos dias antes.

Agelau e a esposa amaram o filho do rei mais ainda do que a seu próprio filho. Quanto ao nome que lhe deram, surgiu quase por acaso.

– Cuide do “cesto” – dizia o pastor à mulher antes de sair para tratar do rebanho, pois era onde ficava o bebê que ele havia salvado.

– Preste atenção ao “cesto” – dizia-lhe também, muitas vezes, sua mulher. E todos os seus cuidados se voltavam para o “cesto”. Desse modo, o menino chamou-se Páris, que naqueles tempos antigos significava “cesto”.

Uma beleza excepcional, inteligência e força física eram dotes que completavam a nobre ascendência de Páris. Ainda menino, ele conseguiu descobrir quem eram os ladrões que haviam roubado o rebanho de Agelau, recuperando os animais. Desde então, passou a ser chamado de Alexandre, que significa “o homem que protege”.

Páris cresceu no monte Ida, acreditando que era filho de Agelau. Como este, tornou-se pastor e vagueava pelas encostas e cumes do Ida. Por sua beleza, o jovem pastor foi amado por uma náiade, uma ninfa das fontes e rios, chamada Enone, e juntos tiveram momentos maravilhosos, dentro de regatos refrescantes, à sombra dos plátanos. Mas, enquanto para Páris esse relacionamento era apenas uma amizade sem maiores consequências, para Enone significava muito. Ela, no entanto,

sabia que Páris não permaneceria para sempre a seu lado e sofria duplamente, não só porque o perderia, mas também porque receava que seu amado viesse um dia a padecer um grande infortúnio.

– Faço votos de que você seja sempre feliz e despreocupado. Mas se um dia alguém o ferir, venha até mim, pois somente eu poderei curar sua dor – dizia-lhe Enone, que tinha o dom de prever o futuro.

Páris, que ainda nem sabia o que era dor ou desgraça, não compreendia o sentido das palavras da jovem vidente. Passava o tempo despreocupadamente, às vezes em companhia da bela ninfa, às vezes com o rebanho, e outras vezes – o que mais lhe dava prazer – promovendo lutas entre os touros. Páris, então, escolheu um touro, o vencedor de todas as lutas, que era tratado e amado por ele mais do que qualquer outro animal. Acreditando sempre que era um simples pastor, um dia ele pastoreava tranquilamente no mais alto cume do Ida, quando, de súbito, a sua frente, viu surgirem três deusas e um deus. Eram Atena, Hera, Afrodite e Hermes, o deus dos pés alados.

Mas por que esses deuses se encontravam ali e o que queriam com ele? Para respondermos a essa pergunta, será preciso recuarmos no tempo e nos dirigirmos a outra parte do mar Egeu, o verdejante monte Pélion, onde Tétis, a deusa marinha, e Peleu, um herói filho de Éaco, celebravam suas núpcias.

O pomo da discórdia

Foi na cerimônia do casamento de Peleu e Tétis que surgiu o primeiro motivo da terrível guerra, pois foi então que surgiu o famoso pomo da Discórdia.

Para as núpcias de Peleu e Tétis, que foram celebradas diante da caverna do centauro Quíron, todos os deuses haviam sido convidados, com exceção da Discórdia. O próprio Zeus tomara a iniciativa para que não a convidassem, por receio de que ela, amante de desavenças e discussões, estragasse a festa.

No princípio tudo correu muito bem. Os convidados estavam alegres, e a atmosfera, muito amigável e cordial. O próprio Apolo abriu o cortejo nupcial, dedilhando sua lira de ouro. As Musas, com suas vozes imortais, entoavam hinos ao jovem casal, e as

Moiras,(9) com seus cantos, profetizavam a glória do herói que nasceria daquela união – que outro não seria senão Aquiles.

No dia seguinte, os convidados saíram da épaulis – naqueles tempos, chamavam-se assim as cabanas campestres onde os jovens noivos costumavam passar sua primeira noite de núpcias. Contudo, Peleu e Tétis não foram para uma humilde cabana, e sim para um verdadeiro palacete que o próprio Possêidon havia construído para lhes agradar.

Os deuses lá deixaram seus presentes. Vários deles eram realmente extraordinários, como os dois cavalos imortais, Bálios e Xanto, dotados de fala humana, que foram dados por Possêidon; a armadura de guerra, em ouro, ofertada por todos os deuses; ou ainda a famosa lança de freixo, presente do centauro Quíron, que nenhum simples mortal podia erguer: somente o grande herói Peleu conseguia manejar (mais tarde, também Aquiles, filho de Peleu, a manusearia com extrema facilidade).

Quando a festa chegava ao fim, dando a impressão de que tudo saía a contento, e as deusas Hera, Atena e Afrodite conversavam amigavelmente, a invisível Discórdia sobrevoou suas cabeças. Enfurecida por não ter sido convidada, lançou um pomo de ouro diante de seus pés. As deusas não sabiam o que fazer, mas Peleu, que estava ao lado delas, abaixou-se, pegou-o e disse:

- Há algumas palavras escritas: “para a mais bela”.
- Então é para mim – declarou prontamente Hera.
- Nada disso, é meu – replicou bruscamente Atena.
- Mas eu sou a mais bela! – disse Afrodite, faceira.

A situação entre as três deusas começava a ficar complicada, pois cada uma se considerava a mais bela e achava que o pomo de ouro deveria ser seu.

Desse modo, a festa teve um final desagradável; além disso, as três deusas tornaram-se inimigas. Passaram-se muitos anos e sua inimizade ainda perdurava. Até o momento em que Zeus, que já não suportava mais vê-las em desacordo, ordenou a Hermes que pegasse o pomo da Discórdia e conduzisse as três ao cume do monte Ida, para que o filho de Príamo decidisse quem mereceria recebê-lo. Talvez assim elas se reconcilhassem.

A escolha de Páris

Mas por que Páris? Por que justamente aquele pastor desconhecido? O que ele tinha a ver com isso? Será que era o fato de ser filho de Príamo?

Justamente isso. Porque assim haviam decidido as implacáveis Moiras: a desavença entre as três deusas devia chegar ao ponto de causar um grande desastre aos aqueus e a completa ruína aos troianos.

Quando se defrontou com Hermes e as deusas, Páris, surpreso e assustado, fez menção de fugir, mas foi detido por Hermes.

– Não tenha medo – disse-lhe. – Não viemos lhe fazer mal algum. Ao contrário, grande honra concede-lhe o soberano dos deuses e dos homens, que admira sua beleza e seu discernimento. Pegue este pomo. Zeus ordena que você o entregue à mais bela das três.

– Eu, um humilde pastor, julgar três deusas e dizer qual é a mais bela? Não, não, prefiro dividir o pomo em três e entregar uma parte a cada uma. É o único jeito de não cometer nenhuma injustiça, pois são deusas olímpias belas como nenhuma mulher no mundo.

– Mas cada uma se julga a mais bela, e a intenção de Zeus é que você resolva a disputa, pois nem ele nem nenhum outro deus deseja se envolver na questão.

Desse modo, Páris foi forçado a ser o juiz das três deusas magníficas. Preferiu, no entanto, examiná-las separadamente. Começou por chamar Hera. A imponente esposa do soberano do Olimpo avançou com grande pompa.

– Olhe-me com atenção – disse-lhe, girando o corpo lentamente, mostrando a Páris toda sua graça celestial. – E lembre-se: caso decida corretamente e entregue o pomo para mim, farei de você o soberano da Ásia e o homem mais rico da face da Terra.

– Lamento muito, mas não posso ser comprado – disse Páris, sem refletir no quanto isso irritaria a deusa. – Mesmo assim, muito obrigado. Agora é a vez da filha de Zeus.

Com passos firmes e resolutos, avançou a deusa Atena; seu elmo brilhante resplandecia ao sol.

– Você é inteligente – disse ela. – Olhe-me e faça seu julgamento. Ouça, porém, o que lhe vou dizer: se me der o prêmio, farei de você o mais notável dos guerreiros e também o

homem mais sábio do mundo.

– Sou um simples pastor, não gosto nem de combates nem de guerras. O reinado de Príamo é poderoso, e a paz está garantida em todo o reino – disse Páris, insultando Atena, tal como havia feito com Hera. – Quanto ao pomo – acrescentou –, não cometerei injustiça contra ti, se o mereceres.

Por fim, com um doce sorriso nos lábios, Afrodite correu para perto dele.

– Olhe como sou bela – disse a deusa, com gestos cheios de encanto. – E quanto a você? Mal o havia visto e já dizia para mim mesma: não existe jovem mais belo nem de corpo mais esplêndido que esse em toda a Terra. Com certeza, um destino muito promissor está reservado para você. Pois bem, escute o que tenho a dizer: posso oferecer-lhe uma rainha como sua companheira, e ela é tão bela quanto eu. Se ela o vir, pode ficar certo de que, pelo seu encanto, deixará de lado a família, o palácio, tudo, contanto que seja sua. Trata-se da bela Helena. Creio que você já ouviu falar de sua beleza divina.



– É a primeira vez que escuto esse nome. Mas peço-te, por favor, conta-me mais sobre ela.

– Sua mãe é a belíssima Leda, filha do rei da Etólia, e seu pai,

um cisne todo branco, que outro não é senão o próprio Zeus. Ela era ainda uma menina quando Esparta e Atenas já guerreavam entre si por causa de sua beleza. Todos os jovens príncipes da Hélade a desejavam como esposa. Menelau, rei de Esparta, foi quem a desposou. Porém, se você a quiser, o ajudarei para que ela seja sua.

– Isso é impossível. Ela é casada, e com um rei!

– Zeus pai! Que criança temos aqui! Acaso você sabe qual é minha ocupação? Nunca ouviu dizer que um de meus encargos divinos é resolver os problemas do amor? Escute-me. Quando eu estiver a seu lado, terá tudo que seu coração deseja. Sou a deusa do amor, creio que você compreende o que isso significa. Basta não cometer uma injustiça contra mim e entregar-me o pomo de ouro.

Páris compreendeu. O humilde pastor poderia desposar a filha de Zeus, a mais bela criatura do mundo. Era inacreditável e, contudo, possível.

– Você me oferece algo – disse para a deusa – que não tenho como recusar... Meu coração já deseja a bela Helena!

– Prometo que a terá! – foi a resposta da deusa.

Páris entregou o pomo a Afrodite.

Era o que bastava. As duas outras deusas juraram vingança. Uma terrível desgraça cairia sobre Troia.

Poucos dias depois, vários soldados de Príamo foram ao monte Ida escolher um touro. Ele seria o prêmio das competições atléticas que se realizariam em memória do filho do rei de Troia, que todos acreditavam estar morto – isto é, Páris. E o touro escolhido foi justamente o que ele mais amava. O jovem pastor, desejando ficar ao lado de seu animal favorito, decidiu ir para Troia com ele, na intenção de vencer o torneio e recuperá-lo.

– Um menino pastor nas competições! – disse Agelau, ao saber de seus planos. – Não, esses eventos não são para você.

Mas Páris queria recuperar o touro. Além disso, ele já não era um simples pastor. Não se casaria com a bela Helena, filha de Zeus? E o prêmio da vitória não caberia a ele, por direito? Quando as competições começaram, Páris estava lá.

Com muita coragem, pôs-se a lutar, diante do trono do rei, com o melhor pugilista de Troia. Embora demonstrasse mais intrepidez

do que técnica, conseguiu derrotá-lo. Em seguida, participou da prova de corrida e chegou em primeiro lugar, deixando para trás todos os mais rápidos filhos de Príamo. Sua vitória foi um insulto para eles, que, por isso, o desafiaram para outra competição, sendo vencidos uma vez mais. Três vitórias de um simples pastor era algo que não podiam aceitar. Alegaram que Páris havia vencido por meio de fraudes, e um deles, Deífobo, atirou-se sobre ele para matá-lo, mas Páris esquivou-se a tempo e saltou sobre o altar de Zeus, enquanto Agelau corria na direção de Príamo e Hécuba, a gritar:

– Que estão fazendo? Esse jovem é justamente aquele cuja memória é hoje celebrada! Perdoem-me, pois meu coração impediu-me de executar suas ordem: não pude matá-lo quando me foi entregue, recém-nascido.

– E como você pode provar que diz a verdade?

– Este pequeno chocalho de bebê deve bastar como prova.

Assim que o viu, Hécuba pôs-se a derramar lágrimas de alegria, e seu marido ficou tão contente quanto ela. No entanto, quando os sacerdotes de Apolo souberam da notícia, correram até Príamo e lembraram-no das palavras do oráculo: “Páris deve morrer, ou Troia será destruída”.

Príamo não concordou:

– É melhor que Troia inteira seja reduzida a cinzas do que perder esse meu filho extraordinário! – gritou.

Desse modo, Páris foi aceito por Príamo e por seus irmãos. Sempre lhe recomendavam que se casasse, mas ele só tinha em mente a bela Helena, a filha do cisne branco.

A partida para Esparta

Um dia, Menelau, o marido de Helena, chegou a Troia inesperadamente. Fora até lá em obediência ao oráculo de Delfos, que o incumbira de encontrar e levar de volta à pátria os ossos de dois espartanos mortos na expedição de Hércules contra Troia. O próprio Páris cuidou da hospedagem de Menelau e ajudou-o a encontrar os ossos dos dois heróis. Era uma oportunidade única de conhecer seu rival, e ele não a perdeu. Ao partir, Menelau agradeceu a Páris de todo seu coração.

– Somente se algum dia você for a Esparta – disse-lhe – é que

poderei retribuir os cuidados e a hospitalidade que com tão boa vontade me dispensou.

Era tudo o que Páris queria.

– Farei o possível e o impossível para ir até lá – disse-lhe.

Menelau, que sequer poderia imaginar por que Páris queria visitá-lo em Esparta, partiu entusiasmado.

Pouco tempo depois, Príamo decidiu enviar uma expedição à ilha de Salamina, pois desejava rever sua irmã, Hesíone, que Télamon levara para lá quando, ao lado de Hércules, invadira Troia, tempos atrás. Hesíone já devia ser idosa, mas mesmo assim Príamo queria trazê-la para perto de si. Perguntou, então, a todos os guerreiros quem gostaria de ir até Salamina.

Cheio de ímpeto, Páris foi o primeiro a responder que iria.

– E se eles não a entregarem para mim – disse –, trarei para Troia outra princesa, ainda que tenha de raptá-la, para depois a trocarmos por Hesíone.(10)

Naturalmente ninguém teve a menor suspeita sobre suas palavras e, de pronto, um navio bem sólido e veloz foi preparado. Nele, Príamo mandou colocar valiosos presentes para o rei de Salamina, enquanto Páris escolhia os tripulantes. Entre eles estava seu primo, Eneias, filho de Afrodite.

Chegou o dia da partida. Muitos troianos haviam descido até o porto e, no momento em que se despediam de Páris, de súbito uma voz se fez ouvir.

– Não deixem Páris partir! Essa viagem causará a destruição de Troia!

Era Cassandra, irmã de Páris, quem gritava. No entanto, ninguém acreditou nela, como ninguém jamais acreditaria em suas profecias.(11) A viagem aconteceria. A destruição de Troia era inevitável. Pouco antes de Páris embarcar, uma moça surgiu do meio da multidão e correu para abraçá-lo. Era sua amiga Enone, a ninfa do bosque. A jovem vidente pressentia a desgraça que estava prestes a acontecer, mas sabia que de nada adiantaria contá-la. Apenas repetiu uma vez mais:

– Se um dia você ficar ferido, venha me procurar, pois só eu poderei curar sua dor.

Páris respondeu-lhe com um último beijo e derramou uma lágrima. Mas a lágrima secou depressa, e seu pensamento

voltou-se novamente para a bela Helena e sua aventura. Ele se lembraria de Enone muito depois – tarde demais.

O navio partiu. Com um vento favorável enviado por Afrodite, chegaram rápido, não certamente a Salamina, mas lá onde o rio Eurotas deságua no mar, isto é, nas praias de Esparta. Em seguida, Páris, levando os presentes que seu pai havia-lhe confiado, rumou com os companheiros em direção à cidade, ao palácio de Menelau.

Antes de partir de Troia, Páris teve o cuidado de obter todas as informações possíveis sobre Helena. Todavia, não foi informado do mais importante de tudo, de algo que ele, se soubesse, talvez jamais teria decidido empreender aquela viagem. Mas é melhor contarmos do início a história da bela Helena.

A bela Helena

Antes de Menelau, o rei de Esparta era Tíndaro. Este apaixonou-se pela formosíssima Leda, filha de Téstio, rei de Plêuron. Téstio tinha duas filhas, que pareciam duas belas deusas. A mais velha, Alteia, casou-se com Eneu, o rei de Cálidon, e dessa união nasceu o famoso herói Meléagro. Leda, a mais nova, casou-se com Tíndaro. Quando chegou o momento de Leda dar à luz, aconteceu algo incrível: nasceu uma menina e, em seguida, dois ovos. Assombrado, Tíndaro apressou-se em consultar o oráculo, e os sacerdotes de Apolo disseram-lhe:

– Leda, a linda moça que você esposou, não foi amada apenas por você, mas também pelo soberano dos deuses e dos homens, o grande Zeus, que se aproximou dela metamorfoseado em cisne. Por isso sua mulher gerou também dois ovos. De um deles surgirá uma menina, que será a mulher mais bela do mundo; do outro, dois meninos, que se tornarão memoráveis heróis. Você deve amar essas crianças mais ainda do que as suas próprias e zelar por elas, pois lhe foram confiadas por Zeus. Entretanto, você deve estar atento quando chegar o momento de casar a filha de Zeus, pois nós prevemos que sua beleza será a causa de uma guerra terrível.

Essa filha era, naturalmente, a bela Helena; e os meninos, Cástor e Pólux, dois heróis que eram gêmeos, porque nasceram do mesmo ovo, e também eram chamados de Dióscuros, que em

grego significa “moços de Zeus”, por serem seus filhos. A menina que nasceu antes dos ovos era Clitemnestra, filha de Tíndaro.

Helena era a única filha de Zeus com uma mulher mortal, e pelos quatro cantos da Terra todos iriam falar sobre sua beleza inimaginável. Ela mal havia completado doze anos quando Teseu a viu e perdeu o juízo: raptou-a, às escondidas, da casa de seu pai, o que ocasionou uma guerra entre Esparta e Atenas. Quando Helena se tornou moça feita e Tíndaro resolveu casá-la, todos os jovens príncipes da Hélade foram até Esparta, levando valiosos presentes, na intenção de pedir sua mão em casamento. Tíndaro ficou apreensivo, pois temia que houvesse chegado o momento da terrível guerra prevista pelo oráculo (a mesma que fora profetizada antes pelos sacerdotes de Apolo).

– Seria mil vezes melhor – dizia Tíndaro – ter uma filha que não agradasse a ninguém do que ter Helena, cuja beleza parece deixar o mundo em chamas.

O rei não tomava nenhuma decisão nem aceitava presente algum, com receio de incorrer no desagrado dos príncipes. Mas o ardiloso Odisseu, rei de Ítaca, livrou-o dessa embaraçosa situação.



Odisseu havia ido para Esparta junto com outros pretendentes,

porém não se importava com a bela Helena nem desejava conquistá-la: – Quanto a Helena – dizia para si próprio –, creio que Menelau deve esposá-la. É o mais belo, o mais rico, e, além disso, ninguém desejará ser seu rival, uma vez que ele é apoiado por seu irmão, Agamêmnon, o poderoso rei dos micênios. Sim! Ele deverá ser o afortunado. Mas, se isso de fato acontecerá, somente o tempo poderá provar. Logo Odisseu soube que também Helena tinha preferência por Menelau.

– Não sei como você receberá esta notícia – disse a Tíndaro –, mas eu não vim aqui por causa de sua filha. Não pretendo ter como companheira a mulher mais bela do mundo.

– Acaso você temia que o que disse poderia ofender-me? Sempre tive em alta consideração os homens inteligentes, e você se comporta como o mais inteligente de todos. Se me vê assim, indeciso, é porque um oráculo afirmou que a beleza de Helena provocaria uma guerra terrível, daí minha apreensão.

– Eu não precisaria de nenhum oráculo para recear algo semelhante, e é por esse motivo que não me encontro entre aqueles que desejam a mão de sua linda filha em casamento.

– Mas por que então veio a Esparta?

– Por dois motivos. Em primeiro lugar, vim para lhe pedir que faça o que estiver a seu alcance para que eu me case com Penélope, filha de seu irmão Icário. Em segundo, para lhe ajudar a encontrar uma solução para esse difícil problema que o atormenta. Quero apenas que me prometa empregar sua influência a meu favor.

– Prometo – disse-lhe Tíndaro, e selaram o compromisso com um aperto de mãos.

– Ouça, então, o que irá acontecer: faremos todos os pretendentes jurar que defenderão quem esposar Helena, ainda que isso provoque uma guerra, caso alguém, um dia, ouse tomá-la do marido. E você, para não arranjar inimigos, dirá a sua filha que ela pode escolher aquele que mais lhe agrada.

Tíndaro considerou muito sábia a solução encontrada por Odisseu e imediatamente a comunicou aos pretendentes, que não tiveram outra alternativa senão aceitá-la. Depois de haverem sacrificado um cavalo(12) e cortado sua carne em pedaços, colocaram-se todos em círculo e, apoiando a mão direita sobre os

pedaços de carne, pronunciaram, palavra por palavra, o juramento que Odisseu lhes ditava. Por fim, tal como havia previsto o inteligente rei de Ítaca, Helena escolheu o irmão de Agamêmnon, o belo e louro Menelau.

O rapto da bela Helena

Depois que se casou com Helena, Menelau tornou-se rei de Esparta.

Passaram-se vários anos, e ele continuava a desfrutar de uma vida boa e tranquila ao lado de sua linda esposa. Tiveram uma filhinha, Hermíone, e Menelau era o mais feliz dos homens, até a manhã em que chegaram dois representantes estrangeiros e apresentaram-se diante dele.

– Honrado e digno rei da heroica Esparta – disse um deles –, viemos da renomada Troia e, atrás de nós, segue, para uma visita amigável, o glorioso Alexandre, Páris, filho do rei de Troia, para retribuir a visita que há tempos V. Majestade lhe fez, quando precisou viajar para a cidade de Príamo.

Menelau quase não se continha de tanta alegria. Chamou imediatamente sua mulher e contou-lhe as boas novas. Helena vestiu um de seus peplos esplêndidos e enfeitou-se com joias magníficas. Em seguida, desceram até a entrada do palácio para receber o jovem príncipe de Troia.

Pouco depois, os estrangeiros despontaram no final da rua. A filha de Zeus estava ao lado de Menelau, cheia de alegria e de secreto orgulho, pois não era apenas ela que possuía uma beleza divina, mas também seu esposo. De fato, Menelau era o mais belo e o mais galante de todos os soberanos da Hélade. Mas, quando os estrangeiros se aproximaram e os olhos de Helena encontraram os de Páris, um dardo, enviado pelo alado filho de Afrodite,⁽¹³⁾ fez seu coração bater mais forte. O olhar de Páris cativou de imediato a bela Helena, e ela, com um olhar muito expressivo, demonstrou-lhe o quanto sua presença a comovia. Era como se o belo e louro Menelau não estivesse mais a seu lado.

Páris também ficou comovido e enfeitiçado no momento em que contemplou aquele olhar divino: “Encontrei a mulher dos meus sonhos!”, pensou. Parecia-lhe inacreditável. Mas, quando se

lembrou da promessa da deusa Afrodite, seu pensamento ganhou asas: “Ela será minha”. Com essa decisão em mente, aproximou-se de Helena e cumprimentou-a. Em seguida, foi cumprimentado por Menelau, que, cheio de alegria, convidou os estrangeiros para subirem ao palácio.

Com enorme satisfação, o rei de Esparta recebeu os ricos presentes que Páris oferecia a ele e a sua esposa. À mesa, para mostrar quanto o tinha em consideração, Menelau fez Páris sentar-se à sua direita, entre ele e Helena. À esquerda colocou Eneias, com quem logo começou a conversar, enquanto Páris e Helena, enredados pelos laços do amor, murmuravam doces palavras.

No dia seguinte, Páris encontrou Helena sozinha.

– Ouça-me – disse-lhe –, viajei até aqui só por sua causa. Vim para levá-la comigo. A própria Afrodite plantou em meu coração um desejo indomável. Mas não foi apenas a deusa do amor que assim quis. Antes dela, o grande Zeus já havia tomado essa decisão, ao escolher-me para julgar qual dentre as três deusas é a mais bela, Hera, Atena ou Afrodite. Concedi o prêmio a Afrodite, que me prometeu a mais bela mulher do mundo: “Ela é chamada de a bela Helena”, disse-me, “e é filha de Zeus”. Tomei essa decisão sem premeditar coisa alguma. Por você atravessei o vasto mar. Não recuse meu amor: vamos partir juntos, sem demora, para Troia.

Helena não conseguia resistir à proposta de Páris. O fogo que a deusa do amor havia atizado em seu coração tornava-a incapaz de pensar em seu marido, que a amava, em sua filha, que a desejava sempre perto de si, em todos os seus familiares, que a honravam e a respeitavam. Então disse-lhe:

– Percebo que é errado o que farei. Mas não posso agir de outro modo. Senti-me enfeitiçada desde o primeiro momento em que o vi. Ora julgava que estava diante de Apolo, ora diante de Dioniso, ora diante do próprio Eros, filho de Afrodite. Agora pouco me importa a cólera de Menelau. Você me protegerá, e eu estarei a salvo na poderosa Ílion, cercada de torres.

Menelau, cujo caráter era benevolente e hospitaleiro, entreteve seus convidados por nove dias completos, sem jamais suspeitar que Páris tivesse tramado fugir com sua mulher. E foi o próprio

Menelau quem lhes deu a oportunidade que estavam esperando, pois no décimo dia resolveu partir para Creta, para assistir ao sepultamento de seu avô Catreu, que havia falecido subitamente. Antes de partir, chamou a esposa e disse-lhe:

– Trate de nossos hóspedes enquanto eu estiver ausente. Cuide para que não lhes falte nada. Você assumirá meu lugar e deve cuidar dos estrangeiros como eu faria.

Helena prometeu-lhe que tudo seria cumprido à risca, mas nem bem o marido havia partido, ela já começava os preparativos para a viagem nefasta.



Partiriam em plena noite. Helena levaria consigo suas duas escravas mais fiéis e tudo o que possuía, inclusive roupas e joias. Mas, como que para assegurar que os horrores da guerra caíssem sobre eles, um desvario apossou-se dela e de Páris, e eles resolveram roubar todos os tesouros de Menelau. A destruição da desditosa Troia era um desígnio dos deuses.

Desceram rápido para o mar e navegaram para a pequena ilha de Crânae, situada bem perto da costa da atual Giteion, que desde então é também denominada Ilha da Bela Helena, porque nela os dois amantes passaram sua primeira noite juntos. A

continuação da viagem não foi tranquila, pois ventos contrários conduziram o navio em direção à ilha de Chipre. Mesmo depois que o tempo melhorou, Páris preferiu prosseguir fora da rota, fazendo escalas na Fenícia e no Egito, por temer que Menelau estivesse em seu encalço. Depois de alguns meses, enfim chegaram a Troia, quando já estavam seguros de que não teriam nenhum encontro desagradável em seu caminho.

Quando retornou a Esparta, terrível foi a ira de Menelau.

– Devemos nos preparar para a guerra – disse e partiu rápido como uma flecha para Micenas, ao encontro de seu irmão.

Agamêmnon concordou com ele no mesmo instante em que soube do acontecido, e os dois irmãos decidiram convocar todos aqueles que haviam prestado o juramento sobre o cavalo sacrificado. Antes, porém, foram pedir conselhos a Nestor de Pilos, o mais velho e sábio rei da Hélade. Nestor também concordou que a guerra deveria ser declarada e se ofereceu para ir com eles, para estimular não somente os governantes das cidades que haviam prestado o juramento, mas também aqueles que não estavam presentes na reunião dos pretendentes de Helena. Os três partiriam imediatamente, na busca de aliados.

– Páris e seu povo devem ser punidos com rigor – disse Menelau – para servirem de exemplo àqueles que pretenderem roubar nossas mulheres e saquear nossas riquezas.

Muitos dos que ouviram mostraram-se dispostos a participar da expedição. Outros, no entanto, ficaram em dúvida.

– O rapto da esposa de um rei é algo que só acontece uma vez a cada mil anos – diziam. – Compreendemos que você esteja interessado em recuperar sua esposa. Mas e nós? O que ganharemos com isso?

A resposta de Menelau calou suas dúvidas:

– Troia é uma cidade muito rica e Príamo possui tesouros imensos. Você ainda pergunta o que haverá de ganhar? Será que ainda não compreende?

Odisseu

Entre os comandantes, havia um que não queria, de modo algum, tomar parte na expedição. Era aquele que havia feito os pretendentes jurarem sobre o cavalo sacrificado: Odisseu, o rei

de Ítaca.

Odisseu não era apenas o mais inteligente, mas também o mais astuto de todos os chefes aqueus. E era tão conhecido por suas astúcias que muitos acreditavam que seu pai não era Laerte, mas Sísifo, (14) o homem que conseguiu enganar até os deuses.

O rei de Ítaca em nenhum momento se sentiu atraído pela ideia de se casar com a mulher mais bela do mundo. Ele já havia escolhido Penélope, filha de Icário, ainda que a beleza desta nem de longe pudesse ser equiparada à beleza divina da formosa Helena. De qualquer modo, parece que ela possuía atrativos mais que suficientes para Odisseu, que achava tolice considerar apenas a beleza de uma mulher e não observar suas outras qualidades. Ele estava seguro de que, se Penélope se tornasse sua esposa, seria sua para sempre. E não estava enganado. No entanto, não foi nada fácil conseguir desposá-la. Só teve êxito graças a sua astúcia e à ajuda de Tíndaro, que cumpriu fielmente a palavra. Assim, nas competições que foram instituídas por Icário, com o objetivo de casar sua filha com o homem que nelas se destacasse como o mais forte e o mais valoroso, Tíndaro justificou e encobriu todas as artimanhas e as trapaças de Odisseu.

Icário percebeu o que estava acontecendo e decidiu desclassificá-lo.

– Não seja tolo – disse-lhe Tíndaro. – Odisseu venceu seus oponentes na competição mais importante: a da inteligência.

Icário acabou se convencendo. Entretanto, como amava muito a filha, não queria separar-se dela.

– Venha viver conosco – disse a Odisseu – e quando eu morrer o trono será seu.

– Nasci em Ítaca e, para mim, o trono de minha pátria é suficiente. Penélope deve partir comigo – respondeu o herói.

Icário insistiu, até que Odisseu perdeu a paciência, agarrou Penélope, saltou para o carro, chicoteou os cavalos e partiu ligeiro para Ítaca. Já fora de Esparta, Icário alcançou-os.

– Ouça-me, Penélope – disse-lhe por fim Odisseu. – Ou você vem comigo ou fica com seu pai. A decisão é sua.

Penélope não podia se decidir, pois havia sido criada no costume de sempre obedecer a seu pai. Amava Odisseu, mas

tinha vergonha de admitir que queria partir com ele. Então, apenas desceu o véu sobre a face e nada respondeu. Icário, comovido por esse gesto e compreendendo que Odisseu estava coberto de razão, decidiu deixá-la partir com ele. Mais tarde, em reconhecimento ao comportamento da filha, mandou erguer, naquele lugar, a estátua da Discrissão.

Assim, Odisseu casou-se com a mulher que seu coração e sua mente haviam escolhido e com ela teve um filho encantador, Telêmaco. Reinava feliz em Ítaca quando soube que Páris havia raptado a bela Helena.

– As coisas não vão bem – disse a Penélope. – Menelau e Agamêmnon convocarão todos os aqueus. Em breve estarão aqui para me intimidar. Espere e verá. Todos sabem que eles não empreenderiam uma expedição contra Troia sem contar com o cérebro de Odisseu. Mas não estou nem um pouco disposto a deixar que estraguem nossa felicidade, fazendo-me correr para a guerra na longínqua Troia; nem que me ofereçam todos os tesouros de Príamo numa bandeja. Além disso, Menelau está colhendo o que plantou. Que culpa tenho eu? Que culpa tem você, para ser separada de seu esposo, pai de seu filho, e ficar sem saber se um dia ele voltará? Que culpa tem a Hélade inteira de que Menelau tenha levado Páris, um jovem belo como um deus, para dentro de sua casa e cuidado dele por nove dias e nove noites? E quando ele precisou partir para Creta, em vez de dizer-lhe: “Vamos, eu o acompanharei até o seu navio, pois você deve partir”, deixou-o em casa e, ainda por cima, aos cuidados de quem? De Helena! Não digo que Menelau não seja valoroso, talvez seja mesmo um herói. Mas de raciocínio ele mostrou agora que é pouco dotado. Eis o que farei: temos aqui em Ítaca um adivinho competente, Aliterses. Vou perguntar-lhe qual será meu destino se eu for para Troia; se ele prever que voltarei logo, irei. Mas se disser que me aguarda um triste fado, então tratarei de descobrir um jeito de me safar. Além do mais, todos prestaram o juramento, mas não eu.

Aliterses fez suas profecias, que o tempo mostrou serem corretas: “Se você partir para Troia, só voltará vinte anos depois; então, terá perdido todos os seus companheiros, e ninguém o reconhecerá”.

Ao ouvir isso, Odisseu não teve dúvida: – Fingir-me-ei de louco – disse – e assim não irei a Troia.

A notícia de que Odisseu enlouquecera logo se espalhou pela Hélade. No entanto, Palamedes, filho de Náuplio, que era tão inteligente quanto Odisseu, disse a Agamêmnon e a Menelau:

– Qualquer um poderia ter ficado louco, menos ele. Vamos pegá-lo!

Os três comandantes foram até Ítaca e encontraram Odisseu. Ele estava cultivando um pedaço de terra com um arado atrelado a um boi e um asno, e semeava a terra com sal, atirando-o para trás, por onde o arado havia passado. Quando seus visitantes se aproximaram, ele fez como se não os conhecesse e continuou a cultivar a terra e a semear o sal.

Com seu bebê no colo, Penélope acompanhava angustiada os três comandantes. Súbito, Palamedes arrebatou o pequeno Telêmaco de suas mãos e colocou-o diante do arado de Odisseu, dizendo: “Odisseu, vem até nós”. Então, para não matar o filho, ele parou bruscamente e foi forçado a admitir que agira como louco por sua própria vontade. Por fim, acrescentou:

– Esqueçamos esse episódio e partamos agora para conquistar Troia. Ao lado de Menelau, combaterei como nenhum outro guerreiro.



Odisseu não perdoou a Palamedes a descoberta de seu estratagema, reservando-lhe uma vingança fatal.(15)

Aquiles

Já se encontravam reunidos quase todos os heróis e comandantes mas um deles não havia sido localizado em parte alguma. Era Aquiles, filho de Peleu, rei da Ftia, e de Tétis, uma deusa marinha. Isso era muito estranho, pois ele talvez fosse o único guerreiro ansioso para ir à guerra.

Aquiles possuía uma força tremenda. Quando ainda era um bebê, Tétis, prevendo quão forte seu filho seria, quis torná-lo imortal e, para isso, o mergulhou nas águas do rio Estige. Desse modo, seu corpo tornou-se invulnerável às armas e às doenças. O único ponto fraco era o calcanhar direito, que não fora molhado no rio, pois por ele é que Tétis segurara o menino. Em seguida, ela o levou ao mais sábio de todos os centauros,(16) Quíron, o grande mestre e educador de heróis, para instruí-lo e exercitar seu corpo e sua mente. A educação de Aquiles começou pela alimentação: Quíron dava-lhe para comer cérebro de urso, para que ficasse mais inteligente, e de gazela, para que se tornasse mais ágil; e dava-lhe coração de leão, para que desenvolvesse coragem.(17) Fez também com que ele se exercitasse na corrida de carros, nas caçadas e, acima de tudo, na arte da guerra. Além disso, ensinou-lhe literatura, astronomia e até medicina. A musa Calíope foi encarregada de iniciá-lo no mundo mágico da música, (18) para que ele cantasse nos banquetes. Aquiles era inteligente e aprendia rápido. Tornou-se muito forte e insuperável na corrida; amava caçar com sua pesada lança. Caçava gazelas sem a ajuda de cães e mal havia completado seis anos quando matou o primeiro urso. Desde então, habituou-se a carregar não somente ursos, mas também leões, para a caverna de Quíron. Até o dia em que o sábio centauro lhe disse:



– Você aprendeu mais coisas do que eu acreditava que fosse possível. De agora em diante, deixemos que o dever seja seu mestre.

Quando soube que Páris havia raptado Helena, Aquiles encontrava-se na casa de seu pai, na Ftia. Com apenas dezessete anos, já era o comandante do exército da Ftia, dos célebres mirmidões, e preparava-se para a guerra antes mesmo que a notícia do escândalo chegasse até ele.

Enquanto isso, uma angústia imensa corroía o íntimo de Tétis, pois ela sabia que o filho morreria na flor da juventude, perseguindo os troianos. Apolo havia lhe dito claramente: “Aquiles só escapará da morte se não for a Troia”.

Decidida a ocultá-lo, ela vestiu-o de mulher e enviou-o para a corte de Licomedes, rei de Esquiros. Lá Aquiles vivia com as filhas do rei, que o chamavam de Pirra, pois seus cabelos eram vermelhos como o fogo(19). Mas o adivinho Calcas havia dito que Troia não poderia ser tomada sem a ajuda de Aquiles, e os comandantes começaram a procurá-lo. Quando descobriram onde ele se encontrava, Odisseu escolheu alguns companheiros, embarcou em seu navio e foi buscá-lo em Esquiros.

– Não há nenhum Aquiles por aqui, não temos sequer um rapaz

– disse Licomedes.

– Mas acaso você deixará que o procuremos?

– Fique à vontade – foi a resposta de Licomedes.

Procuraram-no por todo o palácio e encontraram apenas moças.

– Tudo bem – disse Odisseu. – Está na hora de partirmos. Antes, porém, gostaríamos de dar alguns presentes a essas moças para compensar-lhes o susto desnecessário que tiveram.

Trouxeram do navio muitos presentes para moças e, entre eles, um escudo e uma lança. Colocaram-nos sobre uma mesa, e as moças escolhiam o que lhes agradava. Uma ruiva não escolheu nada.

De repente, ouviu-se um soar de trombetas, gritos de guerra e armas que se entrechocavam, como se tivesse eclodido uma guerra. Eram os homens de Odisseu que faziam todo esse tumulto, seguindo as instruções dadas por seu chefe. Na mesma hora, a moça de cabelos ruivos agarrou a lança e o escudo, os únicos presentes que haviam ficado em cima da mesa, e correu para fora do palácio.

Foi assim que Odisseu reconheceu Aquiles. Saiu correndo atrás dele e conseguiu detê-lo. Disse-lhe quem era e revelou-lhe o objetivo de sua vinda. Aquiles acompanhou-o com satisfação, rasgando, com repugnância, suas roupas de mulher.

Enquanto Aquiles se despedia do rei e de suas filhas, uma delas, a linda Deidâmia, não pôde esconder as lágrimas; e ele também se mostrou emocionado. Era evidente que os dois partilhavam algum grande segredo...

De Esquiros, Aquiles foi para sua pátria, a Ftia, preparar-se para a guerra. Encontrou um ajudante em seu primo Pátroclo, filho de Menécio, rei da Lócrida, que fora expulso do lar por ter matado acidentalmente um amigo, Clesônimo. Pátroclo refugiou-se na corte de Peleu, seu tio, que o acolheu hospitaleiramente e o fez companheiro de Aquiles. Embora mais velho que ele, tornou-se seu amigo inseparável e muitas vezes o ajudava com sábios conselhos, encorajando-o nos momentos de alegria e de dor.

Com lágrimas escorrendo pela face, mas cheio de secreto orgulho, o velho Peleu despediu-se do filho e deu-lhe de presente os bens mais preciosos para um guerreiro: suas célebres armas, as melhores que existiam em todo o mundo, pois foram dadas

pelos próprios deuses por ocasião de seu casamento com Tétis. Entre elas estava a famosa lança pesada. Aquiles também recebeu do pai os dois cavalos imortais dotados de fala humana, ofertados a Peleu pelo deus do mar, Possêidon, o abalador da Terra.(20) Ao filho impulsivo e inexperiente, Peleu deu ainda um conselheiro, o sábio Fênix, que seria para o jovem guerreiro um segundo pai e um mentor. Além disso, o filho de Peleu tinha sob seu comando o famoso exército dos mirmidões e, é claro, o valoroso amigo Pátroclo, que estaria sempre a seu lado. Parecia que Aquiles pelida(21) partia para a guerra com poderes invencíveis. Não esqueçamos que seu corpo era invulnerável às armas, exceto naquela parte pela qual Tétis o havia segurado ao imergi-lo no Estige: o “calcanhar de Aquiles”. Desde então, designa-se assim o ponto fraco de alguém, ainda que muito forte.

Apesar dessas vantagens, o herói estava destinado a ser morto. E sabia disso, pois sua mãe já havia lhe contado, com a esperança de que se assustasse e desistisse da guerra. Doce ilusão! Por acaso ela ignorava que, como dissera Prometeu, se Aquiles tivesse um pai imortal, seria temido pelo próprio Zeus?

Portanto, nada podia deter Aquiles, que reuniu rapidamente seu exército e, junto com Pátroclo, rumou para Áulis com um contingente de cinquenta navios.

Os Atridas

No estreito da Eubeia, reuniram-se todos os chefes dos aqueus, cada qual com seu exército e seus navios.

O chefe supremo e comandante de todos os reis do exército grego era o poderoso Agamêmnon, rei de Micenas, rica em ouro. Sua esposa era Clitemnestra, irmã da bela Helena. Agamêmnon partira para Áulis com cem navios e reinava sobre a terra tal como Zeus no Olimpo. Isso ninguém contestava; no entanto, ele não era o mais corajoso nem o mais justo dos chefes aqueus. Ao contrário, Agamêmnon era filho de Atreu, e a família dos atridas era amaldiçoada. Pélope, seu avô, amaldiçoara e banira os filhos, Atreu e Tiestes, por terem matado o meio-irmão deles, Crisipo. Perseguidos, refugiaram-se em Micenas, na corte do orgulhoso e covarde Euristeu, o tirano que encarregou Hércules dos doze trabalhos. Logo depois da morte de Euristeu, os dois filhos de

Pélope enfrentaram-se numa ambiciosa disputa pelo trono de Micenas. Começaram cometendo uma sequência de crimes e de vinganças horríveis, que culminou com o assassinato de Atreu pelo filho de Tiestes, Egisto, bem como de Tiestes pelo filho de Atreu, Agamêmnon. A maldição que pesava sobre a casa dos atridas estava destinada a passar para os filhos de Agamêmnon: Ifigênia, Electra e Orestes.

Contudo, essa foi a dinastia dos grandes reis. Eles detiveram o cetro dado por Zeus, rei do Olimpo, a Hermes, que o entregou a Pélope. Das mãos de Pélope ele passou para as de Atreu e Tiestes, e de Tiestes tomou-o Agamêmnon. Este empunhava agora o cetro divino e era, portanto, o grande rei. Se ele antes cometera um crime, aos olhos de seus contemporâneos isso já não importava, pois acreditava-se que Zeus e as implacáveis Moiras determinavam o curso das ações humanas. Mas, por mais poderoso e destemido que fosse o grande atrida,[\(22\)](#) nessa guerra ele demonstraria seu egoísmo, arrogância e teimosia, que causaram imensa desgraça ao exército dos aqueus.

Muito diferente era o outro atrida, o irmão mais novo de Agamêmnon, o benevolente Menelau, que agora, no entanto, sentia um ódio mortal por Páris. Foi graças a sua obstinação que a expedição a Troia, da qual ele participou com sessenta navios, tornou-se realidade. Menelau era corajoso e bom combatente. Lutou contra Páris num combate singular e venceu-o. Por amor à honra, teve a coragem de desafiar Heitor para um combate singular, embora soubesse quanto o oponente lhe era superior; e, se não fosse por Agamêmnon, teria então encontrado morte certa.

Os dois Ajax

Muitos outros chefes aqueus se distinguiam na guerra de Troia. Contudo, no momento decisivo do combate, o maior peso recairia nos ombros de Ajax de Salamina. Com exceção de Aquiles, nenhum guerreiro o superava. Ajax era corpulento, tinha os ombros largos e ultrapassava em altura todos os outros combatentes. Com seu escudo em forma de torre e sua lança comprida, assemelhava-se a um chefe guerreiro de uma época remota. Tal como se fazia nos tempos mais antigos, ele utilizava pedras para

guerrear, pedras colossais que, com sua força descomunal, atirava nos inimigos, esmagando-os. Seu pai, Télamon, foi aquele que, ao lado de Hércules, conquistou Troia e levou para sua pátria Hesfone, irmã de Príamo. Ajax, que não era filho dela,⁽²³⁾ tinha ódio mortal aos troianos e partiu para a guerra com doze navios.

A seu lado, costumava lutar um outro Ajax, filho de Oileu, rei da Lócrida. Ajax, o lócrico, partiu para Troia com quarenta navios. Pequeno e magro, o oposto de seu homônimo, era veloz como o vento e o mais ágil com a lança e a espada. Quando os dois Ajax se lançavam no combate, somente os deuses podiam resistir a sua investida.

Havia outro herói que também lutaria contra os deuses: Diomedes, rei de Argos. A seu lado sempre se encontrava a deusa Atena. Era tão forte e audacioso que o comparavam a Ajax de Salamina. Quando, em meio aos reveses da guerra, muitos se encolheram de medo, ele permaneceu inabalável em sua decisão de continuar até a vitória. Diomedes partiu para Troia com quarenta navios.

Por fim, sob as ordens de Agamêmnon, reuniu-se um exército imenso. Provenientes de trinta regiões distintas, 1.200 na-vios chegaram a Áulis, localidade próxima ao estreito de Cálcis, de onde partiriam rumo a Troia.

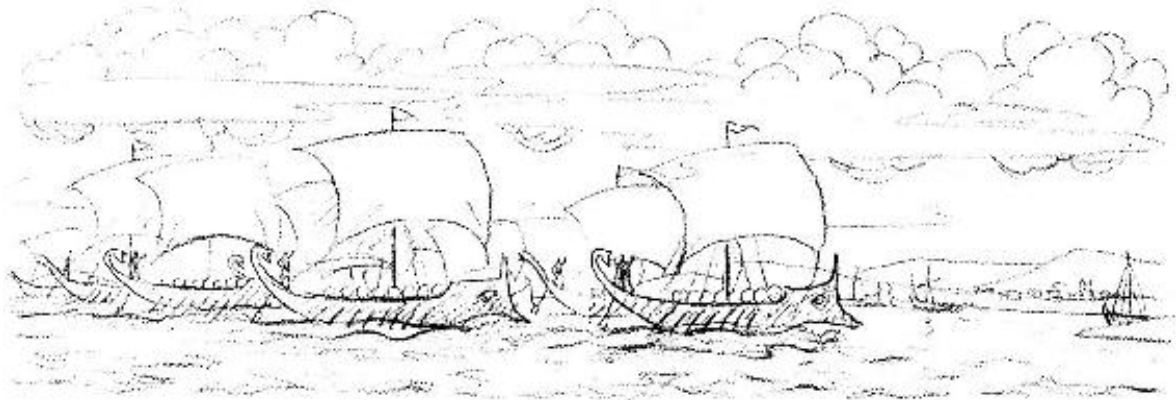
Os valorosos troianos defenderiam sua pátria por dez anos completos. Teriam ainda muitos aliados e a ajuda de sólidas e elevadas muralhas construídas pelos deuses, mas sua força seria muito inferior à da multidão de aqueus.

Heitor

Se Troia conseguiu resistir por tanto tempo, isso se deveu a seu grande comandante de guerra, Heitor, filho de Príamo e Hécuba.

Heitor era uma personalidade nobre e trágica. Homero, o grande poeta da Ilíada, dedica-lhe seus versos mais inspirados, versos que atravessaram os séculos trazendo até nós o relato dos horrores de uma guerra feroz e implacável. Para Homero, também o adversário é um homem que combate e sofre, que ama seus familiares e luta por sua pátria. Não existem para ele amigos e inimigos, gregos e bárbaros. Existem apenas aqueus e troianos,

simplesmente homens contra homens.



Heitor era dotado das melhores qualidades. Nobre, forte, belo tanto de alma quanto de corpo, era insuperável na arte da guerra. Se alguma coisa lhe acontecesse, tudo estaria perdido – todos sabiam disso – pois ele era o sustentáculo de Troia, visto que seu pai, já um ancião, não podia fazer nada além de acompanhar o desenrolar do conflito e observar a defesa da cidade, comandada pelo filho. As virtudes guerreiras de Heitor eram reconhecidas e temidas pelos inimigos. Quando o invencível Aquiles se retirou irado da batalha, Heitor perseguiu os aqueus até seus navios. E quando o ódio pelos troianos tornou a se expandir no coração do terrível chefe guerreiro dos aqueus e ele regressou ao combate, Heitor foi o único que permaneceu para enfrentá-lo, mesmo sabendo quanto lhe era inferior. Como todo homem, ele queria escapar da morte no momento crítico, mas seu coração valente não lhe permitiria ser humilhado: o maior herói dos troianos justificou sua fama, combatendo corajosamente até o momento final, quando caiu prostrado sob a lança do oponente. O nome do nobre e valoroso Heitor permaneceu para sempre na memória de seus amigos e inimigos.

Eneias

O segundo herói mais importante entre os troianos era Eneias, filho da deusa Afrodite e de Anquises, rei da Dardânia.

Afrodite amou Anquises involuntariamente. O grande Zeus não suportava mais ouvir a deusa do amor vangloriar-se de não haver se unido a um mortal, enquanto ele próprio havia amado muitas mulheres mortais. Por esse motivo, ele incutiu-lhe um desejo incontrolável por Anquises, que era belo como um deus. Afrodite

partiu sozinha e encontrou-o nas encostas do monte Ida, onde ele costumava apascentar seus rebanhos. Então, sem revelar sua verdadeira identidade, disse-lhe:

– Sou filha do rei da Frígia. Hermes apareceu-me em sonhos e disse que devo tornar-me sua esposa.

Arrebatado pela beleza da jovem, Anquises acreditou em suas palavras e, pelo desígnio do grande Zeus e da implacável Moira, dormiu com ela, ignorando que era uma deusa.

Dessa união nasceu Eneias, que acompanhou Páris até Esparta para ajudá-lo a raptar Helena. Era um guerreiro destemido: se Heitor era o braço forte de Troia, Eneias era sua alma, como admitiu o próprio Aquiles. Sempre protegido por sua mãe imortal, foi um dos pouquíssimos heróis troianos que escaparam do grande massacre.

Cassandra

O fim trágico de Troia foi profetizado por Cassandra, filha de Príamo, mas ninguém acreditou nela, e vamos ver por que motivo.

Cassandra, que era dotada de uma beleza divina, obteve de Apolo, apaixonado por ela, o dom da profecia, prometendo-lhe, em troca, que corresponderia a seu amor. Porém, Cassandra não cumpriu a palavra, e Apolo, embora terrivelmente irado, ocultou seus sentimentos: pediu-lhe apenas um beijo. Sem suspeitar de nada, ela concedeu, e o deus vingou-se cuspindo-lhe na boca.

O que Apolo fez não retirou da filha de Príamo a capacidade de prever o futuro, porém privou-a da capacidade de convencer os outros de que suas profecias eram verídicas. Isso foi ainda pior, pois, na guerra, Ílion poderia ter sido salva se os troianos tivessem acreditado em Cassandra. Mas todos a julgaram louca quando expressou suas funestas previsões.

A primeira expedição fracassa

Os aqueus partiram duas vezes de Áulis em direção a Troia. A primeira expedição fracassou, pois a armada grega aportou, por engano, em outro lugar. Isso aconteceu porque Agamêmnon achava que a pessoa mais apropriada para guiá-los a Troia, de modo seguro e certo, era Aquiles, supondo que a deusa Tétis

não deixaria de ajudar seu filho. Assim, fizera de Aquiles o guia da esquadra.

Mas uma coisa era o que Agamêmnon presumia, e outra, bem diversa, o que Tétis tinha em mente: ela sabia que o filho morreria se partisse para Troia; por isso, em vez de indicar a rota segura, fez com que ele se desviasse, enviando os navios para a Mísia, que era governada por um filho de Hércules, o forte e intrépido Télefo.

Quando os aqueus desembarcaram em terra firme, começaram imediatamente a devastar e saquear, pensando que estavam na Tróade. Vendo estrangeiros indesejáveis com tão más intenções, Télefo atacou-os com seu exército, colocando-os em fuga e matando muitos deles. A situação mudou quando Aquiles e Pátroclo se lançaram na linha de frente do combate. Télefo conseguiu ferir a mão direita de Pátroclo, o que de nada lhe serviu, pois Aquiles, ao vê-lo, correu com um urro selvagem para medir-se com ele. Dian-te do aspecto do terrível guerreiro, Télefo compreendeu que não poderia competir com semelhante adversário e pôs-se em fuga. E teria escapado se não fosse impedido pelo deus Dioniso, que assim lhe retribuía o descaso de nunca tê-lo honrado com festas e orgias: no momento em que Télefo corria, Dioniso fez surgir do solo o cepo de uma videira, no qual o filho de Hércules tropeçou e caiu. Aquiles conseguiu alcançá-lo e, com sua lança, abriu-lhe na perna uma ferida que demoraria muitos anos para cicatrizar. Quanto ao ferimento de Pátroclo, o próprio Aquiles o curou, como havia lhe ensinado Quíron, o mais sábio dos centauros.

Enfim, os aqueus embarcaram novamente. Mas, durante sua segunda tentativa de chegar a Troia, uma terrível tempestade atingiu-os, e toda a frota se dispersou. Desencorajados, sentindo como é amarga a incerteza do resultado de uma expedição, tomaram o caminho de casa, cada comandante para a respectiva pátria, com seu exército. Já havia se passado dois anos desde que Páris raptara a bela Helena.

Pouco tempo depois, a maioria dos comandantes estava satisfeita, porque os acontecimentos mostravam que a situação se acalmava. Um deles, porém, não conseguia se tranquilizar: era Menelau. Assim, começou outra vez a ir de cidade em cidade, a

convocar os comandantes e a falar com eles. Com seu irmão não havia nenhum problema, tampouco com Nestor ou Aquiles. Os maiores heróis mostraram, uma vez mais, disposição para acompanhá-lo. Contudo, muitos outros se queixavam.

– Prestamos o juramento uma vez e o cumprimos – diziam vários deles.

– Os deuses não querem que partamos para Troia – diziam outros.

– Vocês prestaram o juramento de permanecer a meu lado – respondia Menelau. – Deixem os deuses de lado. Nenhum deus quer que nossas mulheres sejam raptadas, que nossas riquezas sejam roubadas e, ainda por cima, que sejamos motivo de zombaria. Se não guerrearmos contra Troia e não recuperarmos Helena e os tesouros roubados, com todo o ouro que continham, as futuras gerações se lembrarão de nós como homens que não cumpriram o dever.

Quer por terem sido tocados em seu brio, quer por cobiçarem o ouro de Troia, todos foram, aos poucos, persuadidos novamente. Todavia, oito anos se passaram até que tornassem a se reunir em Áulis.

Havia ainda outra dificuldade: precisavam de alguém que conduzisse os navios para Troia com segurança.

Na opinião de Odisseu, somente Télefo seria capaz de lhes mostrar o caminho, por ser casado com uma filha de Príamo. Mas eles o haviam deixado na Mísia, ferido. E agora onde encontrá-lo? E, se o encontrassem, como convencê-lo a guiá-los a Troia, sendo ele genro de Príamo?

Eles não sabiam que, nesse meio tempo, Télefo embarcou sozinho num navio e partiu ao encontro dos chefes aqueus: a ferida em sua perna o atormentava de modo insuportável e, interrogando o oráculo para saber o que fazer, obtivera a seguinte resposta: “Somente aquele que o feriu é que poderá curá-lo”.

Assim, Télefo rumava para a Hélade à procura de Aquiles. Mas onde encontrá-lo? E, se o encontrasse, será que o receberia para tratar do ferimento? Cuidaria de quem tantos males causou aos aqueus e feriu seu amigo Pátroclo? Por causa dessas dúvidas, Télefo, ao desembarcar de seu navio, disfarçou-se de mendigo antes de se dirigir ao palácio de Agamêmnon.

Como era costume naquela época, todo estrangeiro que chegava, fosse nobre ou mendigo, devia ser recebido com hospitalidade; somente depois que a pessoa havia comido e bebido é que se perguntava quem era e o que desejava. Foi o que aconteceu com Télefo. Depois que ele saciou a fome e a sede, foi interrogado pelo próprio Agamêmnon sobre quem era e o que queria.

Então o estrangeiro se levantou e subitamente arrebatou o pequeno Orestes das mãos de Clitemnestra, dizendo:

– Sou Télefo e jogarei este menino no fogo se você não me prometer chamar Aquiles para tratar do meu ferimento. Há anos sofro dores insuportáveis, e o oráculo me disse que só quem me feriu poderá me restabelecer.

Muitos comandantes estavam reunidos em Micenas, entre eles Aquiles. Agamêmnon mandou chamá-lo.

– Eu o chamei, mas imponho uma condição – disse a Télefo. – Só trataremos de sua ferida se você concordar em nos guiar até Troia.

Télefo conformou-se, mas Aquiles não aceitava tratá-lo bem. Não podia se esquecer de que ele havia ferido Pátroclo, seu melhor amigo.

– Não sei tratar de ferimentos – respondeu secamente.

– Mas você aprendeu medicina com o sábio Quíron – disse-lhe Agamêmnon. – Curou a ferida de Pátroclo e agora vem dizer que não sabe tratar de ferimentos?

– De qualquer modo, desse eu não tratarei. Que outra pessoa o faça, se quiser.

– Mas o oráculo disse que só aquele que me feriu é que poderá me curar – repetiu Télefo.

– Foi a lança de Aquiles que o feriu! – exclamou Odisseu. – Dê-me sua lança, Aquiles!

Odisseu retirou um pouco de ferrugem da ponta da lança e esparziu sobre a ferida de Télefo, que se restabeleceu rapidamente. Assim, ele aceitou conduzi-los a Troia. Recusou-se, contudo, a lutar contra Príamo, pai de sua esposa.

¹ Portas Ceias: significa portas da esquerda, do grego skaiós, “esquerdo”. As Portas Ceias davam para o campo dos gregos (cf. Ilíada, VI, 393).

² Hélade = Grécia: os gregos chamam sua pátria de Hellás e chamam a si mesmos de

Helenos, nome de uma tribo que, na época das migrações, estabeleceu-se numa região da Tessália. A origem dos termos “Grécia” e “gregos” é latina. Os latinos denominaram de Graii os colonos de Cumas, pois Graia era o nome de um distrito da Grécia ocidental. Graecia foi o nome dado pelos romanos à Hélade.

3 A palavra bárbaros é onomatopaica. Era empregada pelos gregos como uma referência à fala incompreensível dos povos estrangeiros, que parecia uma espécie de balbúcio (bar-bar-bar...).

4 Escamandro era um rio da planície de Troia. Também chamado Xanto (Amarelo), talvez por causa da cor de suas águas. O nome de Escamandro é explicado pela seguinte lenda: quando Hércules esteve na Tróade, sentiu sede e pediu a seu pai, Zeus, que lhe indicasse uma fonte. Zeus fez brotar da terra um pequeno regato, mas Hércules achou-o insuficiente e escavou a terra (em grego, skápto, escavar) até encontrar um lençol d’água, que se tornou a nascente do Escamandro. Na Ilíada, o rio Escamandro aparece como um deus filho de Zeus e intervém no combate de Aquiles contra os troianos. Unido à ninfa Idéia, Escamandro gerou Teucro, o primeiro rei da Tróade. Está, assim, na origem da família real de Troia, e por esse motivo os troianos são também denominados teucros.

5 Para a lenda de Hele e Friso, veja o livro Jasão e os argonautas, desta coleção.

6 A lança é um importante atributo de Palas Atena, deusa guerreira, bem como o fuso, pois ela era também a patrona de artes manuais.

7 Sobre esse episódio, ver o mito de Hércules no livro que leva seu nome, nesta coleção.

8 Espécie de vestido, peça indispensável da indumentária feminina grega, preso nos ombros com um broche e pendente de acordo com a moda.

9 Trata-se de três deusas que personificam o destino de cada ser humano, o quinhão que lhe cabe neste mundo. Originalmente, considerava-se que cada um teria sua moira, ou seja, sua parcela (de vida, de felicidade, de desgraça etc.). Com o tempo, essa abstração tornou-se uma divindade semelhante a Quere, mas sem seu gênio violento e sanguinário. Na forma impessoal, a Moira é tão inflexível como o destino: encarna uma lei que nem os próprios deuses podem transgredir sem pôr em perigo a ordem do mundo. É a Moira que impede essa ou aquela divindade de levar ajuda a determinado herói no campo de batalha, se chegou “sua hora”. Após os poemas homéricos, passou a predominar a concepção de Moira como destino universal. As três Moiras eram filhas de Zeus e Têmis ou, segundo outra genealogia, filhas da Noite, pertencendo, assim, à primeira geração divina – a das forças elementares do mundo. Para cada um dos mortais, elas regulavam a duração da vida desde o nascimento até a morte: Cloto (a fiandeira) fiava o fio do destino, Láquesis (a que distribui ao acaso) enrolava o fio e Átropos (a inflexível), cortava-o, quando a vida correspondente acabava.

10 Essa era uma situação muito comum no mundo antigo, a cremos nos poemas homéricos, e sobretudo em Heródoto, cf. História, Livro Primeiro.

11 A história de Cassandra será narrada adiante.

12 O sacrifício consistia em oferecer à divindade algo pertencente ao devoto e era o ato central do ritual de culto entre os gregos e os romanos. Para oferendas sanguinolentas, podiam ser abatidos no altar animais de várias espécies, em ritual solene, sempre acompanhado por preces. Além de bois e carneiros, sacrificavam-se cavalos aos deuses Possêidon e Hélios.

[13](#) Isto é, Eros, o Amor.

[14](#) Sísifo, filho de Éolo e Enarete, fundou Corinto, onde reinou. Segundo uma versão, de sua união com Anticleia, filha de Autólico, nasceu Odisseu. Certa vez, Sísifo viu Zeus passar por Corinto conduzindo a jovem Egina e contou o fato a Asopo, pai dela. Como castigo, Zeus enviou-lhe a Morte. Sísifo aprisionou-a, impedindo-a de cumprir sua missão. Mas, obrigado por Zeus, libertou-a e seguiu-a aos Infernos. Antes, porém, pediu à mulher que não o enterrasse. Chegando ao reino dos mortos, solicitou permissão para subir à terra e castigar a esposa pelo pretense ato de impiedade, prometendo voltar. Hades consentiu e Sísifo enganou-o: não voltou mais.

[15](#) Para vingar-se, quando já estavam acampados em Troia, Odisseu mandou depositar na tenda de Palamedes uma quantidade de ouro e uma carta falsificada de Príamo, que dizia compensá-lo pela ajuda que vinha oferecendo aos troianos. Depois, fingindo descobrir a carta e o dinheiro, Odisseu acusou-o de traição. Um tribunal declarou Palamedes culpado e mandou apedrejá-lo. Segundo outra versão, Odisseu e Diomedes fizeram-no descer ao fundo de um poço e esmagaram-no, lançando-lhe pedras e terra.

[16](#) Os centauros eram uma raça de criaturas fabulosas, homens da cintura para cima e cavalos da cintura para baixo. Descendentes de Íxion e de Néfele (Nuvem), eram oriundos da Tessália.

[17](#) Os povos “primitivos” acreditavam que comer a carne de determinados animais era uma forma de incorporar suas qualidades.

[18](#) Para os gregos, a música (isto é, a arte das Musas) era mais do que essa palavra designa hoje: incluía também a literatura e outros componentes de uma educação intelectual e artística superior, sendo, assim, de máxima importância para a formação completa do cidadão livre.

[19](#) Em grego, pyr significa fogo. Há numerosos compostos dessa palavra em nossa língua, inclusive com outras palavras de origem grega, como pirobalística, pirofobia, piromania, piroesfera, pirotecnia etc.

[20](#) Segundo alguns estudiosos, vários epítetos atribuídos ao deus Possêidon parecem indicar que ele foi um deus ctônico, antes de se tornar o deus do mar. Originariamente, seria uma potência ativa que fazia sacudir a Terra, movimentando sua seiva vital, provocando abalos sísmicos (terremotos), ou ainda fazendo jorrarem todas as águas de seu interior.

[21](#) Pelida, isto é, filho de Peleu (patronímico).

[22](#) Atrida significa filho de Atreu (no singular, geralmente Agamêmnon). Atridas: Agamêmnon e Menelau.

[23](#) Ajax era filho de Peribeia, a segunda esposa de Télamon (a primeira, Glauce, havia morrido). Da união de Télamon com Hesíone nasceu Teucro, que era, portanto, meio-irmão de Ajax.



O SACRIFÍCIO DE IFIGÊNIA

Ártemis ultrajada

Estava tudo pronto para a grande expedição. O exército reuniu-se novamente em Áulis. Uma coisa, no entanto, retardava a partida da esquadra grega: a ausência de ventos. Esperava-se pelo menos uma brisa, mas nem isso acontecia.

– Até quando essa situação perdurará? – muitos se interrogavam.

– É evidente que os deuses estão contra nós – diziam outros. – Devemos voltar para casa!

Os chefes estavam igualmente inquietos e por isso decidiram consultar Calcas, o adivinho mais importante do exército, o qual lhes disse:

– A deusa Ártemis está furiosa com o comandante da expedição. Está amargurada com Agamêmnon há muitos anos, porque sempre o favorece quando ele precisa de ajuda e nunca recebe oferendas em retribuição. Além disso, pouco tempo atrás, ele a insultou: matou um cervo, atingindo-o de longe, e vangloriou-se de que nem a própria Ártemis possuiria tamanha destreza. O pior de tudo, porém, foi ele ter matado aqui no bosque de Áulis sua cabra selvagem, um animal sagrado ao qual a deusa dedicava especial afeição. Com isso, a cólera de Ártemis extravasou, e Agamêmnon será lembrado de uma promessa que lhe fez há muito tempo e até hoje não cumpriu. Prometeu que lhe sacrificaria o mais belo ser que nascesse em seu reino naquele ano, e o acaso fez com que esse ser fosse justamente sua filha Ifigênia. Agamêmnon esqueceu-se da promessa, e Ártemis, sentindo-se ultrajada, ficou furiosa. É chegado o momento de Agamêmnon pagar a Ártemis o que lhe deve. A ira da deusa só se aplacará se Ifigênia for sacrificada em sua homenagem. Então os ventos voltarão a soprar para enfunar as velas, permitindo que os navios partam para Troia.

Ao ouvir tudo isso, Agamêmnon ficou taciturno. Discutir com Calcas de nada adiantaria, e sacrificar sua filha mais amada seria abominável. Não, ele jamais permitiria isso. Ocultando, porém, seus pensamentos, ele disse:

– Clitemnestra jamais aceitará tal sacrifício.

– Ninguém quer que isso aconteça – disse Menelau. – Mas

como partiremos para Troia se não abrandarmos a ira da deusa?

– Tomara que jamais partamos, se para isso tivermos de sacrificar Ifigênia – murmurou Agamêmnon. Para os outros, no entanto, falou em alto e bom tom:

– Não sei. Mas uma coisa é certa: a mãe dela jamais aceitará esse sacrifício.

– Estamos diante da imposição de uma deusa e você vem dizer para procurarmos saber a opinião da mãe de Ifigênia? A questão é o que você irá decidir.

– Apesar de não aceitar de forma alguma o sacrifício de minha filha, devo me submeter. Sou o comandante do exército e não posso agir de outro modo. Se Clitemnestra aceitar, não farei nenhuma objeção.

– Fale de modo mais claro. A verdade é que você não quer obedecer à deusa – disse um dos comandantes.

– Vamos eleger um novo comandante supremo – propôs outro.

– Eu sugiro que seja Palamedes – gritou um terceiro.

Odisseu pôs-se de pé num salto:

– Se você quer Palamedes como comandante, então eu partirei, adeus – disse, fazendo menção de retornar na direção de seus companheiros.

– Espere, Odisseu – disse Menelau. – Eu também não concordo com a proposta de elegermos outro comandante. Mas Agamêmnon deve tomar uma decisão neste momento.

O casamento de Ifigênia

Agamêmnon permanecia em silêncio.

– Ouça, Agamêmnon – disse-lhe Odisseu –, eu não pretendia de modo algum ajudar Menelau nesta empreitada. Mas desde que lhe dei minha palavra, não há como voltar atrás. Por isso, eu compreendo a sua hesitação. É muito penoso mandar chamar Ifigênia aqui para ser oferecida em sacrifício a Ártemis. Mesmo que isso seja uma imposição da deusa, é impraticável que você aceite esses termos. Há, porém, uma outra maneira. Sente-se e escreva uma carta para Clitemnestra, pedindo-lhe que mande vir Ifigênia para que ela se case com Aquiles, e explique-lhe que esse procedimento se deve ao fato de todo o exército querer premiá-lo por ter-nos salvado da cólera de Télefo, na Mísia.

Ressalte que Ifigênia deve vir sozinha, sem nenhuma outra mulher como acompanhante, isto é, sem a mãe, pois não seria digno da esposa de um rei aparecer diante do exército. Acrescente ainda que ela deve ser enviada para cá o mais rápido possível, pois estamos apenas esperando que o casamento se realize para partirmos.



Agamêmnon não se manifestou.

Por fim, Menelau escreveu a carta por ele, numa tabuleta de argila.

– Assine – disse-lhe. – O exército está ficando impaciente. Ifigênia deve vir.

– E se Aquiles não aceitar que seu nome seja envolvido? Não devemos consultá-lo antes? – perguntou Agamêmnon, tentando ganhar tempo.

– Se ele não concordar, que faremos? – disse Odisseu. – Haverá outro meio de trazê-la até aqui? Ouça, Agamêmnon, não há outra alternativa, você precisa assinar.

– Sim, é necessário – disseram todos.

Então, com as mãos trêmulas, Agamêmnon rabiscou seu nome na tabuleta.

Enquanto a carta era imediatamente enviada, o grande rei

dirigiu-se a sua tenda e, caindo de bruços no leito, chorou amargamente.

Súbito, pôs-se de pé num salto e exclamou:

– O que eu fiz! Não, não posso permitir isso. – E num instante pegou outra tabuleta de argila e escreveu para Clitemnestra as seguintes palavras: “Não envie Ifigênia. O casamento não acontecerá”.

Em seguida, chamou um de seus servos fiéis e disse:

– Pegue meu carro e meus cavalos e vá correndo até Micenas. Entregue esta carta para minha esposa, em suas mãos. Mas preste bem atenção: ninguém deve saber que fui eu que lhe enviei.

Menelau já receava que o irmão se arrependesse e, por isso, passou a espreitá-lo. Quando viu o carro de Agamêmnon sendo preparado, partiu antes e ficou de tocaia numa curva da estrada. Assim que o carro se aproximou, lançou-se diante dele.

– Pare! – gritou.

O auriga(24) não teve outra escolha a não ser parar.

– Entregue-me a carta! – ordenou.

– Não tenho nenhuma carta comigo – disse ele, assustado.

– E o que é isto então? – disse Menelau, retirando de sob o quíton(25) do auriga a tabuleta de argila que ele trazia apertada numa das axilas. – Agora vá embora. Mas não retorne logo ao acampamento. Demore bastante tempo, no lugar que preferir. E, quando voltar, diga o que quiser, pode dizer até que eu peguei a carta, pouco me importa.

Menelau deixou que se passassem dois dias e dirigiu-se sozinho à tenda de Agamêmnon.

– Estou sofrendo tanto quanto você – disse-lhe –, mas não há outro jeito. Tome sua carta de volta e vamos ver como prepararemos Ifigênia para o sacrifício.

– Como ousa espionar-me e interceptar minha carta? – gritou Agamêmnon, explodindo de raiva.

Menelau não se conteve:

– E como ousa você enviar outra carta quando já havia assinado a primeira? Quer que a expedição fracasse? Decidimos pela guerra, Agamêmnon, e as guerras não acontecem sem sacrifícios! Não somente uma vida, mas milhares serão perdidas

para manter nossa honra, a honra de todos os aqueus. Agora que o acaso designou sua filha, você, o chefe supremo, quer voltar atrás? Seja! Mas não mais me considere seu irmão. Não mais o reconheço como o grande rei. Mande todo o exército debandar, se deseja, mas você será sempre motivo de riso para todos os comandantes, que não irão permitir essa humilhação. Pois quem dentre eles aceitará o fracasso de uma expedição que lhes prometia tanta glória, tesouros e a oportunidade de dar uma boa lição nos ladrões de mulheres?

A dor de Agamêmnon havia chegado ao limite. Chorando, ele abraçou o irmão.

– É pavoroso – disse –, Ifigênia é tudo que mais amo na Terra!

Pouco depois, chegava de Micenas sua infortunada filha, acompanhada pela mãe e duas amigas. Agamêmnon ficou surpreso.

– Recomendamos que ela viesse sozinha – murmurou. – Agora a situação começa a se complicar. Ifigênia atirou-se aos braços de seu pai.

– Minha desventurada filha! – disse ele sem querer, e duas lágrimas lhe rolaram nas faces.

– Mas eu vim para o casamento, papai, e estou muito contente com isso.

– É com essas palavras que você nos recebe? – acrescentou Clitemnestra. – Aconteceu alguma coisa? Você está tremendo!

– Não, nada. Eram palavras de alegria. Estou muito comovido, e o pensamento da felicidade de Ifigênia enche-me de pavor.

– Por que fala de modo tão confuso, papai?

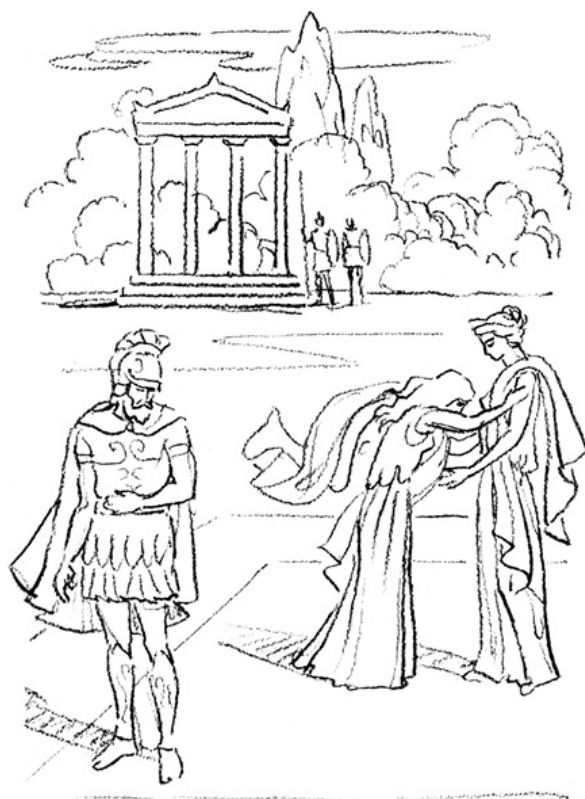
– Como pode alguém se apavorar diante da alegria de uma filha? Por certo perdeu o juízo!

– É devido à minha alegria. Um tal casamento! Ó deusa da noite banhada pela luz da Lua, [\(26\)](#) tenha piedade de mim!

– Mãe, papai está delirando. Houve alguma coisa errada.

– Num momento você diz que está feliz, meu marido, e no outro parece desolado. Desse jeito, qualquer um pensaria que nossa filha irá se casar com Hades!

– Não, ela esposará Aquiles, e estou muito contente com isso. Mas Hades [\(27\)](#) também é um grande rei... do mundo subterrâneo.



- Mãe, papai me assusta.
- Não tenha medo, minha querida. É de felicidade. Diga-me só uma coisa, Agamêmnon: que tem a ver nossa alegria com o mundo subterrâneo?
- Não sei. Não me pergunte. Além disso, você veio até aqui depois que lhe avisei para não vir.
- Mas como eu poderia deixar de vir no dia mais importante da vida de nossa filha?
- Não veja as coisas desse modo. Bem! Não importa. Já que você mesma quis trazê-la, não me irritarei com a sua presença. No entanto, todo o exército está aqui reunido, e você não deve permanecer por mais tempo. Tudo sucederá como deve ser, como os deuses o desejarem.
- Não mande mamãe embora, papai. Quero que ela fique a meu lado. Tenho medo.
- Eu ficarei, minha filha. Estarei ao seu lado na alegria e, se for a vontade dos deuses, também na tristeza – asseverou Clitemnestra.
- Já que não há outro jeito, fique – disse Agamêmnon. – Apesar de tudo, trata-se de um casamento, momento de grande alegria – concluiu e, cobrindo o rosto com as mãos, retirou-se para sua

tenda, para que ninguém o visse chorar. Mas Ifigênia e sua mãe perceberam e se lançaram, soluçando, uma nos braços da outra.

A descoberta da verdade

Elas ainda permaneciam ali, com o coração pesaroso, quando ouviram passos que se aproximavam. Olharam para trás e viram um guerreiro, jovem e belo como um deus, vestido com uma armadura brilhante.

– Desculpem-me – disse –, não havia reparado em vós – e fez menção de sair.

– Um momento – disse Clitemnestra. – Por acaso você é...

– Sou Aquiles, filho de Peleu e Tétis – respondeu o jovem, um pouco embaraçado.

– Eu sou Clitemnestra, esposa de Agamêmnon. Essa aqui é Ifigênia. Sim... Ifigênia!

– É uma honra conhecê-las. Mas estou ocupado e sinto não poder ficar por mais tempo.

– Espere um momento. Quero apenas conhecer o homem que se casará com minha filha. Há algum inconveniente nisso?

– Fico muito contente em saber que nosso comandante casará sua filha. E também concordo que não há nenhum inconveniente em se conhecer o genro antes do casamento. Mas, sinceramente, receio não poder ajudá-las. Não ouvi nada a respeito. Não sei quem é o felizarado.

As palavras de Aquiles foram o suficiente para que Ifigênia ocultasse o rosto no ombro da mãe, inundando-o de lágrimas. Clitemnestra ficou ainda mais abalada.

– Então eles mentiram para nós duas, e também para você, quando disseram que Ifigênia viesse aqui para poderem casá-la! Não mandaram chamá-la para seu bem! Mas, então, por que quiseram que ela viesse? Que maldade escondem de nós?

Aquiles ficou atordoado com o que ouviu.

– Sinto muito – disse –, não estou entendendo nada.

Ifigênia já não suportava mais. Deixou a mãe e saiu correndo na direção das amigas, para dar livre curso ao choro contido.

Clitemnestra olhava para Aquiles com simpatia, pois ele era vítima inocente de uma conspiração de que sua filha era uma vítima mais inocente ainda. Mas que tipo de conspiração era

aquela? Como se poderia descobrir? Nesse momento, ela avistou um de seus fiéis serviçais, que agora estava no exército de Agamêmnon, e chamou-o.

– Quero que me diga tudo o que sabe – ordenou Clitemnestra.

– Senhora, sou apenas um servo. Seu, certamente, mas meu senhor é Agamêmnon. Não posso falar nada sem o consentimento dele.

– Quer dizer então que você sabe de algo?

– Sei de muitas coisas. Na verdade, sei de tudo, mas não tenho coragem...

– Se o que você vai dizer pode causar algum dano, não diga nada; caso contrário, coragem! Diga com toda clareza.

– Você tem razão. Mal maior do que o que está prestes a acontecer não posso causar. Além disso, mais cedo ou mais tarde você, sua filha infortunada e Aquiles saberiam de tudo. Entretanto, será que ninguém nos escuta, nem Ifigênia?

– Diga livremente, não tenha medo.

O servo começou a contar. Ele sabia de tudo. E sabia porque fora ele quem tentara levar a segunda carta para Micenas, sendo interceptado por Menelau.

– Ah, que desgraça terrível pesa sobre mim! – disse Clitemnestra. – Agora sei por que Agamêmnon parecia fora de si enquanto falava conosco. Crime hediondo e premeditado! Vou perder minha filha querida!

– Não! – prorrompeu Aquiles. – Não permitirei que isso aconteça! Eles tramaram tudo isso sem que eu de nada soubesse e envolveram meu nome para sacrificar uma inocente. Terão primeiro de passar por cima de meu cadáver! Mesmo que a expedição jamais se realize, mesmo que os ladrões jamais sejam castigados! Não permitirei esse sacrifício!

De repente, atrás deles, ouviu-se a voz de Ifigênia.

– Mãe, tive medo de uma grande desgraça e vim procurá-la. Sem querer ouvi tudo. Não tenha medo, pois papai não deseja que o sacrifício seja feito e encontrará um modo de me salvar.

– Ah, minha filha, que desgraça pesa sobre nós! Devemos tentar comover o coração de seu pai, que tanto a ama.

– Sim, mãe. E ele está sofrendo tanto quanto você. Sua dor é até mesmo maior do que a minha. Se for possível, ele me

salvará.

- O que você quer dizer com “se”? Ele é o chefe supremo.
- Talvez justamente por isso ele não possa, mamãe.
- Só se ele preferir a ostentação do poder à salvação de sua filha.
- Não posso acreditar que isso seja verdade.
- Conheço seu pai melhor do que você o conhece.
- Vou-me embora – murmurou o servo. – Acho que meu senhor vem aí, e não posso ser visto junto de vocês.
- Eu também não devo ficar – disse Aquiles, saindo imediatamente.
- Papai! – gritou Ifigênia no momento em que Agamêmnon se aproximava – Por que, papai? Que mal eu fiz ao exército dos aqueus?
- Que está dizendo? Não compreendo. Ou será que você profetiza uma calamidade?
- Ela não está profetizando: já sabe de tudo. Ambas sabemos da terrível ação que você decidiu praticar.
- Do que está falando?
- Papai, você irá me salvar, não é mesmo? Vim para me casar. Não permita que eu morra.
- Então vocês sabem de tudo! Alguém se compadeceu de mim, pois eu não poderia contar-lhes a terrível verdade por minha boca!
- E agora, papai?
- Minha filha, você pensa que não estou sofrendo?
- Sim, você está sofrendo – disse Clitemnestra –, mas que importância tem isso? Sua decisão é que é importante. Por causa de Menelau e de sua esposa infiel, você vai sacrificar uma criatura inocente e matar sua mãe de desgosto? Diga-me: já pensou nisso? Como encontrarei forças para regressar a Micenas, depois de ter vindo para cá com a expectativa de que minha filha tivesse um casamento esplêndido? Como suportarei ver seu quarto vazio, quando você estiver ausente? E, mais ainda, que direi quando suas irmãzinhas e o pequeno Orestes perguntarem por ela? Direi que se casou? Que desculpas darei a eles quando depararem com meu travesseiro encharcado de lágrimas? Sim, casou-se, mas tomou Caronte(28) como esposo.

E quando me perguntarem como aconteceu essa desgraça, que mais deverei dizer? Mesmo que eu não diga que você a matou, acredita que conseguirei esconder a verdade por muito tempo? Algum dia eles ficarão sabendo! Então, quando você regressar, talvez vitorioso, como seus filhos o irão receber? E mesmo que eles reprimam seu medo, como você será capaz de abraçá-los? Já pensou em tudo isso? Não, seu único receio é que escolham outro chefe supremo e você perca, assim, a soberania e as honras reservadas à sua posição. Essa é a verdade!

– Basta, mulher! Já basta a dor que me dilacera.

– Sei o quanto a ama – replicou Clitemnestra. – Eu não falaria com você de modo algum, se não o soubesse. Amo meus filhos todos da mesma forma. Mas você tem uma afeição especial por Ifigênia. Você se lembra do tempo em que a punha no colo e lhe dizia: “Você é pequenina ainda e, no entanto, estou ansioso por vê-la feliz com um bom marido, digno do nome de seus pais”? E ela, enroscando os dedos na sua barba, respondia: “Não tenha pressa, papai. Sou tão feliz agora que estamos todos juntos! Mas, depois que um belo e corajoso rapaz vier pedir minha mão em casamento e os anos se passarem, eu o receberei, já velhinho, em minha casa, para retribuir, da melhor maneira possível, todo o amor e o cuidado que sempre teve por mim”. Assim ela lhe falava, e você chorava. E lembro-me que você me dizia: “Se eu não tiver uma morte prematura e alcançar a velhice, irei à casa de Ifigênia, para que ela cuide de mim; e quando chegar minha hora, quero que ela esteja a meu lado para fechar-me os olhos”. Veja agora que reviravolta dá o destino! Que você, entre todas as pessoas... e Ifigênia... não se atenham ao que eu disse antes. Diga: como pôde concordar com tudo isso? Como foi capaz de enviar semelhante carta? E nós, sem suspeitarmos de nada, ficamos contentes, pensando que a deusa do amor havia escolhido como noivo um príncipe do feitio de Aquiles, filho de uma deusa. Nossa filha inocente pulou de alegria ao ler a carta e, quando chegamos aqui, seu coração bateu forte assim que o viu, tão belo quanto um deus. E ela está condenada a morrer, na flor da juventude, antes de conhecer as alegrias que a deusa do amor tão generosamente proporciona a pobres e ricos, a deuses e mortais. Mas você aceitou essa sina e decidiu pelo horrendo

sacrifício. Fervo de raiva toda vez que penso nisso! Bem, não vamos recomeçar. De uma coisa estou certa: só você poderá salvá-la!

– Não posso! Sigo ordens de uma deusa! No princípio, não me submeti a sua vontade. Tentei resistir com todas as forças, mas o exército insurgiu-se contra mim, dizendo que eu queria que a expedição fracassasse, que os ladrões e raptos fossem impunes, que o inexorável castigo dos deuses caísse sobre nós. “Prestamos o juramento”, gritavam. Prometi acatar sua vontade. Não podia ser de outra forma. Coube a mim o primeiro sacrifício desta guerra. Não tenho alternativa. Eis, porém, que ouço vozes novamente. Muitos ainda temem que eu não cumpra a palavra. Vou ver o que está acontecendo. Quanto a vocês, retornem a minha tenda. O pranto irá aliviar-vos. Eu, desgraçado, nem mesmo esse direito tenho.

Aquiles resiste

Agamêmnon correu na direção das vozes.

– Está acabado, mãe – disse Ifigênia. – Meu pai já não pode fazer mais nada. Minha sorte está selada. Mas seja corajosa! Resistirei até o fim.

– Não penso que esteja tudo acabado. Há ainda uma esperança: vamos procurar Aquiles.

– Não, mãe, aonde iremos? Não está ouvindo as vozes?

– O que é que elas dizem?

– Que todos querem minha morte e Aquiles não pode me salvar. Ei-lo que se aproxima de nós.

– Diga-me, Aquiles: o que os soldados estão gritando? – perguntou Clitemnestra, assustada.

– Que o sacrifício seja realizado imediatamente!

– E o que dizem os comandantes?

– Que o sacrifício seja realizado imediatamente!

– Que assim seja. Sim, e rápido! – declarou Ifigênia. – Doce é a existência; e a morte, uma escuridão profunda. Mas esse martírio tem de acabar para todos.

E lançou para Aquiles um olhar tão amargurado que ele exclamou:

– Não! Isso só acontecerá se passarem antes por cima de meu

cadáver!

– Não permitirei que as coisas cheguem a esse ponto – retrucou Ifigênia.

– O que está dizendo, menina? Eles não se atreverão a enfrentar Aquiles.

– Eles já se atreveram – disse Aquiles.

– Mas você tem os mirmidões a seu lado. Quem se oporá à sua vontade?

– Eles foram os primeiros a arremessar pedras contra mim.

– Quer dizer que você está sozinho?

– Ninguém está comigo.

– Filha minha, estamos perdidas!

Aquiles, contudo, mantinha uma esperança.

– Nem tudo está perdido – disse. – Sou filho de Peleu e Tétis. Eu me colocarei diante de Ifigênia com a espada em punho. Eles que ousem!

– Ouça-me – disse Ifigênia. – Ouça-me você também, mãe. Chegou o momento de revelar o que há muito venho pensando. Esse sacrifício precisa ser concluído. Uma deusa assim o exige, e todo o exército o deseja. Os navios devem partir para Troia. E você, Aquiles, já não fala mais de modo racional. Percebo que tem por mim o mesmo afeto que sinto por você. Talvez por isso não consiga perceber que o mais importante é punir os raptos. Se o rapto de Helena fosse uma ofensa apenas para Menelau, seria um mal de pequena proporção. Mas o ato de Páris foi um insulto para toda a Hélade e não deve ficar impune. Não podemos baixar a cabeça diante dessa barbaridade. Todos aqueles que aceitam esse ultraje são dignos de lástima. Irei sozinha ao altar de Ártemis e sozinha ofertarei meu pescoço ao punhal do sacerdote, para apaziguar a deusa com meu sangue. Ela fará, então, surgirem os ventos de que os navios necessitam; os deuses ajudarão os aqueus a conquistarem Ílion de altas torres e os vencedores a regressarem à pátria.

Ifigênia é oferecida em sacrifício

Aquiles permanecia em silêncio. Surpreso e admirado, não conseguia fazer-lhe nenhuma objeção. O sacrifício de

Ifigênia, a moça que tão subitamente ele havia começado a amar, devia realizar-se.

– Você tem razão – disse a ela. – Como você bem notou, o amor deixou-me cego. Mas agora compreendo ainda mais o que estou perdendo. Há pouco não podia nem suportar a ideia desse sacrifício, agora o aceito com orgulho. Neste relacionamento tão fugaz, amei e perdi um espírito excepcional.

Ifigênia não mais esperou. Despediu-se de sua mãe e de Aquiles.

– Vou procurar meu pai. Já me demorei muito.

A infeliz mãe, vendo que palavras de nada adiantariam, entrou em sua tenda, de onde só sairia depois que tudo estivesse terminado. Sobrevinha o crepúsculo quando o servo fiel correu a sua procura.

– Minha senhora! – gritou. – Aconteceu um milagre inacreditável! Clitemnestra saiu da tenda. O vento soprava.

– Se acontecesse o milagre que eu esperava, você teria vindo antes me dizer algo a respeito de Ifigênia.

– Sua filha foi levada pela deusa! Ouça como tudo aconteceu. Ela ofereceu o pescoço tão espontaneamente que todos ficamos admirados com sua coragem. No momento em que o sacerdote ergueu o punhal, baixamos os olhos para o chão, para não vermos aquela cena terrível. Apenas aguardávamos, prendendo a respiração. Se caísse uma folha, teríamos ouvido. Quando escutamos o som nítido do golpe do punhal, alguém gritou: “Milagre! Milagre!”. Imediatamente erguemos os olhos, mas a moça não se encontrava em parte alguma! Em seu lugar, um cervo debatia-se nos últimos estertores. Ficamos todos paralisados pela surpresa. Então, Calcas subiu ao pedestal do altar, ergueu as mãos e disse: “Grande Aga-mêmnon e todos os chefes dos aqueus, escutem-me! A deusa não quis batizar seu altar com o sangue nobre de uma virgem inocente. Levou Ifigênia consigo para bem longe, para a terra dos táurios,[29](#) onde ela se tornará sua sacerdotisa. A cólera da deusa finalmente se aplacou. Olhem em volta! As folhas das árvores tremulam, e da terra firme o vento começa a soprar. A esquadra, com todo o exército, já pode partir para Troia. Com coragem e fé na vitória, embarquemos!”

Contudo, Clitemnestra se recusava a acreditar nas palavras do servo.

– Você contou uma bela história, meu amigo, certamente para me consolar. Mas é muito difícil crer nesse milagre.

– Mas todos o viram! Eis que chega meu senhor. Ele mesmo lhe contará.

– Mulher, nossa dor atenua-se. Ifigênia está com a deusa, que a tornará imortal. Agora, com todo o exército, vamos partir. Troia será conquistada. Sua fortaleza ficará em ruínas. E, quando retornarmos, festejaremos todos juntos a grande vitória.(30)

[24](#) Condutor de carro, cocheiro.

[25](#) Quíton era uma peça da indumentária grega antiga, uma espécie de túnica usada presa nos ombros com broches e na cintura com um cordão, deixando os braços livres. O quíton masculino ia até o joelho; o feminino era mais longo.

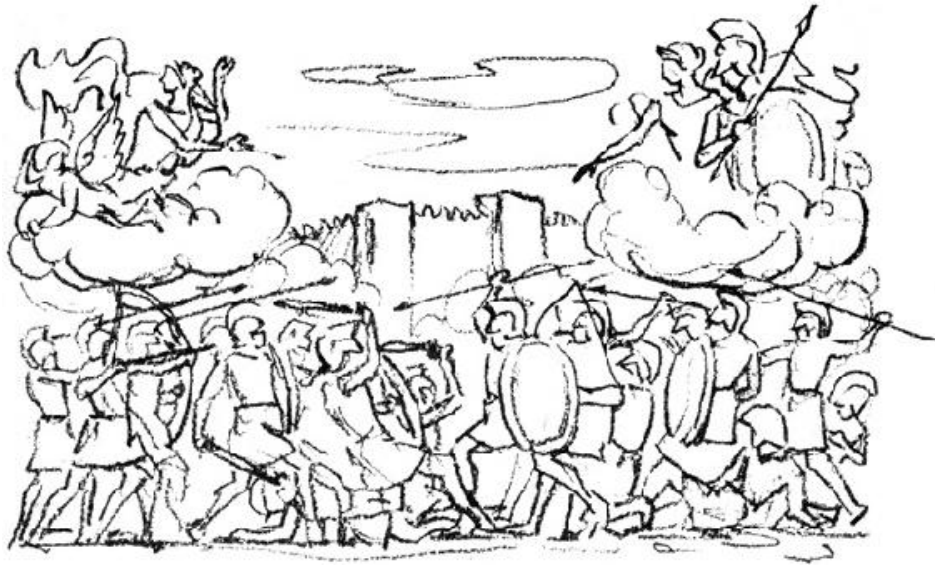
[26](#) Referência à deusa Ártemis, que, à luz da Lua, assumia um caráter mágico e misterioso, pelo qual foi posteriormente identificada a Hécate, uma divindade associada ao mundo subterrâneo e à morte. Neste contexto, a referência prefigurava o caráter terrível do sacrifício prestes a ocorrer.

[27](#) Hades (em grego, o Invisível). Geralmente, evitava-se nomeá-lo, para não despertar sua cólera. Por isso era comum designá-lo por meio de eufemismos. O mais usual era o epíteto Plutão, o Rico (em alusão à riqueza inesgotável da Terra). Deus grego do mundo dos mortos, filho de Cronos e Reia, dividiu com Zeus e Possêidon o poder sobre o Universo, depois de vencerem os Titãs. Zeus obteve o Céu; Possêidon, o Mar; Hades recebeu o mundo subterrâneo. Era uma divindade sinistra e terrível, mas justa (não um inimigo do gênero humano correspondente a Satã, que os gregos não tinham). O nome Hades aplicava-se também a seu reino (os Infernos ou o Tártaro), cuja localização variou à medida que mudaram as noções geográficas: na Ilíada, ficava no extremo ocidente, além do rio Oceano (que, segundo a concepção da época, circundava o mundo); mais tarde, ele foi localizado nas profundezas da Terra, aonde se chegava por abismos naturais. As palavras de Clitemnestra são, pois, terrivelmente premonitórias.

[28](#) Caronte, filho de Érebo e da Noite, era uma divindade infernal que tinha a função de fazer as almas dos mortos atravessarem o rio Aqueronte, que as separava do mundo subterrâneo. As artes plásticas representam-no como um velho seminu, de expressão sombria e sinistra, que apenas dirigia a barca fúnebre; os próprios mortos é que remavam. Caronte só recebia a alma daqueles que tivessem sido sepultados e exigia-lhes pagamento pela travessia. Por esse motivo, os familiares dos mortos costumavam colocar-lhes uma moeda de um óbolo embaixo da língua.

[29](#) Táuris, situada na península da atual Crimeia.

[30](#) Clitemnestra não se esquecerá do crime hediondo de Agamêmnon: planejará contra ele uma vingança terrível.



NOVE ANOS DE GUERRA

A partida e a escala em Delos

Sob um grande plátano,(31) ao lado de uma fonte, os aqueus, antes de partirem para Troia, sacrificavam aos deuses seus mais seletos bois quando, subitamente, uma grande serpente, com o dorso pintalgado de vermelho, lançou-se da raiz do plátano e subiu ao galho mais alto. Nele havia um ninho com oito filhotes de pardal, e a mãe voejava em torno deles. A serpente devorou os filhotes e a pardoca, depois se transformou em pedra. Calcas, o adivinho, disse então que os nove pássaros devorados pela serpente eram um sinal, enviado por Zeus, de que a guerra duraria nove anos e que, no décimo, Troia seria conquistada. Todos ficaram exultantes ao ouvir o grande adivinho afirmar claramente que Troia seria submetida, mas ninguém quis acreditar que a guerra duraria tanto tempo.

Concluído o sacrifício, o exército embarcou nos navios e, após as libações consagradas aos deuses, a esquadra começou a navegar – não direto para Troia, mas para Delos, onde se abasteceria de provisões. Ali reinava Ânio, filho de Apolo. Ânio tinha um filho, Andros, que se tornou rei de Andros,(32) e três filhas, Espermo, Elaís e Eno. Para que Dioniso as protegesse, Ânio fizera delas suas sacerdotisas, e o deus, em retribuição aos serviços que lhe prestavam, concedeu a cada uma um grande dom: tudo o que era tocado por Espermo virava trigo; por Elaís, azeite; e por Eno, vinho.(33)

Era, portanto, evidente por que Agamêmnon conduzia a esquadra para Delos. De fato, Ânio recebeu hospitaleiramente Aga-mêmnon e todos os comandantes dos aqueus, e suas filhas deram-lhes, de bom grado, tudo de que o exército necessitava, e em grandes quantidades. Além disso, Ânio, que era um renomado adivinho, predisse, como Calcas, que Troia seria conquistada no décimo ano da guerra. Por isso sugeriu que eles permanecessem em Delos nove anos e, só então, partissem para dominar Troia, evitando, assim, um conflito tão prolongado. Mas como os experientes comandantes poderiam acreditar que venceriam Ílion ficando inativos em Delos? Rejeitando o conselho do adivinho, partiram para Troia.

Hoje não cremos que exista fundamento lógico nos oráculos e

no fatalismo em geral. Também naqueles tempos os homens muitas vezes duvidavam dos oráculos, e o caso de Ânio não é o único na mitologia. Contudo, se atualmente recusamos a ideia de fatalismo, isso não significa que não sentimos prazer nessa atmosfera de mistério que a rica imaginação dos poetas nos proporciona.

Enquanto os aqueus se abasteciam de muitos víveres em Delos, Agamêmnon não estava satisfeito.

– Se a guerra durar muito tempo – dizia –, ficaremos de novo sem provisões.

Por isso ordenou a Menelau e a Odisseu que fossem ao palácio de Ânio secretamente, à noite, e trouxessem a seu navio as três sacerdotisas.

Eles acataram a ordem e trouxeram as três moças, acorrentadas. Soltaram-nas logo que o navio partiu, e as três, tentando desesperadamente fugir, pularam no mar e nadaram até o reino de Andros, seu irmão. Agamêmnon ameaçou atacá-lo se não as devolvesse. Andros recusou-se, mas suas irmãs preferiram entregar-se voluntariamente, para que não fosse vertido sangue inocente. Quando elas subiram no navio, imploraram ajuda ao deus Dioniso, e ele as transformou em pombas, que saíram voando para o céu e depois regressaram para junto de seu pai. É por esse motivo que, desde então, ninguém importuna as pombas de Delos.

A segunda escala da armada ocorreu em Nea, a pequena ilha da ninfa Crise, próxima de Lemnos, que hoje não existe mais. Crise, que era a rainha da ilha, dominava com seu exército todo o mar de Troia e o estreito do Helesponto. Desembarcando para oferecer um sacrifício a Atena, a deusa protetora da ilha, os aqueus conseguiram obter a benevolência da rainha, e seus navios puderam aproximar-se de Troia sem nenhum obstáculo.

Um grave acidente

Antes do sacrifício, porém, houve um grave acidente. Enquanto retiravam o mato que havia crescido sobre o altar, uma cobra deu um bote e atingiu o pé de Filoctetes, o famoso arqueiro a quem Hércules dera seu arco e suas flechas antes de morrer. O ferimento ocasionado pela picada da cobra rapidamente inchou e

ficou enegrecido. O herói gemia de dor, e um insuportável mau cheiro, proveniente do pus que escorria da ferida, empestava o ar. A situação chegou a tal ponto que ninguém mais suportava nem os gemidos de Filoctetes nem o fedor de sua ferida. Com muito pesar, quando Filoctetes dormiu, carregaram-no para uma praia deserta de Lemnos, onde o abandonaram. A seu lado, deixaram bastante comida, seu arco e as flechas, de que ele necessitaria se algum dia se restabelecesse, com a ajuda dos deuses. Então partiram para Troia, deixando para trás o herói que portava as famosas flechas de Hércules, embebidas no veneno da Hidra de Lerna. Viria o dia em que precisariam delas e, arrependidos por tê-lo deixado em Lemnos, enviariam um séquito para buscá-lo – mas então já se teriam passado nove anos inteiros.

De Lemnos eles atingiram rapidamente as praias da Tróade. Ao se aproximarem da terra firme, perceberam que era preciso primeiro conquistar Tênedos, uma ilha situada diante de Troia e governada por Tenos, grande amigo de Príamo. O rei Tenos, que era um gigante formidável, tentou impedir, com a força de suas mãos, que o exército desembarcasse na ilha. Contudo, Aquiles saltou de seu navio e, no momento em que o gigante erguia uma pedra colossal para atingir os invasores, arremessou uma lança contra seu peito e matou-o. Aquiles fora alertado por Tétis a não matar acidentalmente nenhum filho de Apolo, pois a cólera do deus só se abrandaria depois que ele matasse o assassino de seu filho. Tenos era filho do deus do arco de prata, e Aquiles soube disso tarde demais.

Depois da morte de Tenos, os aqueus dominaram toda a ilha e, em seguida, acamparam perto do mar. A sua frente, não distante da costa, erguia-se Ílion de elevadas torres.

Comitiva a Príamo

De Tênedos os comandantes decidiram enviar uma comitiva até Príamo, na tentativa de resolver a disputa sem guerra. Partiram para Troia Menelau, Palamedes e Odisseu, que foram acolhidos por Antenor, o sábio conselheiro do rei troiano. Depois de servirem comida e bebida em sua casa, Antenor e seus doze filhos conduziram-nos à assembleia popular, onde eles eram esperados

por Príamo e uma grande multidão.

O primeiro a falar foi Menelau. Contou que havia recebido Páris em seu palácio com o coração aberto e, em troca, recebera o mais perverso dos tratamentos que um hóspede poderia dispensar a seu anfitrião. Por fim, pediu que lhe devolvessem Helena e os tesouros roubados, pois assim os aqueus partiriam em paz.

– E o que aconteceu com Hesíone? – perguntou Príamo. – Com que direito vocês mantêm minha irmã em Salamina há tantos anos? Como querem que sejamos justos quando antes cometeram uma injustiça?

– Não cometemos injustiça – disse Palamedes. – Télamon e Hércules salvaram Hesíone de morte certa. Ela acompanhou Télamon espontaneamente e tornou-se sua esposa. Essa é a verdade.

Em seguida, Odisseu tomou a palavra. Falou com inteligência e persuasão sobre os benefícios da paz e sobre a grande calamidade gerada pela guerra. No final, acrescentou:

– A paz é a luz e a vida, o pão e o sal, o amor e a criação. A guerra é a desgraça e o desespero, o incêndio e a negra morte. A guerra só pode ser boa para os corvos e os abutres!



As sábias palavras de Odisseu causaram grande impacto no povo. Muitos, porém, não gostaram, principalmente Páris.

– Não devolvo Helena, pois foi o presente de uma deusa não somente para mim, mas para Troia inteira.

– Não a devolveremos! – gritaram também seus irmãos.

– Escutem-me – disse Antenor. – Se não devolvermos Helena e todos os tesouros roubados, estaremos pactuando com a injustiça, e então Ílion poderá ser reduzida a cinzas e ruínas. Não devemos, por uma loucura de Páris, perder a cabeça e nos meter em uma loucura ainda maior, a desgraça da guerra.

Páris e muitos de seus irmãos olharam-no de través. Um deles, Heleno, deu um passo adiante.

– Não devemos devolver nada – disse. – Isso seria uma grande humilhação para nós. Ganharemos essa guerra com uma vitória arrasadora. Quando tivermos destruído o exército dos aqueus, todas as suas cidades cairão a nossos pés, e a possante Troia será ainda mais poderosa.

Palavras insensatas e fúteis previsões! Heleno era um adivinho, como sua irmã, Cassandra, mas aquelas palavras não foram suas: a deusa Hera colocou-as em sua boca. Troia estava fadada à destruição. Por isso, todos tomaram partido de Heleno, e não do sábio Antenor. Como se não bastasse, um filho de Príamo, Deífobo, deu um pulo e gritou “morte aos estrangeiros!”, e, desembainhando a espada, exortou os irmãos a atacá-los.

– Isso só acontecerá se você passar por cima de meu cadáver – gritou Antenor. – Pobres daqueles que transgredirem as sagradas leis da hospitalidade! – continuou, postando-se com seus filhos, entre eles e os estrangeiros.

– Em nome dos deuses, acalmem os ânimos! – bradou Príamo a seus filhos. Heitor colocou-se a seu lado.

– Para trás, rápido! Ai de nós se fizéssemos isso! (34)

Depois desse incidente, Antenor conduziu os estrangeiros até o navio. Despedindo-se deles, o sábio troiano disse-lhes:

– Se falei em favor de vocês foi porque sua causa é justa. Mas, ainda assim, não consegui persuadir ninguém. Minha tarefa agora é defender minha pátria, mesmo que isso me custe a vida.

Os três comandantes despediram-se dele afetuosamente. Quando embarcaram no navio, Palamedes olhou para Antenor e disse:

– Esse homem respeita tanto a justiça quanto seu dever.

Homens dessa qualidade são muito valiosos, e é uma pena que te-nham de morrer numa guerra sanguinária.

Quando voltaram à ilha e contaram o que havia acontecido em Troia, a cólera dos guerreiros cresceu ainda mais, e eles ficaram sedentos de vingança. Começaram imediatamente a se preparar para a invasão.

Nesse ínterim, Odisseu e Aquiles discutiram porque o primeiro dizia que Troia só seria conquistada com astúcia e inteligência, ao passo o segundo afirmava que o seria com bravura e força. Como seus argumentos se tornavam cada vez mais agressivos, acabaram se engalfinhando, até que os outros comandantes correram para apartá-los. Um deles, porém, olhava tudo aquilo com satisfação: Agamêmnon. Vieralhe à lembrança um oráculo segundo o qual Troia seria tomada depois que dois corajosos chefes dos aqueus discutissem. Antes mesmo que ambos se apaziguassem, ele ordenou que todos embarcassem nos navios, atravessassem rapidamente para a outra margem e, sem perder um só instante, marchassem contra Troia para tomá-la de assalto. Entretanto, sua pressa foi em vão. Pois como Agamêmnon poderia saber que a discussão a que se referia o oráculo não era aquela, mas outra muito pior, que aconteceria nove anos depois, entre ele próprio e o filho de Tétis, trazendo grande infortúnio para o exército dos aqueus?

Protesilau é o primeiro a morrer

Quando o exército chegou à praia da Tróade, os troianos já o aguardavam. Na dianteira estava Heitor, que se distinguia pela armadura radiante e pela cimeira de seu elmo, feita com crina de cavalo. A ordem de Agamêmnon era que todos saltassem imediatamente dos navios, mas havia uma profecia que os fazia relutar. A deusa Tétis dissera a Aquiles que tomasse cuidado, pois o primeiro que pisasse o solo da Tróade seria também o primeiro a morrer. Essa profecia era conhecida por todo o exército e, por isso, os aqueus hesitavam.

Um deles, no entanto, o herói Protesilau, filho de Íficlo, ansiava por alcançar a glória de ser o primeiro a combater os inimigos, mesmo que isso lhe custasse a vida. Mas veio a seu pensamento a imagem de Laodâmia, sua bela mulher. Lembrou-se de que só

tivera tempo de viver uma única noite a seu lado. Lembrou-se do momento da despedida, quando ela, dilacerada pelo pranto, havia se dependurado em seu pescoço, tentando impedi-lo de ir à guerra. Depois pensou em sua casa, em Fílace, que deixara semiconstruída e, por fim, em seu pai, o velho rei Íficlo, que havia ficado sem nenhum filho para ampará-lo, pois Protesilau e seu irmão tinham partido para Troia com quarenta navios.

Enquanto ele pensava em tudo isso, eis que Odisseu saltou do navio. Depois de atirar ao chão seu escudo, postou-se em cima dele com um pulo e pôs-se a incitar o exército dos aqueus a desembarcar. Surpreso, Protesilau saltou logo depois de Odisseu e lançou-se com força irresistível contra o inimigo: queria defender o herói de Ítaca, que, de acordo com o oráculo, deveria ser o primeiro a morrer. Lutando como um leão, matou numerosos troianos, e seu entusiasmo era tanto que teve a audácia de medir forças com Heitor, sem calcular quão superior ele era. A pesada lança do grande herói troiano atingiu-o bem no meio do peito, e assim ele foi o primeiro dos aqueus a cair morto em combate. O ardiloso Odisseu escapou por ter permanecido cuidadosamente em cima de seu escudo até que Protesilau, saltando do navio, pisasse o solo troiano e fosse o primeiro a morrer, como havia predito o oráculo. O herói que amava tanto a vida quanto a glória pereceu para que o exército dos aqueus pudesse desembarcar em terra firme.

O primeiro combate

De fato, depois de Protesilau, os aqueus espalharam-se dos navios como formigas. O combate intensificou-se. Os troianos demonstravam resistência heroica em defesa de sua pátria. Numerosos eram os mortos de ambos os lados. Num dado momento, Aquiles entrou no combate. A sua frente, Cicno, filho de Possêidon, permaneceu sem medo. Cicno era um semideus, invulnerável à lança e à espada, e já havia matado muitos aqueus. Os troianos, mesmo o próprio Heitor, acreditavam que só o filho de Possêidon conseguiria deter o filho de Tétis. Arremetendo contra Aquiles, Cicno atirou sua lança pontiaguda. Aquiles protegeu-se com seu forte escudo, onde a lança ficou encravada. Com força extraordinária, arremessou, em seguida,

sua lança terrível. Mas, para sua surpresa, ela descreveu uma curva e desviou-se para longe do alvo. Então ele se lançou contra Cicno com a espada em punho, mas compreendeu que nem com ela poderia atingi-lo. Encolerizado, Aquiles jogou a espada ao chão e partiu contra o adversário com as próprias mãos. Travou-se, então, uma dura luta entre os dois. Mas, por mais formidável que fosse a força de Cicno, não havia, em toda a Terra, homem mais forte que Aquiles. No momento em que este lhe aplicava um terrível mata-leão(35), Cicno compreendeu que havia chegado seu momento. Antes de morrer, suplicou a seu pai que não permitisse que Aquiles o desnudasse e despojasse de sua armadura. Possêidon atendeu-lhe o pedido e metamorfoseou-o num belo e grande pássaro branco, que, desde então, tem seu nome.(36) Assim, Cicno voou para o céu. Possêidon, apesar da perda do filho, não se irritou contra os aqueus. Desde a época em que Laomedonte o insultou, seu ódio aos troianos era tão grande que só se extinguiria no dia em que Troia fosse destruída.



Depois dessa vitória, Aquiles seguiu adiante, e os outros chefes fizeram o mesmo. Atrás deles vinha uma multidão, pois, nesse ínterim, todo o exército já havia desembarcado. Os aqueus exerciam agora uma pressão tremenda. Os troianos, guerreando por sua pátria, davam a vida de bom grado. Heitor, porém,

percebendo que era impossível resistir a forças tão poderosas, decidiu pelo procedimento que salvaria seu exército da destruição: ordenou uma retirada geral. Disciplinados, os troianos recuaram em ordem para sua cidade. Fecharam as pesadas portas da fortaleza, subiram às muralhas e, dali, com dardos, mantinham o inimigo a distância. O primeiro combate havia terminado. Se Troia não foi tomada no primeiro assalto, como Agamêmnon havia previsto, ao menos se obteve uma vitória – uma vitória que permitia o estabelecimento dos argivos no solo da Tróade, o que não era pouco. Depois do combate, os aqueus trataram os troianos com muita nobreza, permitindo que viessem pegar seus mortos para dar-lhes sepultamento condigno.(37)

Protesilau foi enterrado com todas as honras militares. Foram instituídos jogos atléticos em sua memória, e ele foi sepultado na margem ocidental do Helesponto, na península da Trácia. O túmulo do herói foi rapidamente coberto pela vegetação, pois as ninfas da floresta plantaram olmeiros sobre ele. A cada dia, as árvores ficavam maiores e mais altas. Mas, quando atingiam altura suficiente para ultrapassar as outras árvores e defrontar a margem oposta do Helesponto, onde se situava a fortaleza de Troia, então elas ficavam secas e morriam; depois renasciam de suas raízes. O desventurado herói, diziam os poetas, não suportava ver a cidade que o havia impedido de retornar à amada Laodâmia e à pátria saudosa.

Laodâmia não viveu um só dia a mais que Protesilau. Não suportando a separação, ela havia feito uma imagem de cera do amado e passava a maior parte do tempo a seu lado. Quando seu pai ficou sabendo, em vez de apiedar-se dela, atirou a imagem ao fogo. Laodâmia, ao vê-la derretendo-se vagarosamente, compreendeu que Protesilau jamais retornaria da longínqua Troia. Enlouquecida de dor, ela atirou-se ao fogo e ardeu junto com a imagem do amado. O suicídio de Laodâmia aconteceu, dizem, no mesmo momento em que Protesilau caía morto no solo da Tróade.

No dia seguinte, os aqueus arrastaram seus navios para terra firme e montaram acampamento.

No centro, sob um outeiro elevado, foi armada uma grande tenda para o comandante supremo, Agamêmnon. Dali ele podia

controlar todo o exército. Mas era mais importante que os dois flancos ficassem protegidos. Para isso, numa extremidade acampou Aquiles; na outra, o grande Ajax, ambos confiantes na própria força e na coragem extremada. Odisseu, por sua vez, preferiu erguer sua tenda junto à de Agamêmnon. Ali aconteciam as reuniões do exército, e Odisseu, que gostava de que sua voz fosse ouvida nas grandes decisões, queria estar sempre presente nas assembleias.

Muralhas intransponíveis protegem Troia

Depois que tudo foi organizado, Agamêmnon convocou os comandantes para o conselho de guerra.

– Eu os chamei – disse – para propor que ataquemos imediatamente e capturemos Troia. Os inimigos estão cansados e impotentes. Devemos agir rápido, antes que eles se reorganizem e recuperem as forças.

Todos concordaram. Agamêmnon continuava a acreditar que, conforme o oráculo, Troia já poderia ser conquistada, pois o desentendimento previsto entre os dois comandantes dos dânaos havia acontecido. Desse oráculo eles se lembravam muito bem. Mas do outro, segundo o qual Troia seria tomada no décimo ano da guerra, haviam-se esquecido completamente.

O ataque ocorreu, porém sem nenhum resultado. Aconteceu um segundo, e também um terceiro, sem êxito algum. As elevadas muralhas, construídas pelos deuses, eram infranqueáveis. Sobre elas, os troianos guerreavam com seus arcos, distinguindo um a um os chefes aqueus. Estes procuravam enviar suas flechas para o alto, visando os inimigos, que, contudo, se protegiam muito bem, refugiando-se nas seteiras. Por fim, os aqueus ficaram convencidos de que não poderiam tomar Troia de assalto. Decidiram sitiá-la, acreditando que conseguiriam exaurir os inimigos pela fome e outras privações. Mas nem esse expediente foi eficaz, pois a parte de trás da cidade de Troia ficava ao lado de uma região montanhosa, coberta de florestas, o que propiciava a seus defensores fazer provisões. Os víveres dos aqueus é que começaram a escassear. O exército era numeroso demais para se manter apenas com os alimentos encontrados nas proximidades de Ílion. A única solução era realizar incursões

às cidades vizinhas ou distantes, como de fato faziam. Isso, no entanto, enfraqueceu o exército, pois uma parte dele era forçada a lutar longe de Troia. Assim, a guerra arrastava-se, morosa. Muitos, sobretudo entre os aqueus, agora se lembravam daquele oráculo que gozara de tão pouco prestígio: a cidade de Príamo só seria tomada no décimo ano da guerra.

Nesse ínterim, veio à luz a existência de um outro oráculo, de que até então só os troianos tinham conhecimento. Ele dizia que Troia jamais seria tomada se Troilo completasse vinte anos de vida. Troilo era o caçula de Príamo e tinha dezessete anos. Quando atingisse os vinte anos, dizia-se que se tornaria um comandante de guerra tal como Heitor, senão melhor do que ele, e Troia não teria mais nada a temer. Troilo era um hábil cavaleiro e todos os dias praticava corridas a cavalo, exercitando-se nas armas. Porém, os troianos, em vez de protegê-lo para que não fosse morto, ficavam embevecidos quando ele subia pelas muralhas e fazia pontaria com seu arco em algum inimigo ou, o que era ainda pior, quando saía destemidamente da cidadela para ir à fonte de Apolo Tímbrico dar água a seus cavalos.

Enquanto isso, os aqueus pensavam num meio de matá-lo. Souberam que ele frequentemente saía da cidade e dirigia-se à fonte de Apolo, que era sagrada. Quando outros troianos se dirigiam para lá, para pegar água, os aqueus não os incomodavam, porque a profanação do lugar acarretaria a cólera do deus. Mas Aquiles já havia decidido:

– Eu ficarei de tocaia no caminho que conduz à fonte. Ali não é um lugar sagrado. Além disso, se deixarmos Troilo viver, estaremos vertendo nosso sangue em Troia inutilmente.

No momento em que Aquiles tomou essa decisão, a sorte do filho de Príamo foi selada. No dia fatídico, Troilo dirigiu-se à fonte com seu cavalo para proteger sua irmã, Polixena, que levava um cântaro para pegar água. Súbito, Aquiles surgiu em seu caminho. Troilo, assim que o viu, tentou fugir, fazendo com que o cavalo galopasse o mais rápido possível, enquanto Polixena, assustada, deixou o cântaro cair e permaneceu imóvel.

– Que beleza! – disse Aquiles, aproximando-se dela. Pouco faltou para que ele esquecesse o objetivo de sua ida àquele lugar, mas rapidamente se recobrou do transe e saiu no encalço de

Troilo. Este tinha a fama de ser o melhor cavaleiro; e Aquiles, o melhor corredor. Parecia impossível que o filho de Peleu alcançasse o filho de Príamo, pois homem algum pode competir com um cavalo vigoroso correndo a toda brida. Mas Aquiles era tão veloz que o jovem cavaleiro não tinha como escapar. Tampouco conseguia retornar a Troia, pois, todas as vezes que tentava, o filho de Tétis cortava-lhe o caminho. A única esperança de Troilo era que Aquiles se cansasse – mas seu cavalo cansou-se primeiro. O jovem troiano parecia não ter escapatória, quando, subitamente, teve uma ideia. Ambos se aproximavam da fonte sagrada, onde estava o altar de Apolo Tímbrio. Se ele conseguisse chegar lá, Aquiles não ousaria matá-lo; e eis que o altar apareceu. Mais uma última tentativa e Troilo estaria salvo. Porém, no momento em que estava pronto para saltar do cavalo, foi atingido pela lança de Aquiles e caiu morto ao lado do altar. Seu sangue tingiu de vermelho o local sagrado dos sacrifícios.

Em Troia, todos compreenderam o que havia acontecido quando viram o cavalo retornar sem o cavaleiro. Três filhos de Príamo conduziram o corpo sem vida à cidade, e toda a Ílion o pranteou, como se o próprio Heitor tivesse morrido.

No entanto, os troianos não se desesperaram. Vários deuses estavam a seu lado, e a profanação do sagrado templo de Apolo Tímbrio não ficaria impune. De fato, uma vez mais Apolo se irritaria com Aquiles e, aos poucos, de inimigo dos troianos o deus se tornaria o melhor amigo deles. Pois nessa guerra não combatiam ape-nas homens, mas também deuses, que lutavam ainda com maior obstinação que os mortais. Na verdade, a guerra funesta não teria eclodido se os deuses não a houvessem desejado primeiro. Além disso, se eles não tivessem impedido, uma paz justa teria sido firmada entre gregos e troianos. Portanto, os deuses e as implacáveis Moiras determinavam a sorte dos homens e dirigiam, às vezes para o bem, às vezes para o mal, cada uma de suas ações. Nisso acreditavam os homens daquela época.

Depois de Troilo, outro filho de Príamo caiu numa emboscada de Aquiles. Foi Licáone, que, sem nada suspeitar, cortava ramos de uma figueira-brava para utilizá-los nas rodas de seu carro, quando, subitamente, surgiu a sua frente o grande herói.

Despreparado para enfrentá-lo, Licáone ajoelhou-se diante dele, implorando-lhe misericórdia.

– Se você poupar minha vida, terá de meu pai todo o ouro que quiser.

– Eu a pouparei, contanto que não o veja de novo à minha frente. Quanto ao ouro de seu pai, que ele o guarde até o momento em que perderá tudo.

Aquiles, depois de fazê-lo cativo, entregou-o a Pátroclo, que o vendeu como escravo ao rei de Lemnos, Euneu, filho de Jasão e de Hipsípile. Mais tarde, Licáone conseguiu regressar a Troia. Quando Aquiles soube, ficou furioso e repreendeu-se por não o ter matado.

– Ele não escapará se cruzar de novo meu caminho – jurou.(38)

Expedições contra cidades vizinhas

O tempo passava e tornava-se imprescindível assegurar o abastecimento de provisões para o exército. As incursões e pilhagens de diferentes cidades eram agora as operações militares mais importantes. Várias delas constituíram verdadeiras expedições. Quase todas as cidades da costa asiática do mar Egeu, as cidades da Trácia(39) e muitas ilhas foram vítimas dos invasores. Só Aquiles conquistou e saqueou vinte e três cidades. De fato, essas incursões eram atos de pirataria. Naqueles tempos, porém, não eram vistas desse modo: eram também empresas bélicas que exigiam heroísmo e abnegação e outorgavam grande glória aos que regressavam vitoriosos, trazendo ao acampamento animais, víveres, ricos despojos e escravas. Numa dessas invasões, Aquiles enfrentou uma grande resistência. Por muito tempo sitiava a cidade de Monênia, que era dotada de uma elevada fortaleza e resistia bravamente. O filho de Peleu já estava desistindo de sitiá-la quando uma moça lhe jogou uma maçã do alto das muralhas. Aquiles pegou-a e notou que nela estavam inscritas estas palavras: “Fique. A cidade vai se entregar, pois não há mais água”. Assim, o cerco da cidade prosseguiu, e Monênia entregou-se depois de dois dias. Quando Aquiles entrou na cidade, a moça, que se chamava Pédase, correu para seus braços, e ele lhe perguntou por que ela havia revelado o segredo da cidade.

– Porque muito o admiro. Vi você do alto da fortaleza e o amo desde então. Não podia deixar de ajudá-lo.

Dizendo isso, Pédasé esperava que Aquiles apreciasse sua oferta e fizesse dela sua esposa. Mas o grande herói não quis ter a seu lado uma mulher que, embora o tivesse ajudado, carregava o fardo de ter traído sua pátria. Não desejou, porém, esquecer seu nome, e por esse motivo passou a chamar de Pédaso a cidade conquistada graças à ajuda da moça.

Numa outra cidade sitiada aconteceu uma história semelhante, mas com um trágico desenlace.



O filho de Peleu combatia com os mirmidões para conquistarem Metimna, na ilha de Lesbos. Também aí o assédio da cidade foi duríssimo. Quando, do alto da fortaleza, Pisídice, filha do rei, avistou Aquiles, enviou-lhe sua velha ama para dizer-lhe que o ajudaria em troca da promessa de que se casariam. Aquiles concordou, e Pisídice abriu uma porta secreta por onde os mirmidões invadiram a cidade. Enfurecidos por terem suportado tanto tempo uma reação adversa, passaram a destruir e saquear a cidade, enquanto Pisídice, impassível com o que acontecia a sua volta, conduzia-os, com Aquiles, ao palácio. Com a mesma

serenidade, viu-os matarem seu pai e todos os seus parentes. Terminada a destruição, ela correu para Aquiles, ansiando pela prometida retribuição. O que recebeu em troca não foi, porém, o que tanto cobiçava. Pois o filho de Peleu, cheio de asco por sua vil traição, ordenou que seus soldados a apedrejassem até a morte. Assim, ela pereceu do modo mais ignominioso: pela lapidação.

Criseide e Briseide

Dessas incursões, a que teve mais importância para nossa história ocorreu no noroeste da Tróade. Nessa região, Aquiles atacou primeiro Tebas(40), a cidade onde reinava Eécion, pai de Andrômaca, a mulher de Heitor. Eécion resistiu heroicamente, mas a cidade foi tomada depois de um sangrento combate, e o rei com seus sete filhos foram mortos por Aquiles. Este, tendo em alta conta a valentia do adversário, não o despojou das armas; enterrou-o com elas e organizou em sua honra suntuosas cerimônias fúnebres.

Nessa cidade, os aqueus arrebataram ricos espólios e belas escravas. Entre elas estava a formosíssima Criseide, filha de Crises, sacerdote de Apolo, que, por coincidência, tinha ido a Tebas oferecer um sacrifício à deusa Ártemis.

De Tebas, Aquiles partiu para o monte Ida, onde Méstor, um dos filhos de Príamo, apascentava, junto com outros pastores, os rebanhos de seu pai. Na outra encosta da mesma montanha, Eneias, filho de Anquises, o rei da Dardânia, e de Afrodite, também cuidava dos rebanhos de seu pai. Primeiro Aquiles atacou os rebanhos de Príamo, matou Méstor e tomou para si todos os animais. Em seguida, capturou os rebanhos de Anquises, que lhe caíram às mãos junto com todos os pastores. Só Eneias escapou com vida, refugiando-se em Lirnesso, a cidade mais próxima, onde reinava Mines, amigo e aliado de seu pai. Mas a próspera Lirnesso não passaria despercebida ao ímpeto arrasador do filho de Tétis. Mines e Eneias defenderam a cidade com heroísmo, porém Aquiles e os mirmidões destruíram tudo. O pelida matou o rei, seu irmão e seus três filhos. E também teria matado Eneias se Afrodite não viesse em socorro de seu filho, levando-o para longe dali.

Depois da destruição de Lirnesso, Eneias correu a seu pai e pediu-lhe o comando do exército da Dardânia para guerrear ao lado de Heitor. Anquises concordou:

– Vá, também nós fomos ameaçados. Além disso, é nosso dever, pois troianos e dardânios são o mesmo povo. Que a sorte reservada pelos deuses para Ílion seja idêntica à da cidade de Dárdano.

Aquiles e os mirmidões obtiveram preciosos despojos da conquista de Tebas e Lirnesso. O filho de Peleu voltou dessa incursão coberto de triunfo. Seus soldados traziam incontáveis animais, seus carros estavam carregados de riquezas, e as carroças vinham repletas de todos os tipos de provisão, além das mais lindas mulheres de Tebas e Lirnesso – numerosas jovens, das quais a mais bela era Briseide, filha de Brises, sacerdote de Dioniso.

Quando os combatentes do exército fizeram a partilha dos espólios e das escravas, Briseide coube a Aquiles, como prêmio por suas façanhas. Agamêmnon, por ser o rei supremo, ficou com Criseide, a única que poderia ser comparada em beleza e valor à filha de Brises.

Outros povos também afluíram para ajudar os troianos. Muitos eram da Ásia e falavam outras línguas. Vieram porque tinham a rica e poderosa Troia em alta consideração e queriam-na como aliada. Dentre esses povos, destacavam-se os lícios, liderados por Sárpedon, filho de Zeus. Da Europa, vieram os trácios e os cícones para ajudar o povo de Príamo; de mais longe ainda, os peones, que habitavam a terra irrigada pelo Áxio, o “rio de amplas correntezas, o mais belo da terra”, como nos diz Homero.

A guerra prolonga-se

O poderio dos troianos agora era imenso, talvez tão grande quanto o dos aqueus, que continuavam cercando as muralhas de Troia. Como nenhum dos exércitos detinha a supremacia absoluta, os anos passavam e a guerra nunca chegava ao fim.

Aos poucos, uma sensação de desânimo disseminou-se nas fileiras dos dânaos.

– Quando esta guerra irá acabar? – muitos perguntavam.

– Nós nunca veremos nossos lares novamente! – outros

retrucavam.

– Nossos chefes só se importam consigo mesmos! – alguns diziam.

– Eles ficam com todos os espólios valiosos; e nós, apenas com as migalhas!

– E muitas vezes nem mesmo com isso! – outros ainda exclamavam. A indignação foi crescendo, até que um dia uma multidão se agrupou em frente à tenda de Agamêmnon, exigindo aos gritos que retornassem à pátria. O rei acalmou-os com promessas e Odisseu utilizou seu poder de persuasão:

– Agora que começamos, temos de ir até o fim – disse o herói de Ítaca. – Logo entraremos no décimo ano de guerra, e todos os sinais dizem que esse será o ano em que conquistaremos Troia. Temos sido muito pacientes. Porém, será necessário ter um pouco mais de calma se quisermos voltar para nossos lares com a cabeça erguida e levando o espólio de guerra, ao invés de retornar de mãos vazias e com o peso da vergonha sobre os ombros.

Muitos balançaram a cabeça duvidando dessas palavras. No entanto, o que mais poderiam fazer? Parecia não haver outra solução.

Por sorte, essa atmosfera pesada foi alterada por Palamedes de Eubeia, filho de Náuplio, aquele que havia descoberto a farsa da loucura de Odisseu.

Palamedes

Para que ninguém fosse injustiçado ao serem servidas as refeições, esse homem esperto e inventivo concebeu e formulou as primeiras escalas. Depois, fez com que todos os homens aprendessem a escrever e a fazer contas, para que se escrevesse o que fosse importante e se estabelecesse a ordem adequada. Ele garantiu que as sentinelas e patrulhas seguissem um roteiro de tarefas, para não haver motivos para reclamações.

Foi Palamedes quem inventou os faróis, para proteger os navios aqueus e possibilitar que encontrassem o caminho de volta para casa após longas missões. Ele se preocupava até com o entretenimento dos soldados, planejando vários jogos para ajudá-los a passar o tempo livre de maneira agradável. Quem visita o

museu arqueológico, em Atenas, pode ver alguns dados com a cabeça de Palamedes pintada na superfície. Esse engenhoso herói inventou tantas outras coisas que, segundo dizem, tornou-se o mais amado dos chefes aqueus.

Mas os dias de escassez voltaram. Uma vez mais a comida ficou perigosamente pouca, e as porções, embora divididas com justiça, eram minúsculas. Como Aquiles estava ocupado com algum cerco militar distante, Agamêmnon ordenou que Odisseu fosse à Trácia buscar qualquer alimento que encontrasse. Odisseu não trouxe nada além de mais desespero.

– Nem mesmo um saco de grãos? – perguntou Palamedes, perplexo.

– Não fale comigo como se eu fosse um imprestável. Por que não tenta você mesmo nos arranjar o que comer? Veremos o que pode nos trazer.

– Está bem, eu vou.

Palamedes partiu e, alguns dias depois, voltou com seus barcos cheios de provisões de todo tipo: cereais, vinho, óleo, bois e carneiros.

Trama indecente

Com esse episódio, a reputação de Odisseu ficou profundamente abalada; mas quem mais se ressentiu do sucesso de Palamedes foi Agamêmnon. Este considerava-o um possível rival desde o dia em que seu nome fora aventado para o posto de comandante dos aqueus, e de quando em quando chegavam a seus ouvidos comentários de que, se Palamedes fosse o líder, a expedição teria uma sorte bem diferente. Depois dessa última empreitada, Agamêmnon não sentia só inveja dele: estava com medo.

Mais de uma vez comentou com os companheiros mais próximos seu temor de que o exército fizesse de Palamedes o novo chefe.

– Então, todos nós seremos postos de lado – alertou.

De repente, a notícia horrenda caiu como um raio:

– Palamedes é um traidor!

A acusação era falsa, mas cumpriu seu papel e selou o destino do brilhante herói. Que trama perversa! E com que astúcia

maligna a acusação hedionda foi lançada sobre ele!

Na calada da noite, alguém entrou na tenda de Palamedes em sua ausência e enterrou uma enorme quantidade de ouro no chão. Depois escreveu uma carta que dizia: “Palamedes, este ouro é em pagamento pela informação que você nos deu. Assinado: Príamo”. Depois disso, um guerreiro frígio foi aprisionado por uma patruilha que lhe propôs: “Nós pouparemos sua vida se você entregar esta carta a seu chefe”. O frígio mal tinha saído para cumprir a missão quando caiu numa nova emboscada. Ele foi morto, e levaram a carta para o comando aqueu. Era um plano maligno, e foi perfeitamente executado.

A carta foi lida em voz alta para todos os chefes.

– Isso não é possível! – admirou-se um.

– Inacreditável! – comentou outro.

– Devemos revistar sua tenda! – um terceiro gritou.

Eles foram até lá, cavaram e acharam o ouro. Era difícil acreditar, mas não podiam negar o que viam com os próprios olhos. O herói foi levado perante um tribunal militar sob a acusação de alta traição.

– Fale! Confesse!

– Eu sou inocente.

– Então, por que Príamo escreveu isto para você?

– Não sei.

– Como o ouro foi parar na sua tenda?

– Não sei.

– Você é um traidor!

– Sou inocente.

– Morte ao traidor!

– Morte!

Palamedes foi condenado à morte por apedrejamento, o mais horrível e degradante modo de morrer. Essa era a punição reservada para os traidores, e eles a impuseram a um herói. Agonizante, ele conseguiu dizer estas últimas palavras:

“Ó verdade, como me aflijo por você, que morreu antes de mim!”

Os aqueus pretendiam desonrar Palamedes mesmo depois de morto: não permitiriam que seu corpo fosse enterrado, para atirá-lo aos cães e às aves de rapina.

Aquiles correu para impedir a ação maligna e cruel.

– Quero ver quem ousará me afrontar! – gritou.

Ájax, o filho de Télamon, apressou-se a apoiá-lo. Além deles, outros guerreiros se recusavam a acreditar que Palamedes fosse um traidor. Muitos não esconderam seu ceticismo, e ouviam-se comentários em todo lugar: “Palamedes foi vítima de uma sórdida conspiração”. Quem seria o culpado? Rumores logo começaram a se espalhar. “Foi Odisseu, que nunca o suportou”, muitos deles diziam. “Foi Agamêmnon, que o temia”, outros cochichavam furtivamente. E se, como parece, a última hipótese estava certa, então Agamêmnon tinha conseguido uma dupla vitória: havia na força aqueia dois chefes extremamente inteligentes que ele tinha motivos para temer, ao assassinar um deles, lançou a sombra da suspeita sobre o outro.



Odisseu pode ter sido um homem astucioso, mas não foi um vilão.[\(41\)](#) Agamêmnon era perverso e também cruel. Tornou-se comandante do exército por governar Micenas, com sua estupenda riqueza em ouro, e por possuir o famoso cetro de Zeus. Infelizmente, era responsabilidade do cetro que todos fossem obrigados a obedecer ao comandante e desculpar sua falta de princípios.

A história não termina aqui, no entanto, pois o castigo estava a caminho.

Quando Náuplio soube da maneira vergonhosa como seu filho fora morto, dirigiu-se com toda rapidez possível para Troia. Os chefes aqueus o receberam com frieza, mas era óbvio para ele quem havia tramado o plano vil e quem havia colaborado ou tentado encobrir os vestígios. Ultrajado, Náuplio reuniu as tropas comandadas pelo filho e retornou com elas para a Eubeia. Então, percorreu as cidades da Grécia, dizendo às mulheres dos chefes ausentes que seus maridos estavam vivendo em Troia com voluptuosas concubinas e que, na volta, trariam consigo novas rainhas. Quando as esposas solitárias ouviram isso, algumas enlouqueceram, outras se mataram, e outras até se vingaram, trazendo um novo homem para o palácio. Foi o que fez Clitemnestra, tomando por amante o pior inimigo de seu marido, Egisto, que odiava Agamêmnon amar-gamente por ter matado seu pai. Duras penas recairiam sobre o grande atrida no momento em que ele retornasse para Micenas!

Antes que o capítulo acabe, devemos dizer algumas palavras sobre o costume de carregar mulheres como prisioneiras de guerra, junto com o butim tomado nas batalhas.

Pode parecer estranho atualmente, mas naqueles tempos os homens membros da classe dominante frequentemente mantinham, além de esposas, com quem eram casados conforme a lei, certo número de outras mulheres, denominadas concubinas. Isso explica por que eles tinham tantos filhos. Tal prática era mais comum na Ásia e na África do que na Europa. Príamo, por exemplo, tinha 19 filhos de sua esposa Hécuba e outros 31 que nasceram da união com concubinas. Na Grécia não há casos conhecidos de governantes com tantos filhos, o que significa que lá esse hábito não era tão difundido como nas regiões orientais. Mas, de qualquer maneira, ele existia.

É por isso que, nos ataques que os aqueus promoviam a várias cidades, eles se apoderavam não somente de bens, mas também de um grande número de belas mulheres, que os chefes dividiam entre si. Vimos quão ultrajadas e magoadas suas esposas ficavam quando sabiam disso. Os maridos podiam pensar que não havia nada de errado em tal comportamento, mas elas certamente não concordavam, o que mostra que a prática não era totalmente estabelecida na Grécia, entre as pessoas comuns.

No campo aqueu, porém, os chefes julgavam natural manter concubinas. O exército até as ganhava como prêmios por atos de heroísmo. Não havia presente de valor comparável ao de Briseide, para Aquiles, ou de Criseide, para Agamêmnon. A adorável Briseide era a melhor recompensa que o filho de Peleu já recebera, o mais alto reconhecimento de seu heroísmo e de seus atos valorosos; ele não abriria mão dela por nada neste mundo. Assim eram seus sentimentos, compreendidos por todo o exército e pelos próprios deuses. Quase o mesmo valia para Agamêmnon, apesar de lhe faltar a pureza e a profundidade de sentimento de Aquiles. Agamêmnon via Criseide meramente como uma posse, embora fosse uma posse preciosa da qual também não se desfaria de jeito nenhum. Mas isso não significa que ela não pudesse ser trocada por um presente de igual valor, que só poderia ser outra mulher de beleza comparável.

Mas, para que explicar tudo isso? Para que se entenda como pensavam os homens naquele tempo, como pensava e o que sentia Aquiles quando seu prêmio inestimável, a adorável Briseide,⁽⁴²⁾ foi-lhe tomado de volta. Parece que a beleza feminina estava destinada a roubar a cena nessa guerra. O ataque a Troia fora desfechado pela linda Helena; e agora, por causa da beleza de Briseide, outro grande infortúnio estava prestes a desabar sobre os exércitos aqueus.

Esse novo infortúnio abre um novo capítulo, que poderia ser chamado “A ira de Aquiles”, narrado pelo poeta mais famoso do mundo antigo e possivelmente de todos os tempos, Homero, em sua *Ilíada*. Esse extenso poema épico não pode ser recontado inteiro nos limites deste livro, mas nós esperamos mostrar suas qualidades imortais, proporcionando ao leitor algumas das melhores passagens.

³¹ O plátano é uma árvore frondosa, de folhas largas, muito comum em toda a Hélade.

³² Andros é a mais setentrional das Cíclades, a segunda em tamanho e a mais próxima da Eubeia. Sobre seu longínquo passado histórico pouco se conhece. Foi colonizada pelos jônios e, no período histórico, encontrava-se em estreito contato com Atenas e a Eubeia. Do século VII ao IV a.C., conheceu uma fase de esplendor nas artes e nas letras.

³³ No original grego, o nome de cada uma delas é etimologicamente associado ao respectivo dom: Espermo (semear, semente), Elaís (oliveira, azeite) e Eno (vinho).

³⁴ A violação das leis concernentes à hospitalidade constituía um crime gravíssimo, e a

punição divina era esperada. O próprio Páris transgrediu essas leis quando foi hóspede de Menelau, e sua transgressão deu origem à guerra de Troia.

[35](#) Os praticantes de artes marciais certamente estão familiarizados com esse termo, cuja origem é da própria mitologia, pois foi com esse golpe que Hércules matou o leão de Nemeia, estrangulando-o com seu braço (sobre os trabalhos desse herói, ver o livro Hércules, desta coleção).

[36](#) Cicno, em grego, significa cisne.

[37](#) Os gregos concediam extraordinária importância ao sepultamento. Jazer insepulto era considerado algo abominável. Um exemplo disso pode ser encontrado já nos tempos históricos, na famosa batalha das Arginusas, em 406 a.C., quando a frota ateniense derrotou fragorosamente a de Esparta, capturando ou destruindo setenta naus espartanas. Os atenienses perderam vinte e cinco naus, e os cadáveres que se encontravam nelas não puderam ser resgatados por causa do mau tempo. Em Atenas, julgou-se que os esforços feitos para recuperá-los (para que fossem depois enterrados) foram insuficientes, e a culpa foi atribuída a oito generais presentes à batalha; esses generais foram condenados à morte pela assembleia popular, e seis deles foram executados.

[38](#) De fato, mais tarde Aquiles irá encontrá-lo em Troia e não deixará de cumprir a promessa.

[39](#) Correspondendo à parte ocidental da atual Turquia, a Ásia Menor era composta por cidades e territórios colonizados pelos gregos (eólios, jônios e dórios). Sua extensão compreendia desde a Tróade, no norte, até o Halicarnasso e Rodes, no sul.

[40](#) Não se trata aqui da Tebas de Cadmo e Édipo, mas de outra cidade de mesmo nome.

[41](#) Várias fontes imputam ao herói a trama que incriminou Palamedes. Segundo outra versão, ele e Diomedes fizeram Palamedes descer ao fundo de um poço e esmagaram-no, lançando pedras.

[42](#) O fato de os espólios mais cobiçados serem entregues ao guerreiro mais destemido e ao rei supremo revela a consideração e a estima de que eles gozavam da parte dos companheiros. Essa estima é que constituía a honra, pois naquela época o homem adquiria consciência de seu valor pelo reconhecimento da sociedade a que pertencia. Os prêmios eram repartidos de acordo com o mérito de cada um. Recusar a um guerreiro o prêmio que lhe era devido não era apenas privá-lo de um bem pessoal, mas negar que ele tivesse valor aos olhos dos outros. Por esse motivo, para Homero e para o mundo da nobreza daquele tempo, a negação da honra era a maior tragédia humana que se poderia imaginar. Os heróis respeitavam-se e honravam-se o tempo todo. Isso fica evidente em Homero: mesmo quando eles se dirigiam aos inimigos mortais, tratavam-nos com deferência. As relações sociais estavam baseadas nesse código de honra. A virtude do guerreiro era perpetuada, depois da morte, pela fama, que era a imagem do modo como ele conduzira sua vida.



A ILÍADA DE HOMERO

*Musa, deusa, canta-me a cólera funesta de Aquiles pelida,
que tantas desgraças causou ao exército dos aqueus
e enviou ao Hades numerosas almas de heróis esclarecidos.*

A querela entre Aquiles e Agamêmnon

Quiseram os deuses que Aquiles e Agamêmnon discutissem e se tornassem inimigos, depois de o grande atrida ter insultado Crises, o sacerdote de Apolo.

Com ricos presentes, o venerável sacerdote partiu de sua ilha rumo ao acampamento dos aqueus. Sua filha, a formosíssima Criseide, havia sido capturada como escrava por Aquiles quando este conquistou Tebas. Agora que a jovem havia sido presenteada a Agamêmnon pelo exército, Crises apresentou-se diante dele e dos outros comandantes e disse, cheio de dor, estas palavras:

– Valorosos aqueus, aceitem estes presentes e devolvam-me minha preciosa filha. Rogo aos deuses que os ajudem a conquistar a cidade de Príamo e a retornar vencedores às suas respectivas pátrias.

Todos ouviram com alegria as súplicas do venerável sacerdote e diziam que o resgate deveria ser aceito, e a filha do sacerdote, devolvida. Mas Agamêmnon não admitia ser privado da bela jovem e olhava com rudeza para o dorido pai.

– Vá embora, velho! Não espere rever sua filha. Em Micenas, Criseide envelhecerá. Em meu palácio, há de fiar e tecer obras de apreço, como minha companheira. Desaparece, então, de minha frente, se quer retornar para casa intacto!

Assustado e cabisbaixo, foi-se embora o ancião de cabelos brancos. Mas, quando se distanciou um pouco, levantou as mãos para o céu e clamou:

– Grande deus Apolo, protetor de nossa ilha, ouça esta súplica. Se não tem queixa contra mim, se sua alma se compraz com o templo que para você construí, se os sacrifícios que lhe ofereço são de seu agrado, faça com que os dânaos paguem as lágrimas minhas com os dardos seus.

Apolo ouviu o sacerdote e, cheio de ira, pegou seu arco e voou em direção ao acampamento dos aqueus. Postou-se longe das naus e começou a atirar incessantemente suas setas terríveis:

primeiro nos animais; em seguida, nos homens. Parecia que uma peste havia irrompido, e os guerreiros pereciam; por nove dias seguidos subiu ao céu a fumaça das piras acesas pelos aqueus para cremar os companheiros mortos. Até que Hera apareceu diante de Aquiles e disse-lhe o que fazer para deter o grande mal. Ele convocou o exército à assembleia e, quando todos estavam reunidos, disse:

– Sem nada havermos alcançado, retornaremos à pátria, isto é, aqueles que dentre nós conseguirem escapar à morte, pois a guerra e a doença dizimam o exército dos aqueus. Consultemos, todavia, algum adivinho a fim de sabermos se temos alguma culpa e por que Febo Apolo se encolerizou tanto conosco.

Nesse momento, levantou-se Calcas, o único que sabia tudo o que havia acontecido, o que iria acontecer e o que estava acontecendo. Ele hesitava em falar, pois temia que Agamêmnon ficasse irritado. Tranquilizou-o, porém, Aquiles, assegurando-lhe sua proteção, e o adivinho disse:

– Febo Apolo está irado com o grande atrida porque insultou seu sacerdote e não lhe devolveu sua filha Criseide. Agora, para aplacar sua cólera terrível, devemos enviar a filha ao pai e não só não exigirmos dele nenhum resgate, como também lhe ofertarmos numerosos animais para um rico sacrifício ao deus.

Faíscas de fúria flamejaram nos olhos de Agamêmnon.

– Profeta de males, que jamais proferiu uma boa palavra a seu líder, sempre se compraz em predizer desgraças. Sim, prefiro a filha de Crises até mesmo a Clitemnestra, minha legítima mulher, pois Criseide não lhe é inferior nem na beleza, nem na estatura, nem no conhecimento ou nas aptidões. Ouçam-me todos, porém: não me recuso a devolver Criseide, pois prefiro que o exército se mantenha forte a vê-lo desintegrar-se completamente. Que alguém apenas me diga de que modo poderei substituir o prêmio com o qual fui distinguido pelo exército. A não ser que vocês julguem conveniente que o comandante dos aqueus fique sem presente algum!



– Grande atrida – disse Aquiles, cheio de ira –, você quer tudo para si. A peste nos dizima e você pensa apenas em não ser prejudicado. Como lhe darão outro prêmio os filhos dos aqueus, por mais generosos que sejam? Pelo que sei, tudo quanto saqueamos das cidades atacadas já está dividido, e não seria correto tomá-lo de volta para depois dividirmos novamente. Entregue a jovem; quando conquistarmos Troia de elevadas torres, você será compensado muitas vezes mais pelo de que agora é privado.

– Não fica bem para um nobre como você, Aquiles, tentar me enganar. Quer manter seu presente enquanto eu fico sem nada? Pois bem! Se os aqueus não me derem algo que me agrade, eu mesmo tomarei de outro comandante o presente que almejo; e por que não o seu, a belíssima filha de Brises, a única equiparável em tudo à filha de Crises?

Com um olhar torvo, Aquiles fitou-o:

– Como ousa, velhaco, pensar que pode tomar-me o prêmio que me foi dado pelo exército por minhas inúmeras façanhas? Você acaso imagina que, depois de tamanha afronta, eu permaneceria aqui, a guerrear, para o seu gáudio? Os troianos nunca me fizeram mal algum. Nunca roubaram meu gado, nem me tomaram os frutos que a fértil terra de Ftia tão copiosamente produz. Mas

foi por você e seu irmão, ingrato, que viemos aqui guerrear. Você tenta me intimidar e ainda quer tomar-me o prêmio! Enquanto carrego o fardo mais duro da guerra, você fica sempre com a maior parte dos despojos, e eu, com migalhas. Briseide é meu presente mais estimado. Se você a tomar de mim, será mil vezes melhor reunir meus homens e partir do que ficar guerreando para encher seus cofres de ouro.

– Vá embora, se seu coração permite! Não implorarei para que fique. A meu lado tenho muitos e dignos comandantes que me darão glória e me ajudarão a conquistar Troia. Pegue, então, os seus mirmidões e vá embora. Já que é assim, irei eu mesmo a sua tenda pegar a jovem que ama, para que todos saibam quem manda, em meio à multidão de aqueus!

Aquiles foi atingido no mais fundo de seu coração. Sua cólera transbordou, e ele estava prestes a sacar da espada. Mas, no último momento, uma mão puxou-lhe os cabelos. O herói virou-se e deparou com Palas Atena, visível somente para ele e ninguém mais.

– Você sabe, Aquiles, o quanto eu e Hera o amamos. Resolva sua disputa com palavras, não com a espada. Insulte-o, se quiser, e dê vazão à sua cólera. Vemos agora o quanto Agamêmnon é injusto, mas o dia virá em que você será triplamente recompensado. Por isso, escute-me e contenha seu ímpeto.

O herói acatou as sábias palavras da deusa e devolveu a espada à bainha. No mesmo instante, Atena desapareceu, enquanto Aquiles extravasava sua cólera em palavras:

– Bêbado, que tem a vista do cão e a coragem do veado! Você nunca ousa envergar a armadura para o combate! Só o que sabe fazer é arrebatrar os presentes dos outros! Mas a culpa não é sua, é nossa, por termos lhe aceitado como nosso comandante supremo. Se eu não me contivesse, seria esse o último agravo que você faria. Juro, porém, por esse cetro com que Zeus determinou que fossem feitos os mais solenes juramentos: os dânaos não de invocar Aquiles, quando, pela mão de Heitor homicida, muitos guerreiros caírem prostrados. E então você se arrependerá amargamente por não ter sabido honrar o melhor dos aqueus!

Agamêmnon olhou-o feroz, mas, antes que conseguisse dizer

uma só palavra, Nestor adiantou-se. O sábio ancião já havia visto perecerem duas gerações de guerreiros e agora exercia o reinado sobre os pílhos. Desejando de todo coração o bem dos aqueus, disse:

– Deuses! Uma grande desgraça abate-se sobre nós. Príamo e seus filhos se alegrarão imensamente quando souberem que os maiores heróis do acampamento combatem um contra o outro. Em minha época, os famosos guerreiros sempre ouviam minha opinião. Agora também vocês devem de bom grado escutar-me. Nem você, magnânimo atrida, deve tomar a jovem que os aqueus lhe deram como prêmio, nem o nobre pelida deve opor-se ao grande rei. Se uma deusa gerou o mais forte de todos os guerreiros, mais poderoso que este é quem detém o cetro de Zeus.

Belas e ponderadas foram as palavras do sábio ancião. Ambos, porém, ignoraram seu apelo.

Aquiles extravaza a sua cólera

– Esse aí – disse, com raiva, Agamêmnon – quer sempre estar acima de todos e tem a insolência de insultar aquele a quem deve obedecer.

– Não sou covarde nem injusto para curvar minha cabeça a tudo que você ordena – interrompeu Aquiles. – Vá dar ordens aos outros, não a mim. Tome a jovem, se quiser. Vocês, que me a entregaram, tirem-na de mim. Não ousem, porém, tomar-me nem uma agulha a mais, pois então todos o verão agonizar no solo, trespassado por minha espada!

Por muito tempo ainda os dois heróis trocaram injúrias, até que Aquiles, em obediência a Palas Atena, recolheu-se em sua tenda, com profunda mágoa no coração.

Agamêmnon então ordenou a Odisseu que lançasse ao mar uma nau de vinte remos, escolhesse os companheiros e, depois de carregar a embarcação com os animais para o sacrifício, buscasse Criseide para enviá-la ao pai.

Odisseu atendeu prontamente e embarcou a jovem no navio. Nem bem ele havia partido, Agamêmnon chamou dois arautos, dando-lhes a seguinte ordem:

– Vão até a tenda de Aquiles e tragam-me Briseide agora. Se

ele não a entregar, irei eu mesmo, com muitos guerreiros, tomá-la à força.

Chegando à tenda de Aquiles, os arautos estacaram, envergonhados, sem ousar sequer abrir a boca. O herói, porém, compreendeu-os e foi o primeiro a falar:

– Salve, arautos. Cheguem mais perto. Vocês não têm culpa, e sim Agamêmnon. Pátroclo, caríssimo amigo, traga a jovem para que eles a levem. Também vocês são testemunhas disto que afirmo: dia virá em que os aqueus clamarão por mim, enquanto eu, enfurecido, permanecerei em minha tenda, longe dos combates. O atrida não sabe o que faz. E se não compreende o que faz hoje, como poderia compreender o que acontecerá amanhã? Como um homem assim imaginaria que um dia os aqueus combaterão sozi-nhos para salvar seus navios?

Pátroclo conduziu Briseide de bela face para fora da tenda, segurando-a pela mão, e entregou-a aos arautos. A jovem partiu com eles a contragosto.

Aquiles, quase chorando, deixou seus companheiros e foi à praia. Sentou-se na areia e fitou o mar, onde vivia a deusa Tétis, sua mãe.

– Por que, mãe, os deuses tanto me oprimem? Por que, se restam poucos dos anos de vida que as Moiras me deram, Zeus permite que Agamêmnon me insulte? E você aceitará isso, mãe?

Dizendo isso, o herói rompeu em prantos. Tétis, ouvindo-o, surgiu no meio de uma onda azulada.

– Aquiles, meu filho, por que você chora? Diga-me, o que está acontecendo?

– Muitas coisas, mãe – disse ele suspirando –, que você já saberá.

Aquiles contou-lhe tudo desde o começo, quando conquistou Tebas e Lirnesso, capturando Briseide e Criseide como escravas, até o momento em que Agamêmnon ousou tomar seu honroso prêmio, a formosa filha de Brises. E continuou:

– Vá, mãe, até o Olimpo altaneiro e caia aos pés de Zeus, que lhe deve um grande favor desde o dia em que o salvou, quando os outros deuses quiseram acorrentá-lo. Peça-lhe que ajude os troianos a perseguir os aqueus, forçando-os a recuar até as naus, a fim de que o atrida perceba quão cego estava para insultar o

mais valo-roso dos aqueus.

O coração da deusa ficou dilacerado de dor. Ela abraçou o filho, enxugou-lhe as lágrimas e acariciou-lhe os cabelos loiros.

– Tudo acontecerá, meu filho, como você deseja. Fique em sua tenda e espere, que o grande Agamêmnon há de cair a seus pés suplicando que você se compadeça dos aqueus e os salve. Tenha apenas um pouco de paciência. Zeus partiu para a terra dos etíopes(43) e estará de volta em doze dias. Assim que ele retornar, irei a seu encontro. Sei como persuadi-lo.

Enquanto isso, Odisseu foi à ilha de Crises e devolveu a filha a seu pai, que a recebeu com alegria indescritível. Em seguida, retiraram do navio os animais destinados ao sacrifício, e Odisseu pediu ao venerável sacerdote que os sacrificasse a Febo Apolo, para apaziguá-lo. O ancião concordou e rapidamente foram feitos os preparativos. Ao final, Crises ergueu as mãos e suplicou a Apolo:

– Deus do arco de prata, protetor de nossa ilha, eu o invoco; tal como me ouviu e feriu os aqueus em minha honra, atenda agora esta súplica e salve-os da doença maligna.

O deus atendeu o sacerdote e aceitou o sacrifício. Quando, na manhã seguinte, com vento favorável, Odisseu e seus companheiros chegaram ao acampamento dos aqueus, a terrível epidemia já havia cessado.

Zeus decide ajudar os troianos

Veio, porém, o dia esperado por Tétis. Então, ela saiu das profundezas do mar e subiu direto para o Olimpo, onde encontrou o soberano dos deuses e dos homens sentado no cume mais alto. Amargurada, contou-lhe tudo o que havia acontecido, e Zeus condoeu-se dela. Receava apenas irritar Hera, mas deixou esse pensamento de lado e prometeu ajudar os troianos até que a glória de Aquiles fosse reparada.

– E para que você tenha certeza – acrescentou – de que o que eu digo de fato acontecerá, curvarei minha cabeça em sinal de afirmação, pois tudo o que prometo com esse sinal deverá inevitavelmente se cumprir.

Zeus curvou sua cabeça imortal; então o céu trovejou e todo o Olimpo se agitou fortemente.

Satisfeita com o resultado de sua missão, Tétis regressou ao mar azulado. Hera, por sua vez, percebendo tudo, ficou profundamente irritada, e Zeus falou-lhe com severidade:

– Não espere que eu lhe revele meus pensamentos mais secretos. O que nenhum deus deve saber, nem mesmo você saberá, ainda que seja minha mulher. Ouça isto, porém: se for algo que todos devam saber, você será a primeira a ser informada.

Durante a noite toda, o grande deus não conseguiu dormir, atormentando seu espírito para descobrir um jeito de conceder a glória a Aquiles e infligir pesadas perdas aos aqueus. Por fim, chamou Oniro, o deus dos sonhos:

– Vá, Sonho falaz, voe até a tenda de Agamêmnon, que agora dorme, e engane-o, dizendo que todos os deuses concordam em conceder-lhe a vitória e a destruição dos troianos.

O enganoso Oniro voou através da escuridão da noite e apresentou-se a Agamêmnon com a aparência de Nestor, o sábio ancião a quem o filho de Atreu sempre acatava.

– acorde, grande atrida – sussurrou em seu ouvido. – Quando um comandante detém em suas mãos o destino de tantos povos, não convém ficar dormindo a noite inteira. Levante-se. Foi o poderoso Zeus quem me enviou. Todos os deuses concordam em conceder a vitória aos aqueus. Chegou o momento de conquistarmos definitivamente Troia de amplas ruas.

Agamêmnon levantou-se contente. Em sua ilusão, imaginou que era o dia de conquistar Troia de elevadas torres; mas Zeus ainda reservava muitos pesares aos dânaos e teucros. Vestiu-se depressa, despertou os arautos e ordenou-lhes que acordassem os outros comandantes e os convocassem à assembleia.

Reuniram-se todos os chefes ao lado da nau de Nestor e, com grata surpresa, ouviram Agamêmnon contar-lhes o sonho que tivera.

– Quero, porém – disse –, testar o moral dos soldados e a vontade dos deuses. Eu os convocarei para lhes comunicar que regressaremos à pátria. Quanto a vocês, fiquem de sobreaviso, para detê-los se necessário. Precisamos saber se eles têm disposição para o combate.

Os reis concordaram e correram para reunir seus exércitos e

trazê-los à assembleia.

Como abelhas, uma multidão de aqueus saía das tendas, aglomerando-se ao redor dos navios. Quando, por fim, todos se encontravam reunidos, nove arautos de voz poderosa gritaram para impor silêncio, a fim de que o grande rei fosse ouvido. Enfim, quando os soldados se calaram, levantou-se Agamêmnon e disse-lhes:

– Heróis acaios, valorosos guerreiros de Ares, Zeus enganou-me de modo cruel. Prometeu-me que conquistaríamos Troia e, contudo, faz nove anos que estamos lutando e a guerra nunca chega ao fim. Os troianos são pouco numerosos, porém muitos aliados, expertos nos assuntos de guerra, vieram em seu socorro e não permitem que eu conquiste a soberba Troia. Depois de nove longos anos, nossos navios apodrecem em terra firme, e o sol e o vento desfazem as velas. Nossas mulheres nos esperam. Sofrem, com nossa ausência, nossos filhos. E o objetivo que perseguíamos não foi alcançado. Não quiseram os deuses que conquistássemos Troia de altas torres, e agora só nos resta retornar às terras que nos viram nascer. Isso é tudo; para nossas casas, então, retornemos.

A multidão de ouvintes agitou-se como o mar açoitado pelas rajadas de um temporal. Um clamor de vozes subiu ao céu, e todos correram para os navios, levantando uma nuvem de poeira. Empurravam-se uns aos outros e apressavam-se para arrastar os navios ao mar, loucos de alegria por presumir que voltariam à doce pátria. Desconheciam, os desafortunados, a secreta intenção do filho de Atreu.

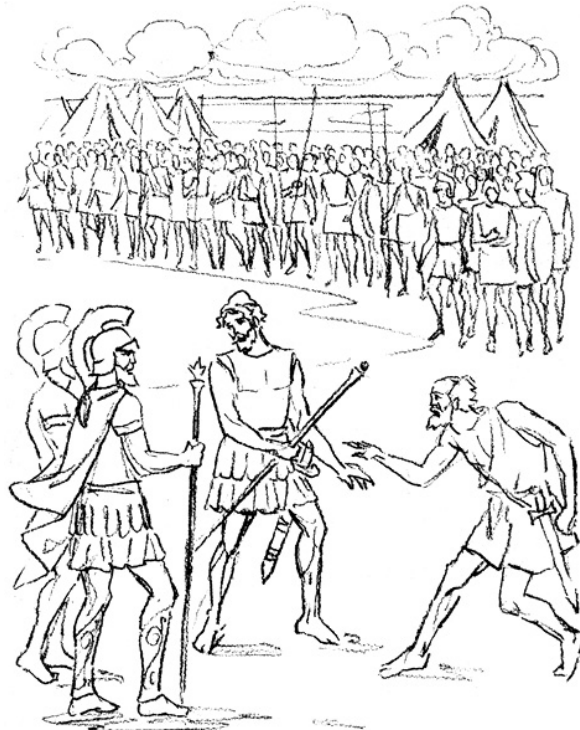
O desejo de retornar era tão grande que foi difícil controlar a imensa multidão. Se Palas Atena não aconselhasse imediatamente Odisseu, a guerra teria terminado naquele mesmo dia. Rápido, Odisseu tomou a iniciativa e incentivou os outros comandantes para que, juntos, contivessem a retirada do exército.

As verdades tristes

Havia, entretanto, um combatente que passou a perturbar os outros e não ouvia os conselhos dos comandantes. Era Tersites, o mais feio de todos os guerreiros que foram a Troia. Tinha

pernas tortas e arrastava um dos pés, seus ombros recurvos lhe caíam no peito, e em seu crânio pontudo flutuavam esparsos fios de cabelo; tinha, além disso, o hábito de dizer verdades desagradáveis.

– O que o leva, atrida, a oprimir-nos desse modo?! – gritou. – O que mais lhe falta? Tem todas as mulheres que deseja, daquelas que nós, aqueus, trazemos de cada cidade que arrasamos. Tampouco lhe falta ouro, pois a seus pés sempre se encontra um pai a oferecer-lhe um vultoso resgate pelo filho que entregamos a você, depois de capturá-lo em combate. E o que ganhamos com tudo isso? Nada, exceto a amarga decepção. Aqueus, bando de covardes, por que o temem? Partamos! Chega de guerrear em terra estranha! Que ele fique sozinho aqui, sentado sobre seus tesouros. Então você saberá, grande Agamêmnon, se nós tivemos alguma utilidade. E, como se não bastasse tudo o que nos fez, ainda ousa insultar um guerreiro muito mais nobre do que você, arrebatando-lhe o honroso prêmio com que o exército o agraciou! Se Aquiles fosse realmente corajoso, teria sacado a espada e essa teria sido a sua última injustiça, atrida!



– Cale a boca, Tersites – interrompeu-o Odisseu. – Conquanto você seja um orador de voz clara, é a última pessoa que poderia censurar os comandantes, pois não conheço ninguém pior do que

você.

Disse-lhe ainda muitas coisas e, por fim, golpeou-o com o cetro. Tersites encurvou-se, assustado, e enxugou com o dorso da mão as lágrimas que lhe desciam dos olhos. Embora, poucos instantes atrás, muitos o houvessem admirado por sua coragem, agora riam dele, que se dirigia trêmulo para o local onde antes estava sentado.

Odisseu discursou em seguida para a multidão. Ele sabia o que dizer.

– Não recrimino vocês – disse – por terem desejado retornar à pátria. Quem não o quer? Qualquer um que fique um mês longe dos seus anseia ardentemente pelo retorno. E nós estamos aqui há nove anos. Digam-me, porém, uma coisa: não será uma vergonha retornarmos para casa de mãos vazias depois de tanto tempo? Vamos, meus amigos, tenhamos um pouco de paciência e vejamos se as palavras de Calcas não nos saem verazes. Todos devem se lembrar daquele dia em Áulis – parece-me que foi ontem! – quando vimos uma serpente devorar nove pardais e, em seguida, ficar petrificada. Por nove anos, disse-nos Calcas, iríamos guerrear, mas no décimo conquistaríamos a rica Troia. E eis que agora tudo parece se cumprir. Fiquemos, portanto, um pouco mais, valorosos aqueus, até tomarmos a grande fortaleza de Príamo!

Um clamor de aprovação irrompeu da multidão de guerreiros. Tão grande era a satisfação que as palavras de Odisseu lhes causaram! Falaram também outros comandantes, inclusive Nestor e, por fim, Agamêmnon, e o entusiasmo do exército crescia incessantemente. A deusa Atena, que andava invisível entre os guerreiros, encheu-lhes o peito de coragem, até que eles, que há pouco corriam em direção aos navios, só desejassem voltar ao combate, em vez de regressar à doce pátria.

Agamêmnon, então, sacrificou a Zeus um boi bem gordo de cinco anos. A seu lado se encontravam seu irmão Menelau, Nestor de Pilos, Idomeneu de Creta, os dois Ajax, Diomedes e Odisseu. Cada um pegou um punhado de cevada para fazer a súplica.[\(44\)](#) Nesse momento, o comandante supremo ergueu as mãos para o céu e orou:

– Zeus todo-poderoso, filho de Cronos, aceite este sacrifício e dê-me o poder de reduzir a cinzas o palácio de Príamo. Faça com que minha lança trespasse o peito de Heitor e que atiremos por terra os corpos de incontáveis troianos, antes que o Sol se ponha.

Zeus aceitou o sacrifício, mas não a súplica. Naquele dia, o soberano dos deuses e dos homens queria que se travasse um duro combate.

Prontos para a batalha

Em pouco tempo a planície inteira ficou tomada pela multidão de argivos. Todo o exército enfileirava-se em ordem. Diante de cada falange, postavam-se os comandantes. No centro, com sua elevada estatura e sua brilhante armadura, distinguia-se o possante Agamêmnon. Seu semblante assemelhava-se ao de Zeus; a cintura, à de Ares, o deus da guerra; e o peito, ao do robusto Possêidon. Como um touro que, cheio de orgulho, se destaca do rebanho, destacava-se o grande atrida no meio da intrépida multidão.

Mas, no mesmo momento em que os aqueus se armavam para o combate, os troianos também faziam seus preparativos. O próprio Zeus mandou que fossem avisados por Íris, a deusa mensageira dos pés alados. Os troianos tornaram-se muito mais audaciosos ao saber que Aquiles havia se retirado do combate e agora preparavam-se para sair de suas muralhas e baterem-se com os aqueus em campo aberto. Rapidamente eles se alinharam abaixo da torreada fortaleza.

O comandante dos troianos era Heitor, mas naquele dia Páris almejava para si a glória e, por isso, saiu à frente do exército. Belo como um deus e vestido com sua armadura resplandecente, aguardava, cheio de orgulho e impaciência, o momento do combate, com a espada na cintura e o arco sobre um dos ombros. Decidido a entrar na cruenta batalha, deu alguns passos adiante, brandindo no alto duas lanças, e a toda voz gritou para o inimigo:

– Valorosos aqueus!(45) Comecemos o duelo, e que Zeus conceda a vitória àquele que quiser!

Imediatamente, os dois exércitos puseram-se em movimento. Com largos passos e violentos gritos de guerra, marchavam um

contra o outro. De súbito, percebendo que o chefe dos troianos era Páris, Menelau lançou-se adiante. Como o leão faminto que avista o cervo bem nutrido e arremete para dilacerá-lo, ele investiu contra o iníquo inimigo.(46)

Assim que o viu, Páris perdeu a arrogância e, por mais denodado que fosse, teve medo e procurou um meio de se salvar. Reti-rou-se assustado e escondeu-se no meio das falanges troianas. Irritado, seu irmão Heitor correu atrás dele e, assim que o alcançou, começou a lançar-lhe pesados insultos:

– Mulherengo, impostor – gritou. – Covarde, que só gosta de se pavonear! Se os troianos tivessem bom senso, há muito o teriam esfolado vivo, já na época em que você raptou e trouxe para cá a bela Helena, ultrajando uma terra de heróis valorosos.

Páris baixou a cabeça.

– Você tem toda a razão em repreender-me. Acovardei-me, bem o sei. Mas agora não tenho mais medo. Para lhe provar o que estou dizendo, ouça o que tenho em mente. Vá à frente do exército e diga aos troianos e aqueus as seguintes palavras: “Páris, o fautor desta guerra, propõe que os dois exércitos deponham as armas no chão e que ele e Menelau lutem no centro. Quem sagrar-se vencedor ficará com Helena e todos os tesouros, ao passo que os restantes firmarão a paz”. Assim, a guerra chegará ao término e nós poderemos gozar dos frutos da fértil Tróade, e os aqueus de sua terra de belas donzelas.

Heitor ficou satisfeito com essa proposta e pôs-se diante do exército, convocando aqueus e troianos para comunicar-lhes as palavras de seu irmão. Os dois exércitos receberam a notícia com surpresa e grande satisfação. Menelau adiantou-se:

– Finalmente chegou o dia de terminar esta guerra, que encheu troianos e aqueus de tantos terrores. Páris e eu travaremos um combate singular, e os dois povos poderão separar-se em paz. Que Zeus escolha aquele que deve morrer! Tragam-me, porém, troianos, um carneiro branco para ser sacrificado ao deus Hélios, e nós, dânaos, sacrificaremos outro para Zeus. Peço que tragam também o venerável Príamo para ser o guardião do sacrifício e do pacto de juramento, pois não confiamos em nenhum de seus filhos.(47)

Isso disse Menelau, e todos acataram com júbilo suas sábias

palavras.

Sobre a torre das Portas Ceias, Príamo, Antenor e outros anciãos do Conselho viam tudo, mas não compreendiam o que estava acontecendo. Avisada pela deusa Íris, Helena também se dirigiu à torre. Assim que chegou, todos ficaram deslumbrados com sua beleza e os anciãos disseram: “Têm razão os troianos e os aqueus em suportar, por tal mulher, tão grande guerra por tanto tempo! Tem-se, realmente, a impressão de estar vendo uma deusa imortal”. Um deles, porém, acrescentou: “Por mais bela que seja, é melhor que ela retorne a seu país antes que a desgraça se precipite sobre nós e nossos filhos”.

Príamo chamou-a para perto de si.

– Venha, minha filha. Venha ver o seu primeiro marido, parentes e conhecidos. A culpa não é sua, os deuses são os culpados. Foram eles que desejaram esta guerra amaldiçoada! Mas diga-me: quem é aquele aqueu ali embaixo? Como é alto, belo e imponente! Parece ter a majestade de um autêntico rei.

– Obrigada por suas bondosas palavras, venerável sogro. Mas a culpa é minha. Sou muito culpada, pois eu deveria ter escolhido a morte em vez de acompanhar seu filho Páris. Isso não aconteceu e agora me lembro de minha filha e me desfaço em pranto. Antes eu nunca tivesse nascido, a cadela! Quanto a esse de quem você me pergunta, trata-se do poderoso Agamêmnon, filho de Atreu, nobre guerreiro e irmão de meu primeiro marido, Menelau.

Príamo olhou com admiração o inimigo.

– Três vezes afortunado é o filho de Atreu! Pois jamais vi semelhante monarca exercer seu poder sobre exército tão numeroso. Diga-me agora, minha querida, quem é aquele que tem o tórax avantajado, andando de um lado para o outro tal como o veloso carneiro em meio às ovelhas?

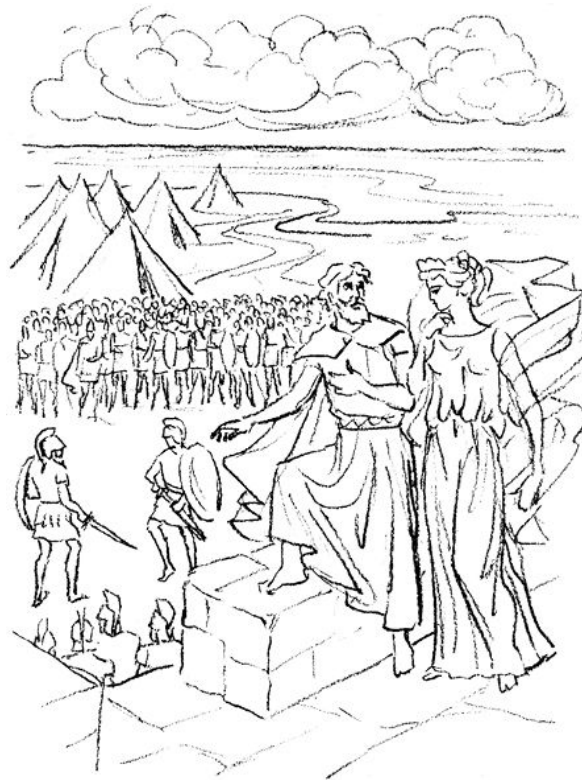
– É Odisseu, de Ítaca, inteligente e astuto como nenhum outro combatente.

– Mente formidável tem Odisseu – complementou Antenor. – Eu o conheci quando o hospedei em minha casa. À primeira vista não causa grande impressão. Permanece diante dos outros com a cabeça baixa, e julgariam que se trata de algum tolo ou pessoa bizarra. Mas, quando de seu peito sai a voz poderosa, suas palavras, que se assemelham a flocos de neve, apagam

prontamente a primeira impressão, e no lugar desta sobrevém a admiração por sua mente arguta.

– E aquele ali – perguntou Príamo pela terceira vez – que a todos ultrapassa na estatura e na largura dos ombros?

– É Ajax, o grande, baluarte dos aqueus. A seu lado se encontra Idomeneu, o comandante dos cretenses. Mas em parte alguma vejo meus irmãos, Cástor e Polideuces. Receio que algum mal lhes te-nha acontecido e, por isso, não tenham vindo com os outros aqueus para Troia.(48)



Menelau e Páris duelam

Sobre muitos outros heróis Príamo gostaria de ter perguntado; foi, porém, interrompido por Ideu, enviado de Heitor.

– Vamos, filho de Laomedonte. Os troianos pedem sua presença. A guerra chega ao fim. Páris e Menelau travarão um combate singular, e o vencedor ficará com Helena e os tesouros, enquanto nós todos a paz firmaremos.

Ao ouvir a notícia de que seu filho lutaria contra Menelau, Príamo ficou receoso. Mesmo assim, deu ordens para que aprontassem os cavalos e o carro real, em que subiu com Antenor. Saíram pelas Portas Ceias e chegaram ao local do

sacrifício, onde todos os preparativos estavam concluídos.

Assim que Príamo chegou, Agamêmnon começou a fazer a prece:

– Zeus pai, soberano glorioso, que nos vê do alto do Ida; Hélios, que do alto do céu tudo vê; rios e Terra, e também vocês, deuses do Olimpo, que castigam duramente os perjuros, sejam testemunhas deste juramento: se Páris matar Menelau, ficará com Helena e todos os tesouros, e nós retornaremos a nossa pátria; se, ao contrário, Menelau matar Páris, os troianos terão de nos devolver Helena e todos os tesouros, acrescidos de uma multa, para que as futuras gerações se lembrem do que aconteceu. Se depois da morte de Páris os troianos transgredirem o juramento, então nós ficaremos aqui até obtermos a reparação por meio da guerra.

Feito o juramento, ele degolou os carneiros com o punhal implacável, enquanto aqueus e troianos faziam libações com vinho sobre a terra e rogavam: “Como este vinho é vertido sobre a terra, seja vertido o sangue daqueles que não respeitarem o juramento”.

Então, Príamo, com a voz embargada pela emoção, disse:

– Somente os deuses sabem qual dos dois vencerá e qual morrerá. Mas eu não tenho forças para suportar ver meu filho em tal disputa, e por esse motivo me dirigirei à cidade.

Assim que Príamo partiu, Odisseu e Heitor prepararam duas marcas para serem sorteadas. Colocaram-nas dentro de um elmo de bronze e sacudiram-no para ver quem teria o direito de arremessar a lança primeiro, enquanto os guerreiros de ambos os lados faziam súplica idêntica:

– Zeus pai, soberano glorioso, faça com que desça ao Hades aquele que é o maior culpado e deflagrou o ódio entre nós. E nós, todos juntos, firmaremos a amizade recíproca com pactos de paz.

Heitor sacudiu o elmo com as marcas, e a sorte favoreceu Páris. Com coragem, o filho de Príamo adiantou-se. O mesmo fez Menelau. Foi medida, a passos, a distância entre os dois adversários, que tomaram seus respectivos lugares. A multidão contemplava os dois heróis com a respiração suspensa. O olhar selvagem de ambos denunciava quão grande era o ódio que os separava.

Páris foi o primeiro a arremessar a lança. Ela bateu com força no resistente escudo do rei de Esparta. No entanto, a ponta de bronze curvou-se e não o atravessou. Era a vez de Menelau.

– Grande Zeus – suplicou –, faça com que este golpe extinga de vez a respiração daquele que se portou de maneira tão injusta, para que cada um tenha receio, hoje e sempre, de cometer uma injustiça contra a pessoa que o receba tão hospitaleiramente como recebi o filho de Príamo.

Depois de pronunciar essas palavras, ele arremessou com força ingente sua lança. Esta atravessou o escudo e rasgou a túnica de Páris, que, entretanto, curvou-se a tempo e conseguiu escapar da morte. Menelau lançou-se de espada em punho contra o oponente e desferiu com toda a força um golpe em seu elmo, mas a espada partiu-se em pedaços. Decepcionado, ele jogou-a para longe.

– Zeus pai, como você é injusto! Meu arremesso foi inútil, minha espada partiu-se em pedaços e não o matei!

Os troianos violam o juramento

Menelau, no entanto, não se desesperou. Atirou-se sobre o adversário, agarrou-o pela correia de couro que lhe prendia o elmo ao queixo e, puxando-a, lançou-o por terra e começou a arrastá-lo. Teria asfixiado Páris, uma vez que a correia do elmo apertava-lhe mortalmente o pescoço, mas, no último momento, Afrodite a fez romper, salvando-o. As mãos do atrida puxaram, então, o elmo vazio, o que o fez cair de costas e rolar na direção de seus companheiros. Enquanto estes erguiam o elmo para o alto, exibindo-o para a multidão, Menelau uma vez mais lançou-se sobre Páris, para massacrá-lo. A deusa salvou-o novamente, envolvendo-o em densa neblina. Levou-o para seu quarto perfumado, no palácio de Príamo, e fez com que ele se sentasse no leito. Enquanto isso, Menelau, que não compreendia como o havia perdido de vista, procurava por Páris qual uma fera entre os troianos. Mas estes jamais o teriam escondido, pois o odiavam mais do que a negra morte.

Por fim, Agamêmnon postou-se à frente do exército e gritou:

– Teucros e dardânios, ouçam-me. Todos vimos quem foi o vencedor. Devolvam-nos, portanto, Helena e os tesouros, e em

seguida firmemos a paz.

Isso ele disse, e os aqueus aclamaram-no fragorosamente.

No alto do Olimpo, porém, Hera estava muito impaciente, receando que a paz fosse celebrada e que Troia conseguisse escapar da destruição.

– Que mal lhe fizeram os troianos? – perguntou Zeus. – Talvez nem mesmo se Príamo e seus filhos fossem devorados você acalmaria sua fúria. Faça, contudo, o que quiser. Mas não me venha com queixumes, se algum dia eu decidir destruir uma de suas cidades diletas.

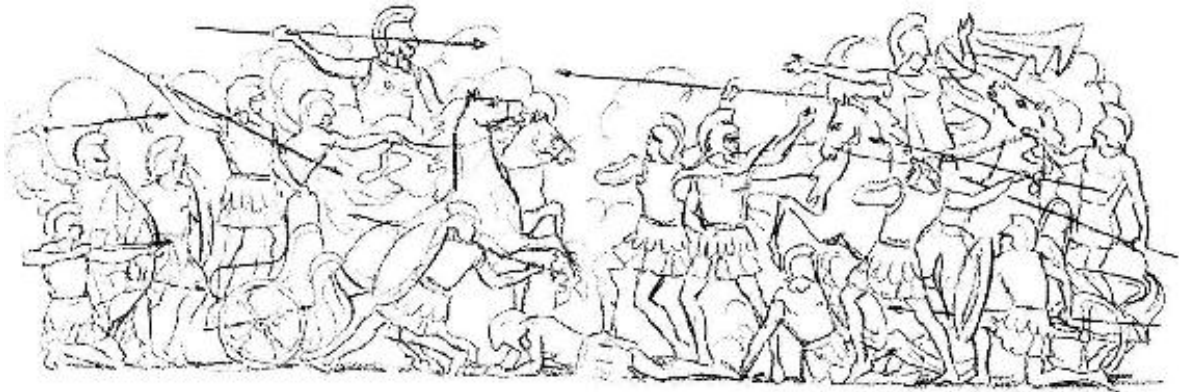
– Três são as cidades que estimo: Argos, Micenas e Esparta. Pode reduzi-las a cinzas se alguma vez seus habitantes o irritarem. Deixe-me, porém, destruir Troia até as bases.

Então, Zeus ordenou a Atena que se misturasse aos troianos, instigando-os a violar o juramento, para que a guerra recomeçasse.

Cheia de júbilo, Atena, que desejava a destruição de Troia tanto quanto Hera, precipitou-se do alto Olimpo para o campo dos troianos, à procura do famoso arqueiro Pândaro, filho de Licáone, cujo arco lhe fora dado de presente pelo próprio Apolo. Assim que o avistou, ela assumiu a aparência de um dos filhos de Antenor, aproximou-se dele e disse:

– Pândaro, arqueiro exímio, acaso você teria coragem de disparar uma seta contra Menelau? Pense na glória imensa que alcançará se o matar e o quanto será estimado por Páris. Vamos! Não hesite mais. Apenas prometa a Apolo que lhe sacrificará cem bois quando regressar a sua casa, após o término da guerra.

O tolo deixou-se persuadir facilmente. Depois de fazer uma prece a Apolo, Pândaro pegou seu arco e, escondido atrás dos escudos dos companheiros, mirou o glorioso herói e não errou o alvo. A seta atingiu a cintura de Menelau, atravessando-lhe a armadura. Mas Atena, que sempre velava por ele, deteve o ímpeto da seta, que apenas lhe esfolou a pele. O filho de Atreu escapou de morte certa. Contudo, de seu ferimento escorria muito sangue.



Assim, tudo foi alterado por uma seta: o juramento se quebrou e a guerra de nove anos, que tantas desgraças havia trazido para aqueus e troianos, deveria se prolongar, trazendo ainda muitas outras.

Logo em seguida, o combate instaurou-se. Como o mar furioso, a multidão dos dânaos lançava-se adiante. Os troianos também avançavam, emitindo pavorosos gritos de guerra. Atena colocou-se do lado dos aqueus, para ajudá-los, enquanto Ares, o deus que se alegra com a guerra, foi para o lado dos troianos. Deuses e homens misturavam-se na terrível disputa. Também estavam presentes Deimos e Fobos, filhos de Ares, que semeiam o pavor por onde passam, e Éris, a Discórdia, irmã de Ares, que ensandecida vagueia invisível, alimentando as flamas da guerra.

Os comandantes foram os primeiros a entrar no combate: Agamêmnon, os dois Ajax, Odisseu, Diomedes, Menelau e Idomeneu. O grande Ajax, que do próprio Zeus descendia, atingiu Simoésio, que tombou como uma árvore imensa abatida pelo machado impiedoso, na flor da juventude. Mas, enquanto Ajax o despojava de sua armadura,[\(49\)](#) Antifo, filho de Príamo, arremessou sua lança contra ele. No entanto, em vez de atingi-lo, ela acertou Leuco, amigo de Odisseu, que arrastava o cadáver de Simoésio. Já sem vida, Leuco caiu sobre o cadáver com os braços abertos, e ambos ficaram ali prostrados, como se estivessem abraçados, um aqueu e um troiano, unidos pela morte no solo da Tróade. Odisseu ficou irado com a perda do amigo e precipitou-se, cheio de ímpeto, sobre os troianos. Com sua lança atingiu o filho bastardo de Príamo, Democoonte, tirando-lhe a vida. Diante do arrebatamento de Odisseu, os troianos retrocederam assustados. Bradaram de alegria os aqueus e seguiram adiante, arrastando os mortos atrás de si. Mas Apolo,

que via tudo aquilo, gritava com voz poderosa:

– Não cedam, troianos, diante dos aqueus! Seus corpos não são de pedra nem de ferro, para resistirem ao bronze cortante que as carnes lacera. Além disso, Aquiles, fervendo de fúria, retirou-se do combate e, junto das naus, permanece ocioso.

Diomedes triunfa

Ao ouvir as palavras do deus, os troianos recobram a coragem e resistiram bravamente. Píroo, o chefe dos trácios, feriu Diores, comandante dos epeios, prostrando-o por terra, sem vida. Mas antes que pudesse alegrar-se com sua vitória, Toas da Etólia matou-o. Toas queria apossar-se das armas de Píroo, mas, por mais valeroso que fosse, receou o grande número de adversários, pois muitos trácios haviam se postado em torno do corpo de seu comandante morto para impedir que fosse ultrajado.

Numerosos aqueus alcançaram a glória nesse combate. Um, porém, destacou-se: Diomedes, filho do célebre Tideu. A deusa Atena quis, nesse dia, conceder-lhe a glória maior.

Quando o intrépido Pândaro viu o estrago que Diomedes infligia aos troianos, lançou-se decidido ao combate. Acreditava que, se não havia conseguido matar Menelau, obteria glória imperecível se matasse o temível filho de Tideu. Sem perder tempo, com força retesou o arco afamado e disparou a seta pontiaguda, que foi se cravar no ombro de Diomedes.

– Vejam, heróis troianos – gabava-se Pândaro, orgulhoso –, atingi o mais valente dos aqueus. Venham ver como ele cai.

Diomedes, porém, não caiu. Seu auriga, Esténelo, arrancou a seta de seu ombro e invocou Atena em seu auxílio.

Rapidamente a deusa correu.

– Lute, Diomedes! Em seu peito insuflei o vigor e a audácia de seu pai, Tideu, que era perito em combate de carros. Não tenha receio algum. Ainda que você veja a deusa Afrodite com os próprios olhos, não hesite em feri-la sem dó.

Diomedes regressou ao combate, e infeliz de quem se encontrasse em seu caminho! Matou os dois filhos de Príamo, Equémon e Crômio, que vieram correndo deter-lhe a investida, e despojou-os das armas e dos belos cavalos de crina vistosa.

Seus olhos agora procuravam Pândaro, o lício de formas

divinas. Avistou-o quando ele vinha a seu encontro, postado no carro ao lado de Eneias, o filho de Anquises e Afrodite.

Assim que os viu, Esténelo acovardou-se.

– São guerreiros invencíveis – disse. – Vamos fugir.

– Você sabe que não costumo fugir – retrucou Diomedes. – Fique no carro, que eu combaterei a pé. Se Atena me conceder a vitória, corra para pegar os cavalos de Eneias, pois eles descendem dos corcéis imortais que Zeus deu de presente a Trós para compensar-lhe a perda do filho, Ganimedes. Em todo o mundo, jovem mais belo não houve. Zeus levou-o para o Olimpo, tornando-o seu escanção, para que o néctar sempre vertesse nos sublimes banquetes dos deuses.

Assim dizendo, saltou do carro e seguiu adiante.

– Filho do admirável Tideu – interpelou-o Pândaro –, mesmo depois de eu haver-lhe ferido, conseguiu escapar, mas desta vez é certo que o enviarei ao Hades.

E prontamente arremessou contra o herói sua lança comprida. Ela atravessou o escudo, mas foi detida pela forte armadura.

– Você foi atingido de novo! – gritou Pândaro bem alto, para que todos ouvissem.

– Você se engana, não me atingiu. Porém não sossegarei até saciar o deus Ares com seu sangue, insolente.

E, com força, atirou sua lança pesada, que, guiada por Atena, foi cravar-se na boca de Pândaro, rompendo-lhe os dentes. Despencou de seu carro o arqueiro, de susto saltaram os cavalos, e a alma e a força abandonaram-lhe o corpo, ali mesmo.

Eneias saltou do carro e, brandindo a lança e o escudo, emitia gritos selvagens, ameaçando quem ousasse se aproximar, pois temia que os argivos viessem pilhar o morto. Diomedes, porém, levantou uma pedra, tão pesada que nem dois dos mais fortes mortais de nosso tempo poderiam erguê-la, e lançou-a contra ele, rompendo-lhe a perna.

O filho de Afrodite caiu ao solo, tentando apoiar-se nas mãos; estava, porém, atordoado, e a negra morte o teria envolvido se a deusa, sua mãe, não o retirasse do combate. Mas nesse dia ninguém era capaz de deter o ímpeto de Diomedes. Também contra Afrodite, que carregava o filho desfalecido, ele atirou sua lança, atingindo-a na mão. Da ferida da deusa fluíu o icor imortal,

(50) e ela, gritando de dor, deixou Eneias cair ao chão. Apavorada, subiu ao Olimpo para se queixar a Zeus.

– Minha filha – ele lhe disse –, não são para você as empresas bélicas; volte a sua atenção, isto sim, para os amores dos humanos. Ares, o furioso, e Atena, a predadora, incumbem-se da guerra a contento.

Quando Afrodite, ao ser ferida, abandonou Eneias, Apolo correu para salvá-lo, e Diomedes não hesitou em enfrentar o deus, enquanto arrastava o ferido para dar-lhe um último golpe e despojá-lo das armas brilhantes.

– Filho de Tideu – gritou-lhe irritado o deus do arco de prata –, afaste-se! É absurdo você pensar que é como os deuses; de modo algum podem ser comparados os habitantes do Olimpo com os homens que se arrastam pela terra.

Diomedes obedeceu ao deus e retrocedeu. Então, Eneias foi levado por Apolo à acrópole de Troia, onde, com a ajuda dos deuses, restabeleceu-se rapidamente. Quanto aos fabulosos corcéis, foram levados por Esténelo às naus dos argivos.

Apreensivo com o que estava acontecendo, Apolo retornou ao combate, onde encontrou o terrível deus da guerra.

– Ares homicida – disse-lhe –, você não viu o que Diomedes fez conosco? Primeiro ele feriu Afrodite e, depois, como um demônio, (51) lançou-se contra mim. Está tão furioso que guerrearia até mesmo contra nosso pai, Zeus. Vamos retirá-lo do combate!

Imediatamente, Ares inspirou ânimo e vigor nos troianos e, em seguida, trouxe Heitor e o renomado Sárpedon, o rei da Lícia, que era filho de Zeus. E o próprio deus da guerra participou do combate, lutando na linha de frente. A situação reverteu-se de súbito. Assim que o viram, os aqueus retrocederam. Um deles, porém, não se importava em morrer e não recuou. Era Tlepólemo, filho de Hércules. A sua frente se postou Sárpedon. Desse modo, um neto e um filho de Zeus enfrentavam-se face a face na batalha cruenta. Ambos arremessaram suas lanças ao mesmo tempo. A de Tlepólemo atingiu o pé de Sárpedon, e a de Sárpedon cravou-se no coração de Tlepólemo, que, sem vida, tombou ao chão, fazendo ressoar a pesada armadura.

Odisseu viu a morte do filho de Hércules e ficou conturbado. Cheio de cólera e dor, precipitou-se sobre a multidão dos lícios e,

sozinho, matou sete companheiros de Sárpedon. E teria matado ainda muitos mais se Heitor não interviesse, acompanhado do próprio Ares. Seis heróis foram prostrados pela lança terrível do principal comandante dos troianos, e novamente os aqueus passavam por um momento difícil. Hera, consternada, correu até Zeus. Era preciso retirar Ares do combate. Zeus não somente concordou, mas também a aconselhou a servir-se de Atena para esse propósito. A filha de Zeus cuidou muito bem de sua tarefa. Ajudou Diomedes a ferir Ares, que, envergonhado e louco de raiva, retirou-se do combate.

Cheio de ardor, o filho de Tideu voltava-se agora contra o exército dos lícios. Um intrépido lício veio correndo enfrentar o grande herói. Assim que Diomedes o viu, deteve-se perto dele, impressionado pela ousadia e beleza de seu adversário, que parecia um deus.

– Homem de grande valor, de que estirpe mortal você se origina? Sem dúvida é alguém muito corajoso, pois os que vêm medir-se comigo são filhos de pais sem ventura.

– Digno filho de Tideu, por que quer saber minha ascendência? As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores: umas os ventos atiram ao chão, sem vida; outras brotam na primavera, de novo, por toda a floresta exuberante. Desaparecem ou nascem os homens da mesma maneira. Porém, já que você deseja saber minha ascendência, lhe direi. Chamo-me Glauco, e meu pai é Hipóloco, filho do herói Belerofonte. Nasci na Lícia, mas meus antepassados provêm de Corinto.

Depois de ter explicado de que modo seu avô, Belerofonte, chegou à Lícia, Glauco acrescentou:

– Quando meu pai me enviou para a guerra, disse-me para ser o primeiro e honrar, com minha coragem, a estirpe de nossos ancestrais, que brilhou em Corinto e por toda a Lícia. É essa a estirpe de que só de nomear me envaideço.

Diomedes ficou surpreso com tudo que ouviu.

– Você é meu hóspede desde o tempo de nossos avós, agora percebo. Por vinte dias seguidos, Eneu, meu avô, hospedou o seu, Belerofonte, e ambos permutaram preciosos presentes. Por essa antiga amizade, você será meu hóspede quando for a Argos, e sei que o mesmo você fará quando eu for à Lícia.

Cumpro, portanto, que, em meio ao combate, poupemos um ao outro. Para matar, não me faltam troianos ilustres e seus aliados; do mesmo modo, sobram muitos aqueus para você privar da vida. Agora, troquemos as armas, para que todos possam reconhecer que nós dois nos gloriamos da amizade de nossos antepassados.

Ambos desceram dos carros e, como prova de afeto, trocaram armas e, com apertos de mão, juraram amizade.

Enquanto isso, Heitor, que não suportava a ideia de que todos os troianos estivessem combatendo com exceção do único culpado, Páris, correu até a cidade à sua procura.

No momento em que passava pelas Portas Ceias, as esposas e as mães dos guerreiros detiveram-no, a fim de obter notícias dos seus. A todas elas respondeu. Muitas ficaram tranquilas; outras choraram amargamente.

Heitor subiu ao palácio, e a mãe amorosa, ansiosa por revê-lo, veio a seu encontro. Tomou-lhe a mão e trouxe-lhe vinho.

– Mãe veneranda, a reverência impede-me de ofertar vinho a Zeus grande com mãos impuras. Reúna as mulheres troianas e, juntas, vão ao templo de Atena indomável para lhe oferecer sacrifícios. Talvez ela se compadeça desta cidade sagrada. Vou à procura de Páris incitá-lo ao combate, se me der ouvidos. Ah, se a terra se abrisse subitamente! Se me fosse concedido assistir a sua descida para o Hades, minha alma esqueceria, por certo, os males presentes.

Mãe e filho separaram-se com dor em seus corações. Hécuba chamou as mulheres e, tal como Heitor havia aconselhado, foram aplacar a deusa com oferendas. A súplica, no entanto, não foi acolhida por Palas Atena. Heitor encaminhou-se ao palácio do divino Páris. Encontrou-o ao lado de Helena, que dirigia os trabalhos das servas. Vendo-o, Heitor censurou-o com termos violentos:

– Miserável, fora dos muros o povo perece na crua peleja. Por sua causa, acendeu-se esta guerra, que em volta de Troia arde sem cessar. Vamos, senão a chama inimiga logo nos atingirá.

– É justo, Heitor, o que você diz. Não foi por achar-me agastado com os troianos que me recolhi, mas por causa da dor que me angustiava o peito. Mas agora estou pronto. Espere-me apenas envergar as armas de guerra; ou melhor, vá na frente, que seus

passos já sigo, para o alcançar.

– Caro cunhado – disse Helena a Heitor –, seria bem melhor se, no dia em que nasci, uma terrível tempestade tivesse me arrebatado de casa, para lançar-me nas montanhas selvagens ou nas ondas do mar ressoante, que me teriam tragado, evitando essa grande desgraça. Mas entre, apenas um instante, e descance nesta cadeira. Mais do que todos você suporta as consequências de minha cegueira e da culpa de Páris. Triste destino Zeus grande nos deu para que, nas futuras gerações, sejamos celebrados pelos cantos sublimes dos aedos.(52)

– Não é possível, Helena, aceitar seu amável convite, pois meu peito incita-me a correr em ajuda dos nossos, decerto já impacientes com minha demora. A meu palácio me dirijo para ver, uma vez mais, os criados, a esposa querida e o filho. Pois não sei se voltarei a revê-los ou se, por mão dos aqueus, os deuses me entregarão à morte.

Andrômaca não estava no palácio. Angustuada ao saber que os troianos retrocediam, correu à torre das Portas Ceias para ver o que estava acontecendo e obter mais notícias.

Heitor e Andrômaca

A largos passos, Heitor percorria as ruas da cidade. Já não acreditava mais que pudesse ver Andrômaca e agora, passando sob as Portas Ceias, marchava para o combate. Nesse momento, Andrômaca, a nobre filha de Eécion, saiu a seu encontro, seguida de uma ama solícita, a qual trazia nos braços o pequeno filho de Heitor. Ao ver o menino, o guerreiro sorriu, sem dizer coisa alguma. A seu lado, pôs-se a esposa impecável, que lhe tomou a mão e, aos prantos, disse:

– Cruel, sua coragem será sua perdição! Você não tem piedade, ao menos, de seu inocente filhinho? Ou do infortúnio que será para mim ficar viúva tão cedo, quando os ferozes aqueus o matarem? Bem mais vantajoso seria para mim que, antes de eu lhe perder, o chão duro se abrisse. Se você morrer, nenhuma esperança me restará, mas dores somente. Já não tenho mais pai, nem minha mãe veneranda. Meu pai foi morto por Aquiles, e também meus sete irmãos, que comigo viviam em nosso palácio. Em um só dia, Aquiles, de rápidos pés, a todos eles deu a morte.

Para mim, caro Heitor, você é tanto meu pai como mãe veneranda e, de igual modo, irmão e marido na flor da juventude. Tenha piedade de mim, fique um pouco na torre, não queira deixar seu filho órfão, nem viúva a esposa querida. Coloque o exército junto da grande figueira, onde há acesso mais fácil para a cidade, pois o muro permite a escalada. Por três vezes tentaram subir por ele os heróis mais valentes, na companhia dos dois Ajax, dos atridas, de Idomeneu e do forte filho de Tideu.



– Tudo isso, esposa, também me preocupa, mas quanta vergonha eu sentiria se fugisse às lutas sangrentas. Cresci aprendendo a ser valoroso e a combater sempre à frente dos guerreiros de Troia, para enaltecer a glória de meu pai e meu próprio nome. O coração claramente me diz e a razão me confirma: virá o dia em que Troia sagrada será destruída, bem como Príamo e todo o seu povo. Contudo, aflige-me menos o destino reservado aos teucros – ou mesmo o de Hécuba, ou o de Príamo, e a sorte que está reservada a meus irmãos numerosos, que não de ficar prostrados ao chão, sob os golpes desses duros aqueus – do que o pensamento de que você será capturada como escrava e, sob as ordens de outra mulher, tecerá belos

panos ou será forçada a trazer água de fontes distantes, contra a vontade, oprimida pela necessidade. E, se alguém a vir chorando humilhada, certamente dirá: “Eis a esposa de Heitor, o guerreiro mais forte quando, ao redor das muralhas de Troia, a luta era incessante”. E concluiu:

– Isso dirão, aumentando ainda mais sua dor de não ter esposo, o único homem que lhe poderia libertar do vil cativo. Prefiro ter o corpo recoberto pela terra fecunda a ouvir seus lamentos!

Heitor estendeu as mãos para o filho, pretendendo abraçá-lo. Mas a criança teve medo do aspecto do pai e, gritando, acolheu-se ao seio da ama. Estranhou o fulgor do brônzeo elmo de grande cimeira, ornado com um penacho de crina ondulante. O pai e a mãe sorriram de satisfação. O guerreiro retirou da cabeça o elmo brilhante e colocou-o de lado. Em seguida, tomou o filho nos braços e, depois de beijá-lo, suplicou a Zeus e a todos os deuses:

– Zeus poderoso e deuses do Olimpo, façam com que meu filho venha a ser, como eu, distinto entre os troianos e que reine em Ílion.

Pôs o filho nos braços da esposa querida, e ela, carinhosa, acolheu-o e afagou-o em seu colo perfumado, rindo entre lágrimas. Muito comovido diante dessa cena, o guerreiro acariciou-a e disse-lhe:

– Nenhum homem poderá, contra o destino, mandar-me para o Hades. Pois, desde o nascimento, ninguém, valente ou covarde, escapa à sua própria sina.

O guerreiro retomou seu lindo elmo de penacho equino e partiu. Foi essa sua última despedida.

Heitor propõe um duelo

No caminho, Páris alcançou-o. Ele também estava decidido a guerrear. Ambos lançaram-se ao combate, trazendo novo ânimo aos troianos. Mas veio o momento em que Heitor tomou a decisão de lutar sozinho contra um dos aqueus. A ideia partiu de seu irmão Heleno, que era adivinho e lhe dissera que ainda não havia chegado sua vez de morrer.

Heitor, com grande alegria, segurando pelo meio sua hasta comprida, mandou que os teucros parassem e foi prontamente

atendido. Percebendo o movimento do adversário, Agamêmnon fez o mesmo. Heitor avaçou em sua direção e falou:

– Guerreiros troianos, grevados aqueus,(53) prestem-me toda a atenção, que no peito o espírito me ordena falar! Entre vocês encontram-se os homens mais fortes da Acaia. Desses, o que se atrever a medir-se comigo em duelo saia das fileiras e, como adversário de Heitor, orgulhe-se. Que Zeus grande seja o fiador do que ora a todos proponho: caso um guerreiro me mate com bronze afiado, que me tire a armadura e a deponha em seu barco veloz, mas restitua meu corpo, para que os troianos possam, depois, entregá-lo à pira sagrada. Se Febo Apolo, porém, a vitória outorgar-me, depois de despojar meu adversário da armadura, irei pendurá-la no templo de Apolo, guerreiro infalível, e restituirei o cadáver aos fortes aqueus, para que lhe deem sepultura e ergam, em sua memória, um monumento na margem do amplo Helesponto, a cuja vista as pessoas dos tempos futuros possam dizer: “Eis o sepulcro de um homem que foi morto em combate pelo admirável Heitor”. Isso dirão, com certeza, e minha glória será imortal.

Todos ficaram em silêncio. Tinham vergonha de recusar a proposta e, ao mesmo tempo, muito medo de aceitá-la. Por fim, Menelau levantou-se e, com termos violentos, censurou os companheiros, pois sua aflição era grande:

– Bando covarde de mulheres assustadas, que sabem apenas tagarelar! É indizível vergonha para todos nós que nenhum aqueu demonstre coragem de enfrentar Heitor! Eu mesmo envergarei minhas armas para combatê-lo, e que os deuses concedam a vitória àquele que desejarem.

Sem dúvida, Menelau, você teria encontrado(54) seu fim nas mãos de Heitor, por ser ele dotado de muito mais força, se não o tivessem impedido os mais nobres argivos, junto com o rei Agamêmnon, que, segurando-lhe a mão, assim falou:

– Você ficou louco? Não se aventure a lutar com o ilustre filho de Príamo, Heitor. O próprio Aquiles, que muito excede a você em virtude guerreira, tem receio de encontrá-lo na guerra sangrenta. Vá sentar-se no meio de seus companheiros. Os aqueus saberão escolher um adversário que possa, de fato, enfrentá-lo.

Obedeceu Menelau às sensatas palavras do irmão. Nestor,

então, levantou-se e disse:

– Como suspiraria o velho Peleu, implorando que o mandassem para o Hades sombrio, se viesse a saber que todos agora têm medo de Heitor. Ah, se Zeus, Palas Atena e Apolo me permitissem remoçar, voltar a ser como eu era no tempo em que os fortes pílios lutavam contra os árcades! Na frente destes, vinha Ereutálion, qual um deus, na força e na estatura, e todos o temiam. Ele lançou um desafio para que o mais valente de nós o enfrentasse em combate, mas ninguém queria arriscar-se. Somente eu, o mais moço de todos, tive essa ousadia, e Palas Atena concedeu-me a vitória. Ele era grande e fortíssimo; no entanto, privei-o da existência. Se eu me visse remoçado e o antigo vigor retornasse a meus membros cansados, não hesitaria em lutar contra Heitor. Vocês, entretanto, que são os mais fortes guerreiros da Acaia, não têm coragem de enfrentar Heitor valoroso!

As censuras de Nestor fizeram com que nove guerreiros se levantassem. Primeiro, o atrida Agamêmnon; depois dele, Diomedes, de grande estatura; em seguida, os dois Ájax, Idomeneu, Meríones, Eurípilo, Toas e Odisseu. Todos ansiavam por lutar contra Heitor. Decidiram tirar a sorte para saber quem iria enfrentá-lo. Cada um assinalou uma pedra e depois as lançaram no brilhante elmo de Agamêmnon. Todos eles elevaram as mãos aos deuses, desta vez implorando:

– Zeus pai, que seja Ájax Telamônio o sorteado, ou Diomedes, ou ainda o soberano da dourada Micenas, para que Heitor veja que valorosos guerreiros têm os aqueus.

Enquanto assim suplicavam, Nestor sacudiu o elmo, e deste logo saltou a sorte de Ájax, o que todos queriam. O grande guerreiro reconheceu que a marca era a sua, alegrando-se com isso. Logo que seu corpo ficou recoberto por toda a armadura, avançou, como o pavoroso Ares, o baluarte dos aqueus, com um terrível sorriso, a passos largos e firmes, brandindo a lança de sombra comprida. Ao verem-no, os aqueus rejubilaram-se, mas os troianos sentiram o medo correr-lhes nos membros. O próprio Heitor sentiu palpitar o coração destemido, mas não podia recuar, pois o duelo havia sido proposto por ele mesmo.

Rapidamente se postaram um contra o outro. Trocaram palavras

aladas. Ajax tentou atemorizar Heitor, mas o valente troiano não se intimidou, prometendo atacá-lo sem artimanhas, pois era guerreiro de grande valor.

Heitor atirou-lhe a lança comprida, que se encravou em seu escudo. O escudo de Ajax era como uma torre, composto de sete camadas de couro de boi, recobertas por uma de bronze. O medonho metal atravessou seis das camadas de couro, detendo-se na última. Ajax também arremessou sua lança, que atravessou o escudo redondo do filho de Príamo e cravou em sua cota de malha. O valente guerreiro, porém, encurvou-se, escapando da morte. Ambos, então, arrancaram de novo as lanças de bronze, precipitando-se um contra o outro, quais vorazes leões. Heitor arremessou a dele no meio do escudo de Ajax, que não se furou, porque a ponta encurvou-se na camada de bronze. Ajax, saltando, atravessou-lhe o escudo com a lança, que esfolou o pescoço de Heitor, fazendo seu sangue escorrer. Entretanto, o notável guerreiro não fugiu da luta. Retrocedendo, agarrou uma pedra com as mãos vigorosas e atirou-a bem no meio do escudo de Ajax, cujo bronze ressoou fortemente. Ajax, por sua vez, pegou uma pedra ainda maior e, com força tremenda, arremessou-a contra ele. O escudo ficou amassado como se tivesse sido apertado por uma pedra de moinho. Heitor dobrou os joelhos, caindo de costas no chão, sem soltar-se do escudo. Febo Apolo endireitou-o. Ambos, então, sacaram as espadas e, de novo, partiram um contra o outro; mas os arautos interpuseram-se entre eles – Ideu, pelos troianos, e Taltíbios, pelos aqueus, atiraram o cetro no meio dos dois combatentes. Ideu, o mensageiro troiano, perito em prudentes conselhos, assim lhes falou:

– Filhos diletos, parem. Ponham um fim a essa luta homicida, pois a ambos Zeus grande mostrou afeição. Já veio a noite; será conveniente mostrar-lhe obediência.

O duelo chegou ao fim. Os dois adversários embainharam as espadas e trocaram apertos de mão.

– Façamos, agora, permuta de belos presentes – disse Heitor – para que troianos e aqueus possam mais tarde dizer: “Como inimigos mortais combateram, com fúria terrível; mas, depois de terem trocado presentes, separaram-se em paz”.

Heitor ofertou uma espada com cravos de prata a Ajax, que retribuiu oferecendo-lhe um magnífico cinto purpúreo.

Embora o combate singular entre os dois heróis houvesse terminado tão amigavelmente, todos sabiam que, no dia seguinte, a guerra recomeçaria feroz.

À noite, os comandantes dos aqueus reuniram-se no conselho de guerra e, seguindo a proposta de Nestor, decidiram trabalhar até o amanhecer na construção de um muro que protegesse seu acampamento e seus navios.

Os troianos também se reuniram em conselho. Antenor, o respeitado ancião, tomou a palavra:

– Teucros e dardânios, o que lhes direi vem do fundo de meu coração; por isso, escutem-me. Aos dois atidas devemos devolver Helena e todos os tesouros, pois, de agora em diante, será forçoso voltarmos ao combate, por termos violado o juramento. E não esperemos que os deuses nos concedam a vitória.

Levantou-se, então, Páris e dirigiu-lhe, em resposta, as seguintes palavras:

– Certamente você perdeu o juízo, ancião, para fazer essa proposta. Também eu quero dirigir-me aos troianos! Nunca entregarei a esposa, digo com toda clareza; mas não me oponho a restituir os tesouros que carreguei de Argos para Troia, acrescidos de inúmeras joias.

Por fim, Príamo levantou-se e disse:

– Teucros, dardânios e aliados de fama excelente, prestem atenção: vão agora cear na sagrada cidade, e que todos se ocupem da guarda, vigilantes pela noite inteira. Mas amanhã, bem cedo, enviemos Ideu aos navios, para dizer aos preclaros atidas o que lhes propõe Páris, o fator desta guerra, e perguntar-lhes se querem dar trégua ao fragoroso combate, enquanto queimamos os cadáveres, e reiniciar a luta feroz no dia seguinte.

Quando Ideu apresentou aos comandantes dos argivos a proposta dos troianos, Diomedes levantou-se e disse:

– Que ninguém aceite a proposta de Páris, agora que é evidente que sobre os troianos já impende a ruína fatal.

Os aqueus prorromperam em aplausos, apoiando as palavras do

forte guerreiro. Virou-se, então, Agamêmnon para Ideu:

– Você ouviu com seus próprios ouvidos, Ideu, o que lhes responderam nossos guerreiros, o que muito me alegra. Quanto aos mortos, não lhes recuso a fogueira; não costumamos causar empecilho algum aos defuntos; mas, extinto o vigor, procuraremos com o fogo aplacar nossos inimigos. E que Zeus, esposo de Hera, confirme esse juramento.

Logo que o Sol, com seus raios, começou a ferir o campo, aqueus e troianos encontravam-se na planície, entregues à difícil tarefa de identificar os cadáveres. Com pranto dorido, colocavam-nos nas carretas. O grande Príamo, porém, vedou a gritaria; em silêncio, com o coração consternado, entregavam os corpos à fogueira. Do mesmo modo procederam os aqueus e, em seguida, retornaram às naus.

Antes que a deusa Aurora surgisse, os aqueus, trabalhando a noite inteira, erigiram um muro guarnecido de elevadas torres, defesa eficaz para os homens e as naus. Em cada torre puseram sólidas portas, para que os carros de guerra pudessem passar. Do lado de fora, cavaram um fosso bem largo e profundo, provido de fortes estacas.

Zeus confirma a sua decisão

Aurora já abria seu manto dourado na Terra quando Zeus, que os raios dispara, convocou os deuses para a assembleia no cume mais alto do Olimpo. Zeus pôs-se logo a falar, e toda a corte celeste o escutava:

– Deuses e deusas, ouçam o que meu espírito ordena que eu lhes diga: nenhum de vocês se atreva a socorrer os troianos ou os aqueus; caso contrário, aqui mesmo será castigado e, em seguida, lançado no Tártaro escuro, o abismo profundo que se encontra embaixo da Terra, tão distante do Hades sombrio quanto a Terra dista do amplo Céu. Se quiserem pôr à prova o que digo, amarrem no vasto Céu uma enorme corrente de ouro por uma das extremidades, e todos vocês, juntos, tentem puxá-la pela outra. Por mais esforço que nisso apliquem, será impossível arrastar Zeus grande. Mas se, ao contrário, eu quiser puxar a corrente para cima, arrastarei com vocês a própria Terra e o vasto Mar. E mais ainda: para mim será fácil amarrá-los, com essa

corrente, no cume mais alto do Olimpo, deixando tudo isso suspenso no espaço. Supero em força tanto os mortais quanto os deuses eternos do Olimpo.

Assustaram-se os deuses imortais e ficaram cabisbaixos. Zeus dirigiu-se ao monte Ida e sentou-se no ponto mais alto, para controlar a guerra sozinho, a fim de que os troianos vencessem e viesse, assim, o momento em que o filho de Tétis seria coberto de glória.

Enquanto o dia sagrado crescia e a manhã não terminava, os dois exércitos novamente se postaram um contra o outro, prontos para a guerra. Então, Zeus lançou um raio sobre a multidão dos aqueus, e eles, que não esperavam tão funesto sinal, espantaram-se e foram tomados pelo medo. Os troianos imediatamente os atacaram, e os dânaos começaram a fugir, os comandantes primeiro que os demais. Terrível era o prodígio, e infeliz de quem não conseguisse fugir depressa! Apenas Nestor permaneceu, não pela própria vontade, mas por Páris ter-lhe ferido, com uma flecha, um dos corcéis. E, sem dúvida, o ancião ali mesmo ficaria, presa fácil de Heitor, se Diomedes não houvesse notado o perigo.

– Suba rápido ao meu carro, para que veja como são primorosos esses cavalos de Trós. Arrebatei-os de Eneias. São velocíssimos, quer quando é preciso fugir, quer no encalço do ágil inimigo.

Heitor persegue os Aqueus

Nestor subiu imediatamente no carro de Diomedes e, tomando as rédeas em suas mãos, fustigou os animais magníficos. Heitor apressou-se para impedir sua fuga. Porém, Diomedes antecipou-se e lançou contra ele a hasta comprida. Em vez de atingi-lo, acertou o auriga escudeiro, que caiu do carro com grande ruído, espantando os cavalos. Heitor sentiu grande pesar com sua morte, mas teve de abandoná-lo ali e buscar outro auriga. Diomedes não perdeu a oportunidade e, cheio de ímpeto, investiu contra os troianos. Seu furor era tão grande que teria feito todos recuarem até Ílion. Mas Zeus notou-o e lançou um raio diante das patas dos cavalos. Nestor, assustado, deixou que as rédeas escapassem de suas mãos.

– Diomedes! – gritou. – Zeus ordena que fuja.

– Não! Antes a negra terra se abra para engolir-me, que ouvir Heitor jactar-se de ter me perseguido até os navios.

O ancião não lhe deu ouvidos: fez o carro voltar. E enquanto ambos rapidamente fugiam, o filho de Príamo assim lhes falava:

– Filho de Tideu, até hoje todos os dânaos o honravam nas festas, cedendo-lhe o lugar de destaque. Agora só lhe darão desprezo, pois está se portando como mulher. Fuja, casta donzela! Jamais lhe cederei o passo; antes, dar-lhe-ei morte infausta.



O valente Diomedes hesitava em virar o carro e combater o inimigo arrojado. Por três vezes refletiu o herói, indeciso; por três vezes Zeus trovoou do Ida, para anunciar aos troianos que deles seria a vitória. Em altos brados, Heitor dirigia-se aos guerreiros troianos:

– Lícios, dardânios e teucros, claramente percebo que Zeus está a nosso lado, consentindo em ceder-nos a vitória e a fama elevada, e aos argivos apenas fadigas. Vamos! Lancemos fogo às naus e matemos os aqueus estonteados pela fumaça.

Dito isso, pôs-se a falar aos corcéis, estimulando-os:

– Divinos corcéis, ambos devem retribuir-me os cuidados que a nobre filha de Eécion, Andrômaca, lhes dispensou; pois ela, muitas vezes, antes do que a mim, deu-lhes o pão saboroso embebido em doce vinho, para aplacar-lhes a sede. Eia! Contra o inimigo invistam, para conquistarmos o escudo de Nestor e arrancarmos dos ombros largos do forte Diomedes a couraça magnífica. Se conseguirmos tomar essas armas, estou certo de que esta será a última noite dos aqueus em Troia!

Às ocultas de Zeus, no entanto, Hera amparava os aqueus, que de novo se lançavam ao combate, liderados por Agamêmnon, Menelau e os dois Ájax, seguidos de muitos outros. Mas, naquele

dia, quem causou os maiores estragos aos troianos foi Teucro, o renomado arqueiro, irmão de Ajax Telamônio. Manejando um grande arco flexível, ele permanecia abrigado sob o escudo gigante do irmão. Ajax levantava um pouco o escudo, e logo o herói cauteloso espiava ao redor; se, no meio da multidão, divisava algum inimigo, contra ele disparava uma flecha certa e prostrava-o sem vida ali mesmo. Como uma criança que corre para se esconder atrás da mãe, Teucro voltava a abrigar-se sob o escudo do notável Ajax.

Por duas vezes Teucro disparou setas visando o nobre Heitor, mas não o acertou. Na segunda tentativa, Febo Apolo desviou a seta, que atingiu Arqueptólemo, o segundo auriga, que acabava de ingressar no combate. Com grande ruído tombou na poeira mais esse auriga, espantando os corcéis de Heitor, que saltou do carro gritando terrivelmente e, apanhando uma pedra do chão, dirigiu-se para Teucro. Este já havia retirado uma seta da aljava; porém, quando aprontava o disparo, Heitor lançou-lhe a pedra, que o atingiu perto do ombro. Sem forças, o herói sentiu o pulso dormente e, deixando escapar o arco da mão, caiu de joelhos. O forte Ajax não descuidou do irmão que tombara no solo; correu para ele e protegeu-o, antepondo-lhe o escudo gigante. Dois companheiros o ampararam e levaram-no depressa para as naus, gemente e ofegante.

Zeus deu novo ânimo aos guerreiros troianos. Liderados por Heitor, eles obrigaram a multidão dos aqueus a recuar para o fosso profundo, matando implacavelmente os que ficavam por último. Desesperados, os dânaos, levantando as mãos para o céu, suplicavam ajuda a todos os deuses. No entanto, tiveram de guerrear até que o Sol baixasse para o Oceano. Os troianos viram com pesar a luz se afundir no poente; mas os dânaos acolheram aliviados a deusa Noite, que tanto invocavam.

Apoiado em sua lança, Heitor disse aos guerreiros de Troia:

– Já imaginava que fosse possível voltarmos para Ílion após o completo extermínio dos aqueus e seus barcos. A escuridão, porém, chegou antes e salvou-os. Quando romper a manhã, envergemos logo cedo as armas luzentes, para levarmos a ruína fatal aos inimigos e obtermos a glória excelsa.

Enquanto o filho de Príamo desse modo falava aos troianos, o

grande filho de Atreu, do outro lado, com o peito consumido pela dor, assim dizia aos comandantes dos aqueus:

– Chefes dos guerreiros argivos, ouçam-me! O filho de Cronos em terrível desgraça envolveu-me; ele, o cruel, havia me prometido que retornaríamos à pátria depois de destruímos Ílion, mas resolveu enganar-me, obrigando-me a voltar sem glória alguma para Argos, depois de perder tanta gente. Isso, por certo, há de ser agradável a Zeus poderoso. Agora, obedeçam-me todos, aceitando o conselho: fujamos para a pátria nas céleres naus, pois é impossível tomar a ampla cidade dos teucros.

Isso ele disse; cabisbaixos e silenciosos ficaram os outros, até que se alçasse, dentre eles, o grande Diomedes, de voz poderosa:

– Filho de Atreu, se seu coração o impele, realmente, a fugir dessa forma, pegue seus navios e parta; outros aqueus, de longos cabelos, aqui ficarão para que arrasemos os muros de Troia; e mesmo que todos decidam regressar à doce pátria nas rápidas naus, eu e Esténelo lutaremos até destruímos a sagrada Ílion.

Em gritaria estrondosa prorromperam os guerreiros aqueus, concordando com as palavras do forte Diomedes.

– Corajoso filho de Tideu, você fala com senso – disse Nestor –, mas há ainda algo a ser feito, que compete ao poderoso filho de Atreu. Glorioso Agamêmnon, outrora eu lhe aconselhei a não arrebatrar o prêmio do nobre pelida, a jovem Briseide; porém você não me ouviu e insultou o mais denodado dos aqueus. Ouça-me agora e repare o mal que fez.

Agamêmnon respondeu:

– Você está certo, ancião. Minha falta foi grande, não posso negar. Pretendo reparar meu erro e aplacar o notável guerreiro com ricos e numerosos presentes. Não somente lhe restituirei Briseide – fazendo-lhe a jura solene de que nunca subi em seu leito nem com ela me deitei, como é costume entre homens e mulheres – mas também lhe ofertarei bens preciosos. Isso farei já; e se os deuses imortais me permitirem, um dia, tomar a soberba cidade de Príamo e retornar para os férteis campos de Argos, o honrarei como a meu amado filho. Tudo isso será dele, se dominar sua cólera e liderar os aqueus no combate.

Fênix, o grande Ájax e Odisseu foram os encarregados de levar a proposta a Aquiles. No entanto, a resposta do divino pelida foi um duro golpe para Agamêmnon:

– Ainda que viesse ofertar-me dez vezes mais e até mesmo outro tanto de quanto no presente possuí e do que possa, no futuro, obter, todas as coisas que afluem para Orcômeno ou para a famosa Tebas egípcia, que cem portas ostenta, onde as casas se acham repletas de bens; ainda que me ofertasse mais do que a poeira ou que a areia das praias, nem mesmo assim Agamêmnon poderia dobrar-me a vontade sem antes, até o fim, pagar-me a grave ofensa. Corram anunciar minha resposta aos mais nobres guerreiros aqueus. Deixem, porém, o venerável Fênix ficar entre nós esta noite, pois cuidou de mim quando eu era ainda uma criança, ministrando-me sábios conselhos. Ele retornará conosco à pátria amanhã, se for de sua vontade, pois a contragosto não levarei ninguém.

Odisseu e Ájax deram a Agamêmnon a resposta de Aquiles; ao ouvi-la, o chefe de todos os aqueus ficou muito angustiado.

A noite toda dormiram os chefes argivos, junto às naus, dominados pelo sono. Somente o filho de Atreu, Agamêmnon, não repousava, pois inúmeras preocupações lhe agitavam o peito. Pondo-se logo de pé, vestiu-se e saiu de sua tenda. Adiante, no acampamento troiano, mil fogos ardiam na extensa planície, e à volta de cada um se agrupavam cinquenta guerreiros. A visão dessa cena inquietou o pastor de guerreiros. Outro chefe, contudo, também não conseguira dormir: era Menelau, seu irmão, que com ele agora se encontrava.

– Devemos tomar alguma providência – os dois concordaram –, não podemos dormir despreocupados, com os troianos tão perto de nós.

Decidiram acordar todos os chefes aqueus, convocando-os para o conselho de guerra.

– É preciso saber o que planejam os troianos – disse Nestor. – Enviemos, às ocultas, dois dos nossos para espionar o acampamento inimigo, a fim de obtermos alguma informação.

Diomedes e Odisseu prontificaram-se a partir para a perigosa missão.

Porém, Heitor, que também não havia dormido, teve a mesma

ideia: decidiu enviar alguém para espionar os argivos, um certo Dólón, que aceitou a missão mas exigiu receber em troca, mais tarde, os cavalos de Aquiles. Heitor concordou.

No meio do caminho, Dólón deparou com Diomedes e Odisseu. Tentou escapar e não conseguiu, foi capturado.

– Não me matem – implorava de joelhos –, meu pai dispõe de muito ouro para lhes dar em resgate, se me entregarem vivo.

– Fale primeiro o que veio fazer aqui e o que os troianos pretendem – ordenou-lhe Odisseu.



Tremendo de medo, Dólón contou-lhes o que sabia e o que não sabia:

– Se quiserem causar-nos algum dano – acrescentou –, sigam naquela direção. Lá encontrarão os trácios, que chegaram hoje. É certo que agora dormem um sono profundo, exaustos da longa viagem. Entre eles está Reso, seu soberano, com seus afamados corcéis, mais rápidos que o vento.

Traíndo assim a confiança que Heitor nele havia depositado, Dólón julgou que escaparia ileso. Mas quem sente piedade por um traidor? Sem perda de tempo, Diomedes matou-o e imediatamente seguiu com Odisseu em direção ao acampamento dos trácios, onde, de fato, todos dormiam um sono profundo.

– Você cuida dos trácios, e eu, dos cavalos – sussurrou Odisseu.

Como o leão voraz que se precipita sobre indefesos cordeiros, Diomedes caiu sobre eles, matando doze guerreiros, inclusive o próprio Reso. E teria matado muitos outros, se Palas Atena não viesse avisá-lo para partir, a fim de que os troianos de nada soubessem.

Montados em dois cavalos e puxando atrás de si os outros, Diomedes e Odisseu retornaram ao acampamento. Todos ficaram atônitos quando os viram regressar com os esplêndidos corcéis.

– Tenho lutado de perto contra os troianos – disse o gerênio Nestor –, pois não me permito ficar no barco, apesar da velhice; mas de cavalos como esses nunca tive nenhuma notícia. Que brilho têm! Só aos raios de Sol podem ser comparados.

– Máxima glória dos povos aqueus, Nestor de Gerena – disse-lhe Odisseu –, o forte Diomedes matou-lhes o dono e mais doze homens dos seus, todos eles guerreiros renomados. Matamos também, a pouca distância das naus, um dos combatentes troianos, Dólón, que, por ordem de Heitor, tentava penetrar às ocultas em nosso acampamento.

Odisseu combate bravamente

Quando a deusa Aurora se levantou de seu leito, Zeus enviou aos aqueus a cruel Discórdia, para reacender o combate. Os aqueus atacaram primeiro, conseguindo repelir os troianos de perto das naus. Não sabiam, contudo, o que lhes preparava o soberano do Olimpo. Agamêmnon, no início, lutou bravamente, até que foi ferido na mão por Coonte e teve de abandonar a batalha. O mesmo aconteceu com o intrépido Diomedes. Depois de haver perseguido Heitor, foi atingido no pé por uma seta lançada por Páris de longa distância. Ferido também ficou Macáone, o filho notável de Asclépio.[\(55\)](#) Os aqueus ficaram muito sentidos, pois ele era, de fato, um médico excelente e muito necessário ao exército. Tudo isso acontecia segundo os desígnios de Zeus, que queria conceder a vitória aos troianos. E enquanto todos procuravam fugir a qualquer custo, um continuava a enfrentar sozinho o inimigo. Era Odisseu.

– Sei que apenas os covardes abandonam a luta. Quem se mostra corajoso só tem uma norma de conduta: resistir, quer fira, quer seja ferido.

Odisseu foi cercado por muitos troianos. Lutava como um animal selvagem acossado por cem cães. Os quatro primeiros troianos que se lançaram sobre ele encontraram a morte no mesmo instante. Em seguida, o valoroso filho de Laerte enterrou a longa lança em Cáropo, filho de Hípaso e irmão de Soco. Este, qual um deus imortal, correu em seu socorro e, chegando perto do herói, falou:

– Famoso Odisseu, insaciável de ardis e de lutas, agora você tem um dilema: ou mata no mesmo dia os filhos de Hípaso e despoja-os das armas brilhantes, ou perde a cara existência, ferido por meu dardo.

A essas palavras, arremessou-lhe a lança. A arma terrível atravessou o escudo redondo de Odisseu e encravou-se em sua cota de malha, esfolando-lhe toda a pele do flanco. Palas Atena não permitiu que o bronze atingisse as entranhas do herói. Compreendendo que a ferida não era de morte, Odisseu deu alguns passos para trás e disse a Soco:

– Miserável, conseguiu fazer com que eu saísse do campo de combate! Mas, neste mesmo instante, receberá a morte funesta das mãos de Odisseu; minha espada, prostrando-o, me dará fama excelsa, enviando sua alma ao Hades.

O ligeiro Soco pôs-se em fuga, e Odisseu arremessou-lhe a lança quando ele já se encontrava de costas, de forma que a aguda ponta foi sair em seu peito. O guerreiro caiu com grande estrondo, mordendo a poeira do chão.

– Filho do grande Hípaso – gritou Odisseu –, não pode da morte escapar, infeliz! Os corvos virão lacerar suas tenras carnes, aos bandos, batendo as asas ruidosas. Morra eu, no entanto, e os aqueus me darão sepultura condigna.(56)

Tendo dito isso, arrancou a grande lança do escudo e da ferida de Soco, cujo sangue jorrou. Assim que os troianos enxergaram sangue no herói, vieram contra ele de todos os lados. Recuando, Odisseu pedia ajuda aos nobres aqueus, em altos brados. Por três vezes, Menelau percebeu o chamado. Então disse a Ajax, que se encontrava a seu lado:

– Ajax, vem-me aos ouvidos o grito de Odisseu, como se estivesse em apuros, encurralado pelos guerreiros troianos num ponto qualquer do combate. Rápido, cortemos a turba, para levar-

lhe socorro.

Logo o avistaram e, num instante, Ajax correu e postou-se a seu lado. Por ser este feroz como um leão e alto como uma torre, os troianos atemorizaram-se e retrocederam. Menelau, agarrando Odisseu pelo braço, arrastou-o para o lado dos aqueus. Enquanto isso, Ajax vingava o ferimento de Odisseu, matando inúmeros guerreiros. Estava tão enfurecido que nem Heitor ousava enfrentá-lo. Mas Zeus, que via tudo isso do cume do Ida, lançou a inquietação na alma do grande Ajax e deu coragem aos troianos. Ajax, temendo que as naus dos aqueus estivessem em perigo, decidiu fugir. Pôs-se a correr com o escudo nas costas, perseguido pelos troianos. Algumas vezes parava, fazendo-os retroceder; em seguida voltava a correr, até que, por fim, atingiu as naus dos aqueus.

O combate na muralha dos Aqueus

Estando feridos os principais chefes aqueus e seu exército tomado pelo torpor, os troianos sentiram-se mais encorajados.

– Teucros, dardânios e aliados – gritava Heitor –, Zeus nos ampara! Avante, transponhamos o fosso, saltemos o muro e lancemos fogo às naus dos aqueus!

Escutaram-no os valentes troianos e avançaram irresistíveis. Ao ouvirem-nos, os aqueus recuaram assustados. Então, os troianos deixaram seus carros antes do fosso e, transpondo a pé, chegaram ao muro. Enquanto alguns tentavam escalar, outros procuravam por uma porta que ainda estivesse aberta, mesmo que vigiada por guardas. Acendeu-se o combate terrível. Nem os troianos conseguiam passar, nem os aqueus expulsá-los. Heitor, que se encontrava sobre um aterro, no fosso, incitava os guerreiros a escalar o muro. Nesse momento, surgiu no céu uma águia, vinda da esquerda, segurando em suas garras uma serpente. Súbito, porém, a serpente voltou-se e picou-a. Não suportando a dor, a águia soltou a serpente, que caiu entre os guerreiros troianos.

O herói Polidamante disse a Heitor: – Eis um sinal enviado pelo filho de Cronos. Como a águia, que no céu surgiu pela esquerda e não conseguiu levar a serpente para seus filhotes, nós não conseguiremos transpor o muro e incendiar os navios. É evidente

que não devemos, por ora, atacar. Isso, sem dúvida, também lhe diria algum adivinho.

Com torvo olhar, respondeu-lhe o guerreiro do elmo brilhante:

– Polidamante, os deuses do Olimpo o fizeram perder o juízo. Quer que eu me esqueça da promessa de Zeus e acredite no voo das aves? Bem pouco me importa se vão para a direita ou para a esquerda. O sinal mais propício é lutar em defesa da pátria.

Tendo dito isso, partiu na dianteira; os demais o seguiram com estrondosa gritaria. Nessa hora, dos píncaros do Ida, Zeus grande fez soprar um tufão tempestuoso, que atirou muita poeira contra as naus, deixando os argivos confusos, mas concedendo glória imensa a Heitor e aos troianos, que tentaram abrir uma brecha na forte muralha dos dânaos. Destruíram os parapeitos e, com alavancas, arrancaram do solo os pilares salientes que amparavam as torres. Conseguiram até mesmo abalar as próprias torres, no esforço de romper o grande muro. Os aqueus, no entanto, não cederam; protegidos com escudos, feriam do alto do muro os inimigos que lutavam embaixo. Sob o comando do viril Menesteu, os atenienses procuravam refrear o ataque dos lícios, liderados pelo temível Sárpedon e pelo impetuoso Glauco. O perigo não passou despercebido ao grande Ajax e a Teucro, que correram para ajudá-los. Mas no momento em que ambos tentavam salvar a torre dos atenienses, Zeus concedia ao filho de Príamo, Heitor, a glória de ser o primeiro a saltar o alto muro. Voltando-se para os troianos, o guerreiro do elmo brilhante gritou:

– Adiante, corajosos troianos! Rompamos o muro e lancemos aos navios recurvos o fogo divino.

Heitor apanhou uma pedra que se encontrava na frente da grande porta, achatada na base e de ponta afilada. Dificilmente dois dos mais fortes homens de hoje conseguiriam movê-la. Ele, porém, manejou-a sozinho com destreza, pois Zeus tornou-a leve. Junto da porta o herói se deteve: separando os pés para firmar melhor o corpo e conseguir maior eficiência no arremesso, atirou a pedra bem no meio das duas folhas da porta elevada, que estavam solidamente fechadas. Com todo o seu peso e fazendo grande estrondo, a pedra venceu a resistência das barras internas da porta: elas se quebraram com a força do golpe, fazendo com que ambas as folhas se abrissem. Com duas lanças

na mão, o fúlgido Heitor saltou para dentro. Só um deus poderia, naquele momento, enfrentá-lo. Voltando-se para a multidão dos troianos, ele ordenou, gritando, que transpusessem o muro. Obedientes às ordens do chefe, eles afluíram em massa pela abertura da porta. Os dânaos bateram em retirada para os navios, com grande alarido.

Logo que Zeus fez Heitor e os troianos alcançarem as naus, voltou os olhos brilhantes para longe, contemplando a região dos cavaleiros da Trácia; descuidou-se, assim, da planície de Troia. Ao ver que Zeus se distraía do combate, Possêidon, que lastimava, indignado, a derrota dos aqueus, decidiu auxiliá-los. Correu ao acampamento, assumindo os traços e a voz de Calcas, e encorajou os dois Ájax a saírem no encalço de Heitor, infundindo-lhes força invencível. E o abalador da Terra continuou a estimular os aqueus. Estes sentiam os membros cansados por causa do esforço excessivo; ficaram desanimados, ao verem que os teucros galgavam o muro. De seus olhos desciam lágrimas ante o avançar do inimigo; não esperavam escapar da ruína iminente. Entre eles estavam Antíloco, Meríones, Toas e muitos outros. Incitando-os à luta, Possêidon disse-lhes as seguintes palavras:

– Envergonhem-se, guerreiros argivos! Vocês são jovens e fortes, mas não lutam sequer para salvar as naus? Nunca se previu que os troianos pudessem vir lutar perto delas, pois não tinham coragem sequer de enfrentar o braço dos aqueus. Agora se luta distante dos muros, à volta das naus, por culpa somente do comando supremo e da abstenção de alguns homens que, por estarem brigados com o chefe, não defendem os navios. Mesmo que Agamêmnon seja o culpado de tudo, por ter ultrajado primeiro Aquiles de rápidos pés, não fica bem para nós desertar assim do combate. Corrijamos o erro, que é próprio dos bons procurar corrigir-se. Vamos, não permitam que o mal se agrave. Deixem que em seu peito o sentimento da honra se aninhe, pois trava-se dura batalha.

As palavras de Possêidon incitaram o brio dos soldados aqueus. Imediatamente todos se lançaram, armados com os escudos abaulados e as lanças compridas, ao encontro dos dois Ájax. Mais uma vez, o combate recrudesciu. Embora lutasse com fúria

homicida, Heitor foi contido pela contraofensiva dos dânaos e não podia incendiar os navios.

Ao ver o quanto o forte Possêidon desejava ajudar os aqueus, Hera imaginou um plano ardiloso para fazer com que Zeus adormecesse.

Primeiro, lavou com ambrosia todo o seu lindo corpo, passando na pele, em seguida, um óleo divino de fragrância inefável. Ajeitou as belas tranças brilhantes, que lhe emolduravam o rosto imortal. Por fim, conseguiu que Afrodite lhe emprestasse o cinto do amor, alegando que precisava dele para tentar reconciliar Oceano e Tétis(57), que, por causa de uma antiga discórdia, encontravam-se separados. Na verdade, porém, queria-o para si, a fim de despertar o irresistível desejo de amor em seu esposo. Depois persuadiu Hipnos, o Sono, a acompanhá-la, para que a ajudasse no momento preciso. Quando ambos chegaram ao Ida, Hipnos escondeu-se atrás de uma grande oliveira, enquanto Hera se aproximava de Zeus.

Nem bem o soberano dos deuses a avistou, sentiu a mais grata surpresa. Ao contemplá-la assim tão bela e encantadora, esqueceu-se, de pronto, de todos os seus pensamentos e nada mais desejava além de fruí-la ternamente em seus braços.

Cheia de astúcia, Hera, com um doce sorriso nos lábios, disse-lhe que estava de passagem, a caminho do palácio de Oceano e Tétis, com a intenção de reconciliá-los da antiga discórdia.

– Hera, você bem pode adiar para outro dia essa visita – disse-lhe em resposta Zeus. – Subamos ao leito e desfrutemos os prazeres do amor, pois nunca uma deusa ou mulher fez nascer em mim paixão tão violenta.

Deitaram-se numa nuvem dourada, de onde caíam brilhantes gotas de orvalho. A artimanha de Hera vingou. O pai dos deuses e dos homens adormeceu tranquilo nos braços da esposa, sob a potência do amor e do sono. Hipnos, então, correu às naus dos aqueus para levar um recado ao potente abalador da Terra.

– Possêidon, socorra os aqueus e dê-lhes glória, mesmo que por pouco tempo, que o poderoso Zeus se encontra imerso em sono profundo.

Rapidamente o deus do mar se transformou num mortal e misturou-se aos guerreiros aqueus, levando-lhes coragem. No

mesmo instante, Atena fez com que Agamêmnon e outros comandantes feridos se levantassem e saíssem de suas tendas, para verem, a seu lado, a multidão dos dânaos e se animarem. Respirando furor, Ajax, Teucro, Idomeneu, Meríones, Menelau e Antíloco lançaram-se sobre os troianos. Em vão Heitor, Eneias, Páris e Sárpedon tentavam deter a investida dos aqueus. Dano terrível o grande Ajax causava aos troianos. Cheio de audácia, Heitor correu para enfrentá-lo e contra ele lançou sua hasta pontiaguda, não conseguindo, porém, acertá-lo, pois a lança comprida atingiu o ponto, no peito, em que se cruzam a correia que prende o escudo e a que sustenta a bainha da espada. Heitor ficou indignado quando viu que seu golpe fracassara e retrocedeu para as fileiras troianas, escapando da morte. Enquanto ele recuava, o grande Ajax atirou-lhe uma pedra, que o acertou abaixo do pescoço, no peito, por cima da borda do escudo, fazendo-o rodar como um pião, sem poder dominar-se. O valoroso Heitor rolou na poeira como uma árvore imensa abatida pela violência do raio de Zeus. A lança fugiu-lhe da mão; o elmo e o escudo caíram-lhe por cima, e com grande estrondo ressoou a armadura de bronze. Polidamante, Eneias, Sárpedon e Glauco acudiram-no prontamente, para que nenhum aqueu pudesse arrastar seu corpo.

O grave ferimento de Heitor foi um duro golpe para os troianos, que agora fugiam da investida dos dânaos.

Zeus dá novas ordens

Nesse exato momento, Zeus despertou ao lado de Hera. Assim que se levantou, olhou de relance para a planície troiana e não pôde acreditar no que seus olhos viam: os troianos em fuga e dispersos, e os aqueus a persegui-los. Viu também Heitor de alma grande, deitado, cercado de amigos, com a respiração entrecortada e expelindo sangue escuro no vômito.

Irritou-se Zeus poderoso; voltou-se para Hera e disse:

– Não deixarei que nenhum dos deuses socorra os argivos, até que se cumpra o desejo ardoroso de Aquiles. Não quebrarei minha promessa a Tétis.

Ordenou a Íris dos pés alados que fosse à planície troiana dizer a Possêidon que abandonasse imediatamente o combate. Depois

disso, chamou Apolo e disse-lhe:

– Vá, caro Febo, tome logo minha égide ornada de franjas(58) e agite-a sobre os aqueus, de modo que neles todos infunda terror. Deixo a seu cargo, arqueiro, cuidar do valoroso Heitor. Desperte-lhe grande vigor, até que você consiga perceber que os chefes aqueus se acolhem às céleres naus.

Contente partiu Febo Apolo ao encontro de Heitor, para inspirar-lhe vigor renovado. Deu-lhe instruções para que reconduzisse os carros de guerra ao campo inimigo, pois ele próprio estaria sempre à frente dos belos corcéis, para deixar a estrada livre e induzir os heroicos argivos à fuga.

Em turmas compactas, os teucros seguiam Heitor, que avançava a grandes passos. Ao vê-lo, os aqueus ficaram surpresos e fugiram assustados. Muitos, porém, foram contidos por Toas, o valente etólio que formava, junto com o grande Ájax, Idomeneu, Meríones e muitos outros, uma muralha humana, ostentando inúmeras lanças compridas. Com vigor, os troianos lançaram-se contra eles; com vigor, os aqueus resistiram. De ambas as partes, numerosos mortos caíam ao solo, sem que ninguém arredasse dali. Apolo, então, emitindo um grito de guerra terrível, brandiu a égide espantosa, pondo os aqueus em fuga desordenada e concedendo glória aos troianos, que mataram todos os que ficaram por último.

O terrível combate nos navios

– Avante, rumo aos navios! – gritava Heitor. – Deixem os mortos e os despojos para depois. Chegou o momento de lançarmos fogo às naus dos aqueus.



Nos navios, os dois Ajax, Teucro e muitos outros resistiam com bravura, prostrando, com suas lanças, os troianos que combatiam de carro. Terrível era a disputa, e espantoso o alarido. Heitor valoroso, contudo, continuava a incitar os guerreiros troianos:

– Corajosos troianos e aliados, demonstrem força impetuosa. Aquele que morrer nesta guerra morrerá em defesa de nossas mulheres e crianças, para impedir que nossas casas sejam incendiadas!

Do lado contrário, o grande Ajax exortava os guerreiros aqueus:

– Somente lutando como heróis poderemos nos salvar! Se permitirmos que Heitor lance fogo a nossos navios, nenhuma escapatória haverá, pois o amplo mar ressonante separa-nos da pátria querida. Avante! Ao combate! Para a vida ou para a morte!

E assim insuflou novo vigor nos aqueus, que, cheios de fúria, empenhavam-se na resistência. Entretanto, Heitor havia chegado aos navios e conseguira subir à proa de um deles, de onde gritava para que os companheiros lhe entregassem uma tocha. Era o navio no qual viera para Troia o herói Protesilau, o primeiro guerreiro dos aqueus a morrer no combate.

Doze troianos foram privados da existência ao tentarem aproximar-se do navio para entregar o fogo a Heitor, feridos pelo grande Ajax com a lança enorme. Cada vez mais o perigo

aumentava.

Nesse ínterim, na tenda de Aquiles, Pátroclo derramava muitas lágrimas pela grande desgraça que se abatia sobre a multidão dos aqueus.

– Cruel! – disse a Aquiles. – Você não pode ser filho de Peleu nem de Tétis! Geraram-no o mar tempestuoso e os rochedos escarpados, pois você tem o espírito implacável, para não se compadecer dos dânaos. Já que tanta ira abriga no peito, permita ao menos que eu vá, com os mirmidões, ao combate. Empreste-me apenas sua armadura para que os troianos me tomem por você e ponham-se em fuga.

Aquiles concordou.

– Quando conseguir expulsar os troianos dos navios – disse-lhe –, não se deixe embriagar com o sucesso da empresa e abstenha-se de persegui-los até Ílion. Deixe-os no campo de combate e retorne. Não vale a pena arriscar sua vida por Agamêmnon, a quem eu odeio como jamais odiei homem algum em toda minha vida.

Nesse exato momento, o grande Ajax, que defendia o navio de Protesilau, já não podia lutar contra a vontade de Zeus. Uma chuva de lanças e dardos caía a seu redor e sobre seu escudo. Era necessária uma rapidez espantosa para repelir os golpes contínuos. Sua mão esquerda, que segurava o escudo, estava cansada, o suor banhava-lhe o corpo vigoroso, e seu fôlego chegava ao limite, enquanto o ataque dos troianos era cada vez mais intenso. Até que Heitor, com um golpe de espada, cortou-lhe a ponta de bronze da lança enorme, deixando-o apenas com um pedaço de madeira na mão. Nada mais podendo fazer, o enorme guerreiro recuou. Então, Heitor pegou uma tocha e lançou fogo à proa do navio. Não sabia o infortunado que esse era o momento aguardado por Zeus para cessar de ajudar os troianos e que a fumaça que subia aos céus anunciava o princípio da destruição de Troia.

De fato, antes que as chamas envolvessem o navio por completo, precipitaram-se no combate, qual súbita tempestade, os intrépidos mirmidões. A sua frente vinha Pátroclo, montado no carro adornado de ouro do nobre pelida, puxado pelos famosos corcéis imortais. Conduzia-os Automedonte, o incomparável

auriga de Aquiles. Com renovado vigor guerreavam agora os aqueus e expulsavam os teucros para fora do muro, para além do fosso profundo. Rapidamente, o combate transferiu-se para campo aberto. Pátroclo matou inúmeros troianos, e o mesmo fizeram vários outros chefes aqueus que não haviam sido feridos. Dano imenso causou Pátroclo ao exército dos lícios.

– Que vergonha, lícios! – gritava Sárpedon. – Cessem de fugir. Lutar é forçoso. Eu próprio irei ao encontro desse homem, para saber quem é esse forte guerreiro que tantos troianos maltrata e privou da existência nossos mais valorosos guerreiros.

Tendo dito isso, saltou do carro sem largar as armas. O mesmo fez Pátroclo.

Zeus ficou muito aflito, pois era pai de Sárpedon e sabia que ele estava predestinado a sucumbir aos golpes do exímio Pátroclo. Pensou em tirar o filho do combate, mas Hera o impediu.

– Nós, os outros deuses, não concordamos com seu procedimento – disse-lhe Hera, a deusa dos olhos de bezerro. – O destino dos mortais nem você nem ninguém tem o direito de alterar. Só uma coisa você pode fazer: logo que a alma e a vida abandonarem o corpo do robusto guerreiro, mande que Hipnos, o Sono, e Tânatos, a Morte, retirem-no do campo e conduzam-no para a Lícia, onde os irmãos e parentes lhe prestarão as últimas honras.

O fim de Sárpedon não tardou. O herói atirou a lança primeiro e não atingiu Pátroclo. Este, porém, o acertou. Tal como uma árvore altíssima, cortada por hábeis lenhadores, o insigne guerreiro tombou no chão. Glauco correu para ampará-lo, mas era tarde.

– Caríssimo Glauco – sussurrou, já quase sem vida, o filho de Zeus –, não deixe que meu corpo seja ultrajado, não permita que me despojem das armas.

Glauco, com voz poderosa, chamou os comandantes troianos, para que juntos salvassem o corpo do herói. Polidamante, Eneias e Heitor atenderam-lhe prontamente o chamado e empenharam-se na luta selvagem que ora se travava em torno do corpo do divino Sárpedon.

Pátroclo, por sua vez, chamou Ajax e Teucro. Vieram também Meríones e muitos outros. Renhido combate então se travou.

Zeus alegrava-se, pois terrível era o labor da guerra, por causa de seu fi-lho. Assim, numerosos aqueus e troianos morderam o chão duro de Troia, em torno do corpo do herói. Por fim, Zeus decidiu que Pátroclo tomaria as armas de Sárpedon, mas o corpo do herói seria levado por Hipnos e Tânatos para a fecunda Lícia. E assim se cumpriu. O grande herói foi sepultado em sua pátria com as honras devidas, e sobre ele foram erguidos um túmulo elevado e uma estela.

A morte de Pátroclo

Quando terminou a disputa pelo corpo de Sárpedon, Pátroclo ordenou a Automedonte que, uma vez mais, conduzisse o carro ao combate contra os troianos. Na embriaguez de seu sucesso, havia se esquecido do conselho de Aquiles e agora perseguia os inimigos até a sagrada cidade de Ílion, levando-lhes imensa ruína. E teria tomado Troia naquele mesmo dia se o próprio Apolo não o impedisse. Inúmeras vezes o herói tentou escalar o muro de Troia; em todas elas, porém, foi derrubado por Febo, o deus dos cabelos de ouro, que por fim lhe disse:

– Para trás, valoroso Pátroclo! Troia não será tomada por suas mãos, nem mesmo pelas mãos de Aquiles, que é muito mais forte que você.

Pátroclo acatou a ordem do deus e recuou.

Enquanto isso, Heitor permanecia em seu carro diante das Portas Ceias, indeciso entre conduzir o exército ao combate e fazê-lo recuar para dentro das muralhas. Nesse momento, Apolo assumiu as feições de um mortal e insuflou-lhe coragem, persuadindo-o a voltar ao combate. Pátroclo continuava combatendo com furor. Por três vezes se lançou sobre os troianos e, em cada investida, matou nove guerreiros. Sua coragem, entretanto, não foi o suficiente.

Pois, quando você, Pátroclo,(59) pela quarta vez se lançou contra os troianos, encontrou a morte. O próprio Apolo, voltando novamente, golpeou-o com sua mão imortal, privando-o de todo vigor. Em seguida, arrancou-lhe o elmo brilhante, que atirou ao chão; quebrou-lhe a lança e o despojou da armadura, deixando-o despido e desprotegido diante do inimigo. Assim quis o deus do arco de prata. Nesse momento, veio por trás um dardânio, o forte

herói Euforbo, que já havia matado vinte guerreiros aqueus, e enfiou a lança em seu dorso. Você, porém, não caiu, e ele puxou a lança de volta e ocultou-se no meio da multidão, temendo que o seu terrível olhar o encontrasse. Em seguida, você foi ferido pela lança de Heitor, e então, Pátroclo, como um enorme pinheiro que cai com um estrondo que chega até ao céu, você tombou, causando imensa dor aos aqueus.

Vangloriou-se Heitor, o guerreiro do elmo brilhante:

– Infeliz e insensato! Pensava que iria destruir Troia de torres elevadas e escravizar nossas mulheres? Tolo! Em defesa de sua terra ainda correm no campo de combate os velozes corcéis de Heitor. Entre os bravos troianos, distingo-me por minha lança, que de todos afasta o cruel cativo. De você, no entanto, farão bom proveito os abutres de Troia. De nada lhe pôde valer o pelida, que decerto deu-lhe conselhos prudentes, ao enviá-lo sem ele.

Pátroclo, o nobre cavaleiro, já quase morto, ainda lhe disse:

– Você se vangloria assim, Heitor, por ter obtido a vitória de Zeus poderoso e de Apolo, que puderam facilmente vencer-me, pois foram eles que me tiraram as armas dos ombros. Se vinte troianos como você viessem lutar comigo de frente, a todos minha lança teria prostrado, sem vida. Matam-me a Moira funesta, o deus nascido de Leto(60) e, entre os humanos, Euforbo; você é apenas o terceiro a golpear-me. Outra coisa quero lhe dizer, guarde-a bem em seu peito: não lhe resta também muito tempo de vida, pois já se aproximam de você o destino inexorável e a sombra da Morte. Às mãos de Aquiles, o impecável pelida, você há de morrer.

Depois dessas palavras, ele foi coberto pela Morte com o manto de trevas. E o notável Heitor disse para o cadáver:

– Por que motivo você me faz presságio tão fúnebre, Pátroclo? Quem sabe se o impecável Aquiles, ferido por meu gládio, não morrerá?

Dito isso, Heitor pisou o morto com um dos pés e com toda a força arrancou a lança comprida, atirando o corpo de costas. Em seguida, partiu contra Automedonte, o ágil escudeiro do divino pelida, apontando-lhe a lança, pois desejava feri-lo, mas os velozes corcéis que os imortais haviam dado a Peleu levaram-no para bem longe.

O combate pelo corpo de Pátroclo

O primeiro dentre os argivos que correu para defender o corpo de Pátroclo foi o nobre Menelau. A ele antepôs-se Euforbo.

– Para trás, Menelau, se não quer ser morto por minha mão. Fui o primeiro a matar Pátroclo e também serei o primeiro a tomar suas armas.

– Você é um lanceiro valente, Euforbo. No entanto, seu irmão, Hiperénor, também era corajoso e eu o enviei para a morte. Você é presunçoso como ele era, filho de Pântoos. Também Hiperénor insultou-me, dizendo que eu era o mais fraco dos homens aqueus. Por sua arrogância, minha lança privou-o da existência, e pranteia-o agora a esposa formosa. Fuja, pois mais tarde não terá tempo de arrepender-se. Só aos tolos os fatos ensinam.

Euforbo não fugiu: foi o primeiro a arremessar a lança, que não atingiu o alvo. O arremesso de Menelau, ao contrário, acertou-o em cheio, tirando-lhe a vida. Das armas do filho de Pântoos, então, apossou-se Menelau, o prudente guerreiro. O fato não passou despercebido a Heitor, que com muitos troianos lhe correu ao encalço. Percebendo que estava sozinho, Menelau recuou. Foi nesse exato momento que Heitor, aproveitando a oportunidade, despojou o cadáver de Pátroclo das armas de Aquiles, as célebres armas que os deuses haviam dado de presente a Peleu. Menelau, no entanto, retornou na companhia do grande Ájax. Ao vê-los, Heitor decidiu não os enfrentar, sobretudo o colossal filho de Télamon, que sempre temia.

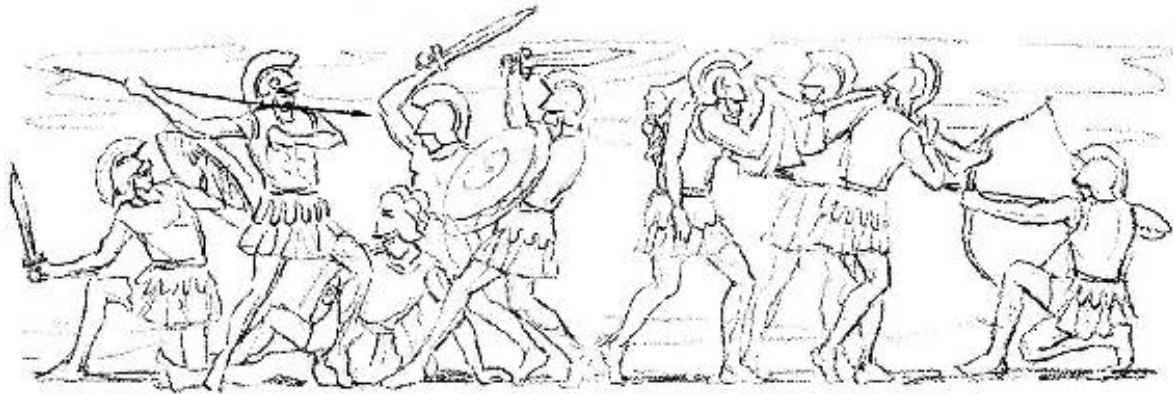
– Você é um covarde, Heitor – gritou-lhe Glauco, o chefe dos lícios –, e adquiriu injustamente a boa fama que ostenta. Assim os aqueus despojaram Sárpedon de suas armas e teriam também arrebatado seu corpo se os deuses não intervissem.

– Você é corajoso, Glauco, e aos bravos não convém esse linguajar. Não temo o grande Ájax. Zeus, porém, impele até mesmo o herói mais intrépido a fugir. Você verá se lutarei ou não para arrebatarmos o corpo de Pátroclo.

Voltou-se aos troianos:

– Avante, heróis, não permitamos que os aqueus nos tomem o corpo de Pátroclo, enquanto eu envergo as armas de Aquiles!

E, no mesmo instante, vestiu a reluzente armadura do filho de Peleu e partiu para o combate.



Cortou o coração de Menelau ver as armas que Aquiles havia emprestado a Pátroclo, para o bem dos aqueus, reluzindo no corpo e nas mãos do intrépido Heitor. Contudo, seu pensamento voltou-se rápido para o morto e, com toda a força de sua alma, gritou para que todos os chefes argivos o escutassem, pois os troianos eram numerosos, e ele tinha apenas o grande Ájax a seu lado.

– Valorosos aqueus! Pobres de nós se permitirmos que o corpo de Pátroclo seja entregue aos cães de Troia!

Muitos o escutaram e de pronto acorreram ao chamado, cada um tentando ser o primeiro a chegar. Mas ninguém pôde ultrapassar o outro Ájax, o filho de Oileu, pois ele era, de fato, o mais célere na corrida, exceto o divino pelida. Vendo-os aproximar-se, os troianos tentaram, à força, arrebatá-lo, mas os dois Ájax partiram contra eles, fazendo-os retroceder. Os troianos voltaram a atacar, e Heitor arremessou sua lança contra o grande Ájax. Por um triz ela não o atingiu; encravou-se em Esquédio, lançando na poeira o mais corajoso dos homens da Fócida. Ájax, por sua vez, matou Fórcis, e os troianos recuaram assustados. Os aqueus os teriam posto em fuga, se ao combate Apolo não tivesse enviado Eneias, que, tendo matado um herói aqueu, deu novo ânimo aos troianos. Outra encarniçada batalha se travou em torno do corpo de Pátroclo; ora os aqueus levavam a melhor, ora os troianos, e a guerra não cessava. Diziam os aqueus: “Antes a terra se abra e nos engula a todos do que deixarmos Pátroclo aos inimigos, para que o arrastem a Troia e ultrajem seu corpo”. Os troianos, por sua vez, diziam uns aos outros: “Ainda que estejamos predestinados a morrer nesta luta, vale a pena sucumbirmos diante de um herói como esse!”(61)

Pouco distante dali, os cavalos de Aquiles, que haviam compreendido que Pátroclo tinha morrido, pranteavam, cheios de dor, sua morte. Automedonte tentava consolá-los com doces palavras, mas eles permaneciam imóveis, atrelados ao carro de bela feitura, cabisbaixos. Lágrimas quentes corriam-lhes dos olhos, encharcando a terra, enquanto o combate furioso prosseguia indeciso.

Ájax pediu que alguém avisasse Aquiles, e Menelau, cujo coração também não lhe permitia deixar por muito tempo o corpo de Pátroclo, correu e, encontrando Antíloco, filho de Nestor, incumbiu-o da triste tarefa. Muito surpreso ficou o herói, pois nada sabia da morte de Pátroclo e, profundamente magoado, partiu para levar a funesta notícia ao filho de Tétis.

Imediatamente Menelau retornou à luta dizendo ao grande Ájax:

– Não creio que Aquiles ingresse no combate, pois está desprovido de armas. É preciso que nós, sozinhos, descubramos um meio de reaver o corpo de Pátroclo, procurando escapar da morte.

– Então – respondeu-lhe o grande Ájax – o melhor a fazer é você seguir com Meríones para tentar levantar o corpo, enquanto nós atacamos os troianos.

Na primeira oportunidade, Menelau e Meríones enfiaram-se embaixo do cadáver e ergueram-no sobre os ombros. Em seguida, recuaram todos juntos em direção aos navios. Os troianos, quando viram que os aqueus haviam-no levantado, lançaram-se furiosos em seu encalço. Os dois Ájax conseguiram mantê-los a distância, e mais uma vez se inflamou a peleja. Heitor e Eneias chegaram bem perto do morto e várias vezes tentaram arrebatá-lo; os dois Ájax impediram-nos, obrigando-os a retroceder. Os troianos arremetiam de novo contra os aqueus, e de ambos os lados numerosos mortos caíam ao chão. Até o momento em que chegaram ao fosso, parecia que a luta pelo corpo de Pátroclo jamais teria fim.

Quando Aquiles avistou os aqueus retornando em desordem, ficou intranquilo, e seu espírito receou o pior. O pior, de fato, já havia acontecido.

– O valoroso Pátroclo não ouviu meu conselho e agora está morto! – dizia para si o herói. Mas desejava sabê-lo

pessoalmente.

Tétis promete novas armas a Aquiles

Naquele momento chegou o filho do glorioso Nestor, trazendo a triste notícia. Pesada nuvem de dor envolveu, de pronto, o filho de Peleu. Seu pranto era tremendo. Tendo apanhado cinzas com as mãos, jogou-as sobre a cabeça e o rosto. Ao solo, em seguida, lançou-se, arrancando os cabelos.(62) Súbito, lançou um grito terrível, que ecoou além do horizonte, perdendo-se nas margens do amplo mar. Sua augusta mãe ouviu-o e saiu do mar envolta em uma onda azulada. Desfeita em pranto, perguntou-lhe que grande mal desta vez o afligia.

– Meu amigo Pátroclo foi assassinado, mãe; ele, a quem eu mais estimava dentre todos os meus companheiros. Eu o perdi e, junto com ele, todas as minhas armas. Heitor homicida tomou-as, armas admiráveis, como o mundo jamais viu. Nada tenho trazido a ti além de queixas, e a maior delas é a de que minha hora se apro-xima, pois sei que meus dias estão contados. Mas antes Heitor deve ser lançado à poeira. Quanto ao resto, já nada mais me importa.

Tétis, que sabia do triste destino de seu filho, não podia detê-lo. Prometeu-lhe, no entanto, que, assim que o novo dia raiasse, viria trazer-lhe novas armas reluzentes, forjadas pelo deus Hefesto.

Enquanto ao Olimpo ela depressa se dirigia, para pedir ao famoso artífice que forjasse novas armas, os aqueus lutavam desesperadamente pelo corpo de Pátroclo, sem conseguirem escapar da perseguição dos troianos, pois Heitor e Eneias combatiam plenos de força e ardor. Por três vezes o filho de Príamo agarrou o corpo de Pátroclo pelos pés, e por três vezes os dois Ájax fizeram-no retroceder. Mas, como faminto leão que vê sua presa ser roubada, sobre eles Heitor se lançou, para arrebatá-los o morto. E teria conseguido se Hera não chamasse a atenção de Aquiles para, tal como estava, aproximar-se do fosso, a fim de que os troianos o vissem e talvez sofreassem seu ímpeto, concedendo uma pausa para que os aqueus tomassem alento.



O herói ouviu o conselho da deusa e, rumando em direção ao fosso, parou sobre o aterro. Dali emitiu um pavoroso grito de guerra. Junto com ele também gritou Palas Atena, espalhando o terror nas fileiras troianas. Ficaram tomados de medo os teucros, no instante em que escutaram as vozes; os próprios cavalos retrocederam, pressentindo o dano iminente. Tremaram de susto os aurigas ao verem a chama inextinguível que Atena fazia arder em torno da cabeça de Aquiles. Por três vezes gritou o divino pelida; por três vezes os troianos e os aliados recuaram em tal confusão, que doze distintos guerreiros morreram feridos por suas próprias lanças ou sob os carros. Os dânaos, aliviados, retiraram o corpo de Pátroclo do combate e colocaram-no numa maca; os fiéis companheiros circundavam-no, aos prantos. Aquiles seguia-os, a derramar lágrimas quentes, depois de ter visto o amigo no leito de morte.

Hera, a magnânima, obrigou o Sol incansável, a contragosto, a afundar-se na corrente do Oceano. Então, mais cedo o Sol se deitou, dando aos aqueus uma trégua do combate cruel e dos árduos trabalhos da guerra nefasta. Terminava, assim, o terceiro dia do grande combate – dia que começou, como Zeus desejava, com o ferimento de Agamêmnon e de outros comandantes e que terminou com a morte de Pátroclo e com o terrível combate para

salvar seu corpo do ultraje.

Naquela noite, os comandantes troianos reuniram-se em assembleia. A aparição de Aquiles havia lhes causado uma grande inquietação. Polidamante aconselhou-os a aproveitarem as trevas para se refugiarem outra vez no interior das muralhas.

Com torvo olhar, respondeu-lhe Heitor, o guerreiro do elmo brilhante:

– Polidamante, suas palavras em nada me agradam. Agora que o filho de Cronos me permite conquistar glória imensa, expulsando até o mar os guerreiros aqueus, você não tem, insensato, outra coisa a propor na reunião dos troianos? Que todos sigam meu conselho: amanhã, logo cedo, envergemos as armas brilhantes para fazer despertar, junto às naus, o forte deus Ares.(63) Se o divino Aquiles pretende, de fato, afastar-se das naus, dura experiência há de ter, pois não penso em fugir do duelo. Afrontando-o com ânimo firme, hei de alcançar alta glória ou fazer que alta glória ele alcance. Do matador é frequente o próprio Ares tirar a existência.

O discurso de Heitor foi aplaudido em peso pelos troianos. Tolos! A todos a deusa Atena privara do raciocínio, pois aceitaram os planos ruinosos de Heitor. Ninguém prestou a menor atenção ao sábio Polidamante.

Enquanto isso, Hefesto forjava as novas armas de Aquiles. O deus forjador, que jamais havia se esquecido do quanto Tétis o ajudou quando o encontrou caído em Lemnos,(64) trabalhou a noite inteira com afinco para agradá-la.

– Todos os mortais ficarão deslumbrados quando virem essas armas – disse o deus ferreiro logo que começou forjá-las.

Antes mesmo que amanhecesse, Hefesto já havia terminado. As armas refulgiam com um brilho mais forte do que os raios do fogo, pelo ouro, a prata e o bronze que continham. Eram um encanto de se ver: cinco camadas possuía o escudo; na externa, o hábil artífice havia gravado muitas figuras de sublime traçado: a ampla Terra, o vasto Mar, o firmamento, o Sol claro e incansável, a Lua redonda, as numerosas estrelas que servem ao Céu de coroa e muitas outras representações admiráveis. A beleza das armas impressionaria não só aos mortais, mas também aos deuses eternos.

Aquiles reconcilia-se com Agamêmnon

Aurora do manto dourado já havia se levantado do seio do Oceano para levar luz aos imortais e aos homens, quando a triste mãe de Aquiles desceu do Olimpo como um gavião, trazendo a brilhante armadura que o potente Hefesto forjara. Encontrou o filho abraçado ao cadáver de Pátroclo, cercado por muitos dos fiéis compa-nheiros. Tétis, tomando-lhe a mão, assim lhe falou:

– Filho, por mais tristeza que isso lhe cause, deixemos o morto descansar, que tudo isso aconteceu pela vontade dos deuses. Receba estas armas. São suas. Hefesto forjou-as. Armas como estas por certo ninguém nunca pôs sobre os ombros.

Ao vê-las, o divino Aquiles foi tomado por uma alegria feroz, pois sentiu que se aproximava a hora da vingança.

– Envergue as armas agora – disse sua mãe. – Antes, porém, convoque os aqueus em assembleia para lhes anunciar o fim de sua cólera contra Agamêmnon. Quanto ao morto, eu mesma cuidarei dele, unguindo-o com ambrosia e néctar divinos(65) para deixar-lhe os membros incorruptos.

O divino Aquiles partiu pela praia e, com grandes gritos, incitava os guerreiros aqueus. Até mesmo os homens que costumavam ficar nos navios – os remadores, os timoneiros, bem como os que cuidavam da despensa – acorreram à assembleia nessa hora, por causa de Aquiles, que voltava à luta depois de tão longa ausência. Vieram, mancando, os dois nobres discípulos do deus Ares,(66) o valoroso Diomedes e o astucioso Odisseu, ambos apoiados em suas lanças, pois ainda se recuperavam dos ferimentos. Veio por último o atrida Agamêmnon, que também estava machucado. Logo que todos os homens se acharam reunidos, levantou-se Aquiles de rápidos pés e disse:

– Filho de Atreu, esta reconciliação teria sido mais útil para nós dois se fosse levada a bom termo no dia em que fomos vencidos pela Discórdia, por causa, apenas, de uma escrava. Vantagens somente os troianos e Heitor obtiveram. É certo que os aqueus por muito tempo se lembrarão de nosso conflito. Mas o passado é passado. Vamos! Agora compete a você estimular os valentes argivos para o combate.

Os aqueus exultaram ao ver que o grande pelida tinha finalmente acalmado o rancor. Aos dânaos, então, disse

Agamêmnon, o rei poderoso:

– Frequentemente, os fortes argivos inculparam-me por nossa desavença; contudo, a culpa não é minha, é de Zeus grande, da fatal Moira e das Erínias que vagam nas trevas espessas.(67) Uma cegueira atroz enviaram-me tais deuses, a qual me fez privar Aquiles do alto prêmio que os aqueus o concederam. Mas como eu poderia reagir? São os deuses que tudo dispõem. Até é filha de Zeus, divindade funesta de pés muito leves, que não pisa a terra ao caminhar, mas passeia sobre a cabeça dos homens, ocasionando enganos. Nem o próprio Zeus poderoso conseguiu resistir-lhe. Quero, porém, sanar o mal feito, depondo a seus pés muitas dádivas, e confirmo os presentes magníficos que ontem, em sua tenda, o divino Odisseu ofertou-lhe em meu nome. Os guerreiros mais jovens irão trazê-los sem demora, pois sei que você anseia por voltar ao combate.

Os filhos de Nestor correram à tenda do grande atrida e trouxeram os presentes magníficos, sendo o primeiro deles Briseide, acompanhada de sete escravas seletas.

Assim que a filha de Brises, tão bela quanto a áurea Afrodite, viu o cadáver de Pátroclo, sobre ele caiu a soluçar, lacerando as faces formosas, o peito e o pescoço elegante. Sempre a chorar, disse a escrava:

– Pátroclo, companheiro querido deste coração infeliz, vivo você estava no dia em que vieram buscar-me na tenda, e agora, ao voltar, deste modo terrível o encontro. Você não me deixou chorar quando Aquiles matou meu marido, assolando a cidade de Minete, e prometeu que o divino pelida me conduziria como legítima esposa em seu navio e celebraria o festim em Ftia, entre os fortes mirmidões.

Assim dizendo, desfazia-se em pranto, bem como as outras escravas que se encontravam a seu lado. Mas, na verdade, elas choravam seu grande e pessoal infortúnio.

Em pouco tempo, o combate recomeçaria. Todo o exército ceava, menos Aquiles, de rápidos pés, que não consentia que nenhum alimento lhe tocasse os lábios enquanto não vingasse o amigo querido. Mas a deusa Atena não descuidou do herói e instilou em seu peito o néctar vermelho e a divina ambrosia para que o jejum não lhe alquebrasse o vigor. Finalmente, os dois

exércitos começaram a se preparar, vestindo as armas. Armou-se também Aquiles divino no meio do exército. Rangiam-lhe os dentes, sem pausa; de seus olhos saíam faíscas, como de vivo fogo; insuportável tristeza angustiava-lhe o peito dorido. Saltou para o carro o auriga Automedonte, e logo após subiu o divino pelida, envergando as armas reluzentes, que brilhavam como o fúlgido Sol.

Zeus, que tudo isso via do alto, disse aos deuses que estavam livres para decidir a quem queriam ajudar. Ele preferia controlar a guerra, pois temia que Aquiles, com o ardor que lhe queimava o espírito, talvez arrasasse Troia naquele mesmo dia, contrariando, assim, o destino.

Aquiles ingressa no combate

O combate recomeçou. Enquanto os deuses se encontravam distantes, os aqueus levavam a melhor, e os troianos fugiam. Mas quando eles ingressaram no combate, misturando-se à multidão dos teucros e argivos, fizeram que os adversários se chocassem uns contra os outros, ateando renhida batalha entre todos. Gritou Palas Atena, atroando até os altos penhascos; gritou também o forte Ares, semelhante à nuvem tempestuosa. Do alto trovejou terrível o pai dos deuses e mortais, enquanto, embaixo, Possêidon sacudiu a Terra imensa e as altas montanhas. Tremeu o monte Ida de múltiplas fontes, com todos os vales, os cumes elevados, a cidade dos teucros e as naus dos aqueus. Assustou-se o deus Hades, o rei dos domínios subterrâneos, que, gritando, saltou de seu trono, receando que Possêidon rasgasse a Terra, escancarando à luz seu palácio tenebroso. Enquanto os deuses combatiam, Aquiles ardia de desejo de se defrontar com Heitor. Súbito, porém, lançou-se Eneias contra o pelida. Vendo-o, Aquiles falou:

– Íncrito Eneias, acaso você pretende duelar comigo, com a esperança de vir a ser o rei dos teucros, com as honras do velho Príamo? Mesmo que você me tire as armas, não obterá, por isso, o comando de Troia, pois o monarca tem filhos e demonstra perfeito juízo. Já em outra ocasião, parece-me, esta lança o pôs em fuga. Ou não se lembra de que, quando estava sozinho, fiz com que largasse os bois e descesse correndo do Ida, sem

sequer voltar a cabeça para trás? Aconselho que se retire para as fileiras dos seus, enquanto é tempo. Só aos tolos os fatos ensinam.

– Não pense, notável Aquiles, que suas palavras me assustam, como se eu fosse uma criança. Também eu poderia alongar-me em palavras insultuosas e termos de pura jactância. Mas que vantagem temos em prolongar esta contenda de meras palavras, como fracas mulheres assanhadas pela ira, que vêm para a rua e se cobrem de injúrias, misturando fatos verídicos com coisas que nunca aconteceram, pois que a ira as impele a mentir? Vamos! Sem maior demora provemos as duras lanças de bronze, e que Zeus decida a quem cabe a glória e quem deve morrer.

Possêidon salva Eneias

O duelo entre os dois heróis começou. Lutaram com lanças, espadas e até mesmo com pedras. Eneias resistia bravamente e com destreza. Seu adversário era-lhe muito superior. No entanto, o filho de Afrodite não arredava o pé do combate. Possêidon inquietava-se, apesar de não simpatizar com os troianos:

– Se Aquiles o matar, Zeus ficará muito irritado, pois não quer que a raça de Dárdano pereça, uma vez que Eneias está predestinado a reinar sobre todos os troianos que sobreviverem à destruição.(68)

Assim dizendo, lançou uma nuvem nos olhos de Aquiles, pegou Eneias e colocou-o bem longe de seu adversário, atrás de várias fileiras de heróis troianos.

O filho de Tétis compreendeu o que havia acontecido e disse:

– Os deuses amam Eneias. Têm razão os que dizem que é filho de Afrodite.

Depois de ter assim falado, ele incitou os aqueus a atacarem os troianos. O mesmo fez Heitor do outro lado, e o combate de novo inflamou-se. O filho de Príamo queria lutar contra Aquiles, mas Apolo não consentiu.

Aquiles perseguia os troianos e conseguiu separá-los em dois grupos. Fez com que um deles fosse guerrear com os aqueus, na planície, e encurralou o outro no rio Escamandro, o deus-rio que os imortais chamavam de Xanto. Batalha terrível ocorreu, então, nas margens desse rio. Dois filhos de Príamo caíram prostrados

pela lança cruel de Aquiles. Um era Polidoro, e o outro, Licáone, velho conhecido do divino pelida. Com pena dele, Aquiles certa vez lhe poupou a vida, vendendo-o como escravo na ilha de Lemnos. Ele conseguiu escapar da escravidão, para agora encontrar a morte. A ira selvagem do filho de Peleu, desencadeada pela morte do amigo dileto, saciava-se apenas com o sangue dos adversários. Seu coração havia se tornado duro como o ferro e não poupava ninguém que encontrasse em seu caminho. No entanto, capturou doze troianos das mais distintas famílias de Troia e não os matou. Não porque tivesse pena deles, ao contrário. Guardou-os para sacrificá-los sob o túmulo de Pátroclo, no instante de seu sepultamento, em honra do amigo morto.



O combate prosseguia renhido nas margens do Escamandro. Os mirmidões perseguiram os troianos. Aquiles jamais havia matado tantos inimigos em um só combate. As águas do rio ficaram vermelhas de sangue, e seu leito, repleto de cadáveres. O deus-rio, não suportando mais contemplar tanta destruição, fez as águas intumescerem, revolvendo-se furioso, e lançou os redemoinhos de sua terrível correnteza contra os mirmidões e sobretudo contra Aquiles, pretendendo afogá-los. O grande herói

teria perecido vergonhosamente se Hera não avisasse Hefesto, que correu e conteve Xanto, secando-lhe o leito com seu fogo espantoso.

Depois da inesperada ajuda de Hefesto, Aquiles lançou-se com novo ímpeto contra os troianos, que agora corriam para se refugiar atrás das altas muralhas de Ílion. Do alto de seu palácio, Príamo, vendo o grande estrago que fazia o filho de Peleu, ordenou que os portões fossem abertos para que o exército pudesse passar. Exaustos, sedentos e cobertos de poeira, os troianos fugiam pela planície, enquanto Aquiles, feroz e arrojado, desfazia filas inteiras de heróis, sem que ninguém pudesse detê-lo. Seu ímpeto era tão violento que ele teria destruído Troia sozinho, se Apolo não recorresse a um ardil contra ele, inspirando no nobre e valoroso Agenor, o jovem filho do sábio Antenor, a coragem e a confiança de que ele seria capaz de matar Aquiles e salvar Troia, embora o deus soubesse que isso era impossível.

Muito decidido, Agenor parou diante do impetuoso filho de Peleu e arremessou sua lança. Conseguiu acertá-lo na perna, mas esta encontrava-se bem protegido pela tornozeleira de bela feitura, e a lança resvalou para o lado. Aquiles, por sua vez, arremessou sua lança certa, mas Apolo desviou-a no momento preciso e salvou Agenor, envolvendo-o em densa neblina. Em seguida, assumindo a aparência do jovem herói, o deus do arco de prata começou a correr pela planície, atraindo Aquiles para longe das portas de Troia. Quando Febo Apolo reassumiu sua aparência divina, Aquiles, cheio de ira, compreendeu o ardil, mas já era tarde. Os troianos haviam entrado na cidade.

Heitor fica sozinho fora das muralhas

Um herói não quis entrar e permaneceu sozinho diante das Portas Ceias. Era Heitor, cujo destino funesto o prendia ali para aguardar seu terrível inimigo, que estava sedento de vingança. Na alta torre, Príamo e Hécula imploravam-lhe em prantos que entrasse na cidade, mas ele não lhes dava ouvidos. Nesse momento, Aquiles corria em direção à cidade. Como soberbo corcel acostumado a ganhar altos prêmios, que leva para a pista o carro célere em carreira veloz, o pelida alternava os pés na corrida.

Príamo foi o primeiro a avistá-lo, quando cortava a planície, pois sua fúlgida armadura resplandecia como o astro que, pelo irradiante fulgor, destaca-se das outras estrelas brilhantes ao longo da noite divina, na época do outono, denominado Cão de Órion pelos homens da Terra, indício de grandes desgraças para os mortais, pois é causa constante de febres; do mesmo modo, no peito de Aquiles o bronze brilhava. Ao vê-lo, o velho monarca exclamou:

– Se os deuses o odiassem tanto quanto eu, rapidamente o devorariam os cães e os abutres, aliviando-me a dor excruciante que me oprime o peito. De muitos filhos ilustres privou-me esse monstro, ou matando-os, ou mandando vendê-los como escravos em ilhas distantes.

Mas os deuses tinham em mente outra coisa, e Aquiles, terrível e impetuoso, corria como um leão faminto que se lança para estraçalhar sua vítima, enquanto Heitor, que já não podia recuar, dizia para si:

– Se eu me refugiar no interior das muralhas, Polidamante será o primeiro a cobrir-me de desonra, por ter me dado o conselho de levar os troianos para dentro, na noite funesta em que Aquiles voltou para o combate. Não me deixei persuadir, teria sido muito melhor que o tivesse feito! Será preferível, agora, ou retornar para a cidade depois de matar o pelida, ou morrer diante dos muros de maneira gloriosa.

Tais pensamentos agitavam a mente de Heitor enquanto ele aguardava Aquiles, que avançava como o forte Ares. Oscilava-lhe o elmo brilhante; na mão direita segurava a lança terrível; sua armadura de bronze irradiava vivo fulgor, como o do fogo devorador ou o do Sol quando se levanta no Oriente.

A morte de Heitor

Quando o viu de mais perto, um grande tremor apossouse de Heitor, que, apavorado, afastou-se correndo das portas. Saiu-lhe no encalço o pelida, confiante nos pés velocíssimos. Pela estrada partiram, por fora dos muros, deixando para trás o posto do sentinela e a grande figueira; passaram, a seguir, pelos mananciais cristalinos que alimentam as duas nascentes do Xanto, uma quente, a outra fria. Junto às fontes, viam-se os

tanques cavados nas pedras em que outrora as mulheres e as filhas dos teucros lavavam seus vestidos brilhantes, quando ainda reinava a paz, antes da chegada dos aqueus. Ambos depressa os transpuseram, na corrida. Fugia um notável guerreiro; outro mais forte o perseguia. Sempre que Heitor tentava se aproximar das Portas Dardânicas, certo de contar com a ajuda dos disparos que fizessem de cima, o pelida forçava-o a afastar-se, interpondo-se entre ele e a muralha, obrigando-o a correr na direção da planície. Tal como acontece no sonho, quando alguém corre atrás do inimigo sem conseguir alcançá-lo e nem este adiantar-se, nem Heitor podia escapar, nem Aquiles agarrá-lo com as mãos. De que maneira Heitor poderia ter escapado às Moiras, se Apolo não o tivesse ajudado pela última vez, emprestando vigor e agilidade a seus membros?

O divino pelida acenava aos aqueus com a cabeça para que ninguém disparasse uma seta no troiano, pois não queria que outro obtivesse a glória de matá-lo. Mas quando, após três voltas, chegaram de novo às fontes, Zeus pegou uma balança de ouro e pôs, sobre as conchas, as Queres,⁽⁶⁹⁾ que determinariam as mortes fatais: a do divino pelida e a de Heitor domador de cavalos. Quando o filho de Cronos ergueu a balança, segurando-a pelo meio, a Quere de Heitor, mais pesada, baixou para o negro Hades. No mesmo instante, Apolo abandonou o guerreiro troiano.

Atena de olhos glaucos então se aproximou de Aquiles e disse:

– Recobre seu fôlego, Aquiles. Chegou o momento de matarmos Heitor e glória imensa alcançarmos.

Depois de dizer isso, dirigiu-se a Heitor e assumiu os traços de Deífobo, seu irmão. Julgando que o irmão o amparava, o filho de Príamo sentiu-se mais encorajado e decidiu enfrentar Aquiles.

– Não fugirei mais de você, como fiz até agora, pelida. O peito leva-me a enfrentá-lo e privá-lo da vida ou morrer por seu braço. Antes de lutarmos, porém, façamos um juramento solene perante os deuses: se eu o matar, tomarei de você sua armadura, mas devolvarei seu corpo aos aqueus, e você fará o mesmo, se me matar.

Indignado, Aquiles respondeu:

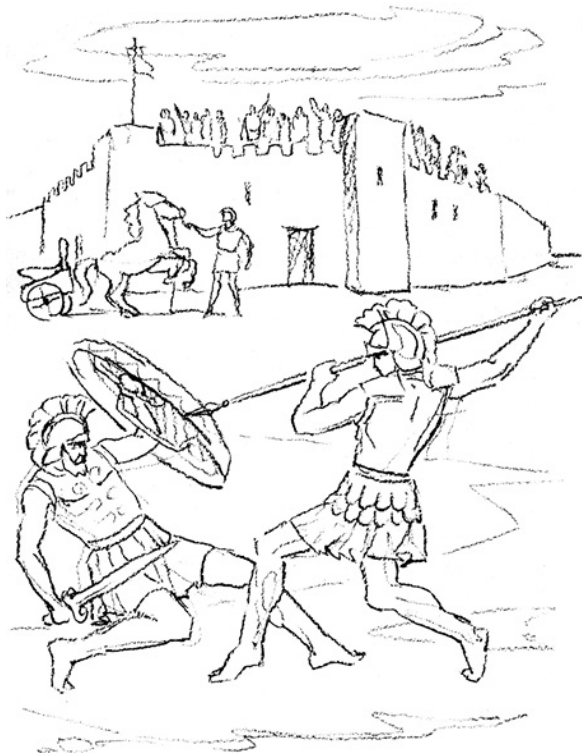
– Não me fale em pactos solenes, Heitor abominável. Da mesma forma que é impossível haver paz e confiança entre homens e

leões, ou carneiros e lobos revelarem sentimentos iguais, pois meditam danos recíprocos, entre nós não pode haver amizade nenhuma, nem pactos, até que um dos dois caia morto e, com seu sangue, sacie o forte Ares. Você deve investir-se de sua bravura habitual, pois nunca teve necessidade tão grande de ser corajoso. Não poderá escapar, Atena está a meu lado. Chegou a hora de pagar por todos os meus companheiros que matou, quando combatia com sua lança homicida.

Assim dizendo, atirou sua lança. O impecável Heitor abaixou-se, escapando do golpe; a lança de bronze passou-lhe por cima da cabeça, indo encravar-se no chão duro. Mas Palas Atena, apanhando-a às escondidas do herói, devolveu-a ao pelida.

Para Aquiles disse o ínclito Heitor:

– Não acertou, divino pelida! E vangloriava-se de que havia algum deus a seu lado. Não deve, contudo, cravar-me a lança nas costas. Se algum deus o permite, atravesse-me o peito, de frente, quando for atacado. Antes, porém, tente escapar de minha lança, que pretendo, até o cabo, enterrar em seu corpo. Ah, se você caísse aniquilado! Assim, a guerra ficaria mais fácil para os troianos, por ser você para todos terrível flagelo.



Tendo dito isso, atirou-lhe a lança comprida, que bateu no meio do escudo de Aquiles, foi repelida e caiu. O troiano ficou

indignado. Ao perceber que não tinha outra lança, aturdido, chamou pelo irmão em altos brados, para pedir-lhe mais uma, mas não o viu em lugar algum. Heitor, então, compreendeu tudo e disse para si:

– Pensei que Deífobo estivesse a meu lado, mas encontra-se na cidade; foi tudo obra de Atena. É bem certo que os deuses me destinam à morte. Que ao menos eu não morra de modo obscuro, inútil; hei de fazer algo digno, que chegue ao futuro, grandioso.

Sacou logo da espada cortante e, concentrando-se, saltou adiante, como águia altaneira que se atira na planície, através das nuvens, para arrebatá-la ou ovelha, e arremeteu, brandindo o gládio afiado. Aquiles também partiu contra ele, transbordando de cólera. Como Vésper, a mais reluzente das estrelas celestes, fulgurava a lança comprida de ponta aguçada na mão de Aquiles, que investigava, no corpo de Heitor, um lugar desprotegido para infligir-lhe o dano mortal. Todos os membros, porém, estavam envolvidos na bela armadura de que Pátroclo fora despojado. Via-se apenas a parte em que a clavícula se separa do ombro e o pescoço, onde o ataque é fatal. O pelida aí lhe enterrou a lança comprida, e a ponta de bronze atravessou o tenro pescoço. A arma, porém, deixou intacta a faringe, para que Heitor ainda pudesse falar ao inimigo.

Tombou na poeira o guerreiro do elmo ondulado; Aquiles, exultante, exclamou:

– Tolo! Quando espoliou Pátroclo da armadura pensou que sempre estaria a salvo, por ver que eu me encontrava longe. Mas ele deixou vingador muito mais poderoso, o mesmo que veio dissolver o vigor dos seus joelhos. Seu corpo será jogado para os cães e abutres, enquanto o de Pátroclo será sepultado com todas as honras devidas.

Já quase sem forças, respondeu-lhe Heitor:

– Por seus pais, suplico que você não permita que meu corpo seja atirado aos cães. Ouro abundante, em resgate, receba de meu pai em troca de meu cadáver, para que, em casa, os troianos e suas esposas possam entregá-lo à pira fúnebre.

Com torvo olhar, respondeu-lhe Aquiles:

– Não me suplique recorrendo a meus pais. Em meu furor, poderia fazê-lo em pedaços e comer-lhe os membros crus, em

vingança do que me fez. É certo que entregarei sua cabeça aos cães devoradores. Ainda que me trouxessem dez vezes o preço combinado, ou vinte vezes, ainda que o velho Príamo ordene que a peso de ouro se compre o cadáver, em sua casa não lhe pranteará a mãe veneranda, como deseja. Você será lançado, como pasto, para cães e abutres.

Antes de morrer, o guerreiro do elmo ondulante ainda disse:

– Por lhe conhecer muito bem, sabia que não poderia persuadi-lo. Você tem um coração de ferro. Que isso não desperte a ira dos deuses contra você, quando chegar o seu fim.

A Morte cobriu Heitor com o manto de trevas. Voltando-se para o cadáver, disse o divino pelida:

– Vá para o Hades, que eu saberei acolher minha morte quando Zeus e os demais deuses o desejarem.

Arrancou a lança de bronze do cadáver e despojou-o da bela armadura. Acorreram, então, numerosos aqueus para admirar a imponência e a beleza de Heitor. Ao passar pelo corpo, nenhum deles deixou de feri-lo. Um exclamou: “Agora está muito mais macio que no dia em que lançou fogo a nossas naus”.

Enquanto acontecia tudo isso, o pensamento de Aquiles voltava-se para o corpo de Pátroclo, que se encontrava ao lado das naus, insepulto e não chorado. Tão forte era a afeição que lhe dedicava o divino pelida que nem mesmo se baixasse ao Hades sombrio poderia esquecer-se do companheiro querido. Disposto a infligir ultrajes ao cadáver de Heitor, furou-lhe os fortes calcanhares, por onde passou uma tira de couro, atando-a ao carro. Em seguida, subiu ao veículo, colocou a armadura magnífica e fustigou os cavalos, que partiram velozes. Ao ser arrastado pelo chão, o cadáver levantou poeira. Os densos cabelos escuros espalharam-se; a cabeça, que um dia foi tão bela, afundou-se, pois Zeus a entregou ao inimigo para que na própria pátria querida fosse ultrajada.

Aquiles pranteia Pátroclo. Os troianos pranteiam Heitor

No alto da torre, a mãe de Heitor atirou o branco véu para longe e começou a arrancar os cabelos, ao ver o filho querido assim ultrajado. O velho pai também soltou gemidos de dor, e todo o povo, pela cidade inteira, entregou-se a lamentos e prantos.

Andrômaca nada sabia da morte de Heitor, pois nenhum mensageiro lhe levou a notícia de que ele havia ficado fora das portas. Num dos quartos do belo palácio, ela tecia um manto purpúreo. Ordenara às criadas que pusessem no fogo uma grande trípole, para aprontar um banho quente para seu esposo quando ele retornasse do campo de luta; ignorava, a infeliz, que ele jazia assassinado. Então ela ouviu gritos e tristes lamentos do lado da torre, e seus joelhos fraquejaram. Como louca, saiu do aposento com o coração tumultuado. Atravessou a multidão e, debruçando-se no alto da torre, viu Heitor ser arrastado diante das muralhas. As trevas da noite cobriram-lhe os olhos, e ela perdeu a consciência. Quando voltou a si, prorrompeu em pranto dilacerante. Lembrou-se de quanto seu triste destino se assemelhava ao de Heitor. Pensou ainda em seu filho, o pequeno Astíanax, que, se escapasse à morte, cresceria em meio ao desprezo, como todos os órfãos.(70)

– E você, Heitor, é agora arrastado para longe de todos nós. Estava escrito que você seria comido pelos vermes depois que os cães se fartassem, junto às naus dos implacáveis aqueus?

Enquanto os troianos pranteavam Heitor, os aqueus chegaram ao acampamento e dispersaram-se para suas respectivas naus, com exceção dos mirmidões, que Aquiles reteve.

– Caros e fiéis companheiros, não desatemos os cavalos dos carros. Armados, como estamos, fiquemos junto ao morto para pranteá-lo, prestando-lhe as honras fúnebres. Quando nos saciarmos do choro, desatrelaremos os cavalos e cuidaremos da ceia.

Aquiles deu início à lamentação, e os mirmidões o imitaram. Por três vezes fizeram passar os cavalos em torno do morto. A própria deusa Tétis, invisível, pôs no peito dos guerreiros vontade irrefutável de derramar um choro tão intenso que molhou suas armas e a areia.

– Ainda que você se encontre no Hades escuro, alegre-se, Pátroclo, pois vou cumprir tudo o que disse que faria. Trouxe arrastado o cadáver de Heitor para atirá-lo aos cães e, na fogueira sagrada, sacrificarei doze troianos das mais renomadas estirpes, por sua morte.(71)

Ultrajando o cadáver de Heitor, Aquiles atirou-o de bruços no

chão duro, junto ao leito fúnebre de Pátroclo. Quando todos se saciaram do choro, fez com que se sentassem perto das naus e ofereceu-lhes um lauto banquete fúnebre.

À noite, cansado por ter perseguido Heitor, Aquiles estendeu-se de bruços na areia e foi finalmente vencido pelo sono. A figura de Pátroclo surgiu-lhe em sonho, acima de sua cabeça, pedindo-lhe que seu sepultamento fosse logo realizado para que sua alma encontrasse a libertação na fogueira sagrada.

– E depois de cremar-me – acrescentou –, coloque meus ossos na mesma urna em que mais tarde serão colocados os seus. Jamais nos separamos desde que seu pai me acolheu em seu palácio bem construído. Que assim seja também na morte.

Comovido, Aquiles estendeu os braços para tocá-lo, mas a imagem esvaneceu-se qual fumaça no ar. Aturdido com as palavras de seu amigo morto, o filho de Peleu levantou-se e, com voz lamentosa, proferiu:

– Agora tenho a certeza de que no Hades realmente se encontram as almas e imagens dos vivos, privadas, no entanto, de alento. A alma do infeliz Pátroclo, muito parecida com ele, toda essa noite, a gemer e a chorar, manteve-se a meu lado, dando instruções precisas de tudo que é preciso fazer.

Quando Aurora de dedos róseos surgiu, veio encontrá-los ainda em lamentos, à volta do morto. Logo, servindo-se dos animais, todos começaram a trazer lenha para a grande fogueira fúnebre. Quando enfim reuniram uma grande quantidade de madeira, construíram uma pira elevada e ampla. Com pranto intenso, sobre ela colocaram o corpo de Pátroclo. Aquiles, então, teve uma ideia: afastando-se da grande pira, cortou seus loiros cabelos, que conservava compridos para ofertar ao rio Esperqueio, e, virando-se para o mar cor de vinho, disse:

– Em vão, divino Esperqueio, meu pai fez o voto ardoroso de que, quando voltasse à terra natal, eu teria de cortar os cabelos em seu louvor e sacrificar cem bois em suas fontes. Essa era a vontade de meu pai; você, porém, não lhe atendeu o pedido. E agora que não mais devo rever Ftia, a pátria querida, ofereço meus cabelos a Pátroclo, para que os leve consigo.

Colocou os cabelos cortados entre as mãos do amigo, fazendo aumentar o choro de todos.

– Ainda que você se encontre no escuro Hades, alegre-se, Pátroclo, pois já cumpri tudo quanto afirmei que faria. Mas de forma alguma entregarei às chamas o cadáver de Heitor; vou jogá-lo aos cães.

Afrodite, filha de Zeus, não permitiu que os cães se aproximassem e ungiu o corpo de Heitor com óleo divino e fragrante, para não se dilacerar quando o pelida o arrastasse novamente.

Os funerais de Pátroclo

A pira de Pátroclo foi acesa com a ajuda de Bóreas e Zéfiro.(72) Incansável, Aquiles andou de um lado para o outro por a toda a noite, vertendo o vinho espumoso no chão duro para a alma de Pátroclo, chorando sem cessar. Quando o belo astro surgiu, anunciando a chegada do dia, as chamas da fogueira abrandaram-se. O ínclito Aquiles, então, afastando-se da pira, deitou-se no solo, e logo o envolveu o doce sono. Rapidamente os chefes se reuniram em torno de Agamêmnon. O rumor que fizeram acordou o pelida, que se levantou e, dirigindo-se aos fortes aqueus, disse:

– Filho de Atreu e vocês, dignos chefes acaios, primeiro apaguemos as brasas da fogueira com vinho brilhante para, em seguida, dela retirarmos os ossos de Pátroclo. É bem fácil distingui-los dos outros, pois depusemos seu corpo no meio da pira. Coloquemos seus ossos numa urna de ouro, até chegar o tempo em que eu também deva ir para o Hades. Não quero, porém, que seja construído um túmulo muito elevado; depois de minha morte poderão ampliá-lo os aqueus.

Quando tudo terminou, Aquiles não permitiu que fossem embora. Quis honrar a memória de Pátroclo instituindo jogos fúnebres.(73) Depois de pedir que abrissem espaço para que eles fossem realizados, mandou vir de suas naus numerosos presentes. Eram trípodes, caldeirões, gado, belas escravas e ferro cinzento. Todos os que competissem ganhariam algum prêmio, e aos vencedores estavam reservados os mais valiosos. Os mais renomados heróis do exército aqueu distinguiram-se nos certames: corrida de carros, pugilato, luta livre, corrida, lançamento de disco, arco-e-flecha e arremesso de dardo.

Com esses jogos, encerraram-se as cerimônias fúnebres, e o pesado luto chegou ao fim. Mas não para todos, pois Aquiles não conseguia esquecer e lamentava sem cessar o vigor e a juventude do amigo dileto, lembrando-se dos duros trabalhos que juntos haviam sofrido nas guerras sangrentas dos homens. Essas visões levavam-no a verter pranto doloroso, sem encontrar posição confortável, deitando-se com a face ora voltada para o solo, ora voltada para cima. Por fim, levantando-se, andou ao longo da praia. Logo que viu a aurora raiar, atrelou ao carro os corcéis de origem divina e amarrou atrás o cadáver desnudo de Heitor. Depois de arrastar o corpo por três vezes à volta do túmulo de Pátroclo, recolheu-se à tenda, deixando-o na branca areia, de bruços. Febo Apolo, ainda com pena do herói morto, impediu que o cadáver se estragasse, cobrindo-o com a égide de ouro para que ele não se ferisse quando fosse arrastado.

Príamo suplica a Aquiles

Por doze dias, Aquiles assim maltratou o cadáver de Heitor, até que Zeus chamou Tétis e disse-lhe para pedir ao filho que aceitasse o resgate e entregasse o corpo ao velho Príamo, se não quisesse incorrer na cólera do pai dos deuses e dos homens. Em seguida, enviou Íris, a deusa dos pés alados, a Príamo, para dizer-lhe que fosse sem medo à tenda de Aquiles resgatar o cadáver de seu filho, oferecendo-lhe, em troca, ricos presentes.

Com o coração pesaroso, Aquiles acatou o pedido de Zeus. Com grande alívio, porém, Príamo ouviu a mensagem da deusa, pois, sozinho, já havia decidido lançar-se como suplicante aos pés do filho de Peleu. Ordenou aos filhos que aprontassem um carro de mulas e que amarrassem sobre ele uma cesta bem grande. Em seguida, comunicou a Hécuba sua decisão.

– Por certo você perdeu o juízo. Se cair nas mãos desse monstro que causou o extermínio de tantos filhos valentes, pérfido e cruel como ele é, não terá compaixão de sua sina nem se mostrará reverente.

Príamo não ouviu os rogos de sua mulher. Destampou as arcas valiosas, de onde escolheu doze peplos esplêndidos e mantos simples na mesma quantidade, doze belos tapetes, uma dúzia de alvos lençóis e outras tantas túnicas magníficas. Mandou, depois,

que trouxessem dez talentos de ouro maciço,(74) um par de trípodes novas, mais quatro brilhantes caldeirões e uma belíssima taça que os trácios lhe deram, presente valioso. Nem isso o velho poupou, que o impelia a ansiedade inefável de resgatar o cadáver de Heitor. Com termos violentos, expulsou os troianos que se encontravam em grupos nos pórticos e impediam-no de passar.

– Saíam de minha frente, homens sem pejo! Vocês não têm em casa lamentações suficientes, para virem aumentar-me a dor desse modo? Ou pensam que não basta o que Zeus me outorgou de amarguras, com a perda de meu filho? Vocês também a sentirão, pois os aqueus, agora que Heitor está morto, bem mais facilmente privarão os troianos da doce existência. Quanto a mim, só desejo baixar para o Hades sem que aos olhos me surja o triste espetáculo do incêndio e do saque de Troia!

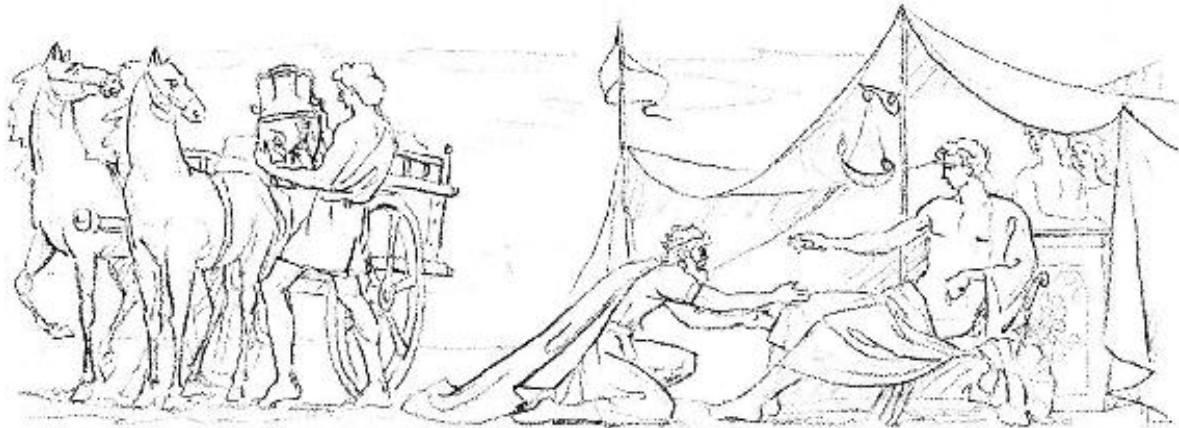
Abriu caminho com o cetro, depois de falar, e os troianos fugiram da fúria do ancião, que prosseguiu a gritar pelos nove filhos que ainda lhe restavam:

– Vamos, preguiçosos, vergonha dos pais! Quem me dera que todos vocês, em vez de Heitor, tivessem morrido diante das naus dos aqueus! Ficaram-me apenas os fracos, os mentirosos e os peritos em danças, que servem apenas para surrupiar o povo, arrebatando-lhe ovelhas e cabras. Vamos, mexam-se! Aprontem-me o carro depressa, carregando-o com esses objetos, para que eu possa resgatar Heitor!

Atordoados com os gritos de Príamo, os filhos apressaram-se em fazer o que ele ordenara. Em seguida, Príamo chamou Ideu, seu fiel arauto, que também era um ancião. Disse-lhe para conduzir o carro com as mulas, onde haviam colocado os tesouros. O outro carro ele mesmo conduziria.

Desceram à cidade. O povo, chorando, acompanhou-os até as Portas Ceias. As trevas da noite já haviam baixado quando chegaram ao túmulo de Ilos, onde fizeram uma parada para que os animais bebessem da água de um rio.

Súbito, viram aproximar-se um jovem, ainda imberbe. Assemelhava-se a um príncipe, mas na verdade era Hermes, que fora enviado por Zeus.



A princípio, Príamo ficou preocupado, mas o jovem tranquilizou-o.

– Para onde você vai, ancião, em meio à noite, carregando tantos objetos preciosos? Não teme os aqueus? Diga-me aonde vai e deixe-me conduzi-lo. Você se assemelha muito a meu pai. Não tenha medo de mim, mesmo que eu seja um mirmidão, companheiro do homem que matou seu filho.

– Se você é companheiro de Aquiles, diga-me, por favor, se ainda existe o cadáver de Heitor ou se os cães o devoraram.

– Nem os cães o devoraram, nem as aves de rapina. Jaz intacto próximo à nau de Aquiles. E por mais que este o tenha arrastado, implacável, não pôde privá-lo de sua beleza. Já se passaram doze noites e o corpo permanece com todo o frescor da juventude. Está limpo de todo sangue e suas feridas cicatrizaram, mesmo aquelas que vários guerreiros lhe infligiram depois de morto, tanto os deuses ditosos amam seu filho, ancião!

Cheio de júbilo, Príamo escolheu uma linda taça para presentear o jovem, dizendo-lhe:

– Ajude-me apenas a chegar à tenda do filho de Peleu.

– Não posso aceitar o presente, pois isso incorreria na cólera de Aquiles. Mas de bom grado o conduzirei, até mesmo se você quiser ir à famosa Argos.

Hermes conduziu Príamo à tenda de Aquiles sem que ninguém percebesse. Assim que alcançaram o fosso e o muro, o deus abriu o portão, removendo os pesados ferrolhos, e levou para o interior Príamo e o carro com os esplêndidos presentes. Logo alcançaram a tenda que os fortes mirmidões construíram para Aquiles. Uma só tranca fechava a grande porta, e era preciso que três homens reunissem suas forças para retirar, com esforço, o

tronco enorme – homens comuns, pois para isso Aquiles sozinho bastava. Hermes também a abriu com facilidade – era um deus – e entrou com o carro sem o menor ruído.

– Chegamos, ancião, e agora devo partir. Fique sabendo que um dos deuses lhe fez companhia: sou Hermes; meu pai enviou-me para auxiliá-lo. Entre sozinho e, abraçando-lhe os joelhos, implore em nome do venerável pai, da mãe de belos cabelos e de Neoptólemo, o filho, para que consiga comovê-lo.

Príamo saltou depressa do carro; o venerável Ideu ficou guardando as mulas e os cavalos. O velho monarca entrou direto na tenda, onde se encontravam, além de Aquiles, Automedonte e Álcimo. Sem ser visto pelos dois, Príamo entrou e, aproximando-se de Aquiles, abraçou-lhe os joelhos e beijou as terríveis mãos homicidas, que haviam privado da existência tantos filhos seus.

– Lembre-se, glorioso Aquiles, de seu pai venerável, que deve estar velho como eu. É provável que esteja sendo perturbado por fortes vizinhos, cheio de angústia, sem ter alguém que o defenda; mas, só de ouvir que você está vivo, júbilo inefável lhe invade o coração, na esperança de rever o filho ilustre, retornando de Troia. Muito mais triste é minha sina. Cinquenta filhos eu possuía, e os mais valorosos você e os outros aqueus mataram. E Heitor, que era o único protetor de nossa cidade, foi morto há poucos dias, quando ele defendia sua pátria. Por isso vim às naus dos aqueus trazer resgate riquíssimo. Seja reverente aos deuses, Aquiles, e tenha piedade de mim. Pense em seu pai, também velho; sou bem mais infeliz do que ele, pois faço o que sobre a terra nenhum mortal jamais fez: beijo as mãos do homem que matou tantos valorosos filhos meus!

As palavras de Príamo despertaram no pelida grande emoção. Pegou as mãos do venerável soberano e afastou-o de si com brandura. Ambos choravam: o ancião lembrando-se do glorioso Heitor, e o pelida, do amigo dileto. Logo que Aquiles se saciou do pranto dorido, tomou pela mão o velho monarca, compadecido de suas barbas e seus cabelos brancos, e disse-lhe aladas palavras:

– Quanto infortúnio, ancião, você suportou em seu peito sofrido. Como pôde vir aos navios aqueus, diante de quem foi a causa da morte de tantos filhos valentes? De ferro deve ser seu coração. Mas venha, assente-se no trono. Nada ganha o homem em

deixar-se invadir pelo amargo pranto. Também infeliz é meu pai, embora tenha sido amado pelos deuses. Apesar de mortal, concederam-lhe como esposa uma deusa. Não lhe deram apenas alegrias, mas também amarguras, pois negaram-lhe filhos que pudessem herdar-lhe o governo no belo palácio. Gerou somente a mim, destinado a perecer muito cedo. Não posso cuidar de meu pai enquanto me encontro longe da pátria, aqui em Troia, causando a você e a seus filhos males incontáveis. Também você, ancião, pelo que me disseram, já foi feliz, governando extensos domínios, com seus filhos e bens infin-dáveis. Mas os deuses enviaram-lhe infortúnio, e desde então apenas guerra e homicídios circundam os muros de sua cidade. Ânimo! Nada conseguirá com pranto interminável. Venha, sente-se!

– Não peça que eu me sente sabendo que meu filho jaz sem cuidados. Deixe-me vê-lo sem demora. Receba o valioso resgate e o voto de que você possa retornar a sua pátria, já que foi piedoso comigo, poupando-me a vida.

Com torvo olhar, respondeu-lhe o pelida:

– Não me pressione, ancião, que por vontade própria já estava determinado a lhe atender. Essa é a vontade de Zeus. Tétis, minha mãe, revelou-a a mim. Também não me passou despercebido que um dos deuses o trouxe até aqui, pois nenhum mortal poderia esconder-se dos guardas ou remover sozinho os ferrolhos da porta.

Aquiles saiu com Automedonte e Alcimo, para tirar do jugo os cavalos e as mulas. Conduziram o velho arauto de Príamo para dentro da tenda e do carro retiraram todo o resgate pelo corpo de Heitor. Deixaram apenas dois mantos e uma túnica belíssima para envolver o cadáver, que, por ordem do pelida, deveria ser imedia-tamente lavado por escravas longe da vista de Príamo, para evitar que este se descontrolasse ante a visão do filho querido. Aquiles temia que, se isso ocorresse, sua cólera o levasse a matar o ancião, frustrando o desígnio de Zeus.

Logo que as escravas lavaram o corpo e, em volta dos membros, colocaram a bela túnica e um lençol, o próprio Aquiles colocou-o no leito e, junto com os companheiros, acomodou-o no carro.

Chorou o filho de Peleu, invocando o nome do amigo:

– Pátroclo, não se aborreça comigo por restituir o cadáver de Heitor ao caro pai, pois este deu-me resgate incalculável, do qual certamente você terá sua parte.

Em seguida, voltou à tenda e disse a Príamo:

– Seu filho já está resgatado: jaz sobre o ataúde. Assim que raiar a aurora, poderá vê-lo e retirá-lo daqui. Por ora, pensemos na ceia.

Depois de cearem, Aquiles perguntou a Príamo:

– E agora, ancião, quantos dias pretende gastar para o funeral de Heitor? Esperarei tantos quantos forem necessários, retendo também o exército.

– Já que você me permite realizar o enterro de Heitor, ouça o que mais grato me seria: por nove dias, chorar o morto em nosso palácio; no décimo, sepultá-lo e fazer o banquete fúnebre; no décimo primeiro dia, erguer-lhe o túmulo. No duodécimo, o combate reencetaremos, se necessário for.

– Tudo será feito, ancião, conforme o seu desejo; suspenderei a guerra pelos dias que estipulou.

Pegando-o pela mão, conduziu-o para dormir com seu arauto Ideu na parte de fora, no pórtico. Cansados como estavam, foram rapidamente vencidos pelo sono. Depois que todos dormiram, o deus Hermes voltou e postou-se à cabeceira de Príamo, dizendo-lhe aladas palavras:

– Você dorme, ancião, em meio aos inimigos e não tem receio algum? Levante-se e fujamos depressa, antes que os outros aqueus fiquem sabendo que você está aqui.

Fugiram, às ocultas, no decurso da noite divina. O deus Hermes conduziu-os para fora do acampamento até as águas do rio Escamandro, de onde Príamo e Ideu seguiram sozinhos, carregando os preciosos despojos mortais. Chegaram às Portas Ceias no momento em que Aurora estendia seu manto dourado sobre a sofrida cidade.

Com grande aflição, Troia inteira recebeu o cadáver de Heitor. Seu velho pai, a venerável mãe e a amada esposa lavaram, com suas lágrimas, a face divina, encontrando o alívio almejado. Por nove dias os troianos reuniram madeira para a pira funérea de Heitor. Depois de o cremarem, colocaram seus ossos numa urna de ouro. No dia seguinte, enterraram-na fora das muralhas e

sobre ela ergueram um túmulo elevado. O grande herói foi sepultado com todas as honras devidas.

Assim Homero termina sua *Ilíada*.

[43](#) Segundo Homero, os etíopes viviam muito longe, às margens do rio Oceano, geralmente num local identificado além do Egito, na direção do sudeste. Eram um povo muito piedoso e por isso eram distinguidos pelos deuses, que os visitavam pessoalmente.

[44](#) Nos sacrifícios gregos, o altar e os devotos eram purificados com água sagrada. O animal sacrificado era adornado com guirlandas; sobre ele se espalhavam grãos de cevada e, a sua volta, queimavam-se alguns de seus pelos. Depois, atordoava-se o animal, dando-lhe uma forte pancada na cabeça, e cortava-se-lhe o pescoço. O sangue era recolhido numa vasilha e depois derramado sobre o altar ou sobre os devotos, se o sacrifício fosse expiatório.

[45](#) Os guerreiros homéricos distinguem-se por seu elevado código de ética; por isso também os inimigos são tratados com distinção.

[46](#) Iníquo pelo fato de Páris ter desrespeitado as sagradas leis da hospitalidade, quando foi acolhido por Menelau em seu palácio.

[47](#) Menelau tem suas razões: como vimos anteriormente, Odisseu e Diomedes foram até o palácio de Príamo propor um acordo para o término da guerra e quase foram mortos pelos filhos de Príamo, que desrespeitavam, assim, as leis que tornavam os mensageiros invioláveis. Foram salvos, na ocasião, por Antenor e seus filhos.

[48](#) Segundo Homero, ambos já haviam morrido antes da Guerra de Troia. Isso prova que ele desconhecia o mito de que Polideuces, por ser filho de Zeus, era imortal.

[49](#) Os guerreiros homéricos despojavam suas vítimas das armaduras, que constituíam um precioso espólio de guerra. As mais valiosas eram as que pertenciam aos guerreiros mais ilustres.

[50](#) Os deuses do Olimpo não tinham sangue como os mortais. Corria em suas veias o ikhór, "linfa", uma espécie de líquido claro.

[51](#) A palavra demônio provém do grego daimónion e não tinha a conotação de espírito mau ou caráter diabólico que lhe foi atribuída pelo cristianismo. Seu sentido original era apenas o de ser sobrenatural intermediário entre a divindade e o homem e, por extensão, divindade, poderio divino.

[52](#) Os aedos eram poetas-cantores que compunham seus poemas baseando-se no rico repertório de lendas de seu povo e cantavam seus versos com o acompanhamento de um instrumento musical (lira ou cítara). Eram eles que perpetuavam a fama dos guerreiros.

[53](#) Grevado significa calçado de grevas. As grevas faziam parte da armadura do guerreiro e cobriam a parte inferior da perna, até o joelho.

[54](#) O autor reproduz aqui uma característica notável da *Ilíada*, num dos poucos momentos em que Homero fala diretamente com os heróis. Veja a nota 59.

[55](#) Asclépio era filho de Apolo e Corônís. Como Apolo matou Corônís, por esta ter-lhe sido infiel, Asclépio foi confiado ao centauro Quíron, com quem aprendeu a arte da medicina. Homero apresenta Asclépio como pai de Macáone e Podalírio, os médicos do

exército grego em Troia. Asclépio chegou a ser venerado como o deus da cura. Sua insígnia era a serpente, símbolo do rejuvenescimento. O centro mais famoso de seu culto localizava-se em Epidauro, no Peloponeso.

[56](#) Veja a nota 37.

[57](#) Não se trata da mãe de Aquiles, mas de outra divindade, esposa de Oceano.

[58](#) A égide era uma espécie de couraça-escudo feita por Zeus com a pele da cabra Aíx (em grego, aigós; de onde o nome égide) ou, segundo outra versão, Amalteia. Era franjada de serpentes. O deus utilizou-a na luta contra os Titãs, cedendo-a, posteriormente, a Palas Atena, sua filha predileta. Essa passagem da Ilíada é, talvez, o único registro em que Apolo se serve da égide, que jamais foi considerada seu atributo.

[59](#) Nessa passagem, mais uma vez Homero fala diretamente com o herói. O outro momento em que usou esse recurso foi, como vimos, quando se dirigiu a Menelau, o que levou vários estudiosos a pensar que o poeta talvez sentisse por eles uma afeição especial. Mas é evidente que Homero também admirava outros heróis, como Heitor, e nem por isso vale-se do mesmo recurso. Outra hipótese seria considerá-la ocorrência uma questão de estilo.

[60](#) Apolo. De acordo com o mito, Leto teria dado à luz a Apolo e Ártemis na ilha de Delos.

[61](#) Por essa passagem podemos ter uma ideia da sede de glória que caracterizava o guerreiro homérico. Pátroclo era um herói notável, e aqueles que matassem ou morressem na luta pela posse de seu corpo, realizando grandes proezas, teriam, certamente, seus nomes para sempre ligados a esse acontecimento.

[62](#) Lacerar todo o corpo e arrancar os cabelos fazia parte do costume funerário dos gregos, em sinal de dor pela morte de um ente querido.

[63](#) Despertar o deus Ares significa encetar o combate.

[64](#) O autor mescla duas tradições diferentes, ambas referentes à origem da enfermidade de Hefesto. Segundo a primeira, Zeus atirou Hefesto do Olimpo por ele ter tomado o partido de sua mãe, Hera, quando ambos discutiam. Hefesto caiu durante um dia inteiro e, ao anoitecer, atingiu a Terra, na ilha de Lemnos, onde tombou, já mal respirando. Aí foi recolhido pelos sítios, mas ficou coxo para sempre. Em outra lenda, igualmente referida pela Ilíada, Hefesto era coxo de nascença e sua mãe, com nojo de sua enfermidade, jogou-o do alto do Olimpo. Hefesto caiu no Oceano e foi recolhido por Tétis e Eurínome, que lhe salvaram a vida e criaram-no durante nove anos numa gruta no fundo do mar.

[65](#) A ambrosia, preparada à base de mel, era o alimento habitual dos deuses, os quais tornava invulneráveis. O néctar era a bebida dos deuses; tinha a propriedade de avivar os sentidos e propiciar a imortalidade. Ambos podiam conferir a juventude eterna ao mortal que deles se nutrisse.

[66](#) Ares é o deus da guerra, o mestre dos combates. Os guerreiros mais destemidos são considerados seus discípulos.

[67](#) As Erínias nasceram da Terra fecundada pelo sangue de Urano, quando o deus foi mutilado por Cronos. Eram forças misteriosas que não reconheciam a autoridade dos deuses olímpicos. São análogas às Moiras, que só obedecem a suas próprias leis, às quais até Zeus tem de se submeter. De início, seu número é indeterminado; depois, vai-se tornando preciso, tal como seus nomes: são geralmente três – Alecto, Tisífone e

Megera. São representadas como gênios alados, com os cabelos entremeados de serpentes e com tochas ou chicotes nas mãos. Protetoras da ordem social, castigam todos os crimes que a perturbam, punindo também o excesso, a *hybris*, que tende a levar o homem a esquecer-se de sua condição de mortal. Expressam a ideia fundamental do espírito grego, segundo a qual a ordem deve ser preservada contra as forças desintegradoras. Assim, uma de suas mais importantes funções era punir o homicídio, voluntário ou não. Castigavam especialmente os crimes contra a família, perseguindo suas vítimas e torturando-as de todas as maneiras, até enlouquecê-las.

[68](#) Possêidon relembra a profecia de Afrodite, de que Eneias um dia reinará em Troia e seus filhos e os descendentes destes conservarão a supremacia que ele irá conquistar. Assim, desde os Poemas Homéricos, Eneias surge como um herói protegido pelos deuses, aos quais obedece respeitosamente, estando-lhe reservado um destino grandioso: nele repousa o futuro da raça troiana. Todos esses elementos serão retomados por Virgílio na Eneida e interpretados no âmbito da lenda romana.

[69](#) Designação de três entidades femininas, filhas da noite. Eram seres negros, alados, com dentes e garras afiados. Nas batalhas, dilaceravam os cadáveres e sugavam seu sangue. Eram também concebidas como o Destino dos seres humanos, personificando, além do gênero de morte, o tipo de vida que caberia a cada um. Aquiles pôde escolher entre uma Quere que lhe daria vida longa e feliz e outra que lhe daria fama imortal, mas o levaria à morte prematura.

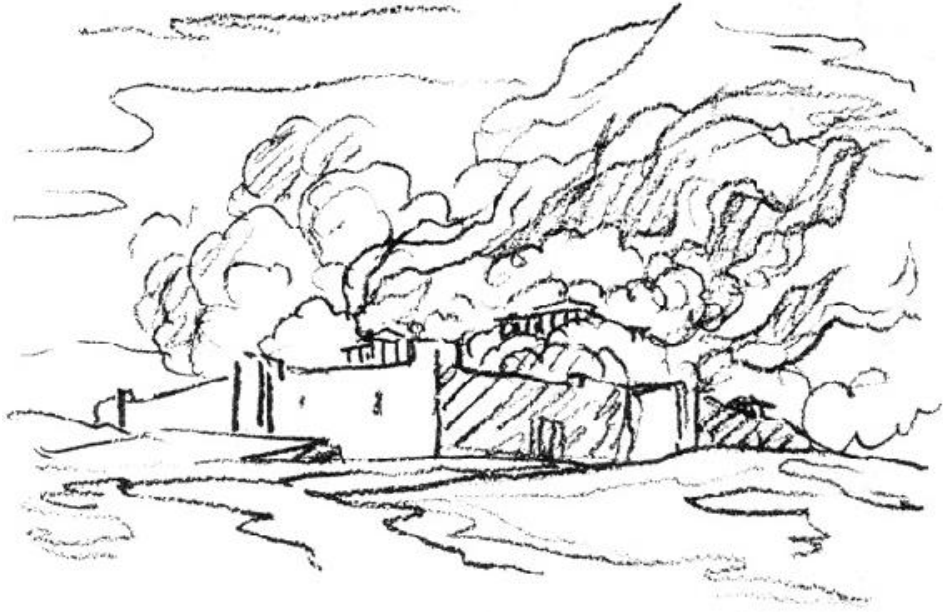
[70](#) A se crer no testemunho do próprio Homero, a situação do órfão de pai, além de ser vexatória, devido ao preconceito dos meninos que tinham pai, expunha a criança ao risco de ter os bens defraudados e as divisas de suas propriedades alteradas, pois só contava com a ajuda da mãe, que pouco poderia fazer.

[71](#) Na *Ilíada* de Homero, esse gesto parece único, motivado por um desejo de vingança sem precedentes. No entanto, a Arqueologia atesta que se trata de um velho ritual de sepultamento.

[72](#) Bóreas é o deus do Vento Norte, filho de Eos (a Aurora) e de Astreu. É irmão de Euro, Zéfiro e Noto. Pertence, portanto, à raça dos Titãs, seres que personificavam as forças elementares da natureza. Habita na Trácia, que é, para a Hélade, a região fria por excelência. Zéfiro é o Vento do Oeste, impetuoso e funesto, que provoca tempestades e borrascas.

[73](#) Os jogos fúnebres estavam, na origem, vinculados às práticas heroicas conhecidas na Hélade desde o período proto-geométrico (1050 a 900 a.C.). São cerimônias marcadas por funerais esplêndidos, que se distinguem pela suntuosidade e pela participação dos principais heróis, por rituais de lamentação do morto, sacrifícios animais e humanos, jogos e distribuição de prêmios magníficos. Esses jogos não visam apenas a homenagear o morto ou constituir um espetáculo para os vivos: trata-se de um rito para revigorar o herói e, por meio dele, todo o grupo social ao qual pertence. Com a celebração dos jogos fúnebres, o herói é colocado na fronteira entre a morte e a imortalidade, entre o espaço humano e o divino.

[74](#) Deve-se considerar o talento de ouro menos como uma soma pecuniária do que como uma quantidade determinada pelo peso. É geralmente estimado como equivalente a sessenta minas ou seis mil dracmas.



OS ÚLTIMOS DIAS DE TROIA

As Amazonas

Depois da morte de Heitor, os troianos novamente se refugiaram na cidade. Não ousaram sair do interior das muralhas, até que lhes surgiu o inesperado auxílio das belicosas amazonas.

A jovem rainha destas, Pentesileia, não tivera ainda a experiência de uma guerra autêntica, o que não convinha a uma rainha das amazonas. Por isso, resolveu ir a Troia e lutar ao lado dos troianos.

Lideradas por ela, as amazonas precipitaram-se sobre a multidão dos dânaos e mataram numerosos heróis. Enquanto os aqueus, acossados pelo ímpeto das audaciosas guerreiras, recuavam, afastando-se das muralhas, Aquiles e Ájax permaneciam alheios ao combate, pois ainda não haviam sido informados da chegada delas. A dor pela perda de Pátroclo ainda retinha o filho de Peleu recluso em sua tenda, e o grande Ájax, que era seu primo, [\(75\)](#) viera confortá-lo naquele duro momento.

Quando as amazonas, em perseguição aos aqueus, levaram o alarido da guerra para perto da tenda de Aquiles, os dois heróis não compreenderam o que estava acontecendo, até que as viram acossando guerreiros do exército argivo em direção aos navios. Imediatamente ambos envergaram suas armas e lançaram-se sobre as lendárias amazonas. Vendo-os ingressar no combate, os aqueus sentiram-se mais encorajados, e teve início o embate terrível. Surpreendida pela inesperada reação dos dânaos, Pentesileia divisou o guerreiro que causava o maior dano em seu exército e investiu contra ele. Sabia quem era – a fama de Aquiles havia se difundido pelos quatro cantos do mundo – no entanto não se amedrontou. Ao contrário, ansiava por uma oportunidade de enfrentá-lo em duelo. Por três vezes consecutivas arremessou contra seu adversário a lança de sombra comprida, mas em todas elas seu arremesso atingiu apenas o escudo de Aquiles. Fez também uma quarta tentativa, mas, antes que o pudesse atingir, a terrível lança de Aquiles atravessou-lhe o peito, e esse foi seu fim. A rainha das amazonas tombou ao solo já morta. Assombrado por seu ímpeto belicoso e por sua coragem, e ainda duvidando que uma mulher pudesse ter lutado contra ele com tal bravura, o magnânimo herói retirou-lhe o

elmo da cabeça; fascinado com sua beleza, entristeceu-se amargamente por tê-la matado.(76) Cheio de admiração, ajoelhou-se e beijou seus lábios sem vida. Não a despojou da armadura, como era o costume de guerra, nem tomou-lhe as armas, e ainda ordenou que os corpos das amazonas que haviam morrido a seu redor não fossem tocados: todos seriam restituídos, com suas respectivas armas, às outras amazonas, para que os sepultassem com as honras devidas.

Aquiles e Memnón

Depois da morte de Pentésileia, as portas das muralhas de Troia fecharam-se novamente. Contudo, não por muito tempo, pois veio um novo e valente aliado dos troianos, com um exército poderoso. Era Mémnon, o etíope, filho de Titono e da Aurora de róseos dedos, Eos, como os gregos antigos a chamavam. O pai de Mémnon era irmão de Príamo e, quando soube que Troia estava em perigo, enviou seu filho para ajudar os troianos.

Negro como ébano, Mémnon tinha uma estatura colossal e era um guerreiro terrível. Muitos afirmavam que ele se igualava a Aquiles em força física. Além disso, também era filho de uma deusa e vestia, como Aquiles, uma armadura confeccionada por Hefesto, o divino ferreiro.

O filho de Aurora causou dano imenso aos aqueus. Muitos heróis morderam o chão duro de Troia, abatidos por seu ímpeto invencível. A deusa Tétis já havia advertido Aquiles que não saísse para combatê-lo, pois, se o matasse, seria o próximo a morrer. Aquiles acatou o aviso da mãe veneranda até saber que Mémnon matara Antíloco, seu amigo mais fiel desde a perda de Pátroclo. O desafortunado filho de Nestor tivera, porém, uma bela morte:(77) percebendo que seu velho pai seria atingido pela terrível lança de Mémnon, atirou-se à frente dele para protegê-lo, e seu peito foi trespassado pelo metal pavoroso. A perda de Antíloco e o modo como ele pereceu causaram tanta comoção e revolta em Aquiles, que este desdenhou o conselho de sua mãe e lançou-se ao combate, sem que ninguém pudesse detê-lo. Deparou com Mémnon a lutar com o grande Ajax, que tentava soffrear-lhe o ímpeto terrível.

– Afaste-se um pouco, Ajax. Há muitos outros guerreiros para

você matar. Deixe esse para mim.

Começou, então, o duelo entre Aquiles e Mémnon. Ambos eram guerreiros extraordinários. Pela primeira vez, Aquiles defrontava-se com um adversário à altura. Por muito tempo lutaram sem que nenhum deles obtivesse a vitória. Ambos se feriram: Mémnon atingiu a mão de Aquiles, e este, o ombro de Mémnon; continuaram, porém, a lutar como se nada houvesse acontecido, tamanha era a fúria de que estavam investidos. Aflitas, as duas mães, Tétis e Eos, imploravam a Zeus que concedesse a vitória a seu respectivo filho.

– Não posso ir contra os ditames do destino – disse Zeus. Chamou Hermes, que pesou as duas Queres; a de Mémnon, por ser a mais pesada, baixou ao Hades. Sua mãe lançou um grito dilacerante e correu ao campo de batalha; contudo era tarde. Com um golpe terrível, Aquiles já havia abatido o forte Mémnon, que se encontrava morto, no chão. Eos conseguiu apenas retirar o corpo de seu filho, para que Aquiles não o despojasse das armas.

A morte de Aquiles

Depois da morte de Mémnon, chegou a vez de Aquiles morrer. Após sua última vitória, ele perseguia os troianos sem cessar e expulsava-os para trás das Portas Ceias. E seu ímpeto era tão incontrolável que ele teria tomado Troia sozinho se Apolo não tivesse se colocado diante dele. Aquiles ficou furioso com o deus e chegou a assustá-lo, ameaçando atirar-lhe a lança terrível. Mas, então, mais furioso ainda ficou o deus, que prorrompeu com voz irada:

– Para trás, filho de Peleu! Seu destino, infeliz, está escrito desde que nasceu. Você jamais entrará em Troia.

Tendo dito isso, correu em direção a Páris e disse-lhe para lançar, de longe, uma seta contra Aquiles. Páris esticou seu arco, fez pontaria e desferiu o tiro, que, guiado pelo próprio Apolo, encravou-se no calcanhar direito do herói, o único ponto de seu corpo que não era invulnerável.

Aquiles caiu de joelhos. Sabia muito bem o que significava aquele dardo em seu calcanhar. O grande herói, porém, não se entregou facilmente à Morte. Súbito, levantou-se e, correndo,

lançou-se sobre os troianos, semeando o pânico entre eles. Enquanto tentavam fugir assustados, Aquiles massacrava-os implacavelmente. E quando a Morte o envolveu em seu manto de trevas e as forças o abandonaram, ele apoiou-se num dos joelhos e proferiu com voz terrível:

– Que os deuses tenham piedade de vocês, troianos, pois mesmo morto me vingarei. Não terão mais escapatória!

Foram essas suas últimas palavras. O forte herói caiu ao chão, fazendo ressoar a pesada armadura. A terra estremeceu, e o céu ficou escuro. Morreria o maior de todos os heróis, o filho de Peleu e Tétis!



Combate acirrado instaurou-se, então, em torno do cadáver de Aquiles. Os troianos, liderados por Eneias, lutavam para arrebatá-lo. O grande Ajax e Odisseu defendiam-no com fúria ingente. Glauco, que após a morte de Sárpedon assumira a liderança dos lícios, conseguiu passar uma correia em torno do morto e tentava puxá-lo. Feito audacioso, pelo qual pagou com a própria vida, pois logo foi trespassado pela lança impiedosa de Ajax. O combate, no entanto, prosseguia encarniçado. Mortos incontáveis já haviam caído dos dois lados, e nem os troianos conseguiam puxar o morto, nem os aqueus conseguiam repeli-los para pegá-lo. Essa batalha durou o dia inteiro. Até que Zeus, que via tudo do

alto e se compadecia de Aquiles, resolveu agitar a terrível égide. Por um instante a batalha cessou; era exatamente o instante pelo qual Ajax e Odisseu tanto esperavam para pegar o corpo. Ajax levantou-o sobre os ombros possantes e Odisseu despistou sua fuga. Os troianos perseguiam-nos como loucos. Contudo, graças ao heroísmo e à abnegação de Odisseu e à resistência inabalável de Ajax, os dois heróis conseguiram levar o cadáver de Aquiles ao acampamento dos aqueus e de lá para os navios.

O lamento pela morte de Aquiles

Depuseram o grande herói num ataúde e deram início ao ritual de lamentação. Toda a multidão de dânaos, com seus comandantes à frente, chorava pelo companheiro perdido. A deusa Tétis e todas as suas irmãs – cinquenta eram as filhas de Nereu – saíram do fundo do mar e vieram unir suas vozes num canto de lamento. As nove Musas desceram do Olimpo para entoar um hino fúnebre sobre o cadáver, e os próprios deuses choraram a morte do maior herói dos aqueus.

Por dezessete dias ininterruptos, os aqueus prantearam Aquiles. No décimo oitavo, cremaram-no sobre uma enorme pira, junto com numerosos animais sacrificados em honra do morto. Em seguida, colocaram seus ossos na mesma urna de ouro em que haviam posto os ossos de Pátroclo e enterraram-na no mesmo túmulo, que agora se tornava o maior e o mais alto, podendo ser visto a grande distância, para lembrar a todos que passavam pelo Helesponto a glória dos heróis que ali jaziam.

Depois do sepultamento, foram instituídos jogos fúnebres em memória de Aquiles. A deusa Tétis trouxe, do fundo do mar, prêmios admiráveis e distribuiu-os aos vencedores de cada modalidade para que sempre se lembrassem da bravura de seu filho incomparável.

Além da dura perda de Aquiles, os aqueus sofreram outro rude golpe: a morte de Ajax Telamônio. Fim trágico teve o herói, pois não morreu gloriosamente em combate(78) – teve o pior fim, que ninguém poderia imaginar. O grande Ajax enlouqueceu e suicidou-se, depois de ter sido enganado: não lhe entregaram as célebres armas de Aquiles, que deveriam ter ficado em seu poder. Desde que ele e Odisseu arriscaram a vida para resgatar

dos troianos o corpo do filho de Tétis, estabeleceu-se que seria feito um sorteio para decidir com qual dos dois ficariam as armas fabulosas forjadas por Hefesto. Agamêmnon e Menelau fraudaram o sorteio e proclamaram Odisseu vencedor.(79) O injustiçado herói compreendeu o que havia ocorrido e ficou tão enlouquecido que teria matado também os dois atridas. Em vez disso, ficou completamente fora de si e matou um rebanho de carneiros. Por fim, fincou a espada na terra, de ponta para cima, e lançou-se sobre ela com toda a força. Menelau e Agamêmnon recusavam-se obstinadamente a conceder ao grande herói o sepultamento que lhe era devido. Odisseu contrapôs-se à vontade dos filhos de Atreu e, graças a sua insistência,(80) Ájax foi enterrado com honras elevadas, e seu túmulo foi erguido ao lado do túmulo de Aquiles.

Odisseu ouve as profecias

Após a morte dos maiores guerreiros, a guerra tornou-se mais difícil para os aqueus. É claro que os troianos continuavam dentro das muralhas da cidade, mas como os aqueus dominariam Troia agora, se nem puderam fazê-lo quando Aquiles e Ájax estavam vivos? Calcas disse-lhes que sua arte profética já não poderia ajudá-los, mas acrescentou que Heleno, filho de Príamo, conhecia todos os oráculos a respeito da queda de Troia.

Ao ouvir isso, Odisseu não se ocupou de mais nada: só pensava num modo de agarrar Heleno para conhecer os oráculos. E isso aconteceu numa noite em que o filho de Príamo havia saído das muralhas, às ocultas, para espionar os aqueus.

– Você não tem escapatória – disse-lhe Odisseu, assim que o agarrou. – Há, porém, um modo de se salvar, basta dizer os oráculos que conhece a respeito da ruína de Troia.

Por estar muito assustado, Heleno contou tudo.

– Três são os oráculos a respeito da queda de Troia. Um deles menciona que a cidade não será tomada sem as flechas de Hércules, que agora pertencem a Filoctetes. Outro, que não será tomada sem Neoptólemo, o filho de Aquiles. O terceiro, que os aqueus jamais tomarão Ílion se não obtiverem o Paládio, a estátua conservada no templo de Atena, na acrópole de Troia.

Odisseu correu a dizer aos outros comandantes o que

descobriria e decidiu cuidar de tudo sozinho. O homem que certa vez fez o possível e o impossível para não guerrear em Troia era agora aquele que mais se preocupava para que a guerra terminasse em vitória.

Primeiro foi a Esquiros, no reino de Licomedes, onde vivia o jovem Neoptólemo. Aquiles jamais se casou; quando, porém, partiu de Esquiros, onde sua mãe o havia escondido, deixou Deidâmia, a filha de Licomedes, desfeita em prantos. No ventre dela se agitava o fruto de seu amor por Aquiles, algo de que só os dois sabiam. Passaram-se, desde então, muitos anos. Ocorreu a primeira expedição fracassada dos aqueus. Oito anos decorreram antes que o exército se reunisse novamente, e a guerra chegava agora ao décimo ano. Neoptólemo, o filho de Aquiles, já era um jovem forte e corajoso, que amava as armas e desejava realizar grandes façanhas. Não foi difícil para Odisseu persuadir o rei Licomedes a entregar-lhe Neoptólemo, que, cheio de orgulho, ansiava por ir a Troia e obter fama imortal.

Com o filho de Aquiles a seu lado, Odisseu foi a Lemnos, onde os aqueus haviam deixado Filoctetes. Não foi fácil persuadir o herói ferido a acompanhá-lo, pois Filoctetes odiava-o, bem como a todos os outros comandantes dos dânaos, em razão de o terem abandonado ali tanto tempo, desde que fora picado pela serpente, a sofrer dores excruciantes. Hércules (que nessa época vivia como um imortal no Olimpo) foi quem o convenceu a ir a Troia, pois lá encontraria a cura para seu terrível ferimento e ganharia glória imensa.

Desse modo, Odisseu retornou a Troia com Filoctetes, que possuía as flechas de Hércules, e com Neoptólemo, ao qual ofereceu, de bom grado, as armas de seu pai, Aquiles. O auxílio que os dois heróis recém-trazidos prestaram aos aqueus foi, desde o princípio, incalculável.

Assim que Filoctetes chegou ao acampamento, foi curado pelo famoso médico Macáone e, logo em seguida, desafiou Páris para um combate singular. E o tolo aceitou, sem saber que Filoctetes possuía as flechas mortíferas de Hércules, embebidas na peçonha da hidra de Lerna!

Três setas Páris lançou, e também três Filoctetes. As de Páris erraram o alvo. Das de Filoctetes, a primeira errou o alvo, a

segunda atingiu o arco, perto da mão de Páris, e a terceira o tornozelo. Foi o suficiente: o veneno da hidra de Lerna misturou-se a seu sangue...

Quando se feriu, Páris soltou um grito de dor e recuou. Imediatamente os troianos o pegaram e levaram-no para a cidade. O ferimento piorava cada vez mais, e Páris compreendeu que seu fim estava próximo. Lembrou-se então de Enone, seu primeiro amor. Lembrou-se de suas palavras: “Se um dia você se ferir, venha me procurar, pois só eu poderei curar sua dor”. Então pediu que o levassem à montanha onde a bela ninfa vivia. Mas ele, que era odia-do por todos, foi também odiado por aquela que outrora o havia amado intensamente. Enone recusou-se a curá-lo. Sem nenhuma esperança, Páris voltou para morrer em Troia. A ninfa, arrependida por tê-lo repudiado tão friamente, correu a sua procura; quando o encontrou, era tarde: Páris estava morto.

Depois que ele morreu, seus irmãos Heleno e Deífobo disputaram entre si para ver quem desposaria a bela Helena. Deífobo venceu. Mas Helena lembrou-se de Menelau e de sua filha, que havia deixado em Esparta, e não quis se casar novamente. Tentou escapar por uma corda que havia nas muralhas, mas foi capturada e reconduzida a Deífobo, que a tomou como esposa, mesmo contra a vontade dela.

Filoctetes alcançou grande glória por ter matado Páris. Rapidamente Neoptólemo igualou esse feito, quando combateu contra Eurípilo, um grande herói recém-chegado a Troia como aliado de Príamo. Eurípilo, que fora o último grande guerreiro de todos os que vieram para ajudar os troianos, era filho de Télefo, rei da Mísia. Destemido como seu pai, matou numerosos heróis, entre eles o célebre médico Macáone, filho de Asclépio. Desde então, no Asclepíon de Pérgamo, na Mísia, sempre cantavam hinos de louvor a Télefo, mas nunca pronunciavam o nome de seu valoroso filho, pois ele havia matado o célebre filho de Asclépio. Por mais que os troianos o ajudassem, Eurípilo não pôde resistir à investida de Neoptólemo e não só perdeu a vida, como também foi despojado de suas armas. Depois de sua morte, os troianos foram forçados a se refugiar no interior da cidade, de onde não saíam mais.

Odisseu entra secretamente em Troia

Enquanto isso, Odisseu meditava continuamente no sentido do último oráculo de Heleno, o que dizia respeito ao Paládio. Por fim decidiu entrar em Troia e roubá-lo. Disfarçou-se de mendigo, pediu a Diomedes que o chicoteasse até que seu corpo ficasse totalmente marcado e, nesse estado deplorável, entrou em Troia, pedindo proteção. Todos se compadeceram dele, depois de ouvirem suas histórias a respeito das supostas torturas que teria sofrido, quando caíra nas mãos dos aqueus, e do modo como conseguira escapar. Todos acreditaram em suas falsas palavras, tal era o poder de persuasão e a capacidade para a dissimulação do mais astucioso de todos os heróis! O ardil, porém, não passou despercebido à bela Helena, que, muito perspicaz, desconfiou daquela voz e daquele discurso impecável, que lhe traziam à mente a figura inconfundível de Odisseu. Começou a lhe fazer perguntas, e ele, compreendendo seu propósito, empregou toda a sua arte para escapar das suspeitas. A bela Helena tramou, então, um plano sagaz.

Fingiu que também se compadecia dele e persuadiu os troianos a deixarem que ele fosse conduzido ao palácio, onde receberia os devidos cuidados. Lá, preparou-lhe um banho, para livrá-lo da sujeira e do sangue, e deu-lhe novas roupas. Quando ele reapareceu limpo e bem vestido diante de Helena, foi reconhecido por ela e nada mais pôde lhe ocultar.

– Não tenha nenhum receio – disse-lhe Helena. – Vivo como escrava e não tenho nenhum motivo para oprimi-lo. Por mim, você é livre para fazer o que quiser e ainda poder contar com minha ajuda, se a desejar.

Odisseu, que preferia manter em segredo seus atos furtivos, tornou a vestir seus trapos de mendigo e escapou sorrateiramente durante a noite. Antes, porém, dirigiu-se ao templo de Atena e roubou o Paládio com extrema facilidade, pois a própria deusa fez os guardiães adormecerem. Em seguida, ele desceu à cidade. Quando chegou às Portas Ceias, teve de enfrentar os sentinelas. Mas não estava sozinho: Atena ajudou-o a matar a maioria, enquanto os restantes, assustados e agradecidos aos deuses por terem sido poupados, abriam-lhe as portas. Desse modo, Odisseu fugiu carregando o Paládio consigo, prenúncio de que a ruína de Troia não tardaria.

O cavalo de madeira

Não demorou muito para que Odisseu descobrisse um modo de ocasionar a queda de Troia. Foi a deusa Atena quem lhe inspirou a ideia: construir um cavalo de madeira gigantesco, em cujo ventre oco vários heróis se ocultassem. Deviam, porém, ludibriar os troianos para que estes, sozinhos, arrastassem o cavalo para a cidade. Ideia muito audaciosa, que se tornou realidade.

A tarefa de construir o cavalo foi atribuída a Epeio, o mais habilidoso de todos os aqueus. Apesar de ter vindo a Troia chefiando um contingente de trinta naus, ele não se distinguiu pelos dotes guerreiros. Mas alcançaria glória imensa por ter construído o cavalo de madeira que decidiu a tomada de Troia. A verdadeira vocação de Epeio era a arte de construir. Nada era impraticável para suas mãos fortes e hábeis. Ordenou que trouxessem madeira e dedicou-se com afinco ao trabalho.

Em poucos dias o cavalo, esplêndido e perfeito, exatamente como Odisseu desejava, estava pronto. À noite, arrastaram-no para perto das muralhas e quarenta resolutos guerreiros entraram armados em seu ventre oco. Entre eles estavam os mais célebres heróis, com exceção de Agamêmnon, que devia ficar com o exército. Epeio foi o último a entrar no cavalo. Sua presença era indispensável, pois apenas ele sabia como abrir e fechar a entrada do animal.

Na mesma noite, Agamêmnon, seguindo as instruções de Odisseu, ordenou que ateassem fogo ao acampamento e embarcassem nos navios, dirigindo-se toda a frota à pequena ilha de Tênedos, diante de Troia. Lá os aqueus ficariam todos à espera, prontos para regressar assim que avistassem um sinal luminoso.

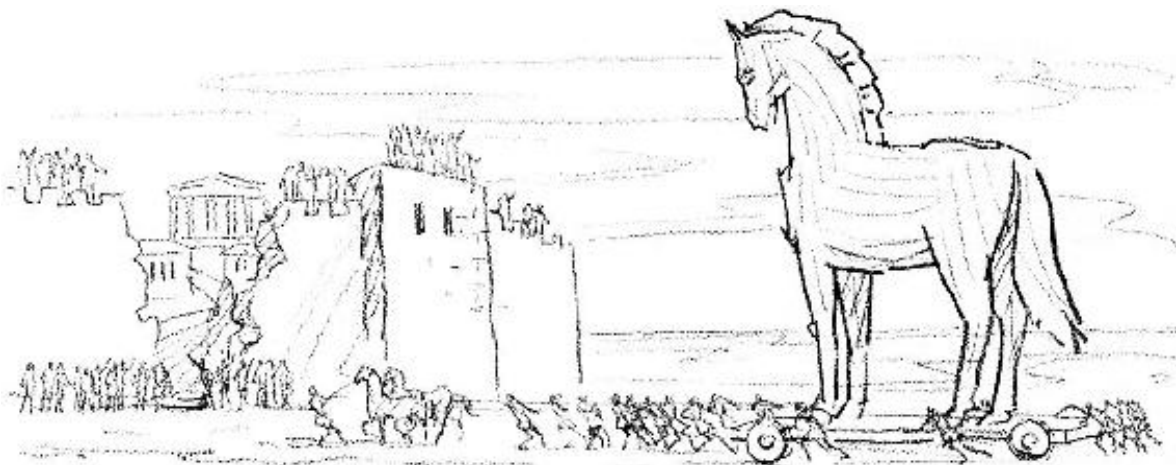
O sinal seria o fogo de uma tocha acesa por Sínon. Seria ele o único a permanecer no acampamento abandonado. Mas a tarefa de Sínon não seria apenas essa. O astucioso Odisseu instruiu-o para que se deixasse capturar pelos troianos e depois os despistasse, para que não viessem a destruir casualmente o cavalo de madeira. Sínon, que era primo de Odisseu e também se distinguiu por sua astúcia, era a pessoa mais indicada para realizar essa tarefa.

Quando Aurora começou a iluminar o céu com seus dedos

róseos, os troianos postados no alto das muralhas ficaram atônitos com o que viam. Imediatamente chamaram Príamo, que correu à torre das Portas Ceias e, olhando para baixo, não pôde acreditar no que seus olhos avistavam: o acampamento deserto, de onde ainda se evolavam nuvens de fumaça, e um cavalo colossal, postado perto das muralhas, despertando a curiosidade e a admiração de todos.

A difícil decisão dos troianos

Príamo ordenou que abrissem a grande porta e saiu da cidade. A seu lado estavam numerosos comandantes. Aproximaram-se do cavalo. Havia nele uma inscrição que dizia; “Oferta dos aqueus à deusa Atena, a quem pedem ajuda para chegarem rápido à pátria”.



Todos ficaram impressionados, e alguém disse:

– Se é um presente para Atena, vamos colocá-lo na cidade e levá-lo à acrópole, onde será conservado para nossa proteção.

– Não! – gritou um outro. – Uma vez que Atena está com os aqueus, devemos queimá-lo já, ou melhor: vamos quebrá-lo para ver se traz alguma coisa escondida em seu interior.

– Pobres de nós se ultrajarmos algo que pertence à grande deusa! – disse Príamo. – Se quisermos ter Atena como aliada, certamente devemos arrastá-lo para dentro da cidade.

– Nem colocá-lo na cidade, nem destruí-lo – disse o sábio Antenor. – Se o deixarmos aqui, poderemos consagrá-lo à deusa e oferecer-lhe sacrifícios esplêndidos.

Enquanto os troianos trocavam opiniões, um prisioneiro foi trazido entre gritos e pontapés. Era Sínon, que havia se rendido a

alguns pastores.

– Quem é você – perguntou-lhe Príamo – e por que não fugiu com os outros?

Com muita naturalidade, Sínon contou-lhe a história que havia previamente inventado:

– O maldito Odisseu odiava-me e quis matar-me porque eu era o único que sabia o segredo sobre a morte de Palamedes.(81) Convenceu os demais de que alguém deveria ser sacrificado aos deuses, para que estes propiciassem ventos favoráveis que nos conduzissem à pátria, e escolheu-me. Mas, no último momento, começou a soprar um vento forte, apressaram-se os preparativos para a partida e, em meio ao tumulto, consegui escapar.

Ao ouvir seu relato, Príamo compadeceu-se de Sínon e, o que foi pior para ele e para toda a Troia, acreditou em suas palavras.

– Diga-me: para que os aqueus construíram esse cavalo de madeira?

Era a pergunta que Sínon tão ansiosamente aguardava para dar sequência a seu plano.

– Construímos esse cavalo para aplacarmos a cólera da deusa Atena, que se zangou conosco porque Odisseu roubou o Paládio. Por três vezes o Paládio emitiu um intenso brilho, e todos ficamos assustados. Calcas, então, disse que já não poderíamos tomar Troia, pois não contávamos mais com a ajuda de Atena, e que não havia outra saída a não ser regressarmos a nossas casas. Para que a deusa não nos perseguisse no retorno, aconselhou-nos a construir o cavalo de madeira e oferecê-lo a Atena.

– E por que o fizeram tão gigantesco? – perguntou Príamo.

Sínon, que também havia se preparado para essa pergunta, respondeu-lhe:

– Para que vocês não pudessem introduzi-lo na cidade. Se esse cavalo, consagrado à deusa Atena, entrar em Ílion, vocês se tornarão tão poderosos que poderão dominar toda a Hélade e conquistar Micenas. Porém, se o destruírem, Troia também será destruída.

Sínon era tão persuasivo, que Príamo e todos os outros ficaram convencidos de que deviam levar o cavalo de madeira para dentro da cidade e colocá-lo na acrópole troiana.



Para isso, foi preciso demolir uma parte das muralhas. Como a abertura não era suficiente para a passagem do cavalo colossal, por quatro vezes ele esbarrou nas pedras da muralha, fazendo com que as armas dos guerreiros ressoassem em seu interior. Mas a deusa Atena impediu que os troianos ouvissem o estrépito. Por fim, com muita dificuldade, eles conseguiram levá-lo para cima da acrópole e colocaram-no diante do templo da deusa. Assim que o viu, Laocoonte, o grande adivinho, irmão de Anquises, gritou:

– Que estão fazendo, troianos? Será que não aprenderam nada a respeito dos ardis de Odisseu e acreditam que o inimigo fugiu? Dentro desse cavalo escondem-se aqueus armados até os dentes. Prestem atenção ao que digo: não confiem nos dânaos, nem mesmo quando lhes derem presentes. [\(82\)](#)

E então arremessou a lança, com toda a sua força, contra o ventre do cavalo. A violência do impacto sacudiu o animal, fazendo com que as armas dos guerreiros ressoassem novamente.

– Vamos queimá-lo! – gritaram os guerreiros, assustados.

– Vamos lançá-lo muralha abaixo! – gritaram outros.

Um grande medo apossou-se dos heróis que estavam encerrados no ventre do cavalo. Epeio amaldiçoava o dia e a

hora em que o havia construído. Somente Neoptólemo não havia perdido a coragem e pressionava Odisseu para que saíssem naquele mesmo instante e arremettessem contra os troianos. Mas Odisseu não se deixou levar pelo ímpeto juvenil de Neoptólemo e não alterou o plano de sair do cavalo durante a noite, às ocultas. Quanto ao perigo iminente, passou mais rápido do que os guerreiros poderiam imaginar, pois Príamo gritou que não permitiria que ninguém danificasse o cavalo de madeira.

A horrível morte de Laocoonte

Enquanto os troianos continuavam intranquilos, chegou a notícia de que duas serpentes monstruosas haviam saído do mar e atacado os dois filhos de Laocoonte, no momento em que sacrificavam um enorme touro em honra a Possêidon. O adivinho correu para salvar seus filhos, mas, em vez disso, pereceu com eles, picado pelas serpentes.

Para todos pareceu evidente que Laocoonte fora castigado por sua impiedade, pois teve a audácia de atingir com uma lança o cavalo consagrado à deusa Atena. Não restava nenhuma dúvida: a guerra havia terminado; o inimigo tinha fugido. Se, por um lado, o Paládio fora roubado, por outro, possuíam agora o cavalo de madeira, que protegeria Troia para sempre.

Eis, porém, que surge Cassandra, correndo e gritando:

– Tolos! Que estão fazendo? Esse cavalo só nos trará desgraças. Queimem-no, se querem a salvação de Troia!

Mas quem ouviria as proféticas palavras de Cassandra, que fora condenada a não persuadir ninguém?

Com festas e danças, deram início à comemoração da vitória. A cidade inteira enfeitou-se de flores, e um tapete foi estendido aos pés do cavalo de madeira. Enquanto todos estavam entusiasmados, Cassandra continuava vociferando:

– Loucos, que fazem? Chegou a hora da destruição de Troia.

E os troianos compadeciam-se dela, pois era a única que não se alegrava com o fim da guerra.

A grande destruição

Por todo o dia, os troianos divertiram-se. Quando anoiteceu, cansados de tanta festa e embriagados de vinho, caíram num

sono profundo. Nenhum deles permaneceu de pé ou insone. Cessara até mesmo a voz de Cassandra, exausta de tanto gritar inutilmente.

Quando toda a cidade se aquietou, Sínon escapou pelas muralhas e correu ao túmulo de Aquiles. Subindo em seu ponto mais alto e segurando uma tocha acesa, fez o sinal combinado com os aqueus que estavam em Tênedos. Com outra tocha acesa, Agamêmnon respondeu ao sinal e no mesmo instante a frota pôs-se em movimento, chegando depressa às margens troianas. Imediatamente todos saltaram das naus e correram silenciosamente em direção à cidade. Odisseu, então, mandou que Epeio abrisse a porta secreta do cavalo de madeira. Os guerreiros desceram, um a um, do interior do cavalo, por uma corda. Era uma noite iluminada pela Lua. Sem fazer ruído, os heróis armados encaminharam-se à cidade. O silêncio reinava absoluto quando eles chegaram às muralhas. Os sentinelas, exaustos e atordoados pelo vinho, também dormiam; jamais acordariam, pois os heróis mataram-nos e abriram as portas da cidade. O restante do exército, comandado por Agamêmnon, já aguardava do lado de fora. No momento em que as portas foram abertas, nada mais podia detê-los, e todos se lançaram para o interior da cidade, dando início ao horrendo massacre. Como famintas feras que durante a noite se precipitam sobre os rebanhos adormecidos, os aqueus atiraram-se sobre Troia indefesa, rompendo o silêncio profundo. Sem tempo para se defender, muitos dos mais valiosos troianos foram trucidados. A cidade encheu-se de gemidos. Gritos estridentes das mulheres e choros de criança fendiam o ar. Todos os troianos que ainda tiveram tempo armaram-se com o que encontraram a sua frente – até mesmo com os espetos nos quais, pouco antes, assavam seus carneiros – e lançaram-se para fora de suas casas, ao combate desigual. A cidade rapidamente se cobriu de corpos sem vida, e rios de sangue corriam pelas ruas. Nessa noite terrível, a sofrida Ílion afogava-se no sangue de suas crianças.

Neoptólemo, Odisseu e Menelau correram ao palácio e arrombaram as portas. Incapaz de oferecer qualquer resistência, o velho Príamo refugiou-se no altar de Zeus. Em vão, pois Neoptólemo agarrou-o e, sem consideração por seus cabelos

brancos, degolou-o nas escadas do palácio. Menelau, por sua vez, percorreu os corredores à procura do aposento de Helena. Diante de sua porta, encontrou Deífobo, seu novo marido. Ao vê-lo, Menelau sentiu o sangue ferver.

– Canalha, agora você pagará por tudo que fez, por ter gritado “morte aos estrangeiros”, quando viemos propor uma solução pacífica para a disputa, e por ter tido a audácia de esposar essa infiel sem perceber, tolo, que se aproximava a hora da destruição de Troia.

Como resposta, Deífobo arremessou sua lança, sem sucesso. Seu fim veio rápido. Com a espada em punho, Menelau atirou-se sobre ele e golpeou-o, lançando-o já morto ao chão.

Menelau diante de Helena

O filho de Atreu não tinha tempo a perder. Saltando sobre o cadáver, invadiu o aposento para completar sua tarefa. Havia jurado matar Helena, que logo surgiu a sua frente. Desde que ele fora traído, havia se passado vinte anos, dez dos quais marcados pelo sangue e pelo horror da guerra. E tudo por causa de Helena! Menelau ergueu a espada e estava prestes a trucidá-la. Mas ela, que havia se arrependido e ainda o amava, sabia como enfrentá-lo.

– Sou culpada. Mate-me – disse, e desnudou os seios. Menelau lembrou-se de sua mulher tal como era antigamente, antes que a deusa Afrodite transtornasse seu espírito, inspirando-lhe a violenta paixão por Páris, e embainhou a espada. Sem dizer uma só palavra, pegou-a pela mão e conduziu-a aos navios.

O terrível massacre de Troia prosseguia. Todos os filhos de Príamo foram mortos. Pereceram os valorosos troianos, enquanto suas mulheres e filhas de bela cintura eram arrastadas como escravas aos navios aqueus. Entre elas estavam Hécuba, Cassandra e Andrômaca, que gritavam em vão, pois já não lhes restava nenhum parente vivo que pudesse ouvi-las e compadecer-se de suas aflições. Nem mesmo o pequeno Astíanax, o filhinho de Heitor, pôde escapar. Os aqueus já haviam decidido: nenhum descendente de Príamo deveria permanecer vivo, para que, mais tarde, não tentasse se vingar.

De modo muito abjeto, Ájax, o lócrio, tratou Cassandra, que, no

templo de Atena, suplicava aos deuses que a ajudassem. A infeliz profetisa abraçou a estátua da deusa, mas Ajax agarrou-a com tanta violência que a imagem sagrada tombou ao chão, em pedaços. E Ajax fez pior: violentou Cassandra no interior do santuário! Por mil anos os lócrios pagariam pelo terrível sacrilégio de Ajax.(83)

Terminado o massacre, iniciou-se o saque à cidade. Arrebatavam qualquer coisa que encontravam e carregavam-na para os navios. O palácio de Príamo foi despojado de tudo que continha de precioso. E quando já não havia nada mais para ser saqueado, atearam fogo à cidade para completar a destruição. Chamas descomunais envolveram rapidamente Troia inteira, reduzindo-a a cinzas e a negras ruínas. Da brilhante cidade do nobre Heitor nada restaria além de uma cruel recordação. A longa história de Troia terminou com esse trágico desenlace. Hera e Atena conseguiram a vingança tão almejada. Que lástima!

Por mais que os vencedores tivessem tratado de modo desumano os infelizes troianos, houve dois momentos em que agiram com prudência e compaixão.

Não importunaram o justo Antenor e seus quatro filhos, que haviam sobrevivido às batalhas anteriores. Um deles foi salvo por Odisseu no momento em que os aqueus estavam prestes a trucidá-lo. Menelau ofereceu a Antenor um navio para partir com sua família e com os ênetos(84) e um pequeno agrupamento de hoplitas(85) trazidos a Troia por ele de Enétia, uma cidade da Pafaglônia. Antenor partiu para o Ocidente e chegou a uma localidade situada na embocadura do mar Adriático, onde construiu uma cidade e batizou-a com o nome “Nova Troia”. Essa cidade é a atual Veneza.

Outro exemplo de tratamento humano foi o que os aqueus demonstraram a Eneias.



Carregando seu pai cego nas costas, Eneias saiu pelas Portas Dardânicas com seu filho. O inimigo os cercava, e ele prosseguia curvado, olhando apenas para o chão. Sabia que, se os aqueus se lançassem sobre ele, estaria perdido.

– A quem vocês deixam escapar! Esse é Eneias! – gritou um guerreiro que, desembainhando a espada, preparava-se para golpeá-lo. Mas deteve-se quando ouviu dizerem: “Vergonha!”. A palavra foi pronunciada por Diomedes, o inimigo mais ferrenho de Eneias durante os combates. Assim o filho de Anquises passou com sua preciosa carga entre os argivos fortemente armados, e estes não somente não o incomodaram, como também abriram caminho para que passassem.

Eneias chega a Itália

Eneias dirigiu-se ao Ida. Atrás dele Ilíon era consumida pelas chamas. A destruição espalhava-se por toda a Tróade. Sua pátria já não existia mais. Restava-lhe uma única saída: procurar uma nova pátria. Com alguns poucos companheiros que haviam escapado, Eneias embarcou num navio e, como Antenor, partiu para o Ocidente. Depois de uma longa viagem repleta de peripécias, chegou à Itália central, onde, às margens do rio Tibre,

fundou uma cidade, Lavínio. No mesmo rio, um pouco mais distante do mar, fundou Roma, que estava destinada a ser a capital de um império que governaria o mundo. Os romanos tinham extremo orgulho de sua raça descender do herói Eneias, filho de Afrodite.

Depois do saque e da destruição de Troia, os aqueus embarcaram em seus navios e partiram para a Hélade, ansiosos por rever sua pátria. Carregavam consigo copiosos despojos, mulheres e crianças troianas, que agora eram suas escravas. Quanto aos homens de Troia, poucos sobreviveram ao grande massacre; além disso, um guerreiro corajoso jamais se torna um bom escravo.

Para a maioria dos comandantes, o retorno à pátria não foi nada fácil. Somente o velho Nestor, Diomedes e outros três comandantes lá chegaram rapidamente com todas as suas naus.

Ájax, o lócrio, que havia tratado Cassandra de modo tão bestial, jamais regressou. Para castigá-lo, Atena impeliu sua nau à parte mais perigosa da costa da Eubeia e, numa noite tempestuosa, fez com que ela se despedaçasse de encontro aos rochedos.(86)

Nesse mesmo lugar naufragou a nau de Agamêmnon. Ele escapou às ondas furiosas e acabou encontrando a morte pelas mãos de seu primo Egisto, que havia se tornado amante de sua mulher, Clitemnestra, e com ela tramou um ardil abominável para o grande soberano dos aqueus: assassinaram-no junto com a infeliz Cassandra, que ele trouxe consigo como cativa.(87)

Nem mesmo Menelau teve um retorno bem-sucedido para Esparta. Ele insultara Atena, dizendo que os aqueus não lhe deviam nada, uma vez que precisaram de dez anos para conquistar Troia. Como resultado da ira da deusa, sofreu, com Helena, oito anos inteiros em terras distantes, antes de chegarem a Esparta, onde viveram até o fim de seus dias. Quando morreram, o grande Zeus não permitiu que Caronte os levasse para o escuro reino de Hades; enviou Hermes para que os conduzisse aos Campos Elíseos,(88) onde vivem desde então, desconhecendo toda dor e mágoa.

Mas aquele que sofreu os maiores tormentos até retornar à pátria foi Odisseu. Tornando-se involuntariamente inimigo do grande deus do mar, Possêidon, o abalador da Terra, errou pelos

mares por dez anos inteiros e só regressou a Ítaca depois de perder todas as naus e os companheiros. A respeito desses tormentos, das errâncias e dos triunfos desse herói astucioso, o grande Homero deixou-nos outra obra épica imortal, a famosa Odisseia, que tanto fascínio e inspiração vem exercendo desde que foi criada.

[75](#) Télamon, pai de Ajax, e Peleu, pai de Aquiles, eram irmãos, filhos de Éaco.

[76](#) Segundo a tradição, ao ver essa cena, Tersites, o mais feio e o mais covarde de todos os gregos, escarneceu desse amor com sarcásticas palavras sobre Pentésileia e, com a ponta de sua lança, arrancou os olhos da jovem. Aquiles ficou tão furioso, que o matou com as próprias mãos. Diomedes, porém, lembrou a Aquiles que Tersites era seu parente e pediu que o corpo da amazona fosse lançado ao Escamandro. Aquiles fez-se purificar desse assassinio na ilha de Lesbos.

[77](#) Os gregos denominavam bela morte a morte do guerreiro no auge de sua juventude, num combate glorioso, após ele ter realizado inúmeras proezas. Dessa forma, a morte era considerada bela tanto por perpetuar a imagem de juventude e valentia do guerreiro, quanto pela fama que lhe acompanhava os feitos.

[78](#) Isto é, não teve a bela morte. A morte de Ajax, sob o ponto de vista da ética dos guerreiros homéricos, era a mais vergonhosa possível. É no questionamento desse dado da tradição heroica que se fundamenta a magnífica obra trágica de Sófocles, Ajax.

[79](#) Segundo outra versão, as armas de Aquiles seriam dadas por Tétis ao mais valente dos gregos, ou pelo menos àquele que tivesse inspirado mais terror aos troianos. Para saber quem seria ele, interrogaram os prisioneiros troianos, que, por despeito, designaram Odisseu em vez de Ajax. Durante a noite, num acesso de loucura, Ajax massacró os rebanhos destinados à alimentação dos aqueus; pela manhã, quando ficou lúcido e deu-se conta da alucinação em que caíra, matou-se.

[80](#) Há versões segundo as quais Odisseu teve participação ativa na condenação de Ajax.

[81](#) Veja a nota 41.

[82](#) Foi essa célebre frase que deu origem à expressão “presente de grego”. Para essa parte da narrativa, o autor já não se baseia nos poemas do Ciclo Épico, nem na Ilíada ou na Odisseia, mas na Eneida, de Virgílio, o grande poeta latino (70-19 a.C.), que, por sua vez, baseia-se em outro poema perdido: a Iliupérsis (“A Destruição de Ílion”).

[83](#) Segundo uma versão, três anos após o retorno dos lócrios, surgiram epidemias na Lócrida e houve uma sequência de más colheitas. Interrogado o oráculo, este respondeu que tais flagelos eram a manifestação da cólera divina e que Atena só seria aplacada se, ao longo de um milênio, os lócrios enviassem a Troia, a cada ano, duas donzelas, tiradas à sorte. Os troianos mataram as duas primeiras que foram enviadas e espalharam suas cinzas no mar. As seguintes foram bem acolhidas e colocadas ao serviço da deusa Atena. Assim foi expiado, durante muito tempo após sua morte, o sacrilégio cometido pelo filho de Oileu contra a sacerdotisa Cassandra.

[84](#) É o nome de vários povos antigos, também chamados de vênets (citados por Homero na Ilíada, II, 852). Um deles estabeleceu-se na atual região de Veneza.

85 Os hoplitas, ou soldados de infantaria pesada, que constituíam o grosso do exército grego arcaico (séc. VIII a.C.), usavam capacete, couraça e grevas de metal. Portavam um escudo de couro com bordas de metal, e suas armas eram uma lança (com cerca de 1,80 m de comprimento) e uma espada curta.

86 Conta-se ainda que ele teria escapado ao naufrágio, salvo por Possêidon, que o trouxe à superfície. Então o próprio Ájax se vangloriou de ter sobrevivido, apesar da cólera de Atena, e ela pediu a Possêidon que o matasse. O deus, com um golpe de tridente, quebrou o rochedo sobre o qual Ájax se refugiara e afogou-o. Numa outra versão, a própria Atena o fulminou com o raio, a arma de seu pai, Zeus.

87 De acordo com outra versão, ao chegar à pátria, Agamêmnon passou a ser vigiado por um espião enviado por Egisto, o amante de sua esposa. Egisto convidou Agamêmnon para um banquete e matou-o, bem como toda sua escolta, com a ajuda de vinte homens que haviam se escondido na sala do festim. Nos poetas trágicos, as circunstâncias variam: ora Agamêmnon é ferido durante o banquete, como em Homero, ora é morto no banho. Outra versão nos diz que o instigador do assassinato foi Éace, que procurava desse modo vingar a lapidação de seu irmão Palamedes, ordenada por Agamêmnon. Éace teria contado a Clitemnestra que seu marido pretendia substituí-la por Cassandra. Isso a teria motivado para o crime. Não esqueçamos, porém, que Clitemnestra nunca havia perdoado Agamêmnon pelo sacrifício de sua filha Ifigênia.

88 Lugar onde os eleitos pelos deuses eram levados após a morte para gozar de uma vida perfeita e prazerosa. Sua localização é vaga. Os mitos mais antigos situam-no em alguma parte no extremo oeste do mundo de então, como um prado às margens do rio Oceano ou como a Ilha dos Bem-Aventurados, também no rio Oceano. Nos mitos mais recentes, é uma parte do mundo subterrâneo governada por Radamanto ou Cronos.

O poeta da Ilíada e da Odisseia

por Menelaos Stephanides

A Guerra de Troia, tal como os estudiosos afirmam, teria ocorrido por volta de 1200 a.C., marcando o final de uma época. De fato, em um espaço de tempo não superior a cem anos, a civilização micênica desapareceu e a Idade Obscura vigorou na Grécia por dois a três séculos. Embora quase todos os vestígios tivessem desaparecido na escuridão, a herança cultural daquele mundo sobreviveu para se tornar a semente do brilhante florescimento do espírito helênico que ainda estava por vir. A essa criação espiritual que chegou até nós, damos o nome de Mitologia Helênica. De boca em boca, de aedo para aedo, chegamos, em 700 a.C., a Homero; e ele, tomando como base o rico repertório de lendas e tradições populares que tinha a sua disposição, compôs as duas obras épicas imortais: a Ilíada e a Odisseia. E embora essas obras tenham chegado a nossas mãos “mutiladas” e “corrigidas”, nelas transbordam as palavras inspiradas de um gigante da poesia, sobre o qual a tradição não nos proporciona nada de seguro, exceto seu nome. Mas que diferença faz se Homero nasceu em Esmirna, Quios ou Argos, se era cego ou não, quando podemos conhecê-lo por meio de sua obra, que é o espelho de sua alma?

Homero era um gênio que os críticos atuais e do passado colocaram no ápice de uma pirâmide, isolado ou ao lado de dois ou três outros grandes nomes da literatura mundial.

Uma obra literária nem sempre nos comove apenas por suas qualidades poéticas. Ela pode comover-nos também pela verdade com que reflete nossa condição humana. E a obra de Homero satisfaz plenamente ambas as exigências. A poesia de sua linguagem frequentemente alcança o zênite da beleza incomparável, tal como na despedida de Heitor e Andrômaca ou na cena final da Ilíada, em que Príamo se dirige à tenda de Aquiles para resgatar o corpo de seu filho Heitor.

Que valores humanos universais se concretizam nessa cena da despedida, cujos protagonistas pertencem a acampamentos inimigos! E como Aquiles, que por ter arrastado o corpo de Heitor na poeira havia ultrajado até mesmo os deuses que o amavam, pôde receber Príamo em sua tenda? Como foi possível caber

tanta compaixão num peito dominado pela cólera? Pode, então, o homem ser ora implacável e feroz, ora bom e flexível? Sim, pode. Isso disse-nos o poeta há mais de três mil anos, e ele tem razão. Assim é Homero: comedido, reverente e, acima de tudo, imparcial. Quando ele proclama que “não há nada mais doce no mundo que nossa pátria e nossos pais”, exhibe uma visão universal da humanidade. Chega a pôr em cena um troiano e um aqueu unidos pela morte num abraço. Para ele não há bons e maus, apenas seres humanos. Homero amava sua pátria, e também amava o homem para além dos limites de sua nacionalidade. E nisso não reside nenhuma contradição. Ama melhor sua pátria e seu povo quem possui em si a fonte do verdadeiro amor. Muitos homens foram grandes, mas nem todos foram justos. Homero possuiu ambas as qualidades.

Os poemas Homéricos

por Luiz Alberto Machado Cabral

A literatura ocidental começa para nós com o nome de Homero e com as famosas epopeias, a Ilíada e a Odisseia. Ambas foram compostas por volta do século VIII a.C. A tradição antiga afirma que seu autor era Homero e que este procedia da costa grega da Ásia Menor. Quase nada conhecemos da poesia que as antecedeu, numa época em que a composição em prosa ainda não havia nascido. Esses dois poemas nunca cessaram de exercer fascinação nos antigos gregos, para os quais passaram a formar a base da educação, apesar da obstinada oposição de Platão. Por certo, Homero não criou a épica a partir de sua própria imaginação: sua obra representa o ponto culminante de uma longa tradição de aedos (poetas cantores), e é a essa tradição que ele deve seus temas, sua língua, sua métrica e muitos dos recursos empregados para tornar sua obra inteligível e atraente. É provável que ele tenha incorporado nela trechos inteiros de poemas anteriores. O texto atual dos poemas, tal como chegou a nossas mãos, tampouco está isento de interpolações e de alterações linguísticas posteriores. Não obstante, o gênio criador do grande poeta manifesta-se em ambos os poemas, cujo estilo e composição pressupõem a existência de um único autor, nutrido em uma tradição

exuberante.(1)

A Ilíada e a Odisseia são epopeias heroicas. Cantam as proezas de uma geração de heróis já desaparecida. Muitos deles são filhos dos deuses, o que já os coloca à parte. Aquiles é filho de Tétis, uma deusa, e seu pai, Peleu, é neto de Zeus. Eneias é filho de Afrodite, Sárpedon é filho de Zeus. De qualquer modo, eles são maiores, mais fortes e mais valorosos que os homens comuns. Isso se deve, de um lado, ao fato de serem reis, e de outro ao fato de pertencerem a um passado ornado de cores mais belas. Quando um herói realiza uma proeza física, Homero compraz-se em observar que nenhum dos homens de seu tempo poderia efetuá-la, sequer dois deles juntos. Mesmo no interior do mundo épico, guarda-se a lembrança de uma geração mais forte ainda, de uma geração mítica, que lutava contra os monstros e os gigantes.(2) Seus valores correspondem a uma época em que tudo era julgado pelo ideal heroico de se distinguir tanto nas assembleias de guerreiros, pela capacidade de proferir discursos persuasivos, quanto no campo de batalha, pelo ardor e a bravura demonstrados em combate. Sempre encontramos, como núcleo dessas canções, um herói que se destaca dos demais por seu valor e força física. Suas ações encontram-se determinadas unicamente pelo conceito da honra. Também podem distinguir-se pela amizade. Em geral, essa poesia tem sua origem e perpetuação em uma alta classe de cavaleiros, que passam a vida dedicados à luta, à caça e aos prazeres da mesa, entre os quais se inclui a canção do aedo. O que é cantado em tais círculos converte-se posteriormente em patrimônio da comunidade. O pano de fundo dessa poesia constitui uma época heroica, que se considera como um passado superior à época presente. A um gozo ingênuo da realidade, que se expressa em uma longa descrição de carros, naus, armas e roupas, corresponde uma considerável exclusão de elementos mágicos. Essa poesia heroica tem também a pretensão de narrar fatos verdadeiros, e fundamenta-os no aspecto venerável da tradição ou na inspiração divina.

Quanto à forma, predomina a narração versificada, cuja unidade é constituída não pela estrofe, mas pelo verso. Os discursos desempenham um papel importante no relato. No entanto, o traço

principal é o papel dominante de elementos típicos. Entre eles está o adjetivo epíteto (como “Aquiles de rápidos pés”, por exemplo) e a fórmula mais extensa (que repete uma vez ou outra as cenas características, tais como: os preparativos, a partida, o casamento e os funerais).(3) Os poemas repercutem acontecimentos anteriores que abalaram o mundo antigo e foram compostos na sequência da guerra e da conquista. Homero viveu em um período bem posterior à Guerra de Troia (cerca de quatrocentos anos depois), mas tinha pleno conhecimento dos valores da Idade Heroica. É um poeta consumado que compõe para ouvintes, não para leitores, e cuja arte se desenvolveu nas cortes dos conquistadores gregos e dos colonizadores da Jônia.

A fonte dessa tradição épica da Grécia provém da Idade Heroica, quando os gregos antigos entraram em contato com as civilizações do Oriente, já então antigas e impressionantes. As façanhas dos poemas de Homero situam-se na Idade do Bronze, quando Micenas era rica em ouro, isto é, no chamado período micênico, por volta de 1400-1200 a.C. Mais tarde, a imaginação poética dos bardos gregos condensou todas aquelas lutas entre várias raças em torno do assédio de Troia. Certamente, muitos fatos foram poeticamente alterados para conferir maior vivacidade e interesse à narrativa, mas subsistiram também, ao lado desses, as recordações dos esforços, das vitórias e dos fracassos daquela época. Foi uma época de contato cultural intenso e inclusive de certa uniformidade cultural sobre uma extensa área, desde a Grécia até a Anatólia, reinos como Ugarit (na atual Síria), Chipre, Egito e Mesopotâmia. Esses reinos comerciavam entre si e estavam unidos por matrimônios dinásticos. Possuíam, também, uma produção literária que, como sabemos, exerceu certa influência na literatura da Grécia.(4)

A Ilíada não narra a conquista de Ílion. O poeta propôs-se, com plena consciência, a referir-se apenas a um episódio do décimo ano da guerra: a cólera de Aquiles e suas trágicas consequências. Apesar da variegada multiplicidade de formas que vão se descortinando diante de nossos olhos maravilhados, apesar das várias alternativas da luta que, de um momento para o outro, despertam nossa atenção, aquele tema nunca é perdido de vista. Aquiles é insultado por Agamêmnon por este ter-lhe

arrebatado a jovem Briseide, o prêmio de guerra que os aqueus lhe deram por sua reconhecida bravura nos combates. Com os seus mirmidões, ele retira-se da guerra e faz que sua mãe, Tétis, interceda por ele junto a Zeus, pedindo-lhe que os aqueus sejam derrotados até reconhecerem que o melhor dos guerreiros fora ultrajado. Uma embaixada dos mais renomados heróis, enviada para transmitir-lhe as súplicas de Agamêmnon, fracassa, pois ele sente-se tão ultrajado pelo tratamento anteriormente recebido, que sua cólera implacável não admite a reconciliação. Um motivo pessoal fez que ele abandonasse o campo de batalha, e só outro, da mesma natureza, poderá determinar que ele reingresse na peleja: a morte de seu amigo Pátroclo, o qual ele havia enviado à guerra em seu lugar, quando os troianos, liderados por Heitor, estavam a ponto de conquistar os navios aqueus. O desejo de vingar seu amigo impele-o a reconciliar-se com Agamêmnon e a retornar ao combate. Heitor, então, é morto por ele em um combate singular. Os jogos fúnebres em honra de Pátroclo e a entrega do cadáver de Heitor a Príamo constituem o desenlace conciliador do poema em sua forma atual.

Ainda que a ação do poema dure cinquenta e um dias, descrevendo-se apenas dois dias de combate, a fantasia poética mostra-se incansável em sua variedade de formas plásticas, nos caracteres traçados com extrema nitidez e nas cenas – ora de violenta agitação, ora tranquilas e quase idílicas – que se alternam entre os homens mortais e os deuses do Olimpo. O poeta sabe fazer ressoar todas as cordas do amor e do ódio, sublimando-os em pensamentos de profundo sentido, que encobrem, com fino humor, a miséria da guerra e os sofrimentos da existência. Demonstra, sem dúvida, sua maestria suprema na mudança gradativa de Aquiles na última terça parte da epopeia. A cena em que Príamo se encontra com Aquiles pertence, como é sabido, ao que há de mais profundo e sublime na literatura universal.(5)

Esse é o argumento central da Ilíada, mas em torno dele Homero delineou outra história, a do assédio de Troia. E também aqui ele é guiado por uma intenção ética. Troia é assediada porque Páris raptou Helena, esposa de Menelau. Apesar dos rogos dos troianos, recusa-se a devolvê-la, e Troia paga por sua

hybris (afronta). Sobre Troia paira a maldição de uma cegueira enviada pelos deuses. Percebe-se que Troia tem de cair e que sua queda acarretará imensas desgraças, escravidão e morte.

Os dois temas, Aquiles e Troia, desenvolvem-se em um mundo de homens e mulheres de carne e osso. A tradição pôde proporcionar a Homero os nomes e as principais características de seus personagens, e é possível que ele deva a ela os epítetos formulares que os denominam: “Agamêmnon, soberano de varões”; “Helena de brancos braços”; “Príamo, o da lança de freixo”; “Nestor, domador de cavalos”. Porém, assim como Homero fez do “Aquiles de rápidos pés” um herói trágico, ele transforma os personagens da saga em seres vivos autênticos.(6)

Como Homero compunha para a recitação cantada, não se pode exigir sempre a coesão das narrativas escritas para serem apenas lidas. Essa característica está ligada intimamente à forma de existência dessa poesia heroica. Trata-se de uma arte artesanal, que o mestre transmite ao discípulo ou, como ocorre com frequência, o pai ao filho. Graças aos estudos desenvolvidos nessa área, contamos com uma preciosa informação a respeito de como surgiu essa poesia. O cantor devia estar provido de duas coisas: do conhecimento do tesouro das lendas de seu povo e do aparato de fórmulas que acabamos de mencionar. Mas isso não é tudo: ele não dispunha de um texto predeterminado e criava sua canção novamente em cada oportunidade. Naturalmente, para que isso acontecesse, baseava-se no que ele e os outros já haviam cantado, mas nunca se encontrava preso a um texto que lhe bastaria reproduzir. Ia variando constantemente seu texto e, em geral, isso supunha a ampliação do texto anteriormente cantado. Trata-se, portanto, de uma poesia de caráter oral (**oral composition**), mesmo no caso em que se conhecesse a escritura difundida em amplos círculos. O que expunham cantores como Demódoco e Fêmio, tal como nos mostra a Odisseia, não era uma poesia prefixada de uma vez para sempre, mas um relato oral que se reconfigurava a cada vez e que, com o auxílio de numerosas fórmulas, elaborava temas extraídos de um conjunto de lendas muito desenvolvido, tomando a forma de uma tradição artesanal.(7)

Uma das características mais marcantes do estilo de Homero

consiste em acentuar apenas os pontos importantes, prescindindo de todo o resto. Daí resulta que a história pareça mal urdida, pois ele omite propositadamente alguns detalhes que a complementariam melhor. E, quando encerra algum episódio, desembaraça-se dele como quer, sem se preocupar em encadear os fios soltos da narrativa. Mas esse aparente descuido é parte de sua técnica, é calculado para acelerar a marcha do poema. Até mesmo as convenções do estilo contribuem para essa rapidez. Os versos que repetem os epítetos de seu repertório facilitam a atenção. Sua imaginação vê exatamente o que descreve, e relata-nos com a vivacidade e a precisão de um testemunho ocular. Entre ele e seus personagens não há refração alguma, nem sequer o desvio que a distância do tempo poderia produzir. Deixamo-nos levar por seu relato, que nos arrasta consigo.

A língua de que se serve o poeta contribui imensamente para essa finalidade. Trata-se de uma língua artificial, que jamais foi falada no cotidiano e desfruta de certas liberdades com respeito às regras gramaticais. É uma fala poética, destinada a funções mais solenes que as da conversação diária; é rica de sinônimos e formas alternativas, com um vocabulário riquíssimo, proveniente das mais variadas fontes. É obra de muitas gerações de poetas, e reconhecer seu vigor é o melhor tributo que se pode prestar aos precursores anônimos de Homero, que souberam levá-la a tal excelência. É talvez a eles que Homero deve os belos epítetos que se repetem em suas obras: Aurora “de dedos róseos”, o mar “cor de vinho”, a lança de “sombra comprida” etc. E também aqueles que parecem vir de um tempo em que até mesmo as coisas mais corriqueiras eram realçadas com títulos especiais, como o “encerro dos dentes” (para designar a boca). Apesar desses arcaísmos, o estilo parece sempre natural e apropriado, e sua riqueza ajuda a manter o nível adequado ao assunto, à dignidade heroica.(8)

Destacar a arte com a qual Homero alterna as cenas divinas e humanas implica um papel considerável concedido aos deuses. De fato, eles estão por toda parte. Reunidos entre si, junto com os homens, decidindo, intervindo, falando, agindo, eles não cessam de se manifestar, e tudo, praticamente, depende deles.

Portanto não se pode negar que esses dois poemas sejam, propriamente falando, religiosos – e isso por diversas razões, das quais a principal se deve, sem dúvida, à maneira familiar como os deuses são descritos em suas relações recíprocas, como seres humanos, demasiado humanos. A família divina é apresentada, na maioria das vezes, sob uma perspectiva realista e jocosa.(9) E, por um curioso paradoxo, Homero descobre nos deuses aquele elemento de comédia que pouquíssimas vezes se encontra entre os homens. Essas diversões divinas são verdadeiros alívios cômicos em meio aos sangrentos episódios da guerra e pertencem à esfera da arte pura. A religião de Homero não é puritana, permite-lhe zombar um tanto dos deuses. Se estes vivem livres de cuidados humanos, também se emancipam, de tempos em tempos, do peso de suas próprias rivalidades e de seu próprio esplendor. Em seu mundo não há heroísmo. Não há por que se aproximar deles sempre com solenidade.(10)

Como bem assinalou Jaeger, “Homero, assim como ordena o destino humano dentro do vasto âmbito do acontecer universal e duma concepção do mundo perfeitamente delimitada, assim também situa as suas personagens no âmbito próprio. Nunca considera os homens em abstrato e apenas na sua intimidade. Tudo se passa no quadro plenário da existência concreta. As suas figuras não são meros esquemas que ocasionalmente acordem para a expressão dramática e se levantem a extremos prodigiosos para logo caírem na inação. Os homens de Homero são tão reais que poderíamos vê-los com os olhos e tocá-los com as mãos. A sua existência está em íntima conexão com o mundo exterior, pela coerência do pensamento e da ação. (...) Não podemos esquecer a incalculável influência histórica que o mundo humano plasmado por Homero exerceu sobre todo o ulterior desenvolvimento histórico da sua nação. Nele, pela primeira vez, o espírito pan-helênico atingiu a unidade da consciência nacional e imprimiu seu selo sobre toda a cultura grega posterior”.(11)

A versão de Stephanides

por Luiz Alberto Machado Cabral

Além da Ilíada e da Odisseia, havia uma série de antigos poemas épicos que, junto com esses, foram designados com o nome de Ciclo Épico por historiadores da literatura de períodos posteriores. Já na Ilíada e na Odisseia encontramos alguns versos que nos dão a conhecer uma poesia heroica de conteúdo diverso: relatam as lutas por Tebas, a expedição dos argonautas, a caça ao javali de Cálidon, entre outros. Grande parte dessa poesia não chegou até nós, nem sequer ao período helenístico. Essas epopeias apresentavam uma dependência da poesia homérica e complementavam seu conteúdo. O Ciclo Épico compreendia, em representação poética, a sucessão de acontecimentos desde a origem do mundo até o fim da época heroica, encerrada com a morte de Odisseu. Formavam o corpus das epopeias heroicas cuja autoria – pelo menos em suas partes mais antigas – fora atribuída a Homero até o século V a.C. As primeiras dúvidas sobre a origem homérica desses poemas aparecem em Heródoto, e desde o século IV sua autoria passa a ser atribuída a vários outros poetas antigos. Mais tarde eles voltam a aparecer como obras anônimas. De seus textos possuímos apenas escassos fragmentos que, no essencial, apresentam o estilo da epopeia homérica. Esses fragmentos são complementados por resumos do gramático Proclo, que teria vivido no século II d.C., e pela Biblioteca, de Apolodoro.

De especial interesse para nós são os poemas pertencentes ao Ciclo Troiano: a epopeia Cantos Cíprios, que, segundo alguns, recebe seu nome do lugar de sua procedência, é atribuída a Estásino ou Hegésino de Chipre. É nessa obra, de onze volumes, que encontramos os episódios que precederam e ocasionaram a Guerra de Troia: a decisão de Zeus de aliviar, por meio da guerra, a terra oprimida pelo peso dos homens, que haviam então se multiplicado em número excessivo; as núpcias de Peleu e Tétis; o julgamento de Páris; o rapto de Helena; a partida de Áulis, depois do sacrifício de Ifigênia; o abandono de Filoctetes em Lemnos e o decurso da guerra até a disputa entre Aquiles e Agamêmnon. A seguir, vinha a Ilíada, e, recolhendo seu último verso, ligava-se estreitamente a ela a Etiópida, que foi atribuída a Arctino de Mileto. Nela eram narradas, em cinco livros, as últimas façanhas de Aquiles: seus triunfos sobre a rainha das amazonas,

Pentesileia, e sobre o rei dos etíopes, Mémnon, que viera em socorro dos troianos; por fim, a morte do grande herói pelas mãos de Páris – o arqueiro humano – e de Apolo – o arqueiro divino –, e seus funerais.

A chamada *Ilíada Menor*, narrada em quatro livros e atribuída a Lesques de Mitilene, começava com a disputa entre Ájax e Odisseu pelas armas de Aquiles; narrava-se a morte de Páris, ferido por uma flecha de Filoctetes; a morte de Eurípilo, filho de Télefo, pelas mãos de Neoptólemo (que, na última parte da guerra, ocupa o lugar de seu pai, Aquiles); o roubo do Paládio; a construção do cavalo de madeira e a conquista de Troia. Segundo Aristóteles (*Poética*, 23), essa epopeia forneceu temas para oito tragédias.

A *Iliupérsis* (“Destrução de Troia”), em dois livros, também foi atribuída a Arctino, e seu conteúdo corria paralelo ao da última parte da *Ilíada Menor*. Começava com a construção do cavalo de madeira e a história de Laocoonte. O que sabemos sobre seu conteúdo, bem como o que conhecemos por meio de figuras representadas em vasos, leva-nos a supor que o relato da noite trágica de Troia encontrava-se dividido em diversos episódios, como o fim de Príamo às mãos de Neoptólemo; a violação de Cassandra por Ájax, o lócrio; a morte de Astíanax por Odisseu; o sacrifício de Polixena sobre o túmulo de Aquiles e a entrega de Andrômaca a Neoptólemo na partilha dos despojos de guerra. O grande poeta latino Virgílio teria se baseado nessa epopeia para a composição do segundo canto de sua *Eneida*.

Como pudemos ver, a história da Guerra de Troia, tal como nos foi contada quando éramos crianças, não se restringe apenas ao assunto da *Ilíada*. Daí a perplexidade de alguns leitores diante do final desse livro – que termina com os funerais de Heitor – por não encontrarem o principal elemento que constitui o símbolo dessa guerra: o episódio do cavalo de madeira. Por motivo idêntico, esses mesmos leitores encontram muitas dificuldades para compreenderem a *Ilíada* numa primeira leitura, pois desconhecem os mitos heroicos que narram os acontecimentos desencadeadores da guerra, como “O pomo da Discórdia”, “O rapto de Helena” etc.

Recorrendo ao material de todas essas epopeias do Ciclo

Troiano, ora textualmente (no caso da Ilíada), ora por meio de alusões (extraídas dos resumos das epopeias perdidas feitos pelos mitógrafos antigos), a versão de Menelaos Stephanides fornece-nos, pela primeira vez em língua portuguesa, um panorama completo da Guerra de Troia, desde a fundação da cidade até sua destruição.

O leitor poderá, assim, conhecer os principais mitos relacionados à origem da guerra, o que lhe possibilitará a plena compreensão do conteúdo da Ilíada, à qual se ligam os episódios posteriores (reunidos nessa versão sob o título: “Os últimos dias de Troia”). Em linguagem acessível, Stephanides logra, em uma exposição concisa e atraente, apresentar-nos os mitos que terão importância fundamental para toda a história literária do Ocidente, quer para se ler a Eneida, de Virgílio, quer o Ulisses, de James Joyce.

Em sua apresentação dos mitos, Stephanides não toma liberdades excessivas com a tradição, revestindo-os nas roupagens romanescas de fantasias pessoais, como fazem várias tentativas de adaptações das obras clássicas; tampouco procura expurgá-los de elementos que poderiam parecer estranhos à sensibilidade moderna, falseando seu conteúdo. Narra-os com simplicidade, atento sobretudo às qualidades que se exige quando se quer ouvir uma “boa história”.

Há ainda uma outra qualidade que leva essa coleção de mitologia helênica a suprir uma lacuna no mercado editorial brasileiro: uma exposição primorosa e abrangente dos principais mitos helênicos para o exigente público jovem. Em geral, as “adaptações” para o público infanto-juvenil padecem por suas excessivas simplificações e intenções “pedagógicas”. Tornam-se, depois de certo tempo, impossíveis de serem lidas, quando não ridículas. Ora, a versão de Stephanides dos mitos helênicos parece ter sido feita tendo sempre em mente este propósito: não subestimar a inteligência dos leitores. O resultado é que os livros não perdem o interesse com o tempo e mesmo os adultos ficam encantados com suas histórias.

Se quisermos formar um público leitor de qualidade, é preciso investirmos na formação de nossos jovens. Em minha experiência como professor universitário, pude observar que raríssimos são

os alunos que ingressam no ensino superior com o mínimo do que se poderia denominar “formação humanística”, mesmo os provenientes de classes mais abastadas. É fato incontestável que a qualidade da educação no Brasil decaiu a níveis inaceitáveis. Mas não adianta apenas lamentarmos a penúria dos tempos atuais ou lembrarmos aqui o excelente nível da antiga escola pública. É preciso também pensarmos em edições que possam oferecer aos estudantes o estímulo indispensável ao conhecimento e despertar-lhes o gosto pela leitura, além de trabalharmos para que todos possam ter acesso a edições que, infelizmente, continuam sendo um luxo para poucos afortunados.

A propósito, louve-se o empenho do editor Stylianos Tsirakis, que, cioso das melhores tradições de seu país, a Grécia, teve como prioridade editorial o lançamento de uma coleção destinada aos jovens brasileiros, fazendo jus ao nome de sua editora, Odysseus, que também se inicia sob o signo do empreendimento arrojado. **Khrónia pollá!**

Como bem observou Italo Calvino, “ler os clássicos parece estar em contradição com nosso ritmo de vida, que não conhece os tempos longos, o respiro do otium (ócio) humanista; e também em contradição com o ecletismo da nossa cultura, que jamais saberia redigir um catálogo do classicismo que nos interessa”. Não obstante, como ele mesmo conclui, “não se pense que os clássicos devem ser lidos porque ‘servem’ para qualquer coisa. A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”.⁽¹²⁾

¹ BOWRA, C. M. Historia de la Literatura Griega. Trad. de Alfonso Reyes. México: Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 16.

² ROMILLY, J. Homère. Col. Que sais-je? Paris, PUF, 1985.

³ LESKY, A. Historia de la Literatura Griega. Trad. de José M. D. Regañon e Beatriz Romero. Madrid: Gredos, 1985, p. 35.

⁴ GRIFFIN, J. Homero. Trad. de Antonio Gusmán Guerra. Madrid: Alianza, 1984, p. 16.

⁵ NESTLE, W. Historia de la Literatura Griega. Barcelona: Editorial Labor, s/d. p. 24-27.

⁶ BOWRA, C. M. Op. cit. p. 22.

⁷ LESKY, A. Op. cit., p. 36.

⁸ BOWRA, C. M. Op. cit. p. 19.

⁹ ROMILLY, J. Op. cit. p. 75

[10](#) BOWRA, C. M. Op. cit. p. 23.

[11](#) JAEGER, W. Paideia. Trad. de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 76-77.

[12](#) CALVINO, I. Por que ler os clássicos. Trad. Nilsen Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 16.

Sobre o autor

Menelaos Stephanides, grego, nasceu em 1923 em Istambul, na Turquia. Como milhares de outros gregos foi exilado com sua família e estabeleceu-se em Atenas, na Grécia. Estudou economia na Universidade Nacional em Atenas. Sua paixão pela mitologia grega o levou a dedicar-se, durante os vinte cinco anos seguintes, ao estudo dos mitos e em recontá-los para as jovens gerações. Em 1976 seus livros foram homologados pelo Ministério da Educação Grego para as escolas públicas. Em 1989 recebeu, pelo conjunto de sua obra, a menção Pier Paolo Vergerio para literatura infantil em Padova, Itália. Seus trabalhos têm sido traduzidos e publicados em vários idiomas.

Coleção Mitologia Helênica

[1. Hércules](#)

[2. Prometeu, os Homens e outros Mitos](#)

[3. Jasão e os Argonautas](#)

[4. Teseu, Perseu e Outros Mitos](#)

[5. Ilíada: A Guerra de Troia](#)

[6. A Odisseia](#)

[7. Édipo](#)

[8. Os Deuses do Olimpo](#)



Odysseus Editora Ltda.

www.odysseus.com.br



A ODISSEIA



menelaos stephanides

traduzido por Janaina R. M. Potzmann

A Odisseia

Menelaos, Stephanides

9788578760519

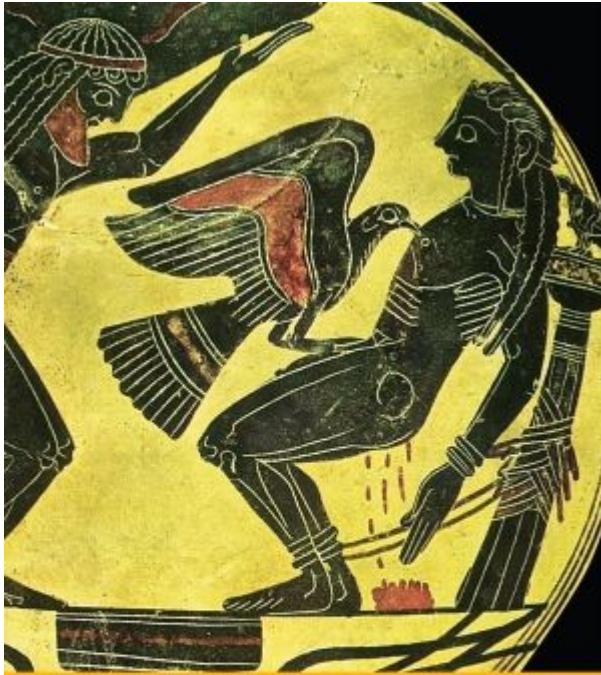
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Odisseia, de Homero, é uma obra clássica de valor incomensurável.

Juntamente com a Ilíada, ela marca o início da literatura ocidental, pois está entre os textos mais antigos de que se tem conhecimento.

[Compre agora e leia](#)



PROMETEU, OS HOMENS
E OUTROS MITOS
menelaos stephanides



traduzido por Marylene Pinto Michael

Prometeu, os homens e outros mitos

Menelaos, Stephanides

9788578760496

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando o titã Prometeu leva o fogo aos homens, desagrade profundamente a Zeus, senhor dos deuses e dos homens. Inicia-se então a história de seus terríveis sofrimentos: o titã seria amarrado às encostas do Cáucaso e teria o fígado devorado diariamente por uma ave de rapina. Nesse volume temos, além da saga de Prometeu, o nascimento e a história de Dionísio; o amor de Orfeu e Eurídice; entre outras histórias.

[Compre agora e leia](#)



ÉDIPO

menelaos stephanides

traduzido por Janaina R. M. Potzmann



Édipo

Menelaos, Stephanides

9788578760526

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesse volume, a história de Édipo é recontada a partir da adaptação de várias tragédias clássicas gregas. O mito de Édipo que foi reinterpretado por Sigmund Freud e formou um dos pilares de sua obra, fala-nos da inescapável condição humana. O conhecimento dessa história é de extrema importância, pois torna possível uma reflexão profunda sobre nossa existência.

[Compre agora e leia](#)

UMA VIAGEM À GRÉCIA
OS JOGOS OLÍMPICOS E OS DEUSES

Sylios Tsirakis



Uma viagem à Grécia

Tsirakis, Stylianos

9788578760564

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um grupo de estudantes viaja à Grécia para pesquisar sobre a origem dos Jogos Olímpicos na Antiguidade. Em suas andanças pelos museus e sítios arqueológicos, descobrem que a prática esportiva na Grécia antiga, um dos pilares da formação do homem grego, era o caminho que ligava o jovem aos heróis e deuses.

[Compre agora e leia](#)



TESEU, PERSEU
E OUTROS MITOS
menelaos stephanides



traduzido por Janaina R. M. Potzmann

Teseu, Perseu e outros mitos

Menelaos, Stephanides

9788578760540

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesse volume são narrados os mitos de alguns dos mais conhecidos heróis gregos, como Teseu e Perseu, além de Belerofonte, Pégaso e Atalanta.

Os heróis, por sua nobreza e coragem, são tão importantes na mitologia grega quanto os próprios deuses. Como escreveu Stephanides, "sempre houve e sempre haverá heróis".

[Compre agora e leia](#)